







SUPPLEMENTO DO ANNO BIOGRAPHICO.

SUPPLEMENTO

DO

ANNO BIOGRAPHICO

POR

Joaquim Manuel de Macedo.

VOLUME I.

RIO DE JANEIRO.

Typographia -- PERSEVERANÇA, -- Rua do Hospicio N. 85.

1880.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO

Natural de Pernambuco, onde nasceu, ao romper do ultimo quartel do seculo passado, Affonso de Albuquerque Maranhão, descendente do celebre Jeronymo de Albuquerque conquistador do Maranhão em 1614 e 1615, foi Presidente da ultima Junta Provisoria que governou Pernambuco de 21 de Setembro de 1822 a 17 do mesmo mez de 1823.

Em 1821 o Capitão-General de Pernambuco Luiz do Rego Barreto muito detestado alli pela reacção horrivel e violentas perseguições que se seguirão á revolução republicana de 1817, foi obrigado a deixar o Governo á primeira Junta Provisoria, que se constituiu, embarcando elle para Portugal.

Aquella Junta Provisoria reconheceu a 2 de Junho de 1822 o Principe Regente D. Pedro Chefe do Poder Executivo independente de Portugal; mas os patriotas a reputarão menos energica do que era preciso no fervoroso empenho da Independencia do Brazil, e um pronunciamento de povo e tropa

a dissolveu, fugindo o seu Presidente Gervasio Pires Ferreira a 16 de Setembro.

Depois de um Governo temporario que durou seis dias, os eleitores do Recife e de Olinda nomearão nova Junta Provisoria da qual foi Presidente Affonso de Albuquerque Maranhão com cinco adjunctos e um secretario.

De Pernambuco partio então para a Bahia a columna de infantaria e de artilharia que commandada pelo bravo Major José de Barros Falcão de Lacerda tanto se distinguio na guerra contra as tropas portuguezas.

Mas em Pernambuco fervião as paixões e os partidos se desordenavão : no meio das dissensões surgio a mais grave entre a Junta Provisoria e o Commandante das armas Pedroso no mez de Fevereiro. Affonso de Albuquerque Maranhão e seus collegas de Governo retirárão-se para a villa do Cabo ; regressando porém quasi logo dalli com os corpos de linha que lhes tinhão ido prestar obediencia, foi Pedroso deposto e preso.

A 30 de Abril Joaquim José de Almeida que chegara do Rio de Janeiro com a nomeação de Commandante das armas, tomou posse do seu cargo.

O partido republicano já começava a conspirar em Pernambuco : as dissensões continuavão cada vez mais profundas, e a 15 de Setembro foi tambem deposto e preso o Commandante das armas Almeida, e Affonso de Albuquerque Maranhão demittido de Presidente da Junta Governativa.

AGRARIO DE SOUZA MENEZES

Natural da provincia da Bahia, onde nasceu a 25 de Fevereiro de 1834, Agrario de Souza Menezes fez na cidade de S. Salvador os seus estudos com reputação bem merecida.

Nessa mesma capital seguiu o curso da Escola de Medicina e tomou nella o gráo de doutor.

Cultivou com amor a litteratura em geral e de preferencia a dramatica.

Como premissas de sua intelligencia, escreveu e publicou tres dramas intitulados — *Mathilde* — *Calabar* — e *Os Miseraveis*.

Sua carreira litteraria foi muito cedo cortada.

Agrario de Souza Menezes falleceu aos vinte e nove annos e seis mezes de idade, na Bahia, aos 23 de Agosto de 1863.

ALEXANDRE FORTES DE BUSTAMANTE E SÁ

Tendo feito seus estudos primarios na então florescente villa de S. Antonio de Sá, onde nascêra, Alexandre Fortes mandado para o Seminario de S. José da cidade do Rio de Janeiro, alli estudou latin, philosophia, rhetorica, e pouco mais; porque pouco mais se ensinava além de sciencias ecclesiasticas, que elle não cursou. Aprendeu o francez, distinguio-se como latinista, e entre os condiscipulos passou por espirituoso e epigrammatico cultor das muzas.

Recolhendo-se á villa de S. Antonio de Sá, applicou-se ao fôro judicial, e acreditou-se como advogado intelligente, habil, e honrado.

De 1822 em diante foi pronunciado liberal; mas sua influencia politica limitou-se aos horisontes do seu municipio.

Era Presidente da Camara Municipal de S. Antonio de Sá, quando em 1829 a mais horrivel peste assolou quasi todo o municipio, e dispovoou a con-

sideravel e rica villa tornada vasto cemiterio em poucas semanas.

Alexandre Fortes escapou de ser victima da fatal e desmesurada epidemia; porque o arrancárão da villa flagellada; quasi moribundo deixou-se levar; mas deixou o coração no meio das ruinas que a peste espalhava.

A Camara Municipal, e a *justiça* transferirão-se para a freguezia de S. João de Itaborahy, que a nove ou dez milhas da villa de S. Antonio de Sá, era o oasis da saude em todo o municipio.

Em Itaborahy Alexandre Fortes restabelecido continuou a presidir a Camara e a exercer a advocacia.

A influencia sinistra da peste na villa de S. Antonio de Sá chegou a tal ponto, que muitos proprietarios mandárão demolir suas casas para recolher o desesperado producto da venda das madeiras, das telhas, e das pedras: assim desapareceu mais de uma rua da villa, e Alexandre Fortes, que deixara o coração naquellas ruinas, fez adoptar pela Camara Municipal artigos de postura, prohibindo a demolição das casas da sua villa querida, em favor da qual éra elle só á lutar contra a fatalidade.

Em 1833 reeleito Presidente da Camara, e tendo não ácabado, mas arrefecido a malignidade da epidemia, Alexandre Fortes conseguiu por maioria de um voto na Camara Municipal, que esta voltasse a funcionar na arruinada villa de S. Antonio de Sá, propondo por transacção indeclinavel a creação da villa de Itaborahy, que o Governo da Regencia logo decretou.

Em S. Antonio de Sá o dedicado macacuense fez prodigios de energia, multiplicou expedientes, e apenas galvanizou o cadaver da villa mais amada, que a peste ferira de morte.

Em 1835 Alexandre Fortes foi eleito membro da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro em sua primeira legislatura, e servio nella como primeiro secretario com esclarecida intelligencia e zelo.

Modesto e timido não primou como orador eloquente; mostrou-se porém discutidor grave e conciso, e muito attendido na Assembléa, empenhando-se com ardor em fazer adoptar em favor do seu municipio providencias de alto alcance; mas de realisação dispendiosissima e por isso adiada, por exemplo, o dessecamento dos pantanos.

Os trabalhos e os desgostos, e principalmente a tormentosa convicção da inutilidade de seus esforços para reerguer dos seus destroços e ruinas a villa de seu berço gastarão a vida de Alexandre Fortes de Bustamante Sá, que em 1838 foi accommettido de alienação mental e morreu no fim de alguns mezes de soffrimento que mais que a elle contristava seus parentes e seus amigos.

Alexandre Fortes, homem intelligente e honrado, esposo e pae estremecido, foi ainda exemplar pelo amor e pela dedicação com que em toda sua vida servio ao seu municipio, e principalmente a villa onde nascera.

ALEXANDRE GOMES DE ARGOLLO FERRÃO

BARÃO DE CAJAHYBA

● No romper do seculo actual, no anno de 1800 nasceu na Bahia Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, procedente da nobre familia Argollo.

Dedicou-se á carreira militar, assentando praça muito joven.

Em 1822 depois do conflicto entre as tropas brazileiras e as portuguezas, quando estas sob o commando do General Madeira occuparão a cidade de S. Salvador, organisou-se na villa depois cidade da Cachoeira a *Junta Interina de Defesa*, que fez romper e deu o primeiro impulso na provincia da Bahia á guerra da Independencia.

Argollo patriota entusiasta desembainhára logo a espada em favor da gloriosa causa.

Essa nobilissima espada só descansou entrando na bainha a 2 de Julho de 1823, quando o General Madeira e as tropas portuguezas evacuárão a capital da Bahia, e sahirão para Portugal.

Durante toda a guerra o joven Argollo fulgurou entre os officiaes mais bravos, prestou serviços re-levantissimos, e foi uma das glorias militares da Bahia e da Independencia.

Subindo em postos devida e merecidamente, servio com distincção na guerra da Cisplatina.

De Novembro de 1837 a Março de 1838 foi baluarte da legalidade e da ordem contra a revolta que rebentára e dominava na cidade de S. Salvador, capital da Bahia. A elle principalmente deve-se a organização militar das forças que se reunirão no reconcavo. Nos dias 16, 17 e 18 de Março sob o commando em chefe do Brigadeiro Antonio Elziario que chegara da Córte com uma brigada, bateu-se com a sua já conhecida intrepidez.

Não é para esquecer que nessas perigosas circumstancias, levou ou conveio em levar em 1837 a 2 de Dezembro, dia do anniversario natalicio do Imperador á assentar praça seu filho que veio a ser Visconde de Itaparica por heroicos feitos militares, que então não tinha ainda 17 annos e que nos tres dias de peleja combateu valentemente aos olhos de seu pae.

Em 1838 o bravo Argollo seguiu para a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, e lá se distinguio, como valente e habil na longa e fratri-cida guerra da rebelião rio-grandense.

Recolhendo-se á Bahia, seu berço, e sua terra amada, já cansado, e molesto obteve a sua reforma no posto de Marechal de Campo.

Já então tinha sido agraciado com o titulo de Barão de Cahyba, era Grande do Imperio, Com-

mendador das Ordens de S. Bento de Aviz, e de Christo, Official da Rosa; ufanissimo de sua Medalha da Guerra da Independencia; e Veador de Sua Magestade a Imperatriz.

Reconhecido em todo o Brazil, como benemerito da patria o Barão de Cahyba era na Bahia venerado legendario. Nessa provincia foi cerca de vinte annos, 6.^o Vice-Presidente. As reacções, e as mudanças politicas não o tocavão: as tempestades dos partidos respeitavão o legendario da Independencia, o varão geralmente venerado.

Desde 1865 o velho Barão de Cahyba vivia com o espirito e o coração em seu filho, o herdeiro do seu nome, e de sua gloria que na guerra do Paraguay exaltava-se entre os primeiros heroes daquella immensa epopéa de Generaes, de Officiaes e de soldados, heroes apenas igualados pelos condignos heroes da marinha brazileira.

O velho Barão enthusiasmava-se ás noticias das proezas e do renome do filho.

Mas em 1870 o espirito do soldado poude menos que o coração do pae, quando chegou a triste nova dos gravissimos ferimentos recebidos pelo filho no terrivel combate de Itororó, em Dezembro de 1869.

As molestias do bravo veterano da Independencia aggravarão-se; coube-lhe porem ainda a consolação de abraçar o novo Marechal Argollo já agraciado pelo Imperador com o titulo de Visconde de Itaparica.

O Barão de Cahyba falleceu na cidade da Bahia aos 10 de Maio de 1870.

ALEXANDRE GOMES DE ARGOLLO FERRÃO (FILHO)

VISCONDE DE ITAPARICA

Filho legitimo do precedente varão de igual nome e de sua mulher da familia Pina e Mello, Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, nasceu na Bahia aos 8 de Agosto de 1821, e feitos ahi os seus estudos primarios e de algumas disciplinas preparatorias, dedicou-se á carreira militar em vespervas de sangrentas e afflictivas pelepas que se hião travar.

A 7 de Novembro de 1837 rompera na cidade de S. Salvador, capital da Bahia revolta terrivel que ahi dominou vencedora até Março do anno seguinte.

Faltavão forças militares á causa da legalidade e da ordem publica ; mas os bahianos dedicados a essa causa e á integridade do Imperio pronunciárão-se em quasi toda ou em toda a provincia contra a revolta da capital, que ficou reduzida á

occupação desta; pois que as mais illustres influencias da heroica Bahia reunirão no reconcavo contingentes da guarda nacional e de voluntarios, e alguma força de 1.^a linha, isolando a cidade revoltada em quanto chegava do Rio de Janeiro expedição militar que se esperava.

Foi então que aos dezeseis annos e quatro mezes incompletos de idade o *menino* Argollo abençoado pelo heroe seu pae assentou praça no dia 2 de Dezembro de 1837, e logo nos dias 16, 17 e 18 de Março de 1838 bateu-se como leão nas pelepas que extinguirão a revolta.

Forão combates entre irmãos: os vencedores tiveram de chorar sobre os cadaveres dos vencidos; cumprirão pôrem o seu dever e bem merecêrão da patria.

De 1837 a 1870 corrêrão trinta e tres annos de brilhante vida militar para Argollo que foi subindo em póstos por distincção ou por antiguidade.

Servio valentemente combatendo no Maranhão, no Pará, e em Pernambuco á frente de soldados que se todos não erão, a todos tornava bravos contra revoltas ameaçadoras.

Foi incumbido de importantes commissões em Matto Grosso, no Pilão-Arcado (na Bahia), e desempenhou-as sempre com energia e habilidade.

Emfim em 1865 a guerra do Paraguay foi provocada pelas affrontas brutaes do dictador Lopez, e pela invasão da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Argollo marchou para o campo da guerra tremenda; mas de desaffronta da honra nacional.

Batalhou incessante de 1865, ou, se o quizerem de 1866 até Dezembro de 1869, e durante esse tempo sua historia militar foi esplendida epopéa, que exigiria longas paginas para a simples exposição de seus feitos de estupenda bravura.

Nessa guerra nunca commandou em chefe ; commandou porem columnas do exercito em operações.

Em todas as batalhas, e em numerosos combates o nome do Coronel, do Brigadeiro, e emfim do Marechal Argollo é mencionado entre os mais distinctos.

Nem Ozorio, o legendario, nem Porto-Alegre, o elegantissimo e estupendo Murat brasileiro faziam esquecer Argollo.

Elle tinha na indomita bravura certo dom particular: á hora da marcha para entrar em batalha ou no momento de avançar para o fogo do inimigo, e de arrostrar os mais aterradores perigos, Argollo sem explosões de enthusiastica intrepidez, sem proromper em lavas que levassem flammas ao animo dos seus soldados, tomava placido, tranquillo a frente delles, e acendia um charuto, e fumando um e mais charutos commandava e batia-se horas inteiras com inverosimil sangue frio, e absoluta dominação de seu espirito.

Era o typo da coragem, da bravura inexcidiveis; mas perfeitamente incapazes de perturbar, ou de alterar suas faculdades intellectuaes.

Era um prodigio de fria impassibilidade dirigindo pelejas e tomando parte pessoal nellas,

Quando a batalha ou o combate acabava, Argollo acendia outro charuto, e cumpridos os deveres do seu commando, recolhia-se para descansar em sua barraca tão socegado, como se fosse dormir depois de um banquete ou de um baile.

Mas esse Achilles não era vulneravel só pelo calcanhar.

Em Dezembro de 1869 commandando sob as ordens do General em chefe o actual Sr. Duque de Caxias a columna principal do exercito no ataque de Itororó, recebeu ferimentos graves, e foi carregado nos braços de alguns dos seus soldados para o hospital de sangue, e logo depois para onde mais zelosos cuidados se lhe devião prestar.

O Marechal Argollo preparára, adiantára; mas não conseguira saudar a victoria, que coroou as armas brazileiras nessa jornada heroica e sangui-nolentissima.

O Hercules supposto moribundo pelo menos ficára fóra de combate e incapaz de mais combater.

Mal ferido e ameaçado de morte o Marechal Argollo, um dos mais esclarecidos bravos da guerra do Paraguay, chegou em Janeiro ou Fevereiro de 1870 á capital, foi recebido e condignamente tratado no claustro dos Benedictinos do Rio de Janeiro, onde Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II o foi visitar em respeito e honraria a seus benemeritos e gloriosos serviços.

O titulo de *Visconde de Itaparica* veio quasi logo animar o heróe ferido com a prova do reco-

nhecimento dos seus extraordinarios feitos na guerra da desoffronta nacional.

O Visconde de Itaparica fadado para vencedor depois de tantas vezes triumphar na guerra do Paraguay, venceu ainda a morte nas tristes apprehensões das consequencias dos seus gravissimos ferimentos, e convalescente retirou-se para a Bahia, procurando as doçuras do seio da familia.

E lá chegado quasi logo seu illustre pae, benemerito e heróe da Independencia, o velho Argollo, Barão de Cahyba apenas abraçou-o, e morreu aos 10 de Maio de 1870.

Sobreveio a Argollo filho invencivel febre depois da morte de seu pae, e no fim de longos soffrimentos o Visconde de Itaparica falleceu na cidade da Bahia aos 23 de Junho de 1870.

O cadaver deste invicto e glorioso Marechal do exercito brasileiro foi depositado na igreja da Piedade, e no dia 25 do mesmo mez, depois do officio funebre, levado pelo povo e com as maiores honras civicas para o Campo Santo.

Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, Visconde de Itaparica, Marechal de Campo, Conselheiro de Guerra, Grande do Imperio, foi grande Dignitario da Imperial Ordem da Rosa, Dignitario da do Cruzeiro, Commendador da de S. Bento de Aviz, Cavalleiro da de Christo, e teve o peito ornado com as Medalhas de Merito e Bravura e da Geral da guerra do Paraguay.

AMADOR BUENO

Natural da provincia então capitania de S. Paulo, onde nascera em anno da segunda metade de seculo decimo septimo, Amador Bueno, da familia illustre e legendaria, que seu nome lembra, foi um dos chefes sertanejos, que em seguida a Fernando Dias Paes, e a Garcia Rodrigues Paes fizeram as primeiras e grandes descobertas de minas auríferas e pedras preciosas em Minas Geraes.

Acudirão aventureiros em multidão a explorar as já descobertas fontes de extraordinaria riqueza mineral: acendeu-se activissima rivalidade entre os sertanejos paulistas e os portuguezes que erão chamados *boabas* ou *emboabas* por aquelles e em 1708 rompeu a guerra civil entre os dous partidos em Minas Geraes.

Os paulistas vencedores em alguns encontros foram illudidos por falsas proposições de paz e cahirão imprudentes e mal armados em traçoeyro laço, sendo pela maior parte mortos, e fugindo os que

pudderão escapar para S. Paulo, onde, a tradição o diz, as mães e as esposas não os quizerão receber sem que elles primeiro se vingassem dos *boabas*.

Os forasteiros dominarão absolutamente em Minas até 1709, em que Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho lhes impoz sua autoridade de Governador.

Mas no mesmo anno Amador Bueno commandando numerosa hoste de sertanejos paulistas marchava para Minas a tirar vingança do aleivoso assassinato dos seus parentes e amigos.

Antonio de Albuquerque, deixando em boa ordem aquella logo depois nova capitania, dirigia-se por terra para a de S. Paulo, quando encontrou Amador Bueno e sua phalange, e tentando dissuadil-o do violento e criminoso empenho, não só foi desattendido; mas até ameaçado de prisão.

Não tendo comsigo senão dez soldados e quatro officiaes de escolta, Antonio de Albuquerque tomou caminho para o Rio de Janeiro, mandando ao mesmo tempo e logo avisar os forasteiros ou *boabas* de Minas do perigo, que corrião afim de que se precavessessem contra a invasão hostile.

Amador Bueno, calculando com esse expediente do Governador, accelerou sua marcha, chegou ao *rio das Mortes*, perto do qual tinhão sido mortos traiçoeiramente tantos paulistas, atacou os portuguezes ou *boabas* que apenas tinhão tido tempo de improvisar fracas defesas, fez nelles horrivel mortandade, assolou e destruiu fabricas e lavouras, e dando por acabada a obra da vingança, voltou para

S. Paulo com a sua hoste vencedora, sendo recebidos alli com applausos e com enthusiasmo.

Os conselhos da politica levárão o Governador Antonio de Albuquerque não só a assegurar o perdão do Rei a Amador Bueno e seus satellites, como a lisongear a influencia e a vaidade dos paulistas.

Amador Bueno continuou como chefe de *bandeira* de sertanejos paulistas a fazer entradas pelo interior, e novos descobrimentos de terras auríferas em Minas Geraes,

Intrepido, indomavel, audacioso, e ás vezes cruel, como o fôrão os outros sertanejos, gravou seu nome entre os dos legendarios paulistas chefes de bandeiras, que fôrão os impavidos e admiraveis descobridores e conquistadores das provincias centraes do Brazil.

Amador Bueno morreu velho em annos; mas ainda moço em animo e em capacidade de ousar novas e costumeiras emprezas de sertanejo-legendario.

AMARO VELHO DA SILVA

1.º VISCONDE DE MACAHÉ

Filho legitimo do Capitão Manoel Velho da Silva e de D. Leonarda Maria da Silva Velho (mais tarde Dama honoraria da primeira Imperatriz do Brazil), Amaro Velho da Silva nasceu na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro aos 16 de Maio de 1780.

Os paes, avós e ascendentes de Amaro Velho pertencião a qualificadas familias da nobreza de Portugal, fidalgos de linhagem, cotta d'armas e de solar.

Além dessa condição teve elle tambem a da riqueza, que houve de seus paes e que adquirio com trabalho e honra, sendo negociante da praça do Rio de Janeiro e agricultor fazendeiro de importancia.

Sem distinguir-se por variada instrucção e pelo cultivo das letras, tinha intelligencia clara,

educação esmerada, alguns limitados estudos secundarios, e conhecimentos theoreticos e praticos do myster commercial.

A consideração que sua familia e seus parentes gozavão, os serviços de seu paç e o merecimento proprio abrirão-lhe muito cedo a porta das graças regias.

A 14 de Junho de 1802 foi armado Cavalleiro professo da Ordem de Christo: a 1 de Outubro de 1804 foi elevado a Commendador da mesma Ordem: a 5 de Outubro de 1806 teve a Commenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Para aquelles tempos era andar muito depressa.

Mas Amaro Velho era tão estimado, e objecto de tanta consideração na cidade do Rio de Janeiro que em 1808, quando chegou a ella a Familia Real portugueza já tinha sido Vereador do Senado da Camara.

Em Agosto do mesmo anno foi nomeado Tenente-coronel aggregado ao segundo regimento de milicias da cidade: em 1811 fidalgo-cavalleiro da Real Casa, no anno seguinte recebeu o titulo do Conselho, e em 1820 foi agraciado com a alcaidaria vitalicia da villa de S. José d'El-Rei da comarca do Rio de Janeiro, e com o senhorio da mesma villa.

Estas graças e mercês tiverão por fundamento não sómente a estima e privança que Amaro Velho gozava na Córte; mas tambem importantes serviços que se lhe devêrão.

Elle emprestara para as urgencias do Estado

sessenta contos de réis, fizera supprimentos gratuitos de dinheiros á Fazenda real, fôra um dos organisadores do Real Erario e do primeiro Banco do Brazil; contribuiu com os conselhos da sua experiencia e com o seu trabalho collaborador para os regulamentos da arrecadação das rendas; fôra um dos principaes promotores da avultada subscrição pecuniaria que em 1816, tendo sido no fim do antecedente o Brazil elevado a Reino, o commercio da cidade do Rio de Janeiro offereceu ao Principe-Regente logo depois Rei D. João VI para fundar instituição de utilidade publica e commemoradora do grande acto, e que foi a origem da Academia das Bellas Artes do Rio de Janeiro.

A 11 de Maio de 1819 tendo a nomeação de Deputado da Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação, servio nella com distincto zelo e igual dedicação.

Amaro Velho prestou serviços á causa da Independencia do Brazil em 1822 e em 1823, abrindo sua bolsa no imprestimo nacional.

D'ahi em diante pertenceu á Côrte Imperial de D. Pedro I. A 12 de Outubro de 1823 foi nomeado Veador de Sua Magestade a Imperatriz; a 20 de Abril de 1824 recebeu a carta do Conselho: em 1826 agraciado com o titulo de Barão de Macahé subio a Visconde com honras de grandeza em 1829.

Depois da abdicação de D. Pedro I o Visconde de Macahé viveu retirado e falleceu em Abril de 1845.

Fidalgo e rico, perfeito gentilhomen honrado

e bom, elle se fizera de nome tão popular, que Barão e depois Visconde de Macahé não havia quem em sua presença deixasse de tratal-o por aquelles titulos que bem merecera; mas na ausencia geralmente entre o povo, todos e ainda hoje os velhos que restão daquelle tempo só o chamavão e o chamão, á lembrial-o, o *Amaro Velho*.

D. AMELIA AUGUSTA NAPOLEÃO

IMPERATRIZ DO BRAZIL

A Princeza D. Amelia Augusta Napoleão nasceu no palacio de Leuchtenberg em Munich a 31 de Julho de 1812.

Era filha do Principe Eugenio de Beauharnais, e de sua esposa Augusta Amelia Princeza da Baviera, e pelo lado paterno neta do Visconde Alexandre de Beauharnais e de sua esposa Josephina Tascher de la Pagerie, que passou a segundas nupcias com o General Buonaparte.

Subindo ao throno da França com o titulo de Imperador Napoleão I, adoptou este por seus os dous filhos do primeiro casamento de Josephina, um dos quaes éra Eugenio de Beauharnais, que foi elevado á dignidade de Principe, nomeado Vice-Rei da Italia, e distinguio-se como General em muitas batalhas. Depois da restauração o principe regeitou o throno da Italia para se conservar leal a Napo-

leão, e com o titulo de Duque de Leuchtemberg retirou-se para a Baviera, cujo Rei éra seu sogro.

D. Pedro I Imperador do Brazil perdera em 1826 sua primeira e virtuosa esposa, e resolvendo em 1829 passar a segundas nupcias pedio em casamento a princeza Amelia Augusta Napoleão Duqueza de Leuchtemberg por intermedio do seu plenipotenciario o Marquez de Barbacena.

Feliz tinha sido a escolha do Imperador : a Princeza Amelia primava em virtudes, em instrucção notavel e em belleza.

O contracto nupcial effectuou-se na capella do palacio de Leuchtemberg a 2 de Agosto de 1829. A joven Imperatriz do Brazil (contava então dezesepte annos) partio de Munich acompanhada de seu irmão o Duque de Leuchtemberg, de sua dama a Baroneza de Strumfeder e de sua comitiva para Ostende, e d'ali para Plymouth, donde com a Princeza D. Maria da Gloria Rainha de Portugal por abdicção de D. Pedro, seu pae, foi conduzida para o Brazil pela esquadra do Imperio, que em Plymouth a esperava, e que veio chegar ao Rio de Janeiro a 16 de Outubro.

O Imperador embarcou-se em um vapor, apresentando-se em ir saudar a augusta noiva.

No dia 17 e apezar de copiosa chuva realisou-se o desembarque da Imperatriz no Arsenal de Marinha; e os Imperiaes conjuges recebêrão do Bispo as benções nupciaes na Capella Imperial.

Por Decreto do mesmo dia D. Pedro I creou a Ordem militar e civil da Rosa que tem por mote

Amor e Fidelidade cuja origem diz-se provir da lembrança de uma *rosa* que ornava o toucado da Princeza D. Amelia no retrato, que ella enviara de Munich ao seu Imperial noivo.

A joven Imperatriz certamente sorrio jubilosa ao esplendido cortejo que a recebeu no seu desembarque, e que a seguio a testemunhar as bençãos nupciaes, e ás festas brilhantissimas que por algumas successivas noites electrizarão a cidade do Rio de Janeiro.

Mas a sua felicidade no Brazil foi curta, e poder-se-ia comparar á duração do viço da *rosa*: não chegou a dezoito mezes.

A 7 de Abril de 1831 o Imperador D. Pedro I abdicou a corôa em seu filho o Senhor D. Pedro II em face da tropa e do povo armado no campo de Sant'Anna, a cujas exigencias não quiz ceder.

Nesses dezoito mezes incompletos a Imperatriz D. Amelia foi em sua casa mãe extremosa do Senhor D. Pedro II, então de quatro para cinco annos de idade, e das augustas Princezas a Rainha de Portugal D. Maria da Gloria, e as Serenissimas Senhoras D. Januaria, D. Paula (fallecida) e D. Francisca, das quaes a primeira e mais velha tinha em annos de idade de dez para onze, e emfim doze.

Como esposa foi exemplarissima.

No animo do povo, e ainda no dos mais ferventes e exaltados adversarios do governo do Imperador, seu esposo, não deixou nem desaffeição, nem queixas: todos louvavão a sua belleza, e seus modos sympathicos e affaveis: todos fizeram honra

á sua virtude, e não poucos sentirão os beneficios de sua caridade.

No dia 13 de Abril a ex-Imperatriz D Amelia acompanhando seu augusto esposo deixou para sempre o Brazil, seguindo para a Europa na fragata ingleza *Volage*.

A vida da ex-Imperatriz chamada desde então Duqueza de Bragança do titulo alias legitimo uzado por seu esposo foi toda de provações.

De Fevereiro de 1832 a Setembro de 1833 cheia de temores e anciedades acompanhou de longe a guerra admiravel em que D. Pedro se immortalizou pela bravura, e conseguiu dar a Portugal governo livre, e firmar no throno da monarchia sua filha a brasileira D. Maria II Rainha de Portugal.

Em Setembro de 1833 reunindo-se em Lisboa ao esposo querido achou nelle somente um heroe gasto pelos trabalhos herculeos, alquebrado pelas fadigas, já com a saude profundamente arruinada, e apenas ainda activo pelo galvanismo da gloria.

A Duqueza de Bragança foi durante um anno martyr de amor, dedicadissima enfermeira do esposo, a quem dissimulava suas lagrimas, e simulava falsas esperanças até ver D. Pedro expirar a 24 de Setembro de 1834 no paço de Queluz.

Ficou viuva aos vinte e dous annos de idade.

Dahi em diante foi vivendo a chorar sobre sepulturas de entes queridos.

A 28 de Março de 1835 morreu-lhe com vinte e cinco annos de idade o irmão Duque de Leuchtemberg, a quem o Imperador dera o titulo de Duque

de Santa Cruz, e que se casara com a Rainha de Portugal.

Em 1851 morreu-lhe a mãe, Princesa de Baviera.

Em 1853 morrerão-lhe na ilha da Madeira a Princesa D. Maria Amelia, o unico e queridissimo fructo de seu casamento, e em Lisboa a Rainha D. Maria II, sua filha adoptiva, e amiga intima.

Depois morrerão-lhe D. Pedro V e irmãos deste que ella amava como seus netos, sua propria irmã a Princesa Theodolinda, e ainda a Princesa D. Leopoldina, filha do Imperador o Senhor D. Pedro II.

Carregada de tanto luto, ferida por tantos golpes só a religião deu-lhe conforto, e a caridade consolação.

Alem das escolas que abundantemente fazia fundou no Funchal em memoria de sua filha o « Hospicio da Princesa D. Maria Amelia » no qual havia ordem para serem recebidos portuguezes e brasileiros.

Deu liberdade á cento e quarenta e sete escravos que possuia no Brazil.

Concorreu com a prestação annual de duzentos mil reis para a Sociedade de Beneficencia Brasileira fundada em Lisboa, e com donativos para as urgencias do Estado durante a guerra do Brazil com o Paraguay.

A Princesa D. Amelia, ex-Imperatriz do Brazil, Duqueza de Bragança falleceu em Lisboa no palacio das Janellas Verdes no dia 26 de Janeiro de 1873.

D. ANNA FRANCISCA MACIEL DA COSTA

BARONEZA DE S. SALVADOR DE CAMPOS

Oriunda de distincta familia fluminense D. Anna Francisca Maciel da Costa nasceu na cidade do Rio de Janeiro e de seus paes recebeu desvelada educação.

No principio do ultimo quartel do seculo passado, casou-se com o rico e honrado negociante Braz Carneiro Leão.

Foi exemplarissima como esposa e mãe, e exerceu a caridade, observando os preceitos do Evangelho.

Era geralmente venerada na cidade do Rio de Janeiro.

Enviuvou no dia 3 de Junho de 1808.

Sobreviveu muitos annos ao marido pelo amor dos filhos.

Em attenção ás suas grandes virtudes, e aos serviços que prestára seu esposo, o Principe regente

depois Rei D. João VI agraciou-a com o titulo de Baroneza de S. Salvador de Campos dos Goytacazes por Decreto de 7 de Dezembro de 1812.

Fundado o Imperio do Brazil, recebeu a Baroneza honras de grandeza e a nomeação de Dama da Imperatriz.

A Baroneza de S. Salvador de Campos dos Goytacazes, falleceu em avançada idade a 12 de Junho de 1832, em sua casa á praça da Gloria do Outeiro, actualmente occupada pela Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros.

ANTONIO DE ALBUQUERQUE COELHO DE CARVALHO

Natural do Brazil, e filho legitimo de Francisco Coelho de Carvalho, primeiro Governador geral do Estado do Maranhão, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho descendeu de Pedro Coelho, senhor de Filgueiras, casado com D. Luiza de Góes.

Abreu Lima informa que Antonio de Albuquerque nascêra em Pernambuco, e em tal caso depois de 1621 até Agosto de 1626, o que não é provavel; porque elle morreu, governando Angola, em 1725. É mais aceitavel a opinião daquelles que o julgão nascido no Maranhão.

Antonio de Albuquerque foi levado, sem duvida depois do fallecimento de seu pae, para Portugal, onde se educou.

Tendo dado boas provas de capacidade no serviço das armas, governou a Beira-baixa e a Praça de Olivença; e em 1685 foi mandado para o Pará

como Capitão-mor com patente régia, e tomou posse do cargo a 25 de Julho.

Em 1690 passou a Governador geral do Estado do Maranhão, e entre os serviços que prestou é de lembrar a expulsão dos francezes da fortaleza do Cabo do Norte, os quaes sahidos da Cayena por ordem do seu Governador a tinham aleivosamente tomado.

Em 1701 deixou o Governo geral do Maranhão e partio para Lisboa com licença.

Descobertas as minas riquissimas da actual provincia de Minas Geraes pelos sertanejos paulistas, affluiram a ellas em grande numero homens sedentos de ouro, pela maior parte portuguezes, a quem os paulistas chamavam *boabas* ou *emboabas* á imitação do gentio.

Em breve surgiram disputas entre uns e outros e em 1708 rompeu guerra tremenda e se quizerem civil entre os sertanejos e os *emboabas* que forão vencidos em diversos combates, até que Manoel Nunes Vianna attrahindo a pretexto de paz e conciliação os paulistas desarmados a lugar escolhido para o congraçamento, fez nelles com os seus horrivel matança, obrigando os que puderam escapar a fugir para S. Paulo.

Vianna ficou senhor do territorio das minas, e tão orgulhoso do poder de suas forças, que em revoltosa attitude fez regressar para S. Paulo o Governador do Rio de Janeiro D. Fernando Martins de Mascarenhas que chegara até perto de Congo-

nhas com o fim de apaziguar sem derramamento de sangue as furias daquella gente.

Em 1709 Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho chegou de Lisboa com patente de Governador e Capitão-general de toda a Repartição do Sul, e tomou no Rio de Janeiro posse do seu cargo a 11 de Junho.

Immediatamente energico, activo e corajoso como era, Antonio de Albuquerque partio quasi sem sequito para Minas, chegou ao arraial de Caheté, e disfarçado hospedou-se na casa de Sebastião Pereira de Aguiar, filho da Bahia, rico, poderoso, e chefe do facção não paulista; mas brazileira já pronunciada contra Vianna por violencias e injustiças que soffrera.

Em face da autoridade superior fortalecida com o apoio obediente do partido de Aguiar, Vianna foi lançar-se aos pés de Antonio de Albuquerque, o mesmo fizeram outros chefes rebeldes, e a tranquillidade se restabeleceu.

O Governador e Capitão-general tendo visitado as outras povoações de Minas, creado villas, levantado milicias, e ordenado a administração, seguiu para a capitania de S. Vicente no empenho de apagar a ira dos paulistas, que tinham jurado vingar-se da traição e da matança soffridas. Em sua viagem encontrou hoste de sertanejos commandada por Amador Bueno, que o não attendendo, proseguio em impetos de odienta desforra.

Antonio de Albuquerque apenas seguido por quatro officiaes e dez soldados não poudo impôr sua

autoridade aos enraivados paulistas; apressou-se porém a voltar para o Rio de Janeiro, e logo mandou prevenir do perigo aos povos de Minas.

Chegou tarde a prevenção: os paulistas voando com azas de furente vingança chegarão em Minas ao *rio das Mortes*, atacarão os portuguezes mal intrincheirados, e não só matarão grande numero delles, como destruirão fabricas e lavouras que encontrarão, voltando depois triumphantes para S. Paulo, onde o povo os recebeu com enthusiasmo.

Antonio de Albuquerque sciente de semelhantes factos enviou para S. Paulo o Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes com duas companhias de linha incumbido de impedir a repetição de semelhante crime, e ao mesmo tempo dirigio uma carta aos povos da villa de S. Paulo, com a qual lhes enviava o retrato do Rei, indicando que por esse modo o mesmo Rei os visitava e lhes assegurava o perdão regio e sua protecção.

Neste procedimento não houve fraqueza, nem parcialidade: houve habil politica.

Os sertanejos paulistas erão no Sul do Brazil por sua audacia e por suas admiraveis conquistas de vastos territorios do interior indirectos e principaes elementos da colonisação, e ao mesmo tempo demasiado perigosos, para serem tratados como inimigos.

Ainda no anno de 1709 e por circumstanciada informação de Antonio de Albuquerque creou D. João V pela Carta Régia de 9 de Novembro a capitania geral de S. Paulo e Minas Geraes, des-

annexando-as do Governo do Rio de Janeiro, ficando aquelle illustre varão Governador e Capitão-general dessa nova capitania geral com o direito de escolher o lugar onde devesse fazer sua residencia.

Em 1711 recebendo em Minas Geraes a noticia da entrada da esquadra de Duguay-Trouin na bahia do Rio de Janeiro e dias depois a da occupação da cidade por elle, reunio de prompto tres mil homens e marchou em soccorro da cidade que infelizmente já achou resgatada por aviltante ajuste.

Accudindo ás representações da Camara e do povo, e de conformidade com as disposições da Carta Régia de 26 de Novembro de 1709 assumio o Governo da capitania do Rio de Janeiro e o conservou até 7 de Junho de 1713 em que foi rendido.

Parece que então Antonio de Albuquerque se retirou para Portugal; mas desde 22 de Março de 1722 até 1725 teve o governo de Angola, onde falleceu a 5 de Abril desse anno.

Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho foi um dos brasileiros mais distinctos do tempo colonial.

D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA

CONDE DE CUNHA

Fidalgo portuguez já experimentado em comissões e cargos importantes, pois que tinha sido Capitão de mar e guerra, Capitão General de Mazagão, de Angola, e depois nomeado Embaixador, ou Ministro portuguez na Côrte de Pariz, cargo que aliás não chegou a exercer, e enfim honorificado com o titulo que lhe conservou o nome de familia, D. Antonio Alvares de Cunha, Conde de Cunha foi o primeiro Vice-Rei, ou o iniciador do vice-reinado do Rio de Janeiro, Minas Geraes e capitancias do Sul do Brazil.

Era alto cargo administrativo destinado para Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadella.

O Conde de Cunha chegou ao Rio de Janeiro a 15 de Outubro de 1763, e no dia seguinte empunhou o bastão de Vice-Rei.

Entrou com o pé esquerdo no seu vice-reinado.

Ainda mais do que os annos, molestia chronica, talvez resultado das febres da Africa, o tinhamo envelhecido, e alterado um pouco o seu character.

Succedia no Governo á uma administração interina que o povo abençoara, e ao Governador Freire de Andrade, que se dizia ter morrido de desgosto profundo pelas injurias e calumnias, com que o ferirão em cartas anonymas, e em aleivosos e infamantes pasquins os negociantes do Rio de Janeiro resentidos dos prejuizos que lhes cauzara a rendição vergonhosa da colonia do Sacramento em 1762.

Melancolico, desconfiado, irascivel, soffrendo do figado, incapaz de sua antiga actividade, e energia, que então só se manifestavão em clarões ephemeros, o Conde de Cunha teve ainda a infelicidade de encontrar logo na cidade do Rio de Janeiro Alexandre Cardoso de Menezes, Tenente Coronel do *regimento velho* da Praça, que por distincta intelligencia entre os seus iguaes, por expediente facilimo e habilissimo no serviço da administração, e por agradavel trato sympathica presença, e por apparencias de leal dedicação conseguiu como que seduzil-o, e emfim dominal-o, sem que o Conde de Cunha tivesse consciencia desse dominio suave.

Alexandre Cardozo de Menezes foi o official da sala, isto é, o *official de gabinete*, como se diz hoje, o secretario do Governo do Vice-Rei Conde de Cunha, e mais do que isso, quasi até o fim do Vice-Reinado a cabeça pensante, e a dominadora influencia abusiva, ruim e fatal do Vice-Rei cego pela mais immerecida confiança.

Que exemplo e que lição !.

O Vice-Rei Conde de Cunha logo no principio do seu Governo tratou de restaurar e de dar maiores proporções ás fortalezas da barra e da cidade do Rio de Janeiro: fundou a da *Praia Vermelha*, deu começo á da *Praia de Fóra*, melhorou a de *Villegaignon*, fez construir duas grandes casas na ilha das *Pombas* para deposito e guarda da *polvora da coroa*; ao sopé do monte de S. Bento creou um *arsenal*, donde sahio a famosa *náo* chamada *S. Sebastião*; para armazem do armamento militar levantou espaçosa casa, na qual estabeleceu officinas de armas, na fortaleza da *Conceição*; e na *Ponta da Misericordia* construiu *quarteis* para duas companhias de cavallaria ligeira, e edificio proprio para receber o parque de artilharia, e fabricas respectivas, iniciando assim o Arsenal de guerra do Rio de Janeiro.

Deu principio ao alistamento dos habitantes da capitania com o fim de organizar quatro *terços* novos de infantaria auxiliar conseguindo apenas nomear Mestres de campo, sargentos-mores e ajudantes para corpos que não formou.

Mandou abrir uma rua (a actual da Carioca) que se estendeu até a *Lagôa da Sentinella*, e ordenou á Camara que mandasse cobrir com lagés grossas a *valla* que deu nome á rua hoje de *Uruguayana*.

Fez recolher os *morpheticos* na casa que fóra dos Jesuitas em S. Christovão, e nella estabeleceu o necessario hospital.

Ordenou que os homens solteiros jovens e ainda os de meia idade ou se casassem ou assentassem praça no exercito, promovendo assim os casamentos que erão em numero relativamente diminuto.

Mas todas estas providencias que devião honrar sua memoria, forão maculadas pela violencia, pelo despotismo e pela corrupção.

O Official da sala Alexandre Cardoso e seus subalternos complices praticavão em nome do Vice-Rei os maiores abusos: obrigavão os negociantes e os proprietarios, á concorrer com escravos para as *obras do Rei*, e impunhão o mesmo serviço a muitos homens do povo, poupando esse onus e o de contribuições pecuniarias aos ricos que lhes *pagavão* á boca do cofre esse favor.

Alexandre Cardoso vendia empregos, patentes de Mestre de campo, de sargento-mór e outros, offendia o pudor das familias e era o terror do povo.

O Conde de Cunha teve de pôr em execução a cruel Carta Régia de 30 de Julho de 1766, que mandou extinguir em Minas Geraes, no Rio de Janeiro e em outras capitancias as officinas de Ourives, e Alexandre Cardoso ainda aproveitou essa occasião para atormentar a uns e vender-se a outros.

Tarde o Conde de Cunha se convenceu dos abusos e crimes do seu Official de sala, e o demittio e fez recolher á prisão: já tinhão chegado á côrte de Lisboa queixas amargas de algumas victimas de Governo tão oppressor e desmoralisado.

Em Novembro de 1767 o Conde de Cunha foi sorprendido pela chegada do Conde de Azambuja, seu successor no vice-reinado, e desgostoso se recolheu a Lisboa, onde aliás ainda exerceu cargos importantes.

O Conde de Cunha não era brasileiro ; mas primeiro na serie regular dos Vice-Reis do Rio de Janeiro, e como iniciador desse vice-reinado de futura e transcendente influencia politica, não póde ser esquecido na historia do Brazil.

D. FR. ANTONIO D'ARRABIDA

BISPO DE ANEMURIA

Natural de Portugal, onde nacera em 1771, entrou muito cedo para ordem religiosa dos Franciscanos e por seu saber e grande merecimento Fr. Antonio d'Arrabida não só se distinguio muito, occupando os cargos principaes daquella religião, como gozava de grande estima na côrte de Lisboa, sendo ouvido com a maior confiança pelo Principe-regente depois Rei D. João VI.

Em Setembro de 1807 o Principe-regente sob as apprehensões de proximos acontecimentos já iminentes, em que Portugal urgido de um lado pela Inglaterra e do outro pela França não poderia conservar-se nentral na guerra em que estavam empenhadas as duas grandes potencias, resolveu, ouvidos os seus ministros, preparar no Brazil nova séde da monarchia para o caso de extraordinaria e

perigosa situação de Portugal, cuja independencia era ameaçada por Napeleão Buonaparte.

Para se levar a effeito essa providencia politica determinou o Principe-regente mandar para o Brazil seu filho D. Pedro Principe da Beira, depois Imperador do Brazil, e então apenas de oito annos de idade, dando-lhe o titulo de Condestavel.

Fr. Antonio d'Arrabida foi escolhido para acompanhar o Principe D. Pedro e sêr o seu mentor, o que prova quanto D. João e os ministros portuguezes confiavão na sabedoria e na prudencia do illustre Franciscano.

Não se realisou semelhante medida de prevenção; porque os acontecimentos se precepitárão, e a Rainha D. Maria, I o Principe-regente, toda a Familia Real, os ministros e a côrte embarcárão para o Rio de Janeiro deixando Lisboa, e o Tejo a 29 de Novembro.

Fr. Antonio d'Arrabida acompanhou a familia real portugueza e desde 1808 até sua morte viveu no Rio de Janeiro.

De 1808 á 1818 foi quanto poude na Côrte deleixada o Director dos Principes D. Pedro e D. Miguel.

Desde 1816 em que pelo fallecimento da Rainha subira ao throno D. João, e se tornara D. Pedro o herdeiro presumptivo da corôa, Fr. Antonio d'Arrabida começou, segundo alguns affirmão, a indicar a conveniencia de não se deixar o Principe de todo alheio a pratica do Governo e da administração do Estado, e asseverão mais que em 1818 depois do casamento de D. Pedro. elle propuzera inutilmente

que o Principe-Real fôsse admittido a assistir aos Conselhos do Rei.

Em 1821, quando D. João VI voltou com a Familia Real para Lisbôa, Fr. Antonio d'Arrabida ficou no Rio de Janeiro, e muito da côrte do Principe-regente do Brazil D. Pedro, que altamente o estimava, poderia algumas vezes ser particularmente ouvido; não foi porém influencia politica na marcha febricitante que levárão os acontecimentos,

Proclamada a Independencia, e acclamado o Imperador D. Pedro I, Fr. Antonio d'Arrabida, estranho a revolução, adoptou a nossa patria sem enthusiasmo; mas todo dedicado ao Imperador, que em 1824 obteve para elle o titulo de *Bispo de Anemuria in partibus*.

Porisso, pela sua dedicação pessoal ao Imperador e talvez porque realmente conservasse seus principios de fidelidade ao poder absoluto do Rei, foi durante o primeiro reinado tido em conta de reaccionario absolutista, perdendo por isso o favor popular.

Depois da abdicção de D. Pedro I o Bispo de Anemuria viveu em retiro no convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro.

Tendo o Governo do Regente creado a 2 de Dezembro de 1837 no antigo seminario de S. Joaquim o Imperial Collegio de Pedro II, foi por Decreto de 5 de Fevereiro de 1838 o Bispo de Anemuria nomeado—Reitor—, entrou no exercicio da reitoria a 4 de Março seguinte, e prestou optimos serviços.

Quasi septuagenario fraqueavão-lhe as forças: em Outubro pedio sua demissão de—Reitor do Imperial Collegio de Pedro II, retirando-se d'elle por doente.

O Governo a honrar a confiança que lhe merecia o velho e venerando Bispo demorou a sua exoneração de Reitor até 2 de Julho seguinte, em que lh'a concedeu.

O Bispo de Anemuria viveu ainda quasi onze annos recolhido á solidão do convento sempre conservando a simplicidade de seu burel de Franciscano, rendendo enfim sua alma a Deus no dia 10 de Abril de 1850 com setenta e nove annos de idade.

ANTONIO BORGES DA FONSECA

Em fins do primeiro decennio do seculo actual nasceu Antonio Borges da Fonseca na provincia da Parahyba, nas vizinhanças do Engenho das Tabocas.

Feitos os seus estudos primarios foi para Olinda, onde no Seminario episcopal começou á receber instrucção secundaria; mas em breve passou-se para a casa de um seu irmão no Recife, continuando a adiantar sua educação litteraria que aliás parece ter ficado incompleta.

Voltou para a sua provincia e foi nomeado professor publico de instrucção primaria; mas pouco tempo exerceu o professorado.

Era talentoso, de animo exaltado e tinha raizes em familia de republicanos de 1817.

Em 1827 fez-se redactor do periodico que intitulo — *Abelha* — e nelle prégou idéas liberaes as mais adiantadas.

Ou perseguido ou procurando mais largos ho-

rizontes, seguiu da Parahyba para Pernambuco, onde pouco se demorou.

Em fins de 1829 ou ao romper do anno de 1830 António Borges da Fonseca veio para a cidade do Rio de Janeiro e publicou o periodico da opposição radical — *O Republico*, sustentando as idéas liberaes extremas, pregando quasi logo o programma da — *federação já e já* — e aggreindo o Governo com energia e violencia.

E' todavia notavel que Antonio Borges da Fonseca não fosse filiado nas principaes sociedades secretas que nesse tempo tramavão na capital a revolução.

Na tarde de 6 de Abril de 1831 Borges da Fonseca foi dos primeiros a correr ao campo de Sant'Anna á protestar revolucionariamente contra o Ministerio de reacção anti-liberal organizado na noite antecedente: e quando ainda não havia um unico soldado fazendo causa commum com o povo, elle animava, e excitava a revolta, fallando em alta voz aos grupos de cidadãos paizanos que se reunião.

Depois da abdicação continuou a publicar o seu *Republico*, e nelle longamente expôz as reformas que em sua opinião devia soffrer a Constituição do Imperio.

No mesmo anno de 1831 teve a nomeação de Secretario do Governo provincial da Parahyba e voltou para a sua Provincia á exercer aquelle cargo.

Faltão-nos informações para determinar quanto tempo Borges da Fonseca desempenhou as funcões

de Secretario do Governo da Parahyba, e nesta Provincia se conservou.

Certo é que passou a estabelecer-se em Pernambuco, e alli dedicou-se ao mister da advocacia, e não menos á imprensa periodica politica.

Escreveu o—*Nazareno*—o *Tribuna do Povo*—, collaborou no *Diario Novo* e sempre no sentido de suas aspirações republicanas.

Em 1848 foi dos mais exaltados inflammadores da revolta praieira, e no terrivel combate de 2 de Fevereiro do anno seguinte na cidade do Recife Borges da Fonseca no meio da fuzilaria subio á um chafariz e do alto d'elle proclamou, embora debalde, á tropa, incitando-a a passar-se para o lado dos revoltosos, tendo a extraordinaria felicidade de não ser tocado pelas balas.

Borges da Fonseca foi preso e longamente experimentaria a pena de prisão a que o Jury o condemnou, si a amnistia concedida pelo Imperador não lhe restituisse a liberdade.

Nem por isso elle mudou de idéas politicas; mas casado e com filhos, sua familia tinha soffrido muito, privada do seu amparo: talvez por isso, e pela idade um pouco se arrefeceu o antigo ardor de vehemente jornalista.

Annos mais tarde Borges da Fonseca voltou ao Rio de Janeiro, e desta capital partio para a Europa, donde no fim de muito breves annos se recolheu a Pernambuco graduado com o titulo de doutor em direito, que obtivera em uma universi-

dade da Allemanha, e na cidade do Recife cultivou a advocacia com reputação de muito habil.

Antonio Borges da Fonseca falleceu na cidade do Recife em 1872, ou 1873.

Preciso é dizel-o: qualquer que fossem os motivos, Borges da Fonseca nunca teve influencia notavel no partido liberal, nem entrou nos conselhos dos chefes: ainda mesmo na revolta de 1848 os deputados praieiros que em 1849 tomárão a responsabilidade e direcção della mostrávão-se empenhados em indicál-o sem ligação nem intelligencia com elles.

Exaltado, e revolucionario audaz Antonio Borges da Fonseca commetteu erros e comprommetteu nelles alguns entusiastas que o tinham por seu tribuno; mas é incontestavel que a firmeza de seus principios politicos e a sua coragem não sofrêrão quebra manifesta.

ANTONIO DE CASTRO ALVARES

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu no ultimo decennio do seculo passado, Antonio de Castro Alvares, de quem faltão noticias biographicas mais completas foi de instrucção muito limitada, e até 1829 simples *conferente*, ou empregado de segunda ordem na Alfandega do Rio de Janeiro.

Varão de probidade exemplar, e de costumes puros, zelosissimo no desempenho do seu emprego na Alfandega, merecia e gozava geral estima na cidade do seu berço.

Liberal de ideias adiantadas Castro Alvares depois da dissolução da Constituinte brazileira, tornou-se conhecido republicano de aspiração, levando para a politica a rigidez de seu character, e com ella firmeza inabalavel, e altiva independencia de animo; soube porém adoçar o exaltamento de seus principios politicos com o seu constante proceder legal e sensato.

Em 1828 procedeu-se no Imperio á eleição de

Deputados da Assembléa Geral para a segunda Legislação, que, conforme a lei de então, havia de funcionar de 1830 em diante (até 1833).

Era naquelle tempo *Grão-mestre* da Maçonaria brasileira, *João Mendes Vianna* (vide o artigo biographico competente) liberal intransigente, e decidido republicano, e com a força de sua vontade de ferro, e com a influencia que lhe dava o seu gráo maçónico, e o *gráo-mestrado* que exercia, foi elle em 1828 o chefe liberal que mais trabalhou e conseguiu nas eleições geraes da côrte e provincia do Rio de Janeiro.

João Mendes Vianna ligara-se estreitamente com Antonio de Castro Alvares, na maçonaria, e conhecendo suas ideias republicanas, suas virtudes e seu character independente e rigido, teve em pouco o muito que lhe faltava em illustração, e em cabedades de intelligencia, e expontaneamente recommendou a candidatura do amigo e correligionario politico.

João Mendes e Castro Alvares fôrão eleitos Deputados (além de outros liberaes) pela Côrte e Provincia e do Rio de Janeiro.

O pobre e honradissimo empregado da Alfandega, achou-se Deputado sem ter pedido o voto de eleitor algum, e em 1830, tomou assento na Camara.

João Mendes Vianna, influencia politica, que se impunha por energica vontade, morreu naquelle mesmo anno.

Antonio de Castro Alvares, foi na Camara, o

que tinha sido e continuou a ser fóra do Parlamento, homem probo e honrado, liberal de idéas republicanas, prudente e sensato. Frequentou a tribuna sem ter dotes oratorios: tomava a palavra para dizer em poucos minutos a sua opinião sobre a materia que se discutia, mostrando muitas vezes bom senso; mas sempre sem elegancia na fórma, e sem profundeza na materia.

Não tinha instrucção e fraqueava por isso; não dispunha ao menos de palavra fluente, e de voz agradável: pelo contrario, de ordinario estacava procurando vocabulos e phrases, que acabavão por sair-lhe como trovões, de sua voz grave; mas exageradamente retumbante.

Ainda não fallando na tribuna um —*apoiado*— de Castro Alvares echoava no salão e nas antesalas da Camara estrondoso e como que desafinadamente.

Os *apoiados* de Castro Alvares tiveram celebridade ridicularisada na imprensa periodica do tempo.

E apezar de tudo isso, apezar de sua incapacidade oratoria, de sua pobreza de instrucção, de seu infeliz orgão de voz, Castro Alvares era sempre ouvido com respeito, e o povo o attendia e venerava.

Tanto póde o santo prestigio da honra immaculada, e das virtudes que obrigão cultos.

Depois de 7 de Abril de 1831, Castro Alvares ligou-se logicamente aos liberaes mais exaltados, e fez na Camara opposição ao dominio governamental do partido liberal moderado dirigido sabia e patrio-

ticamente por dedicados patriotas, alguns dos quaes tinham sido seus correligionarios de republicanismo.

Antonio de Castro Alvares, morreu antes do termo da segunda Legislatura, na qual não fôra Deputado. Não tinha sido reeleito ; mas desse olvido não se queixara, nem parecera desgostoso.

Morreu tranquillo, muito descrente dos homens politicos ; mas com a mais suave contricção catholica, deixando á patria o exemplo de sua glorificadora pobreza em fulgente quadro de honra sem jaça, de costumes puros, e de virtudes hoje raras.

Antonio de Castro Alvares foi brilhante não lapidado, mais preciosissimo e do mais alto valor.

ANTONIO DE CASTRO ALVES

Antonio de Castro Alves, natural da provincia da Bahia, nasceu a 14 de Março de 1847.

Desde os seus estudos primarios revelou notavel talento e vivacidade. Seguiu o curso de preparatorios na cidade de S. Salvador, donde se passou para a capital do Imperio, e depois para a cidade de S. Paulo, matriculando-se ahi na escola de sciencias sociaes e juridicas.

Quando chegou á S. Paulo, já deixara na Bahia e no Rio de Janeiro plantada a sua reputação de esperançoso poeta rico de imaginação, e de inspirações que lhe auspiciavão brilhante gloria.

Os enlevos da poesia roubavão horas e vigílias ao estudante de direito; mas ainda assim graças ao seu grandissimo talento, fundou e manteve creditos de academico distincto, e entre os condiscipulos gozou a maior consideração e estima pelos dotes de seu coração e pelo esplendor de sua intelligencia.

Como Dutra e Mello, Manoel Antonio Alvares de Azevedo, Casemiro de Abreu e alguns outros, Antonio de Castro Alves não teve tempo de educar e aperfeiçoar seu genio poetico, que com certeza lhe daria, como áquelles, lugar de honra na primeira linha dos representantes legitimos da literatura brazileira.

Já quando se adiantára no estudo das disciplinas preparatorias e muito mais durante o curso de escola de direito e nas ferias, escreveu cantos poeticos em avultadissimo numero, e desses, uns a incuria deixou que se perdessem, e outros talvez que elle proprio destruísse por menos condignos daquelles que felizmente deu ao prelo.

Antonio de Castro Alves era de sensibilidade inflammavel, e de imaginação ardentissima: d'ahi lhe veio sem duvida o seu maior mal.

Cursava elle o seu anno de direito em S. Paulo, quando ardeu em paixão por joven actriz da companhia dramatica então florescente naquella cidade.

O estudante poeta amou com ardor zeloso, e inutil e exageradamente ciumento a actriz; soffreu muito por isso, e em tormentos que sua imaginação multiplicava.

E peor do que a paixão que naturalmente se apagaria, Antonio de Castro Alves em caçada fatal, descarregou por sinistro acaso a espingarda, cuja carga quasi lhe despedaçou um pé.

Levado para casa recebeu promptos e desvelados soccorros; mas em breve os medicos declararão indispensavel e urgente a amputação do pé.

Castro Alves cedeu á exigencia dos medicos e á intervenção amiga dos collegas que dedicados o cercavão sempre no leito doloroso.

A amputação effectuou-se; Castro Alves restabelleceu-se; mas desde então fraco de animo, e victima da propria imaginação, viveu ainda algum tempo; não sorriu porém mais á vida.

Antonio de Castro Alves não completou o curso de direito e morreu na cidade de S. Salvador capital da provincia da Bahia a 6 de Julho de 1871 com vinte quatro annos e quatro mezes incompletos de idade.

Em sua curta vida publicou:

Espumas Fluctuantes, um volume de cantos poeticos.

Gonzaga — drama.

Cachoeira de Paulo Affonso — obra poetica de notavel merecimento.

Gonzaga é composição dramatica que encerra bellezas incontestaveis, scenas ricas de eloquentes fallas, e de commovente sentimento; affigura-se-nos porém de muito mais effeito na literatura e estudo de gabinete, do que na execussão theatral. Isto comprehende-se: Alexandre Dumas o pae (e tambem o filho) não resiste á comparação com Victor Hugo em obras dramaticas; mas nenhum dos mais bellos dramas de Victor Hugo, produziu na scena theatral o effeito calculado dos dramas romanticos de Alexandre Dumas.

A — *Cachoeira de Paulo Affonso* é por muitos considerada como a melhor obra de Antonio de

Castro Alves; confessamos porém nossa predilecção pelas *Espumas Fluctuantes* que contem canticos de suavidade enlevadora, e ás vezes de uma certa originalidade, que no futuro havia de caracterisar o poeta.

D. FREI ANTONIO DO DESTERRO (BISPO)

Natural de Vianna de Lima, onde nasceu aos 13 de Junho de 1694, filho legitimo de Ventura Malheiro Romão, Fidalgo da Casa Real, e de D. Pascoa Pereira, Antonio que depois se chamou do Desterro, abraçou aos quinze annos de idade o estado religioso.

Admittido á Ordem Benedictina professou no Mosteiro de Tibaens a 25 de Janeiro de 1711; tomou na Universidade de Coimbra o gráo de Doutor em theologia; leu philosophia no Mosteiro de Basto; foi jubilado em theologia; gozou reputação de abalitado orador; em 1737 mereceu a nomeação de Abbade do Collegio de Nossa Senhora da Estrella de Lisboa; mas foi logo nomeado reformador da Provincia do Brazil com o Padre Mestre Fr. Bento de S. José, e não exerceu o cargo; porque em 1738 o Rei o elegeu Bispo de S. Paulo de Loanda, em Angola.

Confirmado por Clemente XII, D. Fr. Antonio

do Desterro em viagem para Angola, aportou ao Rio de Janeiro em Março de 1740, hospedou-se no Mosteiro da sua religião e ali pontificou no dia do transito do Patriarcha.

Depois de seis annos de Bispado em S. Paulo de Loanda, D. Fr. Antonio do Desterro passou para o do Rio de Janeiro, recebendo em Janeiro de 1745 confirmação do Santo Padre Benedicto XIV. e veio chegar a esta cidade a 1 de Dezembro de 1746, tomando posse do bispado poucos dias depois, e fazendo publica entrada a 1 de Janeiro de 1747 no meio de grandes festas do povo.

Durante vinte e sete annos governou a sua diocese com sabedoria e zelo.

Começou por chamar a exame todos os sacerdotes seculares e regulares, tendo o maior cuidado na disciplina do clero, e dando providencias severas para se regularem os livros de assentos de baptisados, casamentos e obitos.

Occupou-se muito do ensino da doutrina mandando, além do mais, que os Parochos e Capellães lessem e explicassem o Cathecismo de Montpellier durante meia hora antes da missa conventual, recommendando aos Professores de primeiras letras que fizessem os meninos ler e estudar o mesmo Cathecismo.

Prohibio ajuntamentos nos adros e ás portas dos templos principalmente em dias festivos, banio das procissões da quaresma os *penitentes de açoutes*, e ritos gentilicos e supersticiosos.

Fulminou com efficazes providencias o abuso

escandaloso com que os senhores de escravos depois de aproveitar-se tanto destes infelizes enquanto vivos, mandavão lançar seus cadaveres em covas fora dos cemiterios e em lugares não sagrados.

Attendeu solícito ao culto divino, promoveu o augmento das congruas dos Parochos, melhorou a situação do cabido ; cuidando do seu rebanho, adoçou as prohibições de certos alimentos em dias de penitencia.

Alem das esmolos que diariamente repartia, acudindo aos pobres que o procuravão, occuparia algumas paginas a menção das esmolos, doações, e melhoramentos que lhe devêrão em sua vida e depois de sua morte por legados testamentarios muitas igrejas e instituições religiosas do Rio de Janeiro.

Sabio, virtuoso e modestissimo foi chamado o mestre dos Bispos.

Em Janeiro de 1763 por fallecimento de Gomes Freire de Andrade, o Bispo D. Fr. Antonio do Desterro designado em vias de successão governou com o Brigadeiro Pinto Alboim, e o Chanceller da Relação João Alberto Castello-Branco as capitancias do Rio de Janeiro, Minas Geraes e S. Paulo até a chegada do Vice-Rei Conde de Cunha, e durante quasi um anno de Governo teve a grande consolação do contentamento geral do povo.

Em 1758 tinha D. Fr. Antonio do Desterro sido nomeado pelo Cardeal Patriarcha Saldanha, visitador apostolico e reformador geral da Companhia de Jesus, e no pouco tempo que o banimento dos Jezuitas lhe permittio o desempenho da ardua tarefa, hou-

ve-se com tanta moderação, que aquelles mesmos padres tão suspeitosos e tão suspeitos então submettidos da peor vontade á visita e á reforma não se queixarão do Bispo.

Após quasi quatro mezes de dolorosos padecimentos soffridos com evangelica paciencia D. Fr. Antonio do Desterro falleceu aos 5 de Dezembro de 1773, na cidade do Rio de Janeiro e foi sepultado, como pedira no testamento, em simples e razo jazigo no Mosteiro de S. Bento.

ANTONIO DIAS CARDOSO

Natural da cidade do Porto, filho de Balthazar Dias, Antonio Dias Cardoso certamente era pobre e veio para o Brazil procurar fortuna.

Estava em Pernambuco e assentou praça de *soldado*, quando os hollandezes em 1630 atacárão aquella capitania e começárão a conquistá-la.

A guerra hollandeza durou até 1649 e em todo esse tempo o nome de Antonio Dias Cardoso se repetio com distincção, subindo elle aos póstos de Alferes, Ajudante de Capitão, e Ajudante de Sargento-mór.

Sob o commando em chefe de Mathias de Albuquerque guerreou no Campo Real do Bom Jesus e fóra d'elle galhardamente.

Sob o de Rojas y Borja, e o de Bagnuolo concorreu muito para salvar o exercito pernambucano batido e muito compromettido nas batalhas da Mata Redonda e de Porto Calvo.

Em 1638 avantajou-se na gloriosa defensão da

cidade de S. Salvador da Bahia atacada com imponentes forças de terra e mar pelo Principe Mauricio de Nassau que se retirou rechaçado.

Commandando e dirigindo guerrilhas foi digno companheiro dos heróes Camarão, e Henrique Dias.

Em 1645 coube-lhe a delicada e honrosissima tarefa que secretamente lhe confiou o Governador Geral Telles da Silva, de commandar e conduzir pelas matas e bem occulto o pequeno, mas preciosissimo contingente de soldados regulares para apoiar a insurreição pernambucana, que havia de romper, e tão habil soube dirigir-se, que chegou não sentido pelo hollandez, e a tempo de reunir-se a João Fernandes Vieira e a seus ainda poucos companheiros de insurreição, e de tomar o commando militar no primeiro combate, ganhando sobre o inimigo a primeira e importantissima victoria das *Taboas*.

No mesmo anno distinguio-se notavelmente no ataque e na rendição forçada do Engenho de Izabel Gonçalves ou da *Casa Forte*, onde ficárão prisioneiros o General hollandez João Blaar, e duzentos soldados, além de outros tantos que fôrão mortos.

No infeliz ataque da ilha de Itamaracá, na contínua bateria do posto dos Afogados, em pelepas quasi sem numero, e em assaltos Antonio Dias Cardoso ou como chefe ou como subalterno extremou-se sempre pela bravura e pela capacidade militar.

Nas duas batalhas dos Guararapes, que senão terminárão de todo a guerra, determinárão o seu

exito, Antonio Dias Cardoso deixou seu nome lembrado a par dos de Vidal, Vieira, Barreto, Henrique Dias e Camarão.

Em 1649 Cardoso embainhou a espada na Campina do Taborda. Estava acabada a guerra com a expulsão absoluta dos holandezes.

E' verdadeiramente glorioso para um soldado poder assignalar-se, dizendo: *a guerra durou de 1630 até 1649, e ninguém podcrá escrever a historia della sem que de seu principio até o seu termo deixe de escrever e de repetir e de lembrar constantemente com louvor e distincção o meu nome.* Antonio Dias Cardoso tinha o direito de se exprimir assim, fallando da guerra holandeza.

Este benemerito recebeu de D. João IV pensões e premios por Carta Regia, na qual o mais subido galardão foi por certo a historia quasi circumstanciada dos seus grandes serviços, e dos principaes feitos que lhe dérão realce e gloria.

Não podemos dizer quando e onde falleceu Antonio Dias Cardoso: devemos acreditar que dormio seu ultimo somno na terra do seu Capitolio, Pernambuco; porque em 1655 ainda lá estava servindo no Terço do Mestre de Campo João Fernandes Vieira, como diz a Carta Regia de D. João IV datada de 15 de Janeiro daquelle anno.

D. ANTONIO FERREIRA VIÇOSO

BISPO CONDE DA CONCEIÇÃO

Filho legitimo de Jacintho Ferreira Viçoso appellidado o *Manso* pela brandura de seu character, e de Maria Gertrudes, nasceu Antonio Ferreira Viçoso aos 13 de Maio de 1787 em Peniche no reino de Portugal,

Em um convento de Carmelitas em Olhalvo foi recebido aos nove annos de idade Antonio Viçoso que ahi completou seus estudos primarios, e começou o de latim, que concluiu no convento de Santarem para onde foi levado de Olhalvo por Fr. Bernardino que era seu mestre e fôra nomeado Prior deste ultimo convento.

Até aos vinte e um annos de idade seguiu com o maior proveito as aulas de grego, historia, philosophia, rhetorica e theologia dogmatica, e ensinou o latim durante dous annos.

Por falta de idade não tomou logo ordens sacras

e depois demorando-se por longo tempo a questão do patriarchado de Lisboa, em que se achavão em desintelligencia a Santa Sé e o Governo portuguez, e mostrando o Bispo do Porto pouco desejo de ordenar os seminaristas existentes em Santarem no tempo do fallecido Cardeal, Antonio Viçoso retirou-se para casa de seus paes em Peniche.

Deixára em Santarem a fama de sua bella intelligencia, de suas virtudes e de seus costumes puros; mas em Peniche ardendo no santo fogo da vocação religiosa resolveu alistar-se na Congregação de S. Vicente de Paulo, cujos padres se denominão *Lazaristas*, e com a benção de seus paes foi bater á porta da casa que esses padres tinhão em Rilhafolles, e que prompta se lhe abriu.

Tinha Antonio Viçoso então vinte e quatro annos, e primoroso e edificante nos exercicios e nos pontos de regra exaltou-se pela humildade nos dous annos de noviciado, findos os quaes foi admittido aos votos e os fez a 26 de Julho de 1813.

Cinco annos empregou o já instruido Antonio Viçoso em estudos de mathematicas, em mais profundos de philosophia, de historia, de theologia, de direito canonico, e liturgia, e finalmente já era sabio, quando a 7 de Março de 1818, que era Sabado da Paixão nesse anno recebeu ordens sacras, e no dia seguinte celebrou sua primeira missa.

Mandado pelos superiores lér philosophia em Evora, antes de um anno teve de apresentar-se em Lisbôa, donde á pedido do Governo que desejava empregar *Lazaristas* em missão a chamar á luz da

fé e á civilisação as hordas selvagens da capitania de Matto-Grosso, no então reino do Brazil, seguirão em 1819 escolhidos para esse fim os padres Leandro Rabello de Castro e Antonio Ferreira Viçoso.

Em Novembro de 1819 chegarão os dous *Lazaristas* ao Rio de Janeiro.

O Governo de D. João VI. e o irmão Joaquim — o S. Francisco de Assis — brasileiro derão destino differente, mas todo religioso aos dous missionarios.

O Rei os mandou tomar posse do Sanctuario de Nossa Senhora Mãe dos Homens do Caraça em Minas Geraes, onde elles abrirão o collegio que se tornou tão famoso, e ainda achárão tempo para missões fertilissimas em municipios da então capitania, e logo depois provincia de Minas-geraes.

O irmão Joaquim, o fundador de hospitaes e seminarios á custa de esmolas que vivia a pedir, conquistou o padre Antonio Viçoso para Reitor do seminario de Jacuecanga em Angra dos Reis, provincia do Rio de Janeiro.

A historia do padre Viçoso e do irmão Joaquim em Jacuecanga é a lenda de dous santos irmãos, e não ha eloquencia humana que louve bastante seus serviços, sua dedicação, sua caridade.

O padre Viçoso fez sahir do seminario de Jacuecanga homens illustres, como Thomaz Gomes dos Santos e outros que ainda vivem, guardando zelosos a lembrança da sabedoria, das virtudes, e da beneficencia desse padre.

Em Minas Geraes, e em visinhos municipios de S. Paulo Viçoso viveu santamente.

Eleito Superior Geral da congregação no Brazil, o padre Viçoso foi o que já era. Em Minas geraes prestou relevantes serviços, propagando a fé, acendendo a civilização, e fundando o seminario de Campo Bello.

Em 1843 o padre Antonio Ferreira Viçoso foi eleito Bispo de Marianna; antes porem de sua sa-gração partio elle para a Bahia incumbido de remediar os desgovernos e abusos dos Carmelitas de mal assignalado convento.

O Bispo eleito desempenhou com prudencia, justiça, e optimo resultado a sua missão, e voltou para o Rio de Janeiro, onde em 1844 recebeu a sua sa-gração pontifical no Mosteiro de S. Bento.

Governando o seu bispado D. Antonio Viçoso primou por singulares virtudes, pelo zelo do catho-licismo, e pelos inumeros beneficios que espalhou.

Foi activissimo na obra fundamental da ins-trucção e da moralidade do clero da sua diocese.

Alem do collegio do Caraça fundou o seminario de Marianna, a que deu estatutos, e cujos estudos fez dirigir por padres Lazaristas.

Em 1848 creou com esmolos um asilo para meninos orphãos, depois outro para as meninas orphãs, e um hospital, e mandou vir irmãs de caridade, a quem entregou o collegio da Providencia de Ma-rianna (o das meninas), e o mister de enfermeiras do hospital.

Em suas repetidas e extensas visitas ás paro-chias da diocese deu sempre os mais bellos exem-plos de desinteresse e de caridade, fez ouvir em

todas ellas a maravilhosa eloquencia de sua palavra evangelica chã; mas sabia, e por toda parte foi seu principal cuidado exaltar o merecimento dos bons padres e corrigir os que erão desmazelados, sendo de justiça severa nas suspensões ou no castigo daquelles que se mostravão de costumes immoraes.

Nas graves questões que determinárão em 1873 e 1874 a prisão, processo e sentença condemnatoria dos Bispos de Pernambuco e do Pará, D. Antonio Viçoso pronunciou-se decidido em cartas e em pastoraes pela causa daquelles dous Bispos, adherio a ella, e contra a maçonaria: mas então contava elle já oitenta e seis annos de idade; e era tão querido e venerado na sua diocese e na propria capital do Imperio, que o Governo Imperial ainda na energia de sua acção teve em respeito o velho e virtuoso Bispo.

A predilecção alias explicavel de D. Antonio Viçoso pelos padres Lazaristas, pelos Jesuitas, e pelas Irmãs de Caridade foi objecto de reparo e das censuras de alguns; mas não houve jamais quem o tratasse menos respeitosaente, e nem um só entre os mais livres pensadores que negasse culto ás suas virtudes, á sua sabedoria, e ao seu venerabilissimo character.

Simple padre e depois preclaro Bispo D. Antonio Ferreira Viçoso radiou na tribuna sagrada, como exemplar e nem antes nem depois igualado pregador evangelico.

Elle tinha em maximo, inexcédivel gráo a eloquencia do missionario, a eloquencia popular, a que penetra no coração, e domina o animo do povo.

Os analphabetos o comprehendião, e admiravão, como os sabios. Os seus sermões, e discursos erão typo de simplicidade, e de clareza de idéas, e abundavão em imagens de certa originalidade rude; mas de bem cabida, de perfeita applicação, que enlevavão a todos.

Orador sagrado de inspirações originaes, de eloquencia sublime no que parecia descimento ás communs intelligencias do povo menos culto, o padre e Bispo D. Antonio Ferreira Viçoso foi na tribuna da igreja typo admiravel que abisma no ridiculo os que se presumem capazes de imital-o.

O Imperador o Senhor D. Pedro II tinha D. Antonio Viçoso na mais elevada e distincta estima, e agraciou-o com o titulo de Conde da Conceição, alem de outras provas que lhe deu de sua amizade e confiança.

D. Antonio Ferreira Viçoso, Bispo de Marianna, do Conselho de Sua Magestade Imperial, Conde da Conceição falleceu na noute de 7 de Julho de 1875 na cidade de Marianna, tendo de idade oitenta e sete para oitenta e oito annos.

Sucumbio a ossificação das valvulas do coração : os prolongados e tormentosos padecimentos que precederão á sua morte puzerão em edificante manifestação a sua paciencia e resignação catholica.

Antes do dia do seu passamento o virtuoso Bispo tinha recebido com a mais doce consolação, e com actos devotos o sagrado Viatico.

O annuncio de sua morte cobrio de luto toda a sua diocese.

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA

Natural da cidade de Cabo-frio, provincia do Rio de Janeiro, e filho de Manoel Gonçalves, e de D. Anna Teixeira de Jesus, Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, nasceu aos 28 de Março de 1812 e mostrou logo na escola de instrucção primaria talento notavel.

Manoel Gonçalves era negociante e ganhava no commercio bastante para modesto tratamento da familia; mas em 1822 as commoções politicas que precederão a proclamação da Independencia do Brazil perturbarão ou embaraçarão suas relações commerciaes com negociantes portuguezes, e elle perdeu sua pequena fortuna.

Reduzido á pobreza, applicou os filhos á diversos officios.

Antonio Gonçalves Teixeira e Souza foi destinado á carpinteiro e durante annos como carpinteiro trabalhou honestamente.

Havia então em Cabo-frio uma aula de latim

dirigida por um padre generoso e apreciador das intelligencias esperançosas que começou a ensinar e adiantou no estudo da lingua latina a Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, dando-lhe lições de noute, ou nos dias em que falhava trabalho ao pobre carpinteiro.

Em 1840 justos apreciadores da intelligencia de Teixeira e Souza facilitarão a sua vinda para a cidade do Rio de Janeiro, e sua admissão no seminario episcopal de S. José, e ahi estudou elle philosophia e rhetorica, e destinava-se ao sacerdocio.

Revelara desde menino o amor da poesia, compondo versos que se dizem excellentes para sua idade, continuou sempre a versejar até que mais illuminado pelo estudo publicou no Rio de Janeiro em 1841 a sua primeira obra poetica *Canticos Lyricos* que fôrão recebidos com justificado applauso do publico.

Em 1842 deu ao prelo segundo volume de *Canticos Lyricos*.

Em breve deixou o seminario, e entregou-se ao cultivo da poesia e da literatura que lhe dêrão credito e estima; pouco fructo porém para libertal-o da pobreza.

O poema—*Tres dias de -vm noivado*, que deu ao prelo em 1844 talvez a melhor de suas numerosas producções veio assegurar-lhe lugar distincto entre os poetas seus contemporaneos no Brazil.

Sempre a lutar com a fortuna mesquinha Teixeira e Souza achou na amizade e na protecção de Francisco de Paula Brito, proprietario e depois

chefe de importante empreza typographica, o auxilio mais consolador.

Escreveu desde então com ardor infatigavel, cultivando o romance, a literatura dramatica, a poesia, e collaborando nas gazetas amenas publicadas por Paula Brito.

No romance estreou-se com o *Filho do Pescador*, a que seguirão mais tarde *As Fatalidades de Dous Jovens*, *Tardes de Um Pintor*, *Maria ou a Menina Roubada*, *A Providencia* e *Gonzaga ou a Conspiração do Tira-dentes*.

Para o theatro escreveu as tragedias — *Cornelia Bororquia ou a Victima da Inquisição* — assumpto aliás de obra conhecida — *O Cavalleiro Tentonico ou a Freira de Mariemburg* — *Lucreria* — traducção da tragedia de Ponsard, e collaborou com Paula Brito em traducções de dramas francezes da escola romantica para João Caetano dos Santos o grande actor brasileiro.

Na poesia, além de composições ligeiras, ousou ir até a *epopea*, em que raros no mundo tem escapado ao naufragio.

Em 1847 publicou o primeiro volume e em 1858 o segundo do longo poema — *A Independencia do Brazil*, em oitava rima, que apesar de muitas bellezas poeticas, foi a menos feliz de suas obras e a mais combatida pelos criticos, entre os quaes se contou o muito autorizado, e eminente poeta Antonio Gonçalves Dias.

Teixeira e Sousa desgostou-se; mas não se abateu, e assegurava (damos testemunho disso)

que tinha muito adiantada outra *epopea*, da qual era assumpto ou nella representava a *Creação do Universo* em systema e concerto phantasticos e de sua imaginação

Mas a pobreza continuava a perseguir Teixeira e Souza e ainda muito mais sensivel; pois que elle se tinha casado com honestissima senhora, objecto do seu amor, e a mais doce consolação da sua vida; pobre porém como seu noivo e marido.

Paula Brito ainda auxiliou o amigo, concorrendo para que Teixeira e Sousa estabelecesse n rua dos Ourives uma officina typographica modesta, e ainda mais modesta loja de cartas e de annuncios de commercio, de convites para enterros, etc.

Nessa loja e typographia o poeta pobre escreveu seus ultimos romances; mas não se adiantou em fortuna: vivia mal, e muito se magoava; por que mal vivia a familia.

Emfim no anno de 1858 seus titulos incontesteis de literato trabalhador activo e productore de obras de merecimento valêrão-lhe abençoado, alto patrocínio e Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa recebeu a nomeação de escrivão da 1.^a vara commercial da cidade do Rio de Janeiro.

O pae de familia respirou desafrontado, livre das ameaças horriveis da penuria; o poeta, o literato porém só teve desde então horas roubadas ao descanso e ao somno para dal-as ao cultivo da poesia e das letras.

No exercicio do seu officio de escrivão Teixeira e Sousa cumprío á risca o seu dever,

deixando exemplo de esclarecida intelligencia, de actividade e zelo, e de reconhecida probidade.

Gozou pouco as doçuras da abastança a 1 de de Dezembro de 1861 falleceu no seio de sua familia, deixando-a não em miseria, mas em honrada pobreza pela privação do seu trabalho diario e productivo.

Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa não poderá ser esquecido na historia da literatura brasileira: nos seus *Canticos Lyricos* ha alguns de indisivel encanto, e de suavidade enlevadora: *Os Tres Dias de Um Noivado* fórmão a sua mais bella corôa laureante; e mais feliz do que nas tragedias, nos seus romances ha alguns, que ainda hoje o publico procura, e os que os achão, os releem.

Teixeira e Souza, dizem-nos, e parece certo, em seus ultimos annos ainda escreveu muito, velando de noute a trabalhar, e á sua digna esposa e seus filhos devião ter ficado numerosos manuscritos que bem podem ser thesouros preciosos para a memoria de seu nome já illustre, e para gloria de sua patria.

Se essés manuscritos existem, e se guardão, urge que appareção para que como tantos outros, não sêjão condemnados á voracidade da traça empoiradora, ou ao abandono e ao exterminio da indifferença.

ANTONIO GONÇALVES GOMIDE

Natural da provincia de Minas Geraes, onde nasceu no ultimo quartel do seculo decimo oitavo, Antonio Gonçalves Gomide foi legitimo filho de mineiros distinctos, cujo nome de familia florece ainda dignamente representado.

Estudou preparatorios em Minas Geraes, e mandado por seus paes para Portugal, seguiu na Universidade de Coimbra a faculdade de direito, e tomou nella o gráo de doutor.

Faltão-nos informações circumstanciadas sobre a vida deste varão que foi notavel, e que teve certa nomeada desde 1821 e em todo o primeiro reinado.

A melhor prova de que era distincto, elle a teve no facto de merecer de sua provincia a eleição de Deputado supplente á Constituinte de Lisboa para o caso do não comparecimento do Conselheiro João Severiano Maciel da Costa.

O Dr. Gomide não seguiu para Lisboa; ficou

no Rio de Janeiro e em 1822, ou desde os fins de 1821 prestou serviços á causa da Independencia do Brazil distinguindo-se entre os aspiradores da monarchia constitucional com o Principe Regente D. Pedro por chefe.

Em 1823 foi eleito Deputado supplente á Constituinte brasileira por Minas Geraes, e servio em toda a sessão dessa Assembléa, substituindo o Deputado effectivo Conego Francisco Pereira de Santa Apollonia.

Na Constituinte não fulgurou na tribuna: era modesto e tímido; mereceu, porém, reputação de illustrado jurisconsulto, e de estudioso e trabalhador, e tudo faz crer, que distanciou-se muito da opposição dos Andradas e do pronunciamento dos liberaes desde Setembro até a dissolução dessa augusta Assembléa a 12 de Novembro de 1823.

Em 1826 o Dr. Antonio Gonçalves Gomide entrou na lista dos apresentados pelos eleitores de Minas Geraes para a escolha de Senadores, conforme a Constituição jurada a 25 de Março de 1824, e mereceu ser um dos escolhidos pelo Imperador D. Pedro I.

Desde 1823 cahira nas suspeitas do partido liberal, desde 1826 em que fôra nomeado Senador recahiu nellas ainda muito mais, e foi considerado entusiasta do Imperador e favoravel á idéas do Poder imperial absoluto.

A imprensa liberal e de opposição intransigente não o poupou, e, como então alguns periodicos mais ardentes costumavão fazer com os nomes de outras

notabilidades politicas do tempo, na contraposição das suas ultimas syllabas do seu nome de familia *Gomide*, o chamavão senador *Godemi*.

Esta mesma hostilidade ridicularisadora prova que Antonio Gonçalves Gomide não era homem, que se perdesse entre as mediocridades.

Moderado, prudente, verdadeiro seguidor da escola conservadora, elle estava tão longe de aspirar o Governo absoluto, como de apoiar e servir ás doutrinas liberaes mais adiantadas, que ião até a republica.

Em toda sua vida politica foi por systema e por amor da ordem sómente *governista*; mas *governista* com idéas de monarchista constitucional.

Ainda no Senado não foi orador que frequentasse a tribuna; mas em trabalhos de commissões era considerado collaborador illustrado e de preclara intelligencia.

Em 1831 depois que D. Pedro I abdicou a coroa, serenárão de todo as hostilidades com que os exaltados liberaes tinham perseguido o Senador Gomide, o qual continuou aliás á ser o que fôra, *governista* e *monarchista* constitucional.

Não fez opposição ao Governo das regencias liberaes, nem tomou parte nas conspirações e nos tramas do partido restaurador.

Falleceu em 1834, deixando só lembranças de homem bom, honrado e honesto.

D. FREI ANTONIO DE GUADELUPE (BISPO)

Filho legitimo do Desembargador Jeronymo de Sá da Cunha, e de D. Maria Cerqueira, ambos nobres, e nascido na villa de Amarante (Portugal) aos 27 de Setembro de 1672 Antonio, mais tarde de Guadelupe, no fim de applaudidos estudos conquistou na Universidade de Coimbra o gráo de Bacharel em direito canonico.

Estreou-se na magistratura, sendo Juiz de Fóra do Cível na villa de Trancoso; mas em breve, abandonando o seculo, tomou o habito serafico no Convento de S. Francisco de Lisboa em 1701, e professou a 24 de Março do anno seguinte.

Foi em Portugal pregador afamado. O Rei D. João V o elegeu Bispo do Rio de Janeiro a 25 de Janeiro de 1722, sendo confirmado pelo Papa Benedicto XIII.

A 2 de Agosto de 1725 chegou D. Fr. Antonio de Guadelupe ao Rio de Janeiro, tomou posse

do bispado e a 4 do mesmo mez effectuou sua entrada publica.

O novo Bispo quiz conhecer a sua diocese: levou annos em visitas, que ainda repetiu em 1733 e 1735.

Tomou á peito com ardor, e com severidade a instrucção e a moralidade do clero, que ainda então esquecia muito o estudo, e, salvas excepções, não se recommendava pelos costumes.

Mandou fazer *Conferencias de moral*, e obrigou os Sacerdotes a assistir a ellas sob pena de suspensão.

Os Frades menores de S. Francisco da provincia da Conceição abatião-se tanto pela ignorancia, como audazes se ostentavão em indisciplina; mas tiverão de dobrar o collo, e de começar a regenerar-se ante a energia de D. Fr. Antonio de Guadalupe.

Foi este Prelado quem mandou construir a casa ou cadeia do Aljube para os sacerdotes que mercessem a pena de reclusão.

Ao mesmo tempo elle fundou o seminario episcopal de S. José, contribuiu para a fundação da Igreja de S. Pedro, e auxiliou a do seminario dos Pobres Orphãos de S. Joaquim (Externato do Imperial Collegio de Pedro II) obra memoravel da iniciativa do pauperrimo Sachristão da igreja de S. Pedro.

Foram inumeras as esmolas que espalhou liberalmente em beneficio de igrejas e de instituições religiosas, e avultadas as sommas que despendeu em soccorros de viúvas e de orphãos pobres.

Nomeado visitador apostolico e reformador da provincia da Conceição, arrancou do seio della as ultimas raizes de indisciplina e de discordia, impoz severo a abservancia das regras e preceitos daquella religião, e preparou assim o glorioso periodo franciscano dos S. Carlos, S. Paio, Montalverne e outros.

Nomeado para a séde de Vizeu a 12 de Feveiro de 1379, D. Fr. Antonio de Guadelupe já doente, e alquebrado pelos trabalhos, deixou o Rio de Janeiro aos 25 de Maio de 1740, seguindo para Portugal a bordo do náo *Nossa Senhora da Gloria* e foi morrer em Lisboa aos 31 de Agosto do mesmo anno.

D. Fr. Antonio de Guadelupe foi o rigido e grande regenerador do clero no bispado do Rio de Janeiro. Nos seus relevantissimos serviços houve sobre tudo immensa sementeira de beneficios colhidos um pouco em sua vida e muito além da sua morte.

Em seu apuradissimo zelo religioso elle cuidou sempre de seu rebanho; mas pareceu occupar-se menos do povo, do que do clero.

D. Fr. Antonio de Guadelupe era sabio: empenhando-se, como severamente se empenhou em aconselhar, e obrigar os sacerdotes seculares e regulares a instruir-se e moralisar-se, fez tudo e o melhor que podia fazer um Bispo em proveito da educação moral e religiosa do povo da sua diocese.

ANTONIO JOÃO RANGEL DE VASCONCELLOS

MARECHAL DE CAMPO

Antonio João Rangel de Vasconcellos nasceu na freguezia de Irajá, municipio da Côrte, aos 20 de Maio de 1796.

Seu pae Modesto Rangel Silva era topographo distincto, e delle fez menção Adrien Babbi em sua obra — *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarie* no tomo segundo, pag. 97 do appendice.

Pae zeloso preparou o filho com avultada copia de estudos preliminares tornando-o versado nas linguas latina, franceza, ingleza, e italiana, e muito conhecedor da philosophia, rethorica, historia, e theologia.

Rangel de Vasconcellos assentou praça em 1823 e seguiu e completou o curso de engenharia na Escola Militar do Rio de Janeiro com as melhores approvações, sendo até premiado.

Foi nomeado lente do sexto anno da mesma

Escola; a nomeação porém foi cassada por motivos políticos, pois que elle já era conhecido como liberal de idéas as mais adiantadas.

A ablicação do Imperador D. Pedro I em 1831 encontrou Rangel de Vasconcellos no posto de Major.

Tinha concorrido muito para preparar a revolução: o Governo o empregara no Quartel General, e ahí prestou elle serviços consideraveis no sentido de suas idéas, e tanto que em grande parada e á frente das tropas o general lhe offereceu uma espada de honra em nome da *patria agradecida*.

Ligou-se depois ao partido exaltado em opposição ao Governo da Regencia, e foi redactor de um periodico de pequeno formato dedicado á causa da federação das provincias.

Por vezes eleitor de sua parochia na cidade do Rio de Janeiro mereceu tambem que a provincia da mesma denominação o elegesse membro da sua Assembléa Provincial na primeira legislatura.

Desgostos e decepções o arredarão para sempre da politica militante.

Rangel de Vasconcellos dedicou-se exclusivamente desde então a estudos e trabalhos de gabinete e á administração.

Foi por duas vezes inspector das Obras publicas do municipio da Côrte, tambem por duas vezes Director do Arsenal de Guerra, membro do Conselho de compras, Inspéctor das Obras publicas da provincia do Rio de Janeiro, Director da Casa de correccão, e ainda das Obras militares da Côrte.

No desempenho de tantas commissões, das quaes

nunca solicitou nenhuma, deixou provas e exemplo de sua capacidade intellectual, de energia, actividade, e economia dos dinheiros publicos e emfim de probidade illibada, e de honestissimo proceder.

Escreveu e publicou os seus *Apontamentos Militares*, trabalho em que mostrou quanto amava o seu paiz e desejava ser-lhe util.

Escreveu ainda interessante *Memoria sobre os pantanos de Irajá, Merity e Pilar*, a qual mereceu ser elogiada pela Academia de Medicina.

Dirigio a construcção do pharol da ilha Raza, e foi engenheiro empregado no canal da Pavuna sob as ordens do então General Cordeiro Torres.

Chegara ao posto de Marechal de Campo, era cavalleiro da Ordem de Christo e Commendador da de Aviz.

Aos cincoenta e nove annos de idade o Marechal Antonio João Rangel de Vasconcellos falleceu na cidade do Rio de Janeiro aos 27 de Agosto de 1855, legando a seus filhos o thesouro de um nome sem macula, e a gloria da mais honrada pobreza.

ANTONIO JOÃO RANGEL DE VASCONCELLOS D'ANTAS.

Aos 28 de Janeiro de 1831, nasceu Antonio João Rangel de Vasconcellos d'Antas na freguezia de Irajá, onde tambem nascêra seu pae, o General do mesmo nome, de quem trata o artigo precedente.

O General educou o filho nos principios de honra e do dever os mais severos.

Seguindo a carreira de seu pae e dotado de feliz e brilhante intelligencia fez o curso da Escola militar do Rio de Janeiro e formou-se em mathematicas.

Engenheiro distincto foi empregado na Reparação das Obras publicas e nella deixou viva lembrança da sua probidade, do seu zelo, e da extensão de suas faculdades intellectuaes, e no districto de Petropolis desempenhou commissão de que foi encarregado, prestando nos trabalhos que presidio serviços tão apreciados, e dando provas de

tanta actividade e honradez, que o seu nome ainda hoje é lembrado com saudade e elogios.

Foi membro da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro, em uma legislatura, e distinguio-se pelos seus conhecimentos, e habilidade oratoria.

Era em politica liberal de idéas adiantadas, como seu pae ; dizia-o francamente e com o enthusiasmo da juventude.

Como engenheiro e soldado fez a campanha do Uruguay.

Rebentando a guerra do Paraguay foi mandado pelo Governo Imperial á Europa com a incumbencia de compra de armamentos para o exercito : tinha o nobre official brasileiro occasião de recolher grandes lucros, aceitando as commissões que de sabido estylo cabem nas praças da Europa aos compradores ; mas Rangel de Vasconcellos d'Antas recusou-as sempre em favor do Estado, e pobre, como era, voltou á patria já affectado da molestia pulmonar, que o levou á sepultura.

Doente e abatido apenas abraçou a esposa e os filhos que amava estremecido, por que logo recebeu ordem para reunir-se ao exercito em campanha.

Os parentes e amigos pedirão-lhe que fizesse o Ministro da Guerra conhecer o estado de sua saude.

— Em caso de guerra o soldado que se preza, não dá parte de doente, ainda que o esteja : disse elle.

O Ministro soube dos graves soffrimentos de Rangel de Vasconcellos d'Antas, e com autorisação sua, o General das armas propoz ao gentil Official,

que tomasse o lugar de seu irmão (tambem Capitão de Engenheiros e Director do Laboratorio Pyrotechnico do Campinho) seguindo este para o exercito.

O Capitão Vasconcellos d'Antas não cedeu nem ao General das armas nem ás instancias do irmão, dizendo que o seu posto era no campo da guerra.

E elle partio a reunir-se ao exercito, e lá sua affecção pulmonar se foi aggravando.

Passava-se isto em fins de 1865.

O Sr. Conselheiro Francisco Octaviano era o Ministro Plenipotenciario do Brazil junto ás republicas do Prata, e por mais de uma vez vio de perto o theatro da guerra.

Conhecia elle e apreciava devidamente o character e o merecimento de benemerito Official, e informado pelo Cirurgião-mór do exercito do estado do Capitão Vasconcellos d'Antas que a olhos vistos se finava por exaggeração de brio militar, e por dedicação á patria, propoz a este que dêsse parte de doente e voltasse para o Rio de Janeiro.

— Quero morrer no meu posto: foi a resposta,

Conhecem todos o coração generoso do Sr. Conselheiro Octaviano.

O illustre Plenipotenciario mandou o Capitão Vasconcellos d'Antas em serviço á Córte do Rio de Janeiro, fazendo-o portador de communicações officiaes reservadas.

O Official teve de obedecer: chegou á cidade do Rio de Janeiro, deu conta da sua commissão e poucos mezes depois morreu em Nova-Friburgo a 19 de Fevereiro de 1867.

Tinha a esse tempo 36 annos de idade, era Capitão de Engenheiros, e ornavão-lhe o peito o Habito da Ordem de Christo, e a Medalha da Campanha do Uruguay.

A mais bella esperança decepada em flor.

ANTONIO JOÃO DA LESSA (PADRE)

Antonio João da Lessa era portuguez de nascimento, e não me é possível marcar o anno, em que veio para o Brazil: com certeza chegou ao Rio de Janeiro antes de 1821; porque o seu nome é lembrado entre os liberaes dessa época; e porque adoptou a causa da Independencia em 1822, e brasileiro ficou sendo.

Como outras tantas ephemeras notabilidades daquelle tempo, o padre Antonio João da Lessa não deixou lembrança nem data do seu nascimento, nem da sua morte, nem da sua familia, nem dos seus annos de juventude.

Delle sabe-se que se estabeleceu, como fazendeiro ou lavrador, em Cantagallo, e que gozou creditos de homem honrado e de character independente e energico.

Maçon considerado, liberal de idéas adiantadas fallou-se muito no *padre Lessa* durante o primeiro.

reinado, e os fluminenses o elegerão Deputado para a primeira legislatura.

Simplez padre e de muito limitada instrucção, elle teve o bom senso de não frequentar a tribuna da Camara; se alguma vez fallou, não o fez como pretencioso orador.

Todavia parece que com razão lhe attribuirão autoria das *Cartas ao Povo*, publicação que pouco durou; mas que foi procurada e andou por alguns mezes em estimada voga popular pelas idéas liberaes e mesmo ultra-liberaes que pregava.

O padre Lessa pagou ao Brazil, sua patria adoptiva, quantos tributos de civismo podia levar-lhe nas proporções acanhadas de sua illustração, e no empenho leal e franco dos principios politicos, que julgava em sua razão e consciencia os melhores.

Era tudo quanto d'elle se podia exigir.

Appareceu e fez-se notavel em periodo da infancia do systema de Governo representativo do Brazil, no periodo em que Vasconcellos começava como a gaguejar na tribuna, e em que Evaristo apenas se revelara em 1828.

Depois o *padre Lessa* eclypsou-se; não foi re-eleito Deputado, não ouviu mais fallar do seu merecimento dos seus serviços á causa liberal, e morreu ignorado.

E todavia tanto quanto pudera com os recursos de sua limitada intelligencia o *padre Lessa* tinha sido *missionario liberal* um pouco rude; mas em tempos ainda mais rudes, do que elle.

Esquecerão-no todos : por isso mesmo lembremol-o aqui.

O padre Lessa foi homem que deu pouco; mas que deu tudo quanto podia dar ao partido politico de suas idéas.

ANTONIO JOSÉ DE ARAUJO

Filho legitimo de Manoel José de Araujo, natural do Porto, reino de Portugal, e de Maria Paz, fluminense.

Antonio José de Araujo nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 2 de Fevereiro de 1807.

Estudou humanidades, e depois seguiu na Escola Militar o curso de mathematicas e de engenharia na cidade do seu berço, assignalando-se por sua feliz intelligencia e admiravel applicação.

Mas o mathematico, que alheio ao mundo, e todo abismado em precisões severas do calculo, esquecia horas, revolvendo problemas, era ao mesmo tempo inspirado poeta, cultivador assiduo da litteratura, estudioso philosopho que amava a methaphisica, e aprofundava estudos da religião catholica que foi sempre a sua, e emfim politico quasi exclusivamente simples partidario sem committencia do seu partido, que foi o liberal.

Na Academia Militar, mais tarde Escola Militar

Antonio José de Araujo depois de ultimar seus estudos e de doutorar-se em mathematicas, foi substituto e depois lente : lente de que materia pouco importa sabel-o ; porque como substituto, leccionou habilmente em todas ou em quasi todas as cadeiras do curso academico : mestre geral é de menor importancia dizer em que foi mestre especial.

Durante annos desempenhou a commissão gratuita de examinador de arithmetica e geometria dos candidatos á matricula na Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

Na literatura, ainda antes do seu natural florescimento na Academia Militar, fez-se conhecido e louvado em 1831 pela publicação de um volume de poesias legitimas filhas da escola *bocaqiana*, que tiveram aceitação popular, e das quaes alguns sonetos, e lyras dão testemunho do sentimento, e da enlevadora imaginação do joven e noviço poeta, aliás muito seduzido pelo seu então idolatrado Boccage.

Alguns annos mais tarde escreveu muito, poesia e prosa, na imprensa politica durante breve tempo, na imprensa diaria, publicando no *Jornal do Commercio*, artigos sob a denominação *Caverna Acustica* e outros em diversos jornaes, como os que intitulou — *Microscopio* que forão recebidos sempre com applauso geral.

Cultivou tambem a literatura dramatica quer em obras originaes, quer em traducções ; mas parece não ter primado nesse genero.

Grande amator do theatro nacional não o foi

menos do de canto italiano e durante curto periodo tomou parte por nomeação do Governo, na directoria de uma companhia lyrica italiana no Theatro Provisorio que depois do segundo incendio do de S: Pedro de Alcantara o Governo mandara construir na praça da Acclamação.

Em arena exigente de mais profundos estudos, foi distincto mantenedor de ideas religiosas em polemicas travadas na imprensa, nas quaes merecerão louvores sua orthodoxia e sua illustração.

Na Assembéa Provincial do Rio de Janeiro teve assento pelo menos em umã legislatura, e frequentou assiduo a tribuna ; nesta porem, como nas cadeiras da Escola Militar, embora lhe sobrassem conhecimentos, clareza na exposição, amenidade no estilo, e vigor na argumentação, nunca poudo brilhar como orador, senão ao lerem-se publicados alguns dos seus discursos ; porque fallava tão baixo, com voz tão sumida, que a muito curta distancia já era difficilimo ouvir o que elle dizia,

Antonio José de Araujo falleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1869.

Foi varão illustre na sciencia e nas letras, e se lhe faltão fundamentos de primazia, ou de elevado gráo de distincção em algum dos diversos campos que sua intelligencia cultivou, foi somente porque dividiu mais do que convinha as forças da sua intelligencia em actividade constante ; mas enfraquecida pela variedade da natureza dos trabalhos.

ANTONIO MANOEL DE CAMPOS MELLO

Antonio Manoel de Campos Mello nasceu na provincia de S. Paulo.

Tendo feito os seus estudos preparatorios, matriculou-se na Academia Juridica de S. Paulo, installada em 1829, e seguindo com aproveitamento o respectivo curso, tomou o gráo de bacharel em direito em 1833.

A Academia (depois Escola) Juridica celebrava-se pelo exaltamento politico dos jovens Academicos, todos, ou com rarissimas excepções, inflamados pelas idéas liberaes mais exaltadas.

Antonio Manoel de Campos Mello, conhecido em seu tempo de estudante por *Mellino*, diminutivo do seu nome de familia, era exaltadissimo patriota e republicano, e como tal figurou muito em sociedade secreta de estudantes, da qual foi Presidente Paulino José Soares de Souza, depois Visconde do Uruguay e um dos chefes do partido conservador, que então, pelos seus grandes dotes

intellectuaes, já pelos condiscipulos era tomado por principal director.

As lavas do volcão da juventude talvez que em *Mellino* se tornassem ainda mais ardentes pela lembrança de seu parentesco com o illustre e sabio Francisco de *Paula Souza e Mello*, uma das glorias mais brilhantes e puras do partido liberal do Brazil.

José da Costa Carvalho, bahiano de nascimento, mas casado e estabelecido com fortuna em S. Paulo, liberal então de idéas adiantadas e Deputado por essa Provincia, tinha fundado na capital della o *Pharol Paulistano*, periodico politico propagador de suas doutrinas, e do qual a seu convite o estudante *Mellino* foi assiduo collaborador.

Depois da abdicação de D. Pedro I, e ainda quando era membro da Regencia permanente, José da Costa Carvalho, escrevia do Rio de Janeiro cartas tão concisas como honrosas ao joven estudante, contendo estas breves palavras: «*Senhor Mellinho, vá deitando azeite no nosso Pharol—Seu amigo do coração J da Costa Carvalho.*»

Uma pelo menos destas cartinhas foi ainda á poucos annos lida pelo rude autor deste artigo biographico.

Muito mais tarde, quando José da Costa Carvalho já era Visconde de Monte Alegre, estadista do partido conservador, Conselheiro de Estado (e politico moderado, tolerante, generoso, e honradissimo), encontrando-se com o Conselheiro *Campos Mello* sempre inabalavel, abraçou-o commovido, di-

zendo-lhe : « não esquecerei nunca o tempo *virtuoso* do nosso *Pharol* ! »

Estas lembranças servem para provar que em estudante Campos Mello era de merecimento reconhecido, e de estima distincta entre varões notáveis, como Costa Carvalho e outros que com elle militavão na politica activa.

Pouco importão casos e episodios que reomendárão o estudante *Mellino* nas cousas civicas de S. Paulo em periodo fabricitante e anormal.

Bacharel em Direito Campos Mello abriu banca de Advogado, continuou a escrever na imprensa, pagando tributo ás idéas liberaes, foi membro da Assembléa Provincial de S. Paulo, fez de 1837 em diante opposição ao partido conservador, em 1842 entrou na conspiração da revolta liberal de S. Paulo, veio como commissario dos conspiradores entender-se com os Chefes do partido no Rio de Janeiro, comprar e expedir armamento, desempenhou sua secreta commissão; correndo perigos, e esmagada a revolta que rompeu, teve a felicidade de escapar ás consequencias leaes da punição do crime politico; mas sem por momentos dissimular suas ligações de partido, ostentou-se liberal fiel aos seus correligionarios vencidos, presos ou em perseguição.

Esmagadas as revoltas liberaes das provincias de S. Paulo e de Minas Geraes os chefes do partido conservador se reputárão tão absolutos senhores do Governo, que abusárão demasiado de sua

victoria e em 1844 cahirão com o estrondo da prepotencia desmoronada.

Campos Mello, prestou á nova politica todo o seu apoio ainda modesto ; mas dedicado.

Em 1846 foi nomeado Presidente da Provincia das Alagoas, em 1848 eleito Deputado pela provincia de S. Paulo, e tomando assento na Camara temporaria, estreou-se na tribuna parlamentar, pronunciando logico e energico discurso, em que desfez uma á uma todas as apaixonadas censuras feitas ao seu Governo presidencial das Alagoas.

No mesmo anno de 1848 entrou com a pasta da Justiça para o gabinete organizado pelo venerado e sabio Senador Paula e Souza.

O partido liberal resentia-se então de algumas rivalidades de deputações no parlamento, e talvez do presentimento de sua proxima sahida do poder.

Paula e Souza muito mais notavel e sabio pensador, e eximio parlamentar, do que administrador e estadista de activa acção no Governo, desanimou em pouco tempo em face menos da opposição conservadora, do que das desintelligencias dos proprios amigos, e de indicações manifestas de eminente mudança da situação politica ; em luminoso discurso que proferio, denunciou a sua desesperança na famosa imagem depois tantas vezes repetida, do caboclo que não podendo assoberbar o impeto das aguas quebra o remo e deitado no fundo da canôa abandona esta á corrente violenta.

O gabinete enfranqueceu com a real ou supposta molestia de Paula e Souza que se recolheu

com parte de doente ; mas ainda assim manteve-se no poder até 29 de Setembro, em que foi demittido, sendo os conservadores chamados ao Governo.

Desse Ministerio o Conselheiro Campos Mello, não foi no parlamento o principal mantenedor de tribuna, embora por vezes proferisse importantes discursos, porque o seu collega Souza Franco já então ostentava a valentia herculea de orador inspirado ; em compensação porem mais do que Souza Franco, mais do que os outros Ministros, e muito mais do que Paula e Souza foi elle o aconselhador mal ouvido de politica energica, e de resoluções decisivas para a força e a vida do gabinete.

De 1848 em diante o Conselheiro Campos Mello militou na opposição liberal. Em 1851 foi um dos principaes relactores da *Reforma*. Em 1855 coope-rou muito para a politica chamada da *conciliação* (no tempo do gabinete do Marquez de Paraná), e é curioso ; mas absolutamente certo que então elle operava activo o milagre politico de estreitar intelligencias e combinações entre Salles Torres Homem (depois Visconde de Inhomerim) que era o paladino da conciliação, e Justiniano Rocha o valente adversario della em brilhantes combates da imprensa.

Mais tarde quando o illustre e preclaro estadista chefe conservador Euzebio de Queiroz disse no Senado «eu me acho hoje mais perto dos liberaes, do que de meus amigos conservadores», durante o periodo á que chamavão de *politica geographica* do gabinete *Olinda-Souza Franco*, o Conselheiro Campos Mello,

liberal que não apoiava esse gabinete, entreteve relações politicas, a que não foi estranho algum outro liberal bem pronunciado com Euzebio de Queiroz, relações e *começos* de intelligencia, que mal ou bem para a vida e futuro dos partidos liberal e conservador se desvanecêrão, e se annullárão em face de subseqüentes modificações, e alterações da politica.

Em 18 o Conselheiro Campos Mello aceitou do gabinete conservador do Marquez depois Duque de Caxias a Presidencia da Provincia do Maranhão.

Os liberaes não perdoárão então ao Conselheiro Campos Mello na aceitação dessa presidencia a unica jaça do puro brilhante de sua vida immaculada de liberal dedicadissimo.

Prestando-se a ser no governo da Provincia do Maranhão delegado de um gabinete conservador Campos Mello nem por isso sacrificou suas idéas politicas: errou; mas o seu erro foi devido a compromissos e ligações que tomara, quando poucos annos antes se empenhara em favor da politica da *conciliação*, e é quasi certo que a influencia daquella aspiração illusoria e já desvanecida não o teria feito incorrer nessa falha de homem de partido, se o seu espirito mais livre de cuidados e de preocupações, tivesse podido reflectir maduramente.

O Conselheiro Campos Mello a esse tempo já começava a experimentar os tormentosos soffrimentos que d'ahi em diante se complicárão e aggravárão cada vez mais até sua morte.

Os medicos e os amigos o aconselhavão e elle

mais que tolos desejava sahir da Côrte e procurar em outro clima lenitivo a seus males.

Foi principalmente esta a razão que determinou aquelle erro politico da presidencia do Maranhão; possa ou deva ella porém sêr escusa, ou ao menos desculpa, é inegavel o erro politico.

A historia é cruel em sua fria severidade; porque muitas vezes profere suas sentenças, julgando sobre actos importantes de varões illustres sem ter conhecimento nem idéa de circumstancias especialissimas e poderosas, em que elles se achárão.

Combatido e hostilizado pelos liberaes do Maranhão, apenas defendido por dous liberaes seus amigos intimos na Côrte, o Conselheiro Campos Mello dimittio-se da compromettedora presidencia logo no anno seguinte.

De volta á capital do Imperio o ex-Presidente do Maranhão deu pleno testemunho de sua fidelidade ao partido liberal, continuando a alimentar suas intelligencias politicas exclusivamente com os liberaes.

Mas o Conselheiro Campos Mello, em balde suas illusões, já não era mais o antigo lidador capaz de ostentar-se activo e forte nos combates civicos. Sómente a sua prodigiosa organização physica que era como organização de ferro podia resistir as ruinas profundas de sua saúde.

Em 1864 o partido liberal subio ao poder, e delle desceu ou foi descido em 1868.

Campos Mello ficou ou teve de ficar esquecido nesse periodo.

Affecção pulmonar que ameaçava-lhe a vida, aggravara ainda mais os já antigos padecimentos : as aguas thermaes da Provincia de Minas o salvárão ; deixando-lhe porém affecções arthricas, que lhe impedião o movimento dos dedos das mãos.

O Conselheiro Campos Mello reapareceu assim como um invalido, na capital do Imperio : apezar disso ainda em 1876 escreveu e publicou pequeno folheto politico em opposição ao Gabinete conservador do Sr. Duque de Caxias, e em sustentação das doutrinas liberaes democratas de harmonia com o systema monarchico constitucional.

As enfermidades progredião terriveis ; mas o enfermo reagia admiravel, disputando a vida.

Ao romper do anno de 1878 começou para o Imperio nova situação politica liberal.

O velho Conselheiro Campos Mello exultou ainda uma vez, saudando a victoria constitucional do partido, a que desde a juventude se dedicara ; sua saudação porém partia da beira de uma sepultura.

O liberal entusiasta já era apenas como um cadaver ambulante ; quasi sem pulmões, quasi de todo cego, aleijado das mãos e movendo a custo os passos, vivia só pelo espirito e pela palavra.

Mas ainda para o moribundo o mundo tem ás vezes illusões, que dissimulão a proximidade da agonia. O Conselheiro Campos Mello mesmo naquelle afflictivo estado pensava em apresentar-se candidato em eleição de Senadores pela sua Provincia, quando a morte apagou-lhe a aspiração da cadeira vitalicia.

O Conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello descançou para sempre em Setembro de 1878.

Varão distincto pela sua probidade e pelas suas virtudes, o Conselheiro Campos Mello era altamente notavel por grande força de vontade e de perseverança. Era homem de muito estudo ; mas de intelligencia, a que faltavão brilhantismo e certa elevação ; em seus escriptos, como em seus discursos peccava por cuidar pouco da forma e do estylo ; mas em sua vida politica essas difficiencias erão mais que compensadas pela energia do seu espirito, pela firmeza de seu character, pela actividade dos seus serviços, e pela lealdade e pelos sacrificios de que deixou na lembrança dos amigos provas evidentes.

O Conselheiro Campos Mello fez muito pelo partido liberal, que aliáz, talvez por não conhecer bastante as proporções de sua capacidade politica, não o considerou tanto, quanto devia, e lhe fora util.

ANTONIO MUNIZ BARREIROS.

Natural de Pernambuco, filho de um portuguez de igual nome, morador naquella capitania, e a quem fora dado o despacho de Provedor-mor da Fazenda Real no Brazil sob a condição de fundar duas fabricas de assucar (*engenhos*) no Maranhão, Antonio Muniz Barreiros foi mandado por seu pae para realisar alli a obrigação condicional que tomára.

No Maranhão Antonio Muniz não só satisfez a incumbencia que lhe dera seu pae, como exerceu cargos importantes, inclusive o de Capitão-mór, procedendo de modo a conquistar a estima e a confiança geral.

Em Novembro de 1641 os hollandezes sob o commando do Coronel Hoin mandado do Recife (capital do então Brazil hollandez) a fazer a conquista do Maranhão, tomárão sem difficuldade, nem resistencia a cidade de S. Luiz por fraqueza e indignidade do Governador o velho Bento Maciel.

Os holandezes senhores da capital estendêrão o seu dominio no Maranhão, atormentando os seus habitantes com violencias, estorsões e roubos.

Os proprietarios dos engenhos de assucar de Itapicurú virão passar essas suas propriedades para o poder do hollandez e forão obrigados a servir nellas como feitores sob a vigilancia de destacamentos militares. Os colonos todos soffrião uns em seus haveres, outros em sua honra.

Os opprimidos e ultrajados em seu patriotismo resolvêrão insurgir-se e a uma voz designárão para seu chefe a Antonio Muniz Barreiros, que aceitou a gloriosa distincção e responsabilidade.

Antonio Muniz tinha sido um dos fazendeiros transformados em feitores ; mas sobre tudo ardia por vingar as injurias feitas á patria.

Na noute de 30 de Setembro os insurgentes reunidos em lugar apazado marchárão sobre os engenhos do Itapicurú, tomárão-nos, dando a morte aos soldados holandezes nelles destacados, e ao romper do dia seguinte Antonio Muniz com os seus valentes companheiros apoderou-se do forte do Calvario á margem do Rio Itapicurú, sendo mortos cerca de setenta soldados da guarnição.

Iniciada assim a guerra regeneradora do Maranhão, Antonio Muniz chefe dos insurgentes não teve mais descanso : habil e energico, embora mal auxiliado ; porque apenas recebeu fracos soccorros da capitania do Pará, glorificou-se na luta não só dirigindo-a como se fora amestrado General, ora batendo-se em pessoa, como intrepido soldado.

Não lhe coube a dita de saudar a regeneração da patria, porque a morte apanhou-o no meio da gloriosa e difficilima guerra, em que á frente da sua cohorte de patriotas combatia contra soldados agueridos.

As fadigas e subita molestia levárão em 1643 á sepultura Antonio Muniz Barreiros, o primeiro e denodado chefe da insurreição regeneradora do Maranhão.

ANTONIO RODRIGUES MARTINS.

Na cidade do Rio de Janeiro recebeu a instrução primaria e dedicou-se á arte de ourivesaria.

Estabelecendo loja de ourives depois de 1821 na rua dos Ourives entre as do Hospicio e da Alfandega, começou logo a adquirir extensa freguezia, e numerosas relações na cidade.

Era homem bom, generoso, estimado pela sua amabilidade e singeleza e ainda mais por estabelecida, reputação de probidade : sua palavra obrigava illimitada confiança : na sua loja quando elle determinava o preço de uma obra, ou de uma joia, o comprador não discutia ; porque já estava certo que Antonio Rodrigues não lhe pedia nem mais nem menos do que era licito, conforme o valor do objecto, e o seu lucro moderado e justo.

Gozando taes creditos de honradez, de perfeita lisura nos negocios, de consciencia sã, e de bondade, esse ourives e estimado cidadão teve certo

prestigio e verdadeira influencia na cidade do Rio de Janeiro.

O seu maior florescimento principiou na época da Independencia do Brazil e da fundação do Imperio, que precedêrão ao mais vivo antagonismo intransigente dos partidos politicos no primeiro reinado.

Nesse tempo os ourives e os boticarios tiveram fama de liberaes exaltados na capital do Imperio ; porque realmente o erão alguns dos principaes d'entre elles.

Antonio Rodrigues Martins, envolvendo-se francamente em politica depois da dissolução da Constituinte brazileira em Novembro de 1823, declarou-se *republicano* sem dissimulo algum.

De instrucção limitadissima, como ficou dito, não tendo, nem podendo ter aspirações de elevação politica, absolutamente isento de ambição pessoal, Antonio Rodrigues Martins em todo o correr do primeiro reinado não teve entre os liberaes republicanos quem o excedesse em sacrificios por amor da sua bandeira.

Sua fortuna mediocre ; mas em lisongeiro desenvolvimento esperançoso resentio-se de donativos particulares, e da participacção em multiplices subscripções em favor de proscriptos, e de occultos compromettidos na revolução de 1824 em Pernambuco, na Parahyba do Norte, e no Ceará, do concurso pecuniario para alimentar a imprensa republicana, e para despesas avultadas e imprescindiveis de sociedades secretas, que preparavão a Revolução.

De 1826 a principios de 1831 a loja do ourives Antonio Rodrigues Martins tornou-se diariamente ponto de reunião e de palestra de republicanos, o que fez diminuir não pouco a concurrencia de freguezes que se vexavão de ir perturbar o apaixonado e entusiasta patriota.

Mas Antonio Rodrigues Martins quasi que não dava por isso, vendo-se talvez um pouco vaidoso cercado em sua loja por Deputados republicanos, como Bernardo de Vasconcellos, Padres José Bento e Custodio Dias, o Venerando Amaral, Carneiro da Cunha, Vieira Souto, João Mendes Vianna, e outros.

Intransigente elle não tinha em boa conta politica Evaristo Ferreira da Velga, e repugnava a escola monarchico-constitucional da *Aurora Fluminense*.

Os dias de desillusões hião chegar para Antonio Rodrigues.

Na noite de 6 de Abril elle se apresentou no campo de Sant'Anna de espingarda ao hombro, e prompto á sacrificar tambem a vida pela sua idéa — a republica; mas na madrugada de 7 de Abril a noticia official e inesperada da abdicação do Imperador D. Pedro I o sorprehendeu, e ainda mais attonito ficou, ouvindo no mesmo dia proclamado com entusiasmo geral o Imperador o Senhor D. Pedro II.

O republicano de boa fé e todo esperanças começou *á não comprehender* os seus homens.

Logo depois elle vio com desapontamento muito mais vivo Vasconcellos, José Bento, Custodio Dias, Vergueiro, Alencar, Carneiro da Cunha, Feijó, Hen-

rique de Rezende e outros republicanos de sua quasi cega confiança ligados a Evaristo para defender, e salvar a monarchia constitucional.

Com a sua intelligencia acanhada e tão pouco esclarecida o republicano Antonio Rodrigues Martins *não comprehendeu* a grandiosa e patriótica politica do *rei do bom senso*, do archi-benemerito Evaristo, e com o seu ardor, e com a sua dedicação illimitada pronunciou-se em opposição desabrida, tomando seu posto no *partido exaltado e federalista das provincias*.

Soffreu perseguições, como suspeito de entrar em conspirações contra a ordem publica, com certeza fez parte de conjuração muito seria, que não vingou por desavisos incompletos do prazo dado para o rompimento, do que resultou a revolta parcial e facilmente esmagada de Miguel de Frias a 3 de Abril de 1832.

Suspeito; mas livre de provada complicitade Antonio Rodrigues Martins experimentou *novo desapontamento*, assistindo ao inopinado e completo *echec e mate* do seu esperançoso *golpe de Estado de 30 de Julho*, que o levava a fazer pazes com os seus antigos chefes republicanos.

Confundido e confuso entrou no numero dos liberaes exaltados que depois de 30 de Julho o povo chamou *mamados*: Antonio Rodrigues Martins pensou em retrahir-se um pouco da politica, em que tantos desenganos achara, e cuidando da propria fortuna, reconheceu o que já conhecia, reconheceu-se impobrecido, arruinado.

Trabalhou; mas vio tambem. que não podia mais trabalhar, como outr'ora.

Antonio Rodrigues Martins era homem de alta estatura e corpulento; com a idade desenvolveu-se-lhe gordura exagerada que lhe peava a actividade.

Ainda assim elle trabalhava; mas fazia pouco.

O velho patriota começou a experimentar os primeiros tormentos e as apprehensões futuras da pobreza. Tinha esposa e filhos, cujos cuidados o fazião soffrer muito mais.

Em 1834 o Ministro da Fazenda nomeou Antonio Rodrigues Martins porteiro da Alfandega, emprego que lhe dava seguranças de pão e de modesta; mas facil vida para a familia.

Em 1837 ou em principios de 1838 o Ministro da Fazenda Calmon, depois Visconde e Marquez de Abrantes fulminou o pobre velho Antonio Rodrigues Martins com a demissão daquelle emprego.

Calmon tinha sido como Ministro do primeiro Reinado objecto da mais furente opposição dos liberaes, e por certo de Antonio Rodrigues Martins; mas defendeu-se das suspeitas de vingança cruel, e condemnavel, informando que não podia ser porteiro da Alfandega homem que por obezo dormia, quando lhe era indispensavel estar velando activo.

Vingança ou zelo do serviço publico, e, talvez melhor, pretexto de zelo fiscal aproveitado por antigo resentimento, Antonio Rodrigues Martins foi dimittido e voltou ainda mais empobrecido ás sombras e ao esquecimento da sua vida privada.

Os velhos liberaes do primeiro Reinado ainda

uma vez puderão vel-o, e saudal-o entusiasta, e energico em 1840 no mesmo campo de Sant'Anna ou praça da Acclamação, pronun ciando-se pela causa da maioria do Imperador, que era então a causa do partido liberal.

Em 1840 o firme republinano de boa fé entrou no occaso depois do seu crepusculo de 23 de Julho. Pouco, bem pouco viveu ainda : pobre, muito triste, desenganado em relação á muitos homens ; mas sempre com a sua aspiração politica Antonio Rodrigues Martins morreu na cidade do Rio de Janeiro em 1846 quasi de todo esquecido pelos seus antigos correligionarios politicos e apenas lembrado por muito resumido numero de amigos particulares.

D. ANTONIO ROLLIM DE MOURA TAVARES

CONDE DE AZAMBUJA.

Descendente da illustre varonia de Val dos Rios por filho de Nuno de Mendonça, D. Antonio Rollim de Moura Tavares, Conde de Azambuja foi o segundo na serie dos Vice-Reis do Rio de Janeiro.

Era elle em Portugal Capitão de infantaria, quando em 1750 foi nomeado governador da nova capitania de Cuyabá e Matto Grosso, cargo que exerceu desde Janeiro de 1751 até Janeiro de 1765, prestando grandes serviços: fundou Villa Bella depois cidade de Matto Grosso, abriu estradas, bateu os castelhanos, ou gente dos jezuitas invasores, e por seu bom governo mereceu depois de o deixar que o povo de Villa Bella mandasse tirar o seu retrato e o collocasse na sala da Camara Municipal.

Passou o Conde de Azambuja a Governador da

Bahia desde 25 de Março de 1766; mas logo em Agosto do anno seguinte foi mandado a succeder ao Conde de Cunha no Vice-Reinado do Rio de Janeiro, capital do Brazil-colonia.

Os quatorze annos de governo de Matto Grosso tinhão estragado a saude do Conde de Azambuja.

No seu Vice-Reinado que começou a 21 de Novembro de 1767 e terminou a 4 de Novembro de 1769 limittou-se a fazer levantar planos de fortificações, a crear corpos de milicias, e a mudar do centro da cidade para a casa que fôra Collegio dos Jesuitas o Hospital Real.

Retirando-se para Portugal, como por vezes pedira, ainda exerceu cargos importantes.

ANTONIO TEIXEIRA DE MELLO

Não nos é possível dar informações sobre a naturalidade e filiação deste varão benemerito que se illustrou na guerra contra os Holandezes que em Novembro de 1641 effectuárão a conquista do Maranhão.

No artigo biographico de Antonio Muniz Barreiros ficárão indicados ligeiramente o facto da conquista, a oppressão dos conquistadores, as offensas á propriedade e á honra dos habitantes, e a extorsão ou roubo das *fazendas* (engenhos de assucar) do Itapicurú, cujos proprietarios forão obrigados á servir nellas de feitores sob a vigilancla de destacamentos militares, e emfim a 30 de Setembro de 1642 o rompimento da gloriosa insurreição maranhense, de que foi benemerito chefe aquelle mesmo Antonio Muniz Barreiros.

Antonio Teixeira de Mello era Capitão-mór, muito estimado, e gozando de geral consideração: fazendeiro reduzido tambem a feitor da sua fazenda

usurpada pelo governo dos conquistadores, e patriota de coração, foi prompto em tomar parte na conspiração contra o dominio hollandez e em aconselhar que se tomasse por chefe a Antonio Muniz.

A insurreição rompeu na noite de 30 de Setembro, sendo de surpresa tomadas todas as fazendas do Itapicurú, e mortos em combate, e depois de vencidos todos os soldados hollandezes nellas em destacamento.

A ultima das fazendas, ou o ultimo dos engenhos tomados nessa noite foi o do Capitão-mór Antonio Teixeira de Mello; mas por sua generosa intervenção forão poupadas as vidas de muitos dos inimigos ahí vencidos, facto este que abona muito o character desse varão.

Antonio Teixeira de Mello servio activa e galhardamente na guerra patriotica sob o commando ou chefança de Antonio Muniz e tanto se distinguio, que, morrendo este, herdou-lhe a gloria, e todos os perigos da direcção da bellicosa e heroica lide.

Guerreados sem tregua, e por fim apertados e ameaçados na cidade de S. Luiz de rendição forçada e á discricção de Antonio Teixeira de Mello, tão activo, como habil e bravo, os hollandezes, já baldos de viveres, que por terra não recebem absolutamente, e por mar não lhes vinhão, nem soccorros de combatentes desde muitos mezes de Pernambuco, metêrão-se em tres ruins navios e a 28 de Fevereiro de 1644 evacuárão a cidade capital do Maranhão, seu extremo ponto occupado, encravando antes toda

a artilharia que deixarão, e destruindo grande numero de edificios.

O Capitão-mór Antonio Teixeira de Mello, heroico chefe restaurador do Maranhão, hasteou victoriosamente na cidade de S. Luiz a bandeira portugueza, e coberto de louros; mas tão magnanimo, como exemplarmente modesto, se recolheu pouco depois á vida privada.

Ignora-se onde e quando morreu o Capitão-mór Antonio Teixeira de Mello, tão benemerito como outros justamente applaudidos e exaltados heroes da guerra muito notavelmente *brazileira* contra o dominio hollandez.

ANTONIO TELLES DA SILVA

Nobre pela sua ascendencia, benemerito pelos seus feitos e consummada habilidade politica, Antonio Telles da Silva, portuguez de nascimento, e de florescente vida, apenas durante quatro annos e mais seis mezes Governador geral do Brazil, deixou nome que ninguem poderia arrancar da historia dessa então grande colonia de Portugal.

É o Telles da Silva de 1642 a 1647 que nos cumpre lembrar aqui.

Em 1640 (a 1 de Dezembro) effectuára-se a revolução regeneradora de Portugal, sendo despeçado o jugo hespanhol.

A 12 de Junho de 1641 D. João IV o novo Rei de Portugal ajustou em Haya com as Provincias Unidas um tratado de alliança offensiva e defensiva contra a Hespanha, e um armisticio de dez annos, que começaria a ter effeito no Brazil, logo que alli fosse a ractificação do tratado officialmente communicada.

O Governo portuguez demorou descuidoso aquella ratificação até Fevereiro de 1642, em que a fez chegar a Haya, e o da Hollanda, aproveitando a demora, ordenou secretamente a Mauricio de Nassau, que estendesse logo a conquista hollandeza no Brazil.

Em Novembro de 1641 mandou o principe uma expedição commandada pelo Coronel Koin á conquistar o Maranhão, empreza que teve exito feliz e facil.

Antonio Telles da Silva nomeado Governador geral do Brazil, chegou á cidade de S. Salvador da Bahia e a 26 de Agosto de 1642 tomou posse do seu cargo.

Estava oficialmente declarado o armisticio ; mas Telles da Silva reflectindo sobre a má fé, com que o Governo hollandez abusára da demora da ratificação do tratado, adoptou política sagaz, e como modelada pela duplicidade, de que os Estados geraes das Provincias Unidas tinham dado lição.

Em todos os seus actos publicos respeitava sempre e recommendava que se respeitasse o armisticio ; mas em segredo laborava para excitar a revolta nas Provincias conquistadas pelos hollandezes.

Em 1644 o Principe Mauricio de Nassau deixou o Governo do Brasil Hollandez e se retirou para a Hollanda, para a qual foi este acontecimento um verdadeiro desastre.

Telles da Silva aproveitou tão grande erro, e em Setembro do mesmo anno fez seguir o Tenente Mestre de Campo Vidal de Negreiros para Pernam-

buco em caracter particular e a pretexto de ir visitar sua familia, indo para esse fim por terra a Parahyba.

Vidal de Negreiros desempenhou zeloso sua tarefa, e voltou para a Bahia, deixando urdida extensa conspiração.

Em 1645 Telles da Silva nomeou Vidal de Negreiros Governador da fronteira do Norte, e este fez logo em Março partir para os sertões de Pernambuco o Capitão Antonio Dias Cardoso, com setenta soldados para auxiliar a revolta, e a 25 de Março do mesmo anno Henrique Dias com a sua gente para o mesmo empenho, e sob o pretexto de perseguir a este Camarão com os seus indios.

A insurreição rompeu a 13 de Junho: o grande Conselho Hollandez enviou a 7 de Julho á Bahia um de seus membros o Major Hoogstraeten para pedir explicações a Telles da Silva, de cuja complicitade com a revolta havia suspeitas. O Governador Geral protestou que respeitava o armisticio, obsequiou os dous emissarios, e assegura-se que conseguiu alliciar Hoogstraeten.

Em Agosto mandou Telles da Silva dois regimentos regulares sob o commando de Vidal de Negreiros e de Martin Soares Moreno desembarcar em Tamandaré *para obrigar* os insurgentes pernambucanos á entregarem-se aos hollandezes; mas os dois regimentos e seus Chefes unirão-se á elles e Vidal de Negreiros passou a commandal-os!

Em 1646 D. João IV recebendo dos Estados Geraes da Hollanda queixas que se repetirão até

tornar-se quasi ameaçadoras, ordenou a Telles da Silva que em seu nome desarmasse a insurreição pernambucana: dous jesuitas forão os portadores da ordem do Rei levada aos chefes insurgentes; estes porém desobedecerão a ella.

Emfim D. João IV cedeu ás exigencias da Hollanda e a 22 de Dezembro de 1647 Antonio Telles da Silva foi rendido no Governo Geral do Brazil, que logo depois deixou.

Mas elle deixava tambem animada por successivas victorias, dominante no interior e já ameaçando o Recife a gloriosa insurreição pernambucana, que elle habil e patrioticamente preparara e fizera romper.

BELLARMINO RICARDO DE SIQUEIRA.

BARÃO DE S. GONÇALO

Filho legitimo do Coronel Carlos José de Siqueira Quintanilha e de D. Maria Antonia do Amaral, neto do Tenente Carlos Corrêa de Siqueira Coutinho e de D. Jeronyma Thereza de Abreu Rangel, do Capitão Antonio Dias Delgado de Carvalho e de D. Catharina Isabel Maria da Victoria, bisneto de Sebastião de Siqueira Lordello Madureira, de D. Catharina Corrêa Coutinho, de João de Torres Quintanilha, dos Mestres de Campo Antonio Dias Delgado de Carvalho, e João de Abreu Pereira, de D. Barbara de Mattos Louzada, e de D. Escolastica Ferreira Drnmmond, nasceu Bellarmino Ricardo de Siqueira no actual municipio de Saquarema, Provincia do Rio de Janeiro, a 8 de Fevereiro de 1792.

Seu pae que servio ao Estado por mais de 40 annos desde soldado particular do 2.º Regimento

de linha da guarnição da cidade do Rio de Janeiro, e denominado Regimento novo, até Coronel de cavallaria de 2.^a linha, era pouco abastado de bens. Sustentando numerosa familia com o seu soldo e com o producto de pequeno estabelecimento rural que lhe coubera em legitima destinou o filho á carreira commercial, dizendo : « Este ha de ser o meu bastão para a velhice. »

Tendo concluido os seus estudos de instrucção primaria, Bellarmino Ricardo de Siqueira, descendente de nobres familias distinctas em Portugal e no Brazil, foi em 1804 empregado como simples caixeiro em uma casa commercial do Rio de Janeiro, o que prova que seu pae era homem de muito juizo.

Activo e infatigavel no trabalho, economico, muito intelligente, espirituoso, e de genio alegre e brincão, Berlarmino foi adquirindo fortuna, ganhando sympathia, estima e consideração.

A prophesia paterna realisou-se extensamente como se vai vêr.

Sem abandonar o commercio Bellarmino explorou com vantagem a agricultura em duas fazendas ou fabricas de assucar, uma no municipio de Nictheroy na actual freguezia de Cordeiros, outra no municipio (posteriormente creado) de Araruama; lançando assim os fundamentos da avultada fortuna que soube erguer.

No fim á poucos annos depois da sua entrada na carreira commercial já elle auxiliava a familia; mais tarde foi o seu genio protector.

Sua mãe veneravel matrona fallecida em 1839, escreveu antes de morrer uma carta que deixou aos filhos, e nella dice o seguinte: «Meu querido Bel-larmino, o céo te destinou para meu amparo e de minha pobre familia. Eu morro, conhecendo os teus beneficios, e a ternura do teu coração».

Com effeito esse homem, verdadeiro symbolo do amor filial e fraternal exaltou tão generoso sentimento, e a sua dedicação até o ponto de viver celibatario; mas chefe de numerosa e honestissima familia, e sendo até o dia de sua morte o protector ou melhor o pae zeloso de suas dignas irmãs e de seus sobrinhos.

Mas nem porisso elle se descuidou do que devia ao serviço da patria e nos cargos publicos e particulares que exerceu, deixou gratas recordações de solicitude, de probidade, e de intelligencia.

Em 1822 prestou serviços pessoaes e pecunia-rios á causa da Independencia, e naquella época foi iniciado na maçonaria na mesma noite em que para ella entrou o Principe-regente depois Imperador D. Pedro I.

Foi Commandante Superior da guarda nacional dos municipios reunidos de Magé e Nictheroy desde 27 de Junho de 1842, e deste ultimo municipio sómente desde 20 de Fevereiro de 1862 até o dia em que morreu.

Foi um dos fundadores do Banco Rural e Hypothecario e seu Presidente durante oito annos, e socio bemfeitor da Sociedade de Instrucção.

A 25 de Abril de 1849 Sua Magestade o Im-

perador o agraciou com o titulo de Barão de S. Gonçalo, de Grande do Imperio em 15 de Dezembro de 1854, de Fidalgo Cavalheiro da Casa Imperial em 5 de Julho de 1855, com o Officialato da Imperial Ordem da Rosa em 3 de Dezembro de 1855 e com a Commenda da mesma Ordem em 26 de Janeiro de 1867.

Estas graças recordão outros serviços.

O Barão de S. Gonçalo foi membro do Conselho Fiscal do Imperial Instituto de Agricultura, um dos benemeritos fundadores e Provedor do Asylo de Santa Leopoldina em Nictheroy.

Por mais de 12 annos teve por eleição da Provincia assento na Assembléa Provincial do Rio de Janeiro e nella se distinguio não como orador illustrado que não podia ser; mas pela inspiração epygrammatica em apartes incisivos, e por alguns breves discursos em que scintillava o seu natural espirito.

No fim da ultima legislatura que precedeu a eleição por districtos o Barão de S. Gonçalo tomou a palavra, e a pretexto de despedida; porque não tornava a apresentar-se candidato á Assembléa (e aliás poderia sem duvida conseguir ser eleito) pronunciou memoravel discurso humoristico riquissimo de ironias e de alticismo fulminadores da reforma eleitoral, e durante meia hora excitou continua hilaridade do auditorio, e de tal modo que foi impossivel ao tachygrapho tomal-o; pois que o tachygrapho não podendo tambem esquivar-se á hilaridade geral, largou de todo o lapis, com que escrevia:

Esse discurso de principio á fim tecido de continuos epigrammas felicissimos, em que para rir, e fazer rir da reforma eleitoral e dos politicos em geral o orador chegou habilmente a zombar de si proprio, esse discurso foi reproduzido, e pode ler-se ainda na *Semana do Jornal do Commercio*, folhetim hebdomadario, de que era redactor um dos membros da Assembléa e collega do Barão de S. Gonçalo, a mesma pessoa que agora escreve rudemente este artigo biographico.

Sem instrucção litteraria, e ainda menos scientifica o Barão de S. Gonçalo era homem de admiravel talento, e da mais attractiva conversação pela sua graça natural, e incessante e imperturbavel veia humoristica.

Compunha ás vezes versos, e todos quantos ouvimos em quadras rimadas, alguns dos quaes de tanto espirito que Nicolau Tolentino quereria te-los escripto, e além desses é notavel uma composição igualmente de quadras rimadas feitas em despedida ás senhoras de Paquetá após breves semanas de estada nessa poetica ilha, em que ha tanta doçura melancolica de saudade, tão enlevador sentimento, que parece obra sahida pura do coração.

Essa suavidade porém foi excepção: o forte do Barão de S. Gonçalo era o epigramma.

E' pena deixarem-se não conhecidas pelo menos duas ou tres de suas composições nesse genero, composições por certo ligeiras; mas que tem o seu merecimento proprio, obrigando a rir ao homem mais grave e mais infezado.

O Barão de S. Gonçalo falleceu com 81 annos de idade a 9 de Setembro de 1873 na cidade de Nictheroy.

O testamento que deixou foi digno d'elle. Libertou trinta e cinco escravos, dando-lhes dinheiro para construir suas casas e terras para trabalhar; legou cerca de cincoenta contos de reis para socorrer pobres e desvalidos, e donativos ao Asylo Santa Leopoldina, a diversas irmandades, e á instrucção primaria da sua freguezia; distribuiu grande parte de seus bens por suas irmãs e sobrinhos, e embora com menores legados contemplou parentes, afilhados, amigos, empregados e aggregados seus, deixando o remanescente de sua fortuna em commum ás suas irmãs e seus testamenteiros.

BENTO BARROSO PEREIRA.

Natural da cidade do Rio de Janeiro, e oriundo de familia distincta e abastada, Bento Barroso Pereira nasceu no ultimo quartel do seculo decimo oitavo, e depois de fazer os seus estudos primarios na mesma cidade, passou-se para Portugal, onde seguiu o curso de mathematicas e de engenharia militar, assentando praça e entrando para o corpo de engenheiros,

Não nos foi possivel averiguar, quando voltou para o Brazil ; certo é porem que estava no Rio de Janeiro. quando se derão os acontecimentos politicos de 1821, 1822 e 1823.

Desde aquelle primeiro anno adoptou a idéa da Independencia do Brazil, e nos seguintes mostrou-se inteiramente dedicado ao Imperador D. Pedro I.

Varão illustrado, Coronel de Engenheiros, e com familia de alguma influencia no Rio de Janeiro Bento Barroso Pereira entrou nas listas senatoriaes offercidas á escolha do Imperador, e foi

por este nomeado Senador do Imperio em 1826, anno da organisação do Senado.

Na primeira legislatura brazileira de 1826 a 1829 a sessão de 1826 correu como que dubia e receiosa da parte dos liberaes da Camara temporaria ; mas de 1827 em diante a opposição se tornou alli cada vez mais vehemente, emquanto na vitalicia dominavão as doutrinas da monarchia forte, representadas principalmente pelo Marquez de Paranaguá, e pelo Visconde de Cayrú, que alias em algumas de suas obras ensinou principios liberaes.

Bento Barroso Pereira era e sempre o foi Senador governamental, e ganhou reputação de moderado e tolerante.

Sem que primasse como orador parlamentar, tanta consideração merecia por sua intelligencia illustrada e seu espirito conciliador que por vezes foi Presidente do Senado.

Em 1828 o Imperador o chamou ao Ministerio, encarregando-o da pasta da guerra.

Nesse mesmo anno pronunciou-se na cidade do Rio de Janeiro verdadeira sedição de batalhões estrangeiros engajados para o serviço do Imperio.

No dia 11 de Junho declarou-se em motim um batalhão de allemães em consequencia do castigo que recebia um dos seus soldados, e logo veio fazer causa commum com os allemães a soldadesca do batalhão de irlandezes. Rompeu a sedição. Os soldados estrangeiros sahirão do quartel do campo de Sant'Anna, espálharão-se pelas ruas da cidade, roubárão casas de negocio, principalmente tabernas,

e derramarão o terror com attentados que perpetrarão.

No dia seguinte os sediciosos, cujo numero augmentara, assassinarão o Major do batalhão de allemães, ferirão dous officiaes, que procuravão contel-os; e repitirão ainda mais furentemente as scenas da vespera nas ruas da cidade.

Verdade inverosimil, durante cerca de quarenta e oito horas a força publica não appareceu para esmagar a sedição, e triste é dizel-o, os sediciosos que se mostravão em grupos ameaçadores, e selvagens pelas ruas da cidade só achárão á tomar-lhes os passos em alguns pontos—os *capoeiras* que matárão e ferirão a não poucos delles.

Finalmente quasi no fim de quarenta e oito horas o Ministro da Guerra Bento Barroso Pereira deu ordem para que os corpos militares brazileiros atacassem os soldados sediciosos estrangeiros, dos quaes muitos forão mortos e feridos.

Sem duvida o Ministro da Guerra salvou a ordem e a tranquillidade publica, mandando pôr termo a sedição, e aniquilal-a pelas tropas nacionaes; não é porem desculpavel que por dous dias se demorasse tal providencia que teria poupado, se promptamente fosse tomada, tanto terror á cidade, e tantas vidas (cerca de cem) aos proprios sediciosos.

Nesse mesmo anno de 1828 Bento Barroso Pereira pedio e obteve sua demissão de Ministro da Guerra.

Fóra do Governo continuou sempre a mostrar-

se dedicado ao Imperador D. Pedro I até o dia de sua abdição a 7 de Abril de 1831.

A mais clara prova de que Bento Barroso Pereira gozava fóros de moderado e tolerante em politica, e de que com a sua dedicação pessoal a D. Pedro I soubera durante o reinado deste escapar ás suspeitas então faccis de absolutista, e á condemnação dos liberaes, manifesta-se no facto de entrar logo em 1832 para o Ministerio com a pasta da guerra, e interinamente com a da marinha.

E' certo que esse Ministerio foi o dos *quarenta dias*, isto é, o de quasi obrigada transição por frustrar-se o golpe de Estado de 30 de Julho, facto que deixara em confusão o partido moderado dominante ; mas em todo o caso o Ministerio era franca, bem acentuadamente liberal, embora de matiz differente do daquelle partido.

No fim de quarenta dias os *moderados* já entendidos, e de perfeita harmonia derribárão o Ministerio por voto de opposição na Camara temporaria, e Bento Barroso Pereira sem queixa nem desgosto deixou o Poder, e em breve deixou tambem o mundo, morrendo na cidade do Rio de Janeiro.

Foi homem de probidade reconhecida geralmente, de grande merecimento e de modestia igual.

BENTO MACIEL PARENTE.

Natural do reino de Portugal e ahi nascido em 1566 Bento Maciel Parente apparece na historia do Brazil, commandando um dos navios da esquadra com que Alexandre de Moura foi mandado e chegou em 1615 á ilha do Maranhão para expulsar della os francezes aliás já vencidos por Jeronymo de Albuquerque.

Nós seus *Annaes historicos do Estado do Maranhão* Berredo informa que Bento Maciel ia *servindo á sua custa de Capitão de Mar e Guerra*.

Bento Maciel ficou no Maranhão, e com o titulo de Capitão das entradas, mostrou-se em breve bem cruel, guerreando indios.

Em 1618, morrendo Jeronymo de Albuquerque Capitão-mór da capitania do Maranhão, succedeu-lhe no Governo desta seu filho Antonio de Albuquerque.

Bento Maciel occupado em reedificar o forte de S. José de Itapary, movido por ambição e orgulho quiz em breve ter parte no Governo, chegando

a ameaçar com a sua desobediencia a Antonio de Albuquerque, o qual o mandou prender e seguir preso para Pernambuco,

D. Luiz de Souza, Governador-geral não só negou sua approvação ao procedimento de Antonio de Albuquerque, como nomeou Bento Maciel para fazer a guerra aos indios que Berredo chama tupi-nambázes.

Com uma centena de soldados, o mais de quatrocentos indios, força que levantara em Pernambuco, Bento Maciel seguiu para o Maranhão, onde em Tapuitapera deu principio em 1618 á guerra de extermínio e a levou até o Pará, resistindo em 1619 ás ordens para não continual-a que lhe mandou o Capitão-mór do Pará Jeronymo Fragozo.

Em 1620 entrou na cidade de Belem, e achando-se a capitania por morte de Fragozo, e deposição de seu successor, sujeita á um governo interino, quiz Bento Maciel tomar conta do governo; repellido porém recolheu-se logo ao Maranhão, onde ao menos fundou um forte na boca do rio Itapicurú, dando conta deste serviço e da sua horrorosa expedição contra os indios á D. Luiz de Souza que o nomeou Capitão-mór do Pará.

Chegára, emfim, Bento Maciel a conseguir o que mais desejava, *ser governador*; mas é preciso dizel-o, ambicioso, cruelissimo na guerra, elle, dispondo de riqueza propria, despendera avultadas sommas nas expedições em que servira ao Estado.

No Governo do Pará procedeu com habilidade e energia; ainda fez atacar e bater indios inimi-

gos; foi mais que auxiliar de Aranha de Vasconcellos na commissão de soudar o Amazonas, dirigio por si a empreza, reconheceu muitos outros rios, expellio de um forte perto do rio Curupá francezes, inglezes e hollandezes que o occupavão, e tanto fez emfim que de 1623 em diante se intitulou — *primeiro descobridor e conquistador do Amazonas e Curupá*.

Em 1626 deixou o Governo do Pará ao seu successor e no anno seguinte embarcou para a Hespanha no porto de S. Luiz do Maranhão.

No anno de 1637 Felippe IV de Hespanha e III de Portugal agraciou a Bento Maciel Parente com o fôro de Fidalgo, e com o Habito de Cavalleiro de Christo, fez-lhe doação perpetua da *Capitania do Cabo do Norte* creada a 14 de Junho com trinta e cinco até quarenta leguas pela costa do mar contadas *daquelle Cabo até o rio de Vicente Pinçon*, etc., e emfim o nomeou Governador do Estado do Maranhão.

Em fins de Janeiro de 1638 chegou Bento Maciel á cidade de S. Luiz, e tomou posse do seu elevado cargo, que começou a desempenhar dignamente.

Mas já então contava elle setenta e dous annos, e tinha gasto a vida em rudissimos trabalhos.

A guerra e as conquistas hollandezas ameaçavam de perto o Maranhão.

Em 1641 chegou á capital de S. Luiz a noticia da restauração de Portugal, que enthusiasinou o velho Bento Maciel e tanto mais que o Rei

D. João IV o confirmara no seu cargo de Governador.

Mas no mesmo anno, e a despeito de avisos recebidos, Bento Maciel Parente sem ter tomado precauções, nem preparado resistencia, vio surgir em face da capital do Maranhão aventureira expedição hollandeza, que sem sacrificios, nem combates serios, tomou a cidade de S. Luiz.

O Governador só teria para explicar sua inepecia, sua fraqueza, ou cobardia a idade de setenta e cinco annos!

Prisioneiro e levado para Pernambuco, Bento Maciel Parente foi por ordem do Principe Mauricio de Nassau mandado para a Fortaleza do Rio Grande e alli morreu no fim de poucos dias no mesmo anno de 1641

BENTO DA SILVA LISBOA.

BARÃO DE CAYRÚ'

Filho legitimo do Dr. José da Silva Lisboa depois Visconde de Cayrú, e de D. Anna Benedicta de Figueiredo Lisboa, Viscondessa do mesmo titulo, Bento da Silva Lisboa, ulteriormente Barão de Cayrú, nasceu na cidade de S. Salvador da Bahia aos 4 de Fevereiro de 1793.

Sua educação literaria começada na cidade de S. Salvador, concluiu-se na do Rio de Janeiro, para onde viera seu pae em 1808, acompanhando o Principe-regente (depois Rei D. João VI) que o nomeára professor de economia politica

Bento Lisboa teve os mestres mais habalisados e coube-lhe a dita de aprender a lingua allemã com o celebre publicista Silvestre Pinheiro Ferreira, amigo de seu pae.

Quando apenas contava deseseis annos de idade, foi a 22 de Agosto de 1809 nomeado pelo Minis-

tro Conde de Linhares Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra e de Estrangeiros, o que dá a medida do favor que o Dr. José da Silva Lisboa gozava na côrte do Principe-regente.

Na carreira que encetára provou aptidão e zelo, e com louvor dos chefes foi subindo em gradação até que em 1827 recebeu a nomeação de Official-maior da Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

Em 1821 o Ministro Silvestre Pinheiro tinha aberto a Bento Lisboa a porta da diplomacia, nomeando-o Secretario de Legação na côrte de Berlim, e ia seguir para seu destino, quando a Constituinte portugueza abolio a alta representação diplomatica, substituindo-a por simples encarregados de negocios politicos e commerciaes.

Em 1833 Bento da Silva Lisboa entrou para o Governo, sendo Ministro dos Negocios Estrangeiros e foi elle quem nesse character apresentou á Camara dos Deputados a mensagem do Governo, denunciando planos e empenhos para a restauração do Imperador D. Pedro I que abdicara a corôa em 1831, mensagem que deu origem ao projecto de banimento do ex-Imperador que o Deputado padre Venancio Henrique de Rezende offereceu á Camara,

Aquelle acto devia ter custado muito desgosto ao filho do Visconde de Cayrú, e ao protegido de D. João VI e de D. Pedro I; mas certamente a consciencia do dever de Ministro fez calar os sentimentos de respeito filial e de gratidão.

Em 1840 o illustre brasileiro partio para a

Europa em honrosissima missão diplomatica encarregado de tratar o casamento do Imperador, o Senhor D. Pedro II, e celebrou aos 20 de Março de 1842 o tratado nupcial do mesmo augusto Senhor com a virtuosissima Princeza a Senhora D. Thereza Christina, a Imperatriz do Brazil que todos os Brasileiros amão e abençoão.

Em 1846 Bento da Silva Lisboa, já então Barão de Cayrú entrou pela segunda vez para o Ministerio com a mesma pasta dos Negocios Estrangeiros; pouco tempo porém se conservou no poder.

Retirado da alta posição de Ministro, o Barão de Cayrú continuou a servir á patria, dirigindo a Secretaria de que era Official-maior durante annos até que abatido pelas fadigas e pela idade pediu e obteve a sua aposentadoria.

O breve resto de sua vida passou-o tranquillo e quasi solitario no seio do lar domestico, e acabou enfim, morrendo em honradissima pobreza na cidade do Rio de Janeiro aos 26 de Dezembro de 1864.

Bento da Silva Lisboa foi Commendador da Ordem de Christo, Barão de Cayrú, Gran-cruz das Ordens de S. Januario de Napoles, de Nossa Senhora da Conceição da Villa Viçosa de Portugal, e Commendador da Legião de Honra da França, e de Leopoldo da Belgica.

Homem illustrado, mas sem esplendores e arrebatamentos de intelligencia, nascera e se educara, distinguia-se e era mais util em trabalhos de gabinete, e na pratica, e na experiencia con-

summada da direcção da Secretaria do Ministerio de Estrangeiros, na qual foi rica fonte de luz.

Para a diplomacia tinha exterior e modos um pouco negativos, qualquer que fosse a sua habilitade.

No Ministerio era activo no expediente, trabalhador incansavel, e de prudente conselho; mas em face das Camaras, e ahi no combate com a opposição, apenas indicava minima parte do seu elevado merecimento, e do seu grande cabedal de instrucção.

Na tribuna a que de má vontade subia, fallava com simplicidade, e concisão, procurando antes explicar, do que discutir; mas fallava com palavra que parecia difficil, sem eloquencia, e como quem exclusivamente tratava de cumprir penoso dever.

Não tinha dotes de orador, e nem para suppril-os a vasta e variada sciencia, e os impetos de eloquencia entusiasta de seu pae, o sabio Visconde de Cayrú, a lembrança de cujo nome hereditario ainda mais o abatia pela comparação quasi obrigada.

Mas Bento da Silva Lisboa, Barão de Cayrú, foi brasileiro distincto pela sua illustração, pelos seus serviços de mais de meio seculo, e pela honra e probidade de toda a sua vida.

BERNARDO JACINTHO DA VEIGA.

Filho legitimo de Francisco Luiz Saturnino da Veiga (portuguez) e de D. Francisca Xavier de Barros da Veiga (fluminense) Bernardo Jacintho da Veiga nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 30 de Junho de 1802.

Recebeu a instrucção primaria de seu proprio pae que severo e rigidissimo deu-lhe como a seus tres irmãos João Pedro da Veiga, Evaristo Ferreira da Veiga, e Lourenço Xavier da Veiga educação firmada nos preceitos da religião catholica e no culto do dever.

Desejou matricular-se na aula do commercio mas teve de obedecer á autoridade paterna e aprendeu o officio de encadernador.

Nem por isso Bernardo Jacintho deixou de cultivar seu espirito: então e depois estudou de moto proprio e muito comsigo mesmo o francez e um pouco do latim, philosophia, historia e geographia, arithmetica e algebra, manifestando notavel talento

para o calculo, pois chegava a resolver complicados problemas arithmeticos e algebricos sem o auxilio da penna ou do giz.

Em consequencia de soffrimentos do estomago e do figado foi o joven fluminense em 1818 mandado por seu pae para Minas Geraes, e alli fixou sua residencia e casou-se com D. Marianna de Paiva de distincta familia mineira, descendente do celebre paulista Amador Bueno da Ribeira, tendo do seu consorcio numerosa e esclarecida prole.

Bernardo Jacintho dedicara-se ao commercio, e desprotegido e só trabalhou com actividade e honra. Monarchista liberal como seu irmão Evaristo, redactor da *Aurora Fluminense*, publicou a 7 de Abril de 1832 *A Opinião Campanhense*, periodico politico e literario, que redigio até 1837, em que, com a noticia do fallecimento de Evaristo no Rio de Janeiro aos 12 de Maio, quebrou a penna ferido por golpe tão doloroso.

Honrando a intelligencia, bom senso, e patriotismo de Bernardo Jacintho o povo da villa depois cidade da Campanha o elegera Juiz de Paz e Vereador; e Bernardo de Vasconcellos quando presidira a Provincia, o nomeara delegado da instrucção publica.

Membro da Assembléa Provincial de Minas Geraes até 1838, Bernardo Jacintho deixou-a nesse anno; porque foi por Decreto de 26 de Fevereiro nomeado Presidente da mesma Provincia.

Tinhão corrido annos que não forão normaes, e o novo Presidente empenhou-se em regular a ad-

ministração: éra insignificante a força publica, e por vezes o palacio da Presidencia ficou sem uma só sentinella; á enormes distancias fraqueava a acção da autoridade e impunhão-se exigencias de potentados; mas Bernardo Jacintho mantendo extraordinaria correspondencia particular tornou em auxiliares activos do governo os seus amigos, e influencias politicas locaes do seu partido, que éra desde 1838 o conservador.

Depois de ter por vezes instado debalde pela sua demissão, obteve-a emfim em 1840 do Ministerio liberal que se organisou em seguida á declaração da maioridade do Imperador o Senhor D. Pedro II.

Em 1841 o partido conservador voltara ao Poder: Bernardo Jacintho foi nomeado no principio do anno seguinte *Director Geral dos Correios* e ia seguir para a Côrte, quando com surpresa recebeu o Decreto de 25 de Abril que o nomeava de novo Presidente da Provincia de Minas Geraes.

Criticas erão as circumstancias: Bernardo Jacintho aceitou o onerosissimo e afflictivo cargo.

Romperão as revoltas liberaes de S. Paulo e Minas, e nesta Provincia houve mezes de lucta fratricida, e após a derrota dos revoltosos, mezes de acção legal contra os vencidos, e de reacção violenta do partido conservador.

Durante a revolta Bernardo Jacintho foi energico e mostrou-se corajoso; depois da victoria teve o rigoroso dever de cumprir a lei.

Os liberaes não pouparão censuras e accusa-

ções a Bernardo Jacyntho, como apaixonado perseguidor; elle porém se defendeu valentemente na Camara dos Deputados.

A situação em que o Presidente de Minas se achou explica e desculpa medidas excepçionacs, e todos sabem como em taes casos a primeira autoridade carrega com a responsabilidade de actos de violencia praticados em seu nome, e sem autorisação sua.

Certo é que o Decreto de 20 de Julho de 1842 ordenara a observancia das leis militares nas Provincias de S. Paulo e Minas Geraes, em quanto nellas existissem forças rebeldes, e que Bernardo Jacyntho logo no mez seguinte á derrota dos revoltosos em Santa Luzia, communicou ao Governo Geral que não havia mais forças rebeldes na Provincia, e pediu que o mesmo Governo fizesse cessar os effeitos daquelle Decreto.

Bernardo Jacyntho foi agraciado com a Carta de Conselho por Decreto de 30 de Dezembro de 1842, e logo depois com o Officialato da Imperial Ordem da Rosa.

A 20 de Fevereiro de 1843 obteve á instancias suas dimissão da Presidencia da Provincia de Minas Geraes, e veio para a capital do Imperio tomar assento na Camara; pois que fôra eleito, e o mais votado dos vinte Deputados daquelle Provincia.

Chegou á Côrte em Abril de 1843 já alquebrado e doente: ainda assim tomou por mais de uma vez a palavra na Camara, e senão fulgurou como paladino da tribuna parlamentar, fez-se ouvir como bom discutidor.

Seus soffrimentos forão-se aggravando, até que aos 21 de Junho de 1845 exalou o ultimo suspiro.

Bernardo Jacyntho da Veiga foi probo e desvelado servidor da patria, pae de familia exemplar, e homem do dever.

BERNARDO JOSÉ DA GAMA

VISCONDE DE GOAYANA.

Filho legitimo de outro de igual nome e nascido no ultimo quartel do seculo passado na actual cidade de Goyana, provincia de Pernambuco, Bernardo José da Gama depois de concluir os seus estudos de todas ou pelo menos de algumas disciplinas preparatorias, seguiu para Portugal e na universidade de Coimbra formou-se na faculdade de sciencias juridicas.

Seguiu a carreira da magistratura e com justos creditos de illustrado e muito probo, subiu até o alto gráo de Desembargador.

Em 1821 e 1822 foi em Pernambuco um dos mais ardentes propugnadores da Independencia do Brazil, e da união de todas as Provincias Brasileiras sob o governo monarchico constitucional do Principe-regente e depois Imperador D. Pedro I.

Ou em parte resentimentos hereditarios de

pernambucano avesso á influencia de portuguezes, resentimentos que em Pernambuco datavão da guerra civil chamada dos *mascates* em principios do seculo decimo oitavo, ou arrebatamentos e enthusiasmo patrioticos pela causa da Independencia da patria, Bernardo José da Gama foi desde 1822 tido em conta de exaltado ante-luzitano, e em toda sua vida o acompanhou essa prevenção injusta, com que no Brazil os portuguezes sempre o olhárão.

Era falso juizo : Bernardo José da Gama não foi inimigo e perseguidor de portuguezes ; foi entusiasta da Independencia do Brazil, e depois de proclamada esta, e fundado o Imperio só se extremou em nobilissimo zelo nacional, repulsando toda e qualquer influencia estrangeira, e portanto a influencia luzitana nos negocios politicos do Imperio do Brazil.

Elcito em 1823 Deputado á Constituinte brasileira pela Provincia de Pernambuco, Bernardo Gama levou para a augusta Assembléa suas idéas: foi liberal; mas sem aspirações exaltadas: o seu typo era principalmente o espirito zeloso da nacionalidade brasileira.

Depois da dissolução da Constituinte o Imperador D. Pedro I, galardoando os serviços do magistrado e os que benemeritamente prestara a Independencia da patria agraciou Bernardo José da Gama com o titulo de Visconde de Goyana.

Não está averiguado se o titulo nobiliario naquelles tempos do primeiro reinado em todos os casos suspeito aos liberaes, tornou o Visconde de

Goyana menos sympathico ao partido em opposição ao Imperador.

Em 1831 depois das noutes das *garrafadas* de 13 e 14 de Março, em que na cidade do Rio de Janeiro muitos portuguezes revoltantemente insultarão a nacionalidade brazileira, o Imperador D. Pedro I chamou a 20 do mesmo mez ao Ministerio homens, que não éráo chefes do partido liberal, que não sahião da Camara para o Governo; mas que ao menos podião merecer a confiança dos liberaes, e dos brazileiros em geral.

O Ministro do Imperio foi o Visconde de Goyana: o seu nome significava melindre da nacionalidade brazileira.

Na noute de 5 de Abril o Ministerio aliás fraco de 20 de Março foi substituido por outro de manifesto character de reacção anti-liberal.

A 6 de Abril o povo e a tropa se pronunciarão exigindo a reintegração de Ministerio de 20 de Março que fora demittido.

Na madrugada de 7 de Abril D. Pedro I abdicou a coroa. No mesmo dia foi nomeada a Regencia Provisoria e o Visconde de Goyana, como os outros Ministros de 20 de Março voltárão ao Governo.

A 17 de Junho a Assembléa Geral elegeu conforme a Constituição do Imperio a regencia permanente que organisou logo novo Ministerio.

A abdição de D. Pedro I excitara nas provincias reacções liberaes, e com ellas perturbações da ordem publica.

No Pará predominava no Governo a despeito das exigencias liberaes o elemento conservador e de influencia portugueza representado pelo Commandante das armas então Brigadeiro Francisco José de Souza Soares de Andrea, depois Barão de Caçupava.

Com nomeação da Regencia chegarão á cidade de Nossa Senhora de Belem, á capital do Pará, a 16 de Julho de 1831 o Visconde de Goyana, como Presidente, e o Coronel José Maria da Silva Bitancourt, commandante das armas.

O Visconde de Goyana empenhou-se logo em dar apoio e influencia nos negocios da Provincia ao partido liberal e ante-luzitano; mas a 7 de Agosto, no fim de 21 dias de Governo foi deposto por uma sedição militar, em que tomou parte o Commandante das armas, e vio-se obrigado a embarcar para o Rio de Janeiro.

Eleito Deputado da Assembléa Geral pela Provincia de Pernambuco na terceira legislatura, o Visconde de Goyana frequentou muito e com valentia a tribuna.

Era orador de agradavel fluencia, de voz alta e firme, discutidor illustrado e energico, e distinguindo-se muito menos por arroubos de eloquencia academica, do que pela simplicidade do enunciado e pela franqueza, em que ás vezes chegava a ser aspero.

Em maxima parte os seus discursos deixáráo de ser publicados pelo *Jornal do Commercio*, que então sem contracto com a Camara e só por conta propria dava na imprensa as discussões parlamen-

tares. Queixoso com fundamento ou não de adulterações de suas fallas, o Visconde de Goyana declarou na tribuna, que preferia que as não publicassem, e o *Jornal do Commercio* d'ahi em diante as omitto, como resentido.

O Visconde de Goyana morreu em Pernambuco em anno proximo do de 1850.

Em 1822 Bernardo José da Gama, depois Visconde de Goyana. deu ao prelo no Rio de Janeiro os dous seguintes opusculos politicos:

Memoria sobre as principaes causas por que deve o Brazil reassumir os seus direitos e reunir as suas Provincias.

Memoria sobre as principaes causas por que deve o Rio de Janeiro conservar a união com Pernambuco.

Alem destas *Memorias* deixou copia de manuscriptos que se dizião de grande valor historico; nos quaes pôrém a severa apreciação do merecimento e dos serviços, do character e dos erros e senões politicos de muitos varões notaveis do seu tempo, aconselhou reserva, que hoje não teria razão de ser, se ainda por ventura existem esses escriptos.

O Visconde de Goyana, homem de honra. de energia, e de franqueza talvez rude, mas nobre, foi mais que tudo escrupuloso e exaltado campeão do nacionalismo brasileiro.

BERNARDO TEIXEIRA COUTINHO

Nascido em Portugal, fez allí os seus estudos formou-se em sciencias juridicas na Universidade de Coimbra, seguiu a carreira da magistratura, e em 1817 Bernardo Teixeira Coutinho era na cidade do Rio de Janeiro, então capital da monarchia portugueza ; membro da *Casa da Supplicação*.

Nesse anno rebentara em Pernambuco a revolução republicana conhecida na historia patria por aquella data ; e esmagada no fim de dous mezes e alguns dias, os revolucionarios vencidos, que, á excepção de muito poucos, não poderão escapar ás forças leaes, soffreram horriveis castigos.

Uma commissão militar condemnou a morrer enforcados e fuzilados a diversos dos principaes : corria o sangue das victimas, apuravam-se os tormentos dos outros ameaçados de igual sorte, quando o Governo do Rei mandou suspender os julgamentos da commissão militar e sem duvida para que as sentenças tivessem ou reaes condições, ou apparen-

cias de justiça mais serena e menos desapiedada, substituiu aquella commissão mortifera por alçada que nomeou composta de quatro membros, dous Desembargadores do Paço, e dous da Casa da Supplicação.

E' de notar que a revolução de 1817 rompeu com caracter anti-portuguez, e que os quatro membros da alçada erão todos nascidos em Portugal.

Os pernambucanos comprimidos e atterralos sob o Governo furente e cruel do novo Governador Luiz do Rego, recbêrto esperançosos, quasi alegres os juizes togalos da alçada.

Dos quatro magistrados tomou a Presidencia da alçada o mais graduado, e mais velho, Bernardo Teixeira Coutinho.

Essa medonha e perversa alçada teve devassa aberta em Pernambuco por muitos mezes, e tão barbara, tão cruel, tão phreneticamente torturadora foi que além da Camara de Olinda, e de representações particulares, o proprio Governador Luiz do Rego informou ao Rei sobre a necessidade de acabar com ella, ou pôr termo á sua acção tremenda e tormentosa.

A influencia predominante da alçada foi o seu Presidente Bernardo Teixeira Coutinho, nome que ficou profundamente detestado pelos pernambucanos.

Talvez um pouco o seu resentimento de portuguez contra os pernambucanos desde mais de um seculo em odienta rivalidade com os portuguezs, e sem duvida muito por adulação e servilismo ao

Rei, cuja Magestade fôra offendida pela revolução republicana, a alçada maldita e nella principalmente Bernardo Teixeira Coutinho quiz com o seu luxo de perseguições, e de horrores, recomendar-se mil vezes mais realista que o Rei ao soberano e absoluto doador de graças e de premios.

Abençoado perdão do Rei D. João VI em 1818, abateu as furias da alçada, e de Bernardo Teixeira Coutinho.

Restarão ao algoz os numerosos presos que na cidade de S. Salvador da Bahia contavão muitos delles com a morte, esperando sua ultima sentença. A revolução constitucional de 1820 em Portugal, abriu-lhe as portas da prisão, e os restituiu á liberdade.

Bernardo Teixeira Coutinho só deixou no Brazil a repugnante lembrança da sua tyrannia na presidencia da alçada de Pernambuco que continuava a funcionar terrivel na Bahia.

Que Deos perdôe a Bernardo Teixeira Coutinho.

BRAZ CARNEIRO LEÃO

Braz Carneiro Leão nasceu na cidade do Porto em Portugal no anno de 1738, descendendo de honesta familia de lavradores.

Aos dezeseis annos de idade mais ou menos veio para a cidade do Rio de Janeiro e dedicou-se ao commercio, fazendo-se logo notar pelo amor do trabalho e por bom procedimento.

No fim de poucos annos estabeleceu á rua Direita, hoje *Primeiro de Março* casa commercial que em breve se tornou consideravel, recebendo directamente de Portugal mercadorias que vendia por atacado no Rio de Janeiro e para as provincias (então capitánias) de S. Paulo, Minas Geraes, Espirito Santo, Goyaz, Matto Grosso, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, das quaes recebia em commissão generos de producção do paiz, que pela maior parte exportava para Portugal em navios de sua propriedade; porque nesse tempo era difficil obtel-os a frete.

A casa commercial de Braz Carneiro Leão muito acreditada elevou-se a uma das primeiras do Brazil graças á intelligencia e á probidade que todos reconhecião no habil e honesto negociante.

Dos seus avultados lucros Braz Carneiro Leão applicava uma parte á aquisição de predios urbanos e de propriedades ruracs, que devião no futuro ser patrimonio de sua familia.

Prestou-se sempre ao serviço do Estado com a sua pessoa e com a sua bolsa que igualmente abria-se para o culto religioso, estabelecimentos de caridade que havia no Rio de Janeiro, soccorro de familias pobres e para auxiliar seus parentes e os de sua mulher tanto no Brazil como em Portugal.

Amigos e ainda mesmo estranhos que a elle recorrião davão testemunho de sua liberalidade.

Por esses serviços e virtudes foi agraciado pela Rainha D. Maria I com o Habito da Ordem do Christo, com o foro de Fidalgo cavalleiro, e com á patente de Coronel do regimento de milicias da freguezia da Candelaria da cidade do Rio de Janeiro.

Pouco depois de chegar a esta cidade a 7 de Março de 1808 a Familia Real portugueza, Braz Carneiro Leão enfermou de uma affecção do coração, que poz termo a sua vida aos 3 de Junho do mesmo anno.

Este varão estimadissimo era casado com D. Anna Francisca Roza Maciel da Costa, natural do Rio de Janeiro e oriunda da distincta familia fluminense, e de seu consorcio teve descendencia, vendo chegar á maioridade dous filhos e seis filhas.

Braz Carneiro Leão teve não só o thezouro de honrado nome, e a dita de opulenta riqueza bem adquirida, mas ainda a abençoada fortuna de ser o tronco de muito distinctas e nobres familias já pelos merecimentos e grandezas sociaes dos filhos e das filhas já pelos casamentos de uns e outras, e de seus descendentes com herdeiros ou membros de familias aristocraticas de Portugal e da Italia, e da nobreza democrata do Imperio do Brazii.

CAETANO LOPES DE MOURA

Filho de pobre carpinteiro, homem preto, nasceu Caetano Lopes de Moura em 1780 na cidade da Bahia, onde sem protecção nem recursos e ainda amesquinhado pelo accidente da cor, aprendeu as primeiras letras em *escola regia*, e em *aula regia* estudou em desoito mezes o latim, e fazendo logo do mesmo latim util soccorro, ensinou-o para ter meios de estudar outras materias.

Parece que na Bahia applicou-se tambem ao estudo da medicina alias ainda então muito rudemente ensinada no Brazil.

Um dia tendo ajuntado um magro peculio de tresentos mil reis, seguiu para Portugal, e talvez fosse ahi que se dêsse ao estudo da medicina, sendo certo que (assim o informa Innocencio Francisco da Silva no seu *Dic. Bibl.*) servio como medico no exercito portuguez durante a guerra peninsular.

Feita a paz geral da Europa, Caetano Lopes de Moura passou-se para França, estabeleceu sua

residencia em Pariz, em cuja Universidade se doutorou em medicina.

Do exercicio desta faculdade foi colhendo miniguados recursos que cada anno diminuião mais.

Cultor constante das letras e da lingua portugueza, pediu emfim ás letras o pão para a vida e já avelhantado começou a produzir a numerosa serie de traducções e de compilações tão geralmente conhecidas.

Notárão os criticos que em todas as obras de Caetano Lopes de Moura seria para desejar mais pureza de dicção, e phraseado mais correcto; elle porem se defendia dizendo, que não tinha tempo de corrigir seus escriptos pela pressa com que trabalhava para acudir ás necessidades da vida.

E com effeito o illustre bahiano lutava incessante com a mais ingrata fortuna até que Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, sabendo das tristes circumstancias em que elle se achava, mandou-lhe dar de seu bolsinho uma pensão.

Caetano Lopes de Moura ponde emfim viver mais aliviado: o soccorro da munificencia imperial chegara-lhe opportuno, pois que elle já lutava com a miseria e com a fome; a velhice adiantada porém não lhe permittio mais a antiga assiduidade no trabalho.

O Dr. Caetano Lopes de Moura morreu em 1861 na cidade de Pariz com oitenta e um annos de idade.

Foi elle grande exemplo do amor das letras,

da perseverança, da paciencia, da energia e do trabalho.

O Dr. Caetano Lopes de Moura traduzio para o portuguez :

Os Puritanos da Escossia—A Prisão d'Edimburgo—O Talisman—Quintino Duoward—O Misanthropo ou *o Anão das Pedras Negras—Waverley* — romances de Walter Scott. *O Derradeiro Mohicano—O Piloto*—romance de Cooper. *Os Incas de Marmontel—Os Natchez* de Chateaubriand.—*D. Ignez de Castro* novella pela Condessa de Genlis.

Traduzio ainda :

Deus E' Todo Puro Amor, preces e orações por Echartshausen.

Contos á Meus Filhos, por Kotzebue.

Maximas e Sentenças Moraes, pelo Duque de La Rochefoucauld.

Jesus Christo Perante o Seculo, por M. Rocelly de Lorque.

Historia dos Cães Celebres, por Freville.

Diccionario Historico, Geographico e Descriptivo do Imperio do Brazil, por Milliet de S. Adolphe.

Mez de Maria, por Mm. Tharbé des Sablons.

Misanthropia e Arrependimento, drama em 5 actos por Kotzebue.

Arthur ou Depois de Deseseis annes, drama-vau-deville em 2 actos.

Arte de se curar a si mesmo nas doenças venereas etc. por Godde de Liancourt.

Colligio ou compoz :

Mythologia da Mocidade, etc.

Livro indispensavel ou novissima collecção de receitas, concernentes as artes, officios, etc.

Harmonias da Criação.

Historia de Napoleão Bonaparte.

CAETANO MARIA LOPES GAMA

VISCONDE DE MARANGUAPE

Caetano Maria Lopes Gama, filho legítimo do Dr. João Lopes Cardoso Machado e de D. Anna do Nascimento Gama, nasceu na provincia de Pernambuco, e, tendo ahí estudado humanidades, atravessou o Atlantico, matriculou-se na Universidade de Coimbra, e em 1619 voltou para a terra natal formado em direito.

A 4 de Abril de 1821 encetou a carreira da magistratura como Juiz de fóra da villa do Penedo, na Provincia das Alagoas, e de então por diante consagrou sua vida ao seu paiz. e durante 43 annos pagou ao Brazil tributos incessantes de patriotismo e dedicação, servindo-o na qualidade de magistrado, e na administração e na politica.

Ouvidor da comarca das Alagôas em 1822, Desembargador da Relação de Pernambuco em 1828, Auditor geral da marinha no mesmo anno, Desem-

bargador da Relação da Bahia com exercício na Casa da Supplicação em 1829, Intendente geral da policia em 1830, e por isso recebendo a Carta de Conselho no anno seguinte, e ainda neste anno Corregedor do crime da Côrte e casa, Juiz conservador dos inglezes em 1833, Caetano Maria Lopes Gama foi enfim Ministro aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, havendo gozado sempre a mais bem fundada reputação de Juiz recto e integro.

Era, porém, tão reconhecida a sua bella intelligencia e o seu profundo civismo, que nem o monarcha, nem o povo podião deixar de aproveitar esse illustre varão em altas funcções politicas e administrativas.

Em 1822 o Ouvidor das Alagoas lançava-se arrojado na santa cruzada da Independencia, e com tanto fervor se pronunciou que foi nomeado Presidente do Governo provisório da Provincia, que em seguida o elegeu Deputado á Constituinte brasileira. Os serviços do illustre joven patriota receberão logo um justo galardão No dia da coroação do primeiro Imperador foi Lopes Gama agraciado com o habito da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Dissolvida a Constituinte, recebeu Caetano Maria Lopes Gama o Decreto de 25 de Novembro de 1823 nomeando-o Presidente da Provincia de Goyaz, á frente de cujo Governo permaneceu até 1827, em que teve de vir tomar assento na Camara dos Deputados como um dos eleitos por Pernambuco.

Em Goyaz occupára-se elle em trabalhos notaveis sobre a navegação dos rios, e especialmente do

Tocantins, e sobre a catechese e civilisação dos indios, ao mesmo tempo que regulava a administração e fundava o hospital de Caridade de S. Pedro de Alcantara, em uma de cujas salas foi, pela gratidão mais louvavel, collocado o seu retrato depois da sua morte.

O nome de Lopes Gama tornou-se tão caro a essa Provincia que em 1829 se apressou ella a elegêl-o seu Deputado á Assembléa Geral, pelo que houve elle de deixar a Provincia do Rio Grande do Sul, de cuja Presidencia se achava então encarregado; e trinta e quatro annos mais tarde, ao chegar a Goyaz a triste nova do passamento do illustre brasileiro, forão geraes a dôr e o luto, e não faltárão honras funebres áquelle que ha quasi sete lustros deixára essa nobre Provincia. Semelhantes factos honrão ao povo de Goyaz e não menos ao habil administrador, cujo talento e prudencia ninguem jámais pôz em duvida, e que na verdade tiverão alli o tempo necessario para se demonstrar em proveito do Paiz.

Alagôas, Pernambuco e Goyaz tinham-se disputado a gloria de serem representadas por Lopes Gama na Camara dos Deputados: em 1839 o Rio de Janeiro offereceu em uma lista triplice para Senador o nome desse distincto varão, que foi sentar-se entre os anciões da patria.

Nesse mesmo anno entrou Lopes Gama para o Ministerio, e, tomando a pasta dos Negocios Estrangeiros, soube sustentar com vigorosa logica os direitos do Brazil na questão do Oyapock. Em

1841 foi por Sua Magestade o Imperador agraciado com o officialato da Imperial Ordem da Rosa, e por Decreto de 5 de Fevereiro de 1842 nomeado Conselheiro de Estado.

Dous annos depois partia Lopes Gama para presidir a Provincia das Alagôas, que os bandos armados de Vicente de Paula trazião em conflagração: dentro em pouco a ordem se restabeleceu e dominou o imperio da Lei: e a 23 de Fevereiro de 1845 o Imperador premiava esse serviço extraordinario, dando a Lopes Gama a grande Dignitaria da Imperial Ordem da Rosa. Cumpre não esquecer que, partindo para as Alagôas, Lopes Gama recebêra por ordem do Governo 20:000\$000, que poderia despende a seu arbitrio na obra da pacificação: de volta ao Rio de Janeiro, fez elle entrar nos cofres publicos essa quantia, menos sómente 500\$000 despendidos em uma diligencia indispensavel.

Em 1847, chamado segunda vez ao Ministerio, occupou de novo a pasta da Justiça, e a 2 de Dezembro de 1854 foi por Sua Magestade o Imperador agraciado com o titulo de Visconde de Maranguape.

Duas vezes foi o nobre Visconde chamado ainda á alta administração do Estado: Ministro dos Negocios Estrangeiros no Gabinete de 4 de Maio de 1857, deixou lembrado o seu nome em notaveis tratados e ajustes com a Republica Oriental do Uruguay e com a Confederação Argentina.

Ministro da Justiça do Gabinete de 30 de Maio de 1862, o Visconde de Maranguape pôde apenas

acudir á voz do Imperador, que o honrava com a sua confiança: na mesma hora em que o novo Ministerio apresentava o seu programma na Camara temporaria, o veterano da Independencia, o velho patriota, o leal, honesto e infatigavel servidor do Estado, cahia em uma das salas contiguas ao recinto do Parlamento atacado de uma apoplexia, como um guerreiro no campo da batalha.

CANDIDO XAVIER DE ALMEIDA E SILVA

Florescente no seculo XVIII Candido Xavier de Almeida e Souza, provavelmente portuguez de nascimento, pois que chegou ao posto de Tenente-General, altura á que até então não chegavão brasileiros, excepto algum rarissimo pertencente a privilegiada, nobre familia portugueza, era em 1770 Tenente na capitania de S. Paulo.

Dominado pela influção das romanescas emprezas dos sertanejos paulistas, dirigio, capitaneou aventurosa entrada pelo interior, e deixou seu nome lembrado pela descoberta que a 8 de Setembro de 1770 effectuou, dos campos de *Guarapoava*, extenso territorio que se espaça do rio *Itatú* (em cujas margens se fundára a antiga e destruida *Villa-Rica*) : cabeceiras do Uruguay, e desde a serra chamada dos *Agudos* até o rio Paraná.

Candido Xavier de Almeida e Souza foi portanto em 1770 um dos benemeritos descobridores subsidiarios do Brazil, que ainda hoje em 1878 não está de todo descoberto e muito menos conhecido.

CARLOS CORRÊA DE TOLEDO (PADRE)

Natural da Provincia de Minas Geraes, Carlos Corrêa de Toledo dedicou-se ao sacerdocio, tomou ordem de presbytero, e era Vigario da Freguezia de S. José em Minas Geraes, quando alli se começou á urdir a conspiração para Independencia e^a republica, no ultimo quartel do seculo passado.

Brazileiro, liberal, e muito amigo do Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, principal chefe da conspiração, o Padre Toledo adherio á ella e foi tambem conspirador.

Em 1789 perfidas denuncias levarão ao Governador de Minas Geraes o Visconde de Barbacena os segredos da conspiração e a sorte dos conjurados.

Todos os chefes foram presos e entre elles o Vigario Carlos Corrêa de Toledo que de 1789 até Abril de 1792 soffreu, como os seus companheiros de infortunio os vexames do processo, e os tormentos da prisão subterranea da ilha das Cobras no Rio de Janeiro.

Em Abril de 1792 escapando á sentença de morte na forca pelo respeito então muito zelado ao character sacerdotal, o Vigario Toledo foi mandado preso para Lisbôa.

CARLOS MIGUEL DE LIMA E SILVA

Filho legitimo do então Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, Carlos Miguel de Lima e Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1815, e seguindo a carreira militar, como seu pae, tios e irmãos era Alferes de batalhão do Imperador em 1831, quando D. Pedro I abdicou a corôa a 7 de Abril.

Seu pae Francisco de Lima e Silva foi eleito nesse dia membro da Regencia provisoria do Imperio, e a 17 de Junho do mesmo anno da Regencia permanente.

Em consequencia da indisciplina da soldadesca amotinada principalmente nos dias tremendos de 14 e 15 de Julho forão dissolvidos diversos corpos de linha na capital, outros mandados para a Bahia e Pernambuco.

Carlos Lima ficou no Rio de Janeiro.

Desde Junho de 1831 a imprensa periodica politica do partido que se chamou exaltado, começou

com raras excepções a atacar os Ministros, os Regentes e os principaes Chefes do partido liberal dominante com abuso e descomedimento revoltantes.

A *Matraca* e a *Jurujuba dos Farropilhas* do João Baptista Queiroz derão o mais triste exemplo das injurias mais atrozes, e de insultos repugnantes.

Além desses periodicos outros tambem de pequeno formato ultrajavão não só a vida publica, mas ainda a privada das suas victimas escolhidas.

Não houve porém entre taes periodicos desevoltos e atrabiliarios algum que mais venenosamente injuriador fosse, do que o intitulado *Brazil Afflicto*, de que era redactor Clemente de Oliveira.

Em 1833 o *Brazil Afflicto* cobria de insultos e de aleives a todos os Ministros, e notabilidades do partido liberal moderado; mas o Regente Francisco de Lima e Silva era o objecto particular dos seus mais violentos ataques.

Depois de atassalhar a honra militar, civica e politica do benemerito General e Regente do Imperio, o *Brazil Afflicto* penetrou feroz no lar domestico do illustre cidadão, e em artigo fatal e horrivel ultrajou-o calumniosamente na honra de sua familia.

O Alferes Carlos Lima que então contava desesete annos de idade, leu aquelle artigo, e sem dizer palavra nem a seu pae, nem a algum dos parentes fardou-se, montou a cavallo e sahio.

Infelizmente encontrou com facilidade o homem que procurava.

O Alfêres Carlos Lima vio Clemente de Oliveira entrar em uma botica que havia na praça da Ca-

rioca entre as ruas hoje chamadas do *Gonçalves Dias* e de *Uruguayana*.

Apeiou-se, penetrou também na pharmacia, e dirigindo-se a Clemente, perguntou-lhe:

— O senhor é o redactor do *Brazil Afflicto*?

— Sou, sim! respondeu impavido o offensor, que reconhecera o filho do Regente Francisco de Lima.

Ouvindo-lhe a resposta: o Alferes Carlos Lima desembainhou a espada e de um golpe matou o aleivoso injuriador de sua familia.

Clemente estava de chapéu redondo e alto na cabeça e trazia dentro do chapéu um maço do seu periodico.

O golpe de espada desfechado por Carlos Lima cortou o chapéu em duas partes, e o maço de periodicos, e abriu o craneo da victima, que cahio morta [instantaneamente.

Tomada essa tremenda vingança pessoal o Alferes Carlos Lima embainhou a espada, montou de novo a cavallo e foi entregar-se á prisão.

O filho de Francisco de Lima e Silva, membro da Regencia do Imperio soffreu processo regular, como qualquer outro Réo, e teve de comparecer perante o jury, conforme o Codigo Criminal promulgado a 29 de Novembro de 1832.

O jury declarou por voto unanime que *não havia materia para accusação*.

O crime estava provado até a luz da evidencia, e nem Carlos Lima procurara negal-o; os jurados porem tendo em attenção o motivo que determi-

nara a vingança tomada por aquelle jovem de dezeseete annos tocarão ao extremo de não ver materia para accusação.

Todavia o Regente Francisco de Lima fez que o seu imprudente, mas nobre filho sahisse para o estrangeiro, ausentando-o da patria, onde em todo caso commettera grande crime, embora attenuado por circumstancias, que em todo mundo se tem em consideração.

Depois de alguns annos passados em terras estrangeiras, o Alferes Carlos Lima voltou para o Brazil, onde continuou com honra e brio a sua carreira militar.

Servio com distincção no ultimo periodo da rebellião, que trazia accessa a guerra na Provincia do Rio Grande do Sul, sob o commando de seu preclarissimo irmão, o actual Marechal de Exercito Duque de Caxias, prestou serviços relevantes, e deu provas de inescedivel coragem.

Era Major, quando já extinta a rebelião e a guerra fratricida do Rio Grande do Sul, Carlos Miguel de Lima e Silva atacado por febre perniciosa morreu em Porto Alegre no anno de 1846.

Tinha então chegado apenas aos trinta e um annos de idade: Escrupuloso em pontos de honra, de familia distincta e toda militar, intelligente, bravo, arrebatado por ambição de gloria, Carlos Miguel de Lima e Silva foi bella, lisonjeira esperanza da patria, que murchou e morreu, quando mais radiante florecia.

D. CAROLINA JOSEPHA LEOPOLDINA

IMPERATRIZ

O casamento do Principe Real D. Pedro com a Archiduqueza d'Austria, a Princeza D. Carolina Josepha Leopoldina, lembra as festas mais brilhantes e apparatusas que por ventura tem havido na cidade do Rio de Janeiro. Alem de illuminações publicas e de particulares que excederão muito em numero e variedade de arcos, obeliscos, etc., a quantas se tinham feito desde a chegada da Familia Real portugueza em 1808, houve tres dias de espectaculo de riquissimos carros triumphaes e allegoricos em circo preparado no campo de Sant'Anna (depois praça da Acclamação), corridas de touros, etc., etc.

Mas a vida não póde correr toda em risos e em festas.

A revolução constitucional de 1820 em Portugal determinou a retirada do Rei D. João VI e de

sua familia para Lisboa no dia 26 de Abril do anno seguinte, ficando no Rio de Janeiro o herdeiro da corôa com o titulo de Principe-Regente e Lugar-tenente do Rei no Brazil.

Começou em breve a politica adoptada pela Constituinte portugueza a desenvolver-se por Decretos que acabavão com o systema provincial do Brazil, centralizado na capital do Rio de Janeiro, substituindo-o pelo de centralisação em Lisboa tão pronunciadamente forte, que até se extinguirão Tribunaes judiciarios que o Brazil já possuia.

Por fim a Constituinte decretou a revogação do Governo do Principe Regente e a sua retirada para a Europa.

A 9 de Janeiro de 1822 o Principe D. Pedro, attendendo ás representações de S. Paulo e do Rio de Janeiro, declarou-se em desobediencia ao Governo de Lisboa, pronunciando o historico e revolucionario — *Fico* — e tornando-se portanto o chefe da revolução da Independencia do Brazil.

Não ha factos positivos que autorisem a asseveração; ha porém conjecturas para se admittir e acreditar, que a Princeza consorte de D. Pedro era muito favoravel á idéa da Independencia do Brazil desde Dezembro de 1821: pelo menos correu então essa noticia.

Mas á 11 de Janeiro de 1822 a divisão portugueza commandada pelo General Jorge de Avilez no Rio de Janeiro pronunciou-se em sedição militar contra o — *Fico* — do dia 9.

O Principe D. Pedro reunio as tropas brasileiras

no campo de Sant'Anna ; mas contando com o mais grave conflicto, distanciou da cidade a Princeza sua esposa, que com seus dous filhos, a Princeza D. Maria da Gloria nascida a 4 de Abril de 1819, e o Principe D. João Carlos apenas de dez mezes de idade partio para a Fazenda de Santa Cruz.

A viagem precipitada foi nociva ao Principe que adoeceu, vindo á morrer á 4 de Fevereiro.

A Princeza D. Carolina Josepha Leopoldina era dedicada, corajosa, herdeira do animo energico da Imperatriz Maria Theresa ; mas era tambem mãe, e a morte de seu filho, o primogenito varão enluctou-lhe a alma.

A revolução da Independencia avançava: duas vezes o principe D. Pedro teve de sahir do Rio de Janeiro, primeira vez em Março seguindo para a Provincia de Minas Geraes, segunda em Agosto partindo para a de S. Paulo.

Durante a ausencia do esposo a illustre Princeza exerceu a Regencia com espirito patriota e decididamente pronunciado a favor da causa do Brazil. A' 7 de Setembro de 1822 D. Pedro recebeu á margem do Ypiranga em S. Paulo despachos de Lisbôa, officios do Ministro José Bonifacio, e além delles cartas da Princeza sua esposa em que ella instante e fervorosamente o aconselhava a proclamar a Independencia do Brazil.

D. Pedro soltou então o brado ingente — Independencia ou Morte !

A' elle coube devidamente a maior gloria do grito do Ypiranga ; mas os brasileiros não podem

esquecer a parte que tomou no 7 de Setembro a Princesa patriota D. Carolina Josepha Leopoldina.

Aos 12 de Outubro de 1822 ella era a primeira Imperatriz do Brazil.

No Imperio nascente e esperançoso não lhe foi de todo risonha e aditada a fortuna.

Em breve, quasi logo as ligações amorosas do Imperador com a bella D. Demithildes depois Marquezeta de Santos forçosamente perturbárão sua felicidade de esposa.

As sympathias do partido liberal hostile ao Imperador, o amor geral do povo, e ainda a veneração que D. Pedro tributava ás suas virtudes naturalmente não a consolárão jámais bastante das infidelidades conjugaes.

Mas a Imperatriz nunca desceu da sua alta posição social, a senhora respeitabilissima nunca abaixou manifestamente os olhos, dando triste testemunho publico do conhecimento de rival infame.

Soffreu em silencio Imperatriz e senhora com a mais nobre altivez.

Virtuosissima, exemplarmente caridosa, de facilissimo accesso, de coração aberto a beneficencia, a Imperatriz foi amada e quasi idolatrada pelo povo.

Cavalleira primorosa, apaixonada da caça, a Imperatriz D. Carolina Josepha Leopoldina em seus ultimos annos de vida distrahia-se ainda mais do que d'antes em caçadas, nas quaes admirava pela mestria com que levava perfeitamente governado em arriscadas corridas o seu cavallo de ardente

caçadora, e a certeza do tiro, com que abatia em sua velocidade o veado perseguido pelos cães.

Em 24 de Novembro de 1826 o Imperador D. Pedro I partio para a Provincia do Rio Grande do Sul no empenho de animar com a sua presença e de tomar providencias energicas para dar melhor direcção e fortuna ás operações de mar e terra na infeliz guerra da Cisplatina.

Ainda uma vez a virtuosa Imperatriz ficou exercendo a Regencia; mas adoecendo quasi logo, morreu aos 11 de Dezembro do mesmo anno.

O seu passamento foi annuncio de lucto geral do povo.

A Imperatriz D. Carolina Josepha Leopoldina morreu sem deixar um desaffecto, quanto mais algum inimigo.

Sua alma subio ao céo ao voo de suas virtudes, e ainda levada pelas azas das orações do povo amante e agradecido.

Da sua união conjugal com o Principe, depois Imperador D. Pedro I a exemplar e augusta Princeza teve os filhos seguintes:

D. Maria da Gloria nascida a 4 de Abril de 1819 e que foi Rainha de Portugal.

D. João Carlos nascido no Rio de Janeiro aos 6 de Março de 1821 e fallecido a 4 de Fevereiro do anno seguinte.

A Senhora D. Januaria nascida no Rio de Janeiro aos 11 de Março de 1822, jurada Princeza Imperial (que mais tarde deixou de ser) aos 31 de

Maio de 1836, e casada com o Príncipe Conde de Aquila irmão do então Rei de Napoles.

D. Paula nascida no Rio de Janeiro aos 17 de Fevereiro de 1823 e fallecida no dia 16 de Janeiro de 1833.

A senhora D. Francisca nascida no Rio de Janeiro aos 2 de Agosto de 1824, e casada a 1 de Maio de 1843 com o Príncipe de Joinville filho do então Rei dos Francezes Luiz Felippe I.

O Senhor D. Pedro II nascido no Rio de Janeiro aos 2 de Dezembro de 1825, e desde 7 de Abril de 1831 Imperador do Brazil.

CLEMENTE FERREIRA FRANÇA

MARQUEZ DE NAZARETH

Entre os annos de 1772 e 1776 nasceu na cidade de S. Salvador da Bahia Clemente Ferreira França filho legitimo de Joaquim Ferreira França e de D. Anna Ignacia de Jesus França.

Depois de fazer os seus estudos de humanidades na Bahia, seguiu para Portugal, e na Universidade de Coimbra, onde já se achava cursando a Faculdade de Medicina seu irmão Antonio Ferreira França, matriculou-se na Faculdade de Direito, e nella tomou o gráo de Doutor.

A 10 de Novembro de 1823 Clemente Ferreira França entrou com a pasta da Justiça para o Ministerio, e dous dias depois foi dissolvida a Constituinte brazileira por Decreto de 12 de Novembro que, com a rubrica do Imperador, elle e o Ministro da Guerra José de Oliveira Barboza assignarão.

A 24 do mesmo mez e anno foi ainda Cle-

mente Ferreira França o Ministro signatario do Decreto que mandou *proceder á devassa sem limitação de tempo, nem determinado numero de testemunhas na qual se indagassem particular e separadamente todos os factos tendentes a promover e realisar a pretendida sedição*, que fizera o Governo Imperial decretar como medida indispensavel a dissolução da Constituinte.

Por Decreto de 13 de Novembro do mesmo anno de 1823 foi creado um Conselho de Estado de dez membros, entre os quaes se contárão como Conselheiros de Estado natos, conforme a Lei de 20 de Outubro do mesmo anno os seis Ministros que compunhão o gabinete.

Clemente Ferreira França foi portanto um dos Conselheiros de Estado que organisárão o projecto da Constituição politica do Brazil que a pedido da maioria das Camaras Municipaes do Imperio passou logo a ser promulgado, sendo jurada a mesma Constituição a 25 de Março de 1824.

Ou no Ministerio ou no Conselho de Estado continuou Clemente Ferreira França a servir ao paiz, e foi agraciado pelo Imperador com o titulo de Visconde e logo depois Marquez de Nazareth.

Em Abril ou principios de Maio de 1826 correu ao Conselho de Estado que D. Pedro I convocara em consulta sobre questões gravissimas relativas á corôa do Reino de Portugal a que era chamado como successor de seu pae o Rei D. João VI fallecido a 10 de Março.

O Marquez de Nazereth abundou então nas sabias ideas que o Conselho de Estado seguio, con-

demnando como impolitica e insustentavel a reunião das duas Corôas, a do Brazil e a de Portugal na cabeça do mesmo principe, e aconselhando a abdição do throno portuguez, que a 2 de Maio de 1826 se effectuou em favor da Princeza D. Maria da Gloria, que no Brazil tinha então o titulo de *Princeza do Grão Pará*, conforme a Constituição do Imperio.

A 16 de Janeiro de 1827 o Marquez de Nazareth voltou ao Ministerio ainda com a pasta da Justiça, que conservou até que falleceu a 11 de Março desse anno.

Illustrado, probo e dedicado Clemente Ferreira França Marquez de Nazareth foi politico de acção energica.

O concurso que prestou para o golpe de estado da dissolução da Constituinte, e o seu consequente procedimento, como Ministro em 1823 e 1824 arrearão delle todas as sympathias dos liberaes, que suspeitosos virão a amizade particular com que o tratava o Imperador D. Pedro I, o qual ainda nos dias que em 1827 precederão á sua morte o visitou pessoalmente por vezes com o mais vivo interesse e manifestação de elevada estima.

O Marquez de Nazareth não era absolutista, como alguns o chamavão: almejava para sua patria a monarchia constitucional; tendo porém em grande conta os principios da ordem publica e da força da autoridade legal.

E factó louvavel e curioso, de 1823 a 1827 o Marquez de Nazareth e seu irmão o Dr. Antonio

Ferreira França figuravão ao mesmo tempo na politica, um no Governo, o outro na Constituinte, e na Camara dos Deputados.

O Marquez era monarchista; e amigo dedicadissimo do Imperador.

O Dr. Antonio Ferreira França era republicano idealista sem rebuço, nem dissimulação, tinha sido medico da Camara Imperial, e dizia com a sua franqueza e philosophica simplicidade, que *estava mal com o Imperador*.

E os dous irmãos amavão-se estremecidos e vivião na mais doce harmonia.

CONSTANTINO JOSÉ GOMES DE SOUZA

Fez todos os seus estudos na cidade do Rio de Janeiro, onde tomou o gráo de Doutor na Escola de Medicina, tendo nella merecido reputação de estudante distincto.

Alem de seria applicação ás materias do curso da medicina, cultivou com amor e proveito a litteratura.

Exercendo por alguns annos a profissão para a qual se formara, ganhou creditos de medico habil e esclarecido, e começou a fazer fortuna; mas no fim de algum tempo foi aos poucos perdendo a clinica, embora não perdesse a reputação que adquirira nella.

Mudou sua residencia para a Côrte, logo depois para Nictheroy e emfim outra vez para a Côrte.

Embalde suas notaveis habilitações profissionaes e seu tino medico, o Dr. Constantino de Souza, onde quer que se estabelecia, a principio era muito

procurado, e em seguida progressivamente esquecido na clinica.

Homem honesto, digno de ser no seio das familias recebido, pratico estimado, coração compassivo, bom, caridoso, o Dr. Constantino não experimentava a infelicidade por acção alguma, ou por motivo que o nodoasse no exercicio da medicina.

Nesses annos de infortunio elle escreveu : *O Desengano*, romance em um volume, e *Filha sem Mãe*, romance que ficou incompleto por ter publicado só o 1. volume.

Tinha cahido em pobreza : as lettras não lhe derão pão : não o dão a litterato algum no Brazil : além disso o Dr. Constantino foi pouco fertil, podendo sel-o muito.

Seus ultimos mezes de vida passárão-se em privações e em tormentos até que descansou morrendo na cidade do Rio de Janeiro, em 1875.

A desgraça do Dr. Constantino de Souza teve causa que não foi desconhecida, e que talvez devesse ser olvidada, se não fosse triste, mas importante lição.

Medico illustrado e clinico habil e feliz, litterato que pudera ter tomado lugar de honra entre os escriptores do seu tempo, cavalleiro generoso, e de qualidades muito estimaveis, o Dr. Constantino de Souza infelizmente *jogava*.

Dominado demasiadamente pela paixão do jogo ; mas jogando *liso*, e sempre incapaz dos recursos abusivos dos jogadores trapaceiros, elle tinha de

ser o que foi, a victima do jogo, e dos jogadores trapaceiros,

Essa paixão fatal que tem levado á deshonra e ao crime tantos infelizes, não pode arrastar o Dr. Constantino de Souza para esses abismos opprobriosos ; mas arrastou-o para a extrema pobreza.

CORNELIO FERREIRA FRANÇA

Filho legitimo do Dr. Antonio Ferreira França e de D. Anna Barradas Ferreira França, nasceu Cornelio Ferreira França na cidade de S. Salvador da Bahia aos 19 de Março de 1802.

O Dr. França deu a Cornelio como a todos os seus filhos esmerada educação : fel-o estudar humanidades na cidade de seu berço, mandando-o depois para a Universidade de Coimbra.

Notavel pela sua intelligencia e pela sua applicação Cornelio seguia com distincta reputação o curso de sciencias juridicas, quando antes de terminal-o, foi chamado para o Brazil por seu tio Clemente Ferreira França (logo depois Marquez de Nazareth) então Ministro da Justiça e um dos reductores da Constituição do Imperio afim de entrar antes da promulgação desta na carreira da magistratura.

O estudante recusou gentilmente tão grande favor, e continuando em seus estudos, tomou na

Universidade o gráo de Doutor, e só então recolheu-se ao Brazil.

Estreou-se o Dr. Cornelio Ferreira França na magistratura, sendo nomeado Juiz de fóra de Ouro Preto, capital de Minas-Geraes, passou logo a Ouvidor na mesma capital e depois exerceu o mesmo lugar no Espirito Santo e na cidade do Recife.

Desembargador da Relação da Bahia, por muitos annos, desempenhou durante alguns a elevada tarefa de Presidente da mesma Relação : em 1849 enfim entrou para o Supremo Tribunal de Justiça e nelle servio assiduo até 1864, em que com alguns outros Conselheiros membros desse Tribunal foi aposentado forçadamente pelo então Ministro da Justiça o actual Presidente do Conselho e chefe do Ministerio o Sr. Conselheiro Cansansão de Sinimbu.

Mas não foi só na magistratura que o Conselheiro Cornelio França servio ao seu paiz.

Seguindo os principios politicos de seu illustre pae, e por suas proprias convicções militou com distincção no partido liberal.

A Provincia da Bahia o elegeu Deputado da Assembléa Geral na terceira legislatura que correu de 1834 a 1837 e então o velho Dr. França teve a gloria de ver na Camara sentados á seu lado direito o Dr. Ernesto, e ao esquerdo o Dr. Cornelio, seus filhos mais velhos.

O Deputado Cornelio França, prompto sempre a subir á tribuna foi orador estimado, e fez constante e energica opposição aos Governos da Regencia permanente e do Regente Padre Feijó.

Em 1834 elle, seu irmão, e seu pae votárão contra o banimento do ex-Imperador D. Pedro I. Na discussão desse projecto proposto pelo Padre Henrique de Rezende, o velho Dr. França, antigo republicano, lembrando que D. Pedro I tinha sido o Fundador do Imperio, dissera na tribuna com a simplicidadê e franqueza de que sempre usava : « Se elle vier bater-nos á porta, eu heide ser o primeiro a abril-a. »

Os liberaes desgostarão-se então dos discursos e da votação dos tres Ferreira França.

No mesmo anno, discutindo-se o projecto de reformas da Constituição ou o Acto Adicional, Cornelio tomou a palavra muitas vezes, combatendo por menos liberal aquella obra do Estadista Bernardo de Vasconcellos, como tambem o fizerão o velho Dr. França, e o Dr. Ernesto, vótando os tres contra o projecto, que a Camara adoptou.

Ao mesmo tempo Cornelio escrevia sempre em opposição artigos importantes para o *Athleta* e para o antigo *Diario do Rio de Janeiro*.

Na seguinte legislatura nenhum dos tres Ferreira França foi reeleito Deputado : na Provincia da Bahia os liberaes exaltados tinham-se resentido de attitude tomada pelos tres illustres Deputados na questão do banimento de D. Pedro I, e no debate e na votação das Reformas Constitucionaes, e o partido conservador fortemente reorganizado regeitou com fundamento logico as candidaturas daquelles extremos liberaes.

Ainda assim Cornelio França foi eleito membro

da Assembléa Provincial da Bahia, e a mesma Assembléa o escolheu para seu Presidente.

Não tornando a ser mandado pela sua Provincia á Camara dos Deputados, e subindo ao alto gráo de Conselheiro membro do Supremo Tribunal de Justiça, Cornelio França manteve-se no partido liberal, concorrendo ás urnas eleitoraes ; mas afastado da politica militante, e sô occupado da elevada e ardua tarefa no pinaculo da magistratura.

A sua aposentadoria não requerida em 1864 o desgostou profundamente, e mais tarde a morte do muito amado filho já pae de familia, amargurou-lhe o coração e a vida.

O Conselheiro Cornelio Ferreira França falleceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 6 de Junho de 1878.

DAVID PAMPLONA CORTE REAL.

Eis um nome obscuro e obrigadamente historico.

David Pamplona Corte Real era natural do Brazil, e se não tinha nascido no Rio de Janeiro, na cidade deste nome se achava estabelecido como *pharmaceutico* desde annos antes de 1823.

Pronunciado liberal, mas liberal *Andradista* não dissimulava sua opposição ao Governo, desde que os Andradas tinham cahido do poder a 21 de Junho de 1823.

Sob a influencia dos Andradas começou quasi logo a publicar-se o periodico intitulado *Caboclo*, que teve grande voga entre o povo.

Os Andradas não tinham por si a confiança dos liberaes influentes; erão porém muito populares por terem sido José Bonifacio e Martin Francisco os principaes Ministros da revolução da Independencia, e porque sua politica era de vigorosa reacção ante-lusitana.

O *Caboclo* sustentava na imprensa essa politica dos Andradas.

Um outro periodico politico de opposição, a *Sentinella*, publicou um artigo anonymo, em que mais ou menos censurava acremente os officiaes de artilharia montada, em maxima parte portuguezes de nascimento.

Apezar de não ter sido o artigo impresso no *Caboclo* que era o orgão dos Andradas, os officiaes censurados o attribuirão ao *andradista* David Pamplona e reputando-se injuriados, dous delles, portuguezes ambos, resolvendo fazer justiça *por suas mãos*, dirigirão-se á pharmacia do supposto autor do artigo, e o espancárão cruel, brutal e impunemente.

David Pamplona, a victima, levou a 6 de Novembro á presença da Assembléa constituinte brazileira um requerimento, queixando-se do barbaro espancamento que soffrera de officiaes portuguezes por questão de injurias impressas.

A Constituinte enviou o requerimento á sua Commissão de legislação, a qual, na Sessão de 8 de Novembro, apresentou o seu parecer, remetendo o supplicante aos meios ordinarios.

A 10 do mesmo mez começou ardente a discussão desse mesmo parecer.

Era o choque de dous elementos, do elemento popular andradista que absorvera todos os liberaes pelo encanto da nacionalidade, e do elemento monarchico que em zelos de força e prestigio da autoridade e da ordem quebrava a alliança com o partido liberal do novo Imperio.

Erro de fataes consequencias.

As materias inflammaveis de parte a parte amontoavão-se desde quatro mezes.

Para proromper o incendio só faltava uma labareda.

David Pamplona, o brasileiro espancado por dous officiaes portuguezes foi labareda aproveitada.

David Pamplona foi o pretexto, para o choque dos dous elementos.

Travou-se a luta que durou tres dias, de um lado a Constituinte com o povo por si, do outro o Imperador com a força militar, em que predominava o elemento portuguez.

Erro enorme!

A 12 de Novembro a Constituinte brasileira foi dissolvida.

David Pamplona Corte Real, cujo nome não se pode esquecer na historia da dissolução da Constituinte brasileira, simples homem pretexto, morreu moralmente á 12 de Novembro de 1823; porque alem desse dia não deixou memoria de sua vida modesta, e vida honrada, conforme o testemunho dos contemporaneos que o conhecerão.

Foi um patriota de optimas intenções, que após celebridade explorada de alguns dias, perdeu-se e morreu na obscuridade.

D. DEMITHILDES DE CASTRO CANTO E MELLO.

MARQUEZA DE SANTOS.

Aos 27 de Dczembro de 1797 nasceu na cidade de S. Paulo Provincia do mesmo nome, D. Demithildes de Castro Canto e Mello, filha legitima de João de Castro Canto e Mello (depois Visconde de Castro) e de D. Escolastica de Toledo Ribas (Viscondessa de Castro).

Seus paes erão de familia distincta; ella, porém, apenas recebeu a educação limitada, que sob o ponto de vista das luzes do espirito se concedia então ás pessoas do seu sexo.

Em falta de apurado cultivo de intelligencia, D. Demithildes deveu á mais prodiga natureza dotes phisicos allucinadores.

Era alta, magestosa de estatura, e de admiravel harmonia e perfeição nas fôrmas e contornos de seu corpo, e formosa de rosto á obrigar a con-

templação de todos: tinha no andar e nos modos enlevadora graça; maravilhava pela belleza.

Casou-se muito joven, e no fim de breves annos achou-se em desharmonia com o marido, e vivia já d'elle separada, quando em fins de Agosto de 1822 chegou á cidade de S. Paulo o joven, bonito e fervoroso D. Pedro, então ainda Principe Regente do Brazil.

O Principe e D. Demithildes encontrárão-se e ardêrão em amor.

D. Pedro, depois de proclamar a Independencia do Brazil a 7 de Setembro, no campo do Ypiranga, voltou celere para a cidade do Rio de Janeiro; mas trazendo no coração a imagem de D. Demithildes.

Imperador do Brazil, D. Pedro I cónservou os defeitos correspondentes ás suas mais nobres qualidades: era impetuoso em suas paixões e não sabia dissimulal-as.

Em breve D. Demithildes foi chamada particularmente da cidade de S. Paulo para a do Rio de Janeiro, e estabelecida nesta capital com esplendido tratamento.

D. Pedro I cada dia mais apaixonado pela formosa paulista não disfarçou suas relações com ella, e como o tinhão feito Luiz XIV e Luiz XV com as suas successivas amantes ostentosas na Córte da França, elle deu a D. Demithildes character pouco mais ou menos igual na Córte do Brazil.

D. Demithildes foi agraciada com o titulo de Viscondessa de Santos com Grandeza, e depois com

o de Marqueza da mesmo titulo, teve entrada na Côrte e na Casa Imperial com a nomeação de Dama de honor da Imperatriz, e recebeu a graça de Dama da Ordem de Santa Izabel de Portugal.

Aquelles dous Reis de França (alem de outros) erão Monarchas absolutos e cemo taes sem ter á quem dar contas de si (excepto ao tribunal da historia) agraciárão a seu capricho, e enriquecêrão á custa e com enormes sacrificios da Nação as suas amantes reconhecidas e impostas ás suas Côrtes. D. Pedro I enriqueceu a Marqueza de Santos á custa do seu thesouro particular, e soube ao menos mais de uma vez fazer empregar sommas avultadas em serviços ao Estado em nome da formosa paulista para que tivessem apparencias de fundamento patriotico as distincções e honras com que officialmente a exaltou.

A influencia da Marqueza de Santos sobre o animo e o coração de D. Pedro I foi extraordinaria.

O partido liberal em opposição ao Governo do Imperador explorou quanto pôde o grave erro dessa paixão amorosa de D. Pedro I, expandio-se em sympathias e em commovido interesse pela virtuosa Imperatriz D. Carolina Josepha Leopoldina. não poupou censuras aliás justas, e até injurias á Marqueza de Santos, a quem emprestou idéas, predilecções de partido politico, e intervenção predominante no Governo do Estado.

A posição da Marqueza de Santos como titular e ostentosa amante de D. Pedro I não é de-

fensavel, não tem desculpa. Em summa cumpria-lhe ser senhora recatada, e D. Demithildes publicamente deixou de sel-o.

Mas a verdade é esta : a dominadora do animo e do coração de D. Pedro I adiantou no exercito e em empregos publicos parentes seus, a outros fez que recebessem graças e favores, foi protectora muito feliz dos seus amigos, patrona afortunada de muitos pobres paes de familia, que lhe devêrão o pão em empregos que obtivêrão a seu empenho; nunca porém se envolveu em questões do Estado, ou na politica do Governo.

Sua protecção que era quasi sempre efficaz, ou em caso de decidida vontade de soberania irrisistivel limitava-se aos horisontes do favor individual, e foi somente offensiva ás vezes á equidade e a justiça, quando os seus protegidos merecião menos do que outros pretendentes a empregos e favores, e o unico mal que fez com a sua influencia foi esse, mal indirecto, e quasi sem consciencia.

Nenhum dos seus detractores soffreu perseguição. Era ella quem combatia e dissipava a colera ardente, e os resentimentos impetuosos do Imperador amante.

Em seus annos de ameroso dominio teve dias de tempestade, e de amarguras de amante ; porque D. Pedro I, embora seu apaixonado, lhe era tão pouco fiel, como por ella tão infiel era á Imperatriz.

Em sua ligação inconfessavel; mas publica

com o Imperador a Marqueza de Santos não foi suave, abnegada, pobre victima de condemnavéis amores, como a La Valliere de Luiz XIV; mas não desceu ás ignominias da Pompadour, nem servio a intrigas politicas, como a depois tão infeliz Dubarry de Luiz XV

Em sua vida de amante do Imperador houve um dia em que pareceu cruel. Foi em 1826, quando na ausencia de D. Pedro que partira para o Rio Grande do Sul, a Imperatriz tocava no mez de Dezembro a vespera da sua agonia, e ella quiz penetrar como Dama da Côrte, que era, até junto de sua Imperial ama.

O Marquez de Paranaguá então Ministro opposse e estorvou até com certa rudeza a visita da amante reconhecida do Imperador á Imperatriz quasi moribunda.

O Marquez de Paranaguá teve razão.

Mas quem sabe, quem pode dizer que não era o desejo, o empenho de ajoelhar-se aos pés da Imperatriz, e de implorar o seu perdão o sentimento que levava a Marqueza de Santos a chegar até o leito da augusta e Imperial quasi moribunda, a quem tantos desgostos tinha causado?.

Não é acreditavel que a Marqueza de Santos quizesse apresentar-se em face de duas Magestades, a Magestade da Imperatriz e a Magestade da morte, levando no animo outros sentimentos que não fossem o respeito mais profundo e o empenho do seu perdão,

Recebendo a noticia do fallecimento de sua

augusta Esposa, o Imperador voltou logo do Rio Grande do Sul e apenas chegado ao Rio de Janeiro dimittio o Ministerio cujo membro mais influente era o Marquez de Paranaguá.

Correu naquelle tempo que a repulsa soffrida pela Marquiza de Santos fora a causa determinante da demissão do Ministerio; não seria porém facil assentar em provas essa explicação dada ao facto.

O alto favor de que gosava a Marquiza de Santos durou ainda até principios de 1829, em que D. Pedro I ou por arrependimento de sua paixão, ou por considerações politicas resolveu passar a segundas nupcias.

A Marquiza de Santos retirou-se do Rio de Janeiro para a cidade de S. Paulo.

De sua ligação com D. Pedro I teve tres filhas:

Izabel Maria. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 24 de Maio de 1824. Reconhecida por Sua Magestade Imperial, por Decreto de 24 de Maio de 1826. Duqueza de Goyaz com tratamento de Alteza, por Decreto de 4 de Julho de 1826. Casou com o Conde Feichler de Freiberg, Fidalgo bavaro em 1843, fallecendo este em 14 de Maio de 1867.

Maria Izabel. Duqueza do Ceará. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 13 de Agosto de 1827, falleceu a 25 de Outubro de 1828.

Maria Izabel. Nasceu da cidade de S. Paulo, a 28 de Fevereiro de 1830. Casou a 2 de Setembro de 1848 com o Sr. Conde de Iguassú.

A Marquiza de Santos não voltou mais a capital do Imperio, senão annos depois da abdicção de D. Pedro I,

Em S. Paulo primou até a sua morte pela mais extensa caridade : foi sempre a mãe dos pobres, a soccorredora de doentes, á quem acudia com dinheiros, e com enfermeiros, que erão ou escravos seus, ou pagos á sua custa.

Em 1865 quando partirão para a guerra do Paraguay os voluntarios da patria, que de S. Paulo sahirão, a Marquiza de Santos foi encontral-os no Campo do Ypiranga, e distribuiu por todos elles sem excepção quantia, cuja somma se elevou a alguns contos de réis.

Estes actos, e a bondade do seu coração tiveram em paga o amor do pôvo de S. Paulo, e a consideração de que ella foi objecto.

Viuva desde muitos annos a Marquiza de Santos passara a segundas nupcias, casando-se em 1842 com o Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, rico proprietario e capitalista da provincia de S. Paulo, e ahi um dos principaes chefes do partido liberal.

Do seu segundo marido tambem enviuvou em 1857.

A Marquiza de Santos falleceu na cidade de S. Paulo a 3 de Novembro de 1867, tendo setenta annos de idade.

DIOGO SOARES DA SILVA E BIVAR.

Filho legitimo do Dr. Rodrigo Soares da Silva e Bivar, nasceu Diogo Soares da Silva de Bivar na villa e praça de Abrantes, Provincia da Estremadura, Reino de Portugal, no ultimo quartel do seculo decimo oitavo.

Formou-se em direito na Universidade de Coimhra.

Em 1802 foi em sua terra natal um dos fundadores da Academia ou Sociedade Tubuciana.

Tendo o exercito francez invadido Portugal em 1808 Diogo Bivar aceitou e exerceu o lugar de Juiz de fóra de Abrantes, pelo que, expulsos os francezes, foi perseguido, preso e processado.

Consequindo passar-se para o Brazil, estabeleceu-se na cidade de S. Salvador da Bahia um ou dous annos antes de 1817, como advogado.

Pouco depois Bivar seguiu para o Rio de Janeiro e na cidade deste nome continuou a exercer a advocacia, ganhando reputação e nomeada.

Em 1822 adoptou a nova patria, que então se declarou independente e se elevou a Imperio.

Sem deixar a profissão de advogado foi mais tarde nomeado director das aulas do commercio no Rio de Janeiro, cujo emprego durante longos annos desempenhou até ser aposentado.

Em 1843 fundou-se na capital do Imperio o Conservatorio Dramatico Brasileiro, e Bivar, um dos seus principaes fundadores mereceu ser eleito presidente perpetuo dessa instituição, que limitando-se á *censura* das obras dramaticas, que as companhias dramaticas se propunham levar á scena, no fim de uns vinte annos acabou, não devendo mesmo ter durado tanto.

Membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro logo de jois de sua fundação, distinguio-se Bivar como um dos socios mais trabalhadores nos primeiros annos dessa sociedade, e então desempenhou nella o cargo de orador por algum tempo.

Por seus serviços Diogo Soares da Silva de Bivar tinha sido agraciado por Sua Magestade o Imperador com os habitos da Ordem de Christo e da Imperial Ordem da Rosa, e com a carta do Conselho.

Era o Conselheiro Bivar homem de instrucção que não se limitava á jurisprudencia : cultivava com amor a historia e a geographia, e tinha para si e não disfarçava a sua convicção de não conhecer quem como elle soubesse tanto a historia dos vice-Reis do Brazil. Dera-se tambem ao estudo da literatura e muito ao dos classicos portuguezes.

Desveladissimo pae de familia, e possuindo

outras virtudes o Conselheiro Bivar não podia escapar a defeitos, e teve um que lhe foi demasiado nocivo.

Justamente convencido do seu merecimento e de sua illustração, perdia por falta de modestia, e ás vezes desagradaava pelas rudezas do orgulho.

E, ainda peor para elle ; nas exagerações do amor proprio soffreu muito, não subindo a posições sociaes, a que se reputava com direito.

No ultimo periodo de sua vida a progressiva concurrencia de advogados illustres como elle, e mais activos pelo vigor da mocidade, foi-lhe aos poucos fazendo diminuir sua clientella até quasi extinguil-a de modo que o velho, Conselheiro Bivar fechou a sua banca.

Pobre, muito pobre, e esquecido de quasi todos, no seio da familia, sua consolação unica, o Conselheiro Diogo Soares da Silva e Bivar viveu seus ultimos annos abatido, e melancolico no lar domestico, e morreu na cidade do Rio de Janeiro no anno de 1865.

Em 1810 publicou na imprensa regia de Lisboa a obra — *Novo Atlas geographico, politico, e historico de todos os Estados que compõem a Europa, indicando as diversas mudanças sobrevindas aos mesmos Estados desde a época da revolução da França até a publicação do presente Atlas.*

Desta obra o que se imprimio foi apenas pequena parte.

Na Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro encontrão-se alguns *pareceres e discursos* do Conselheiro Bivar.

DOMINGOS JOSÉ MARTINS

Domingos José Martins nasceu na Provincia do Espirito Santo; em tenra idade foi mandado para a Bahia, onde se applicou ao commercio e se fez consideravel negociante.

Procurando praça de mais largos horisontes passou-se para Lisboa, logo depois para Londres, e ahi se estabeleceu como caixa da casa social portugueza *Dourado, Dias Carvalho*, e creou casas filiaes no Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia.

Em Londres entrou para a Maçonaria e começou a figurar nella, entretendo relações com o General Miranda Chefe escolhido para a emancipação da America Hespanhola, o que lhe inspirou a idéa de revolução republicana no Brazil.

Fez uma viagem á patria com o fim de visitar as casas filiaes, e nas quatro Provincias deramou favores, fez-se amar pelo povo, e deixou nellas germens de suas doutrinas republicanas.

De Pernambuco levou consigo Domingos Theo-

tonio Jorge á Bahia, onde o filiou na maçonaria, preparando-o para a revolução.

Domingos José Martins de volta para Inglaterra passou por Lisboa, e diz-se que ahí conferenciara fraternalmente com o logo depois tão mal-aventurado Gomes Freire de Andrade.

Chegado a Londres apenas se demorou nessa grande capital o tempo necessario para ultimar seus negocios com a casa commercial, e rico e cheio de aventurezas e arriscadas aspirações veio chegar a Pernambuco em 1715.

Comprou um engenho no Cabo de S. Agostinho, e no Recife grande casa que se tornou quartel general de conspiradores, que estendião sua rede ao Ceará, Rio Grande do Norte, e Parahyba, além das relações e do concurso da Bahia que Martins contava por seguro, não sendo o Rio de Janeiro alheio aos planos da revolução.

Em 1716 laborarão as sociedades secretas com o maior ardor em Pernambuco; mas em breve reacendeu-se a antiga rivallidade entre officiaes brazileiros e portuguezes.

Em 1817 foi denunciada ao Governador e Capitão General Montenegro (depois Marquez da Praia Grande) a conspiração: resolvida a repressão em conselho dos principaes chefes militares portuguezes convocados pelo Governador, Domingos Martins foi preso na manhã de 6 de Março, outras prisões ião effectuar-se; mas a revolução rebentou, e elle arrancado da prisão, poz-se á frente dos revolucionarios,

e no mesmo dia saudou victoriosa a republica que havia de ser ephemera.

A 7 de Março Domingos Martins foi nomeado membro do Governo provisorio e esperou com a maior confiança o pronunciamento das outras capitancias. A Parahyba e o Rio Grande do Norte seguirão naturalmente Pernambuco; mas o Ceará apenas se commoveu alterado, e a Bahia sob o Governo do Conde dos Arcos falhou completamente, abandonando á sua sorte a revolução pernambucana, que durou apenas uns setenta dias.

Além da esquadra bloqueiadora, veio sobre Pernambuco o maior mal da propria Bahia, donde sahira o Marechal Cogominho á frente de perto de tres mil homens.

Domingos Martins, commandando trezentos homens, reunio-se ao General republicano Suassuna, que disputava o passo a Cogominho; mas após forte combate, querendo ameaçar a retaguarda das tropas realistas, foi batido, esmagado, vio morrer quasi todos os seus trezentos companheiros, e ferido elle proprio, e occulto nas matas pantanosas do Porto das Gallinhas cahio prisioneiro em poder da força legal.

Transportado por ordem do General Cogominho para bordo de um navio que o conduzio para a Bahia no meio de pragas e de queixas lamentaveis de outros prisioneiros, que maldizião da hora em que o tinham visto e ouvido pela primeira vez!. Domingos José Martins soffreu tudo isso em silencio, e como a lamentar tristemente a fraqueza

dos socios de infortunio, quasi todos menos ameaçados que elle do maior castigo.

Chegou á Bahia a 9 de Junho, a 11 ouviu lerem-lhe a sentença da commissão militar, a 12 foi arcabuzado no Campo da Polvora sem indiciar arrependimento, e ainda menos medo da morte.

DOMINGOS JORGE VELHO

Natural da capitania de S. Vicente (depois de S. Paulo) onde nasceu no seculo decimo septimo, Domingos Jorge Velho foi muito notavel sertanejo paulista.

De familia distincta e de animo emprehendedor e ousado foi chefe de *bandeiras* que em grandes entradas pelo sertão, primeiro a perseguir e captivar selvagens, e depois arrebatado pelo ardente empenho do descobrimento de minas auríferas, concorreu para a conquista de boa parte do interior do Brazil.

Mas a empreza de maior audacia de Domingos Jorge Velho foi a da destruição dos *Quilombos dos Palmares*.

Aproveitando a guerra hollandeza muitos africanos escravos de fazendeiros de Pernambuco, fugirão e acoutarão-se em diversos pontos da serra da *Barriga*, no districto das Alagoas (depois capita-

nia); alguns soldados desertores a elles se ajuntarão.

Em 1649 a guerra que começara em 1630 terminou, sendo expulsos os hollandezes; mas não se cuidou logo em destruir os *Palmares*; cujo numero de quilombolas cada dia augmentava mais.

Alguns escriptores enfeitarão com informações romanescas a existencia dos *Palmares*: fizeram delles republica organisada com o seu chefe denominado *Zumbi*; e houve quem chegasse a dar-lhes *trinta mil negros quilombolas*.

Ha em taes noticias muita exageração. E' impossivel determinar o numero dos quilombolas; mas não podião chegar nem a trinta, nem a vinte mil; que se elevassem á dez mil ou pouco mais, já era extraordinario para a presumivel população escrava de Pernambuco naquelle tempo-

Todavia diversos Governadores emprehenderão sem exito pelo menos completo acabar com os *Palmares*; mandarão expedições militares que ou forão rechaçadas, ou destruirão após combates alguns quilombos, fugindo para os de outros pontos da serra os negros, que erão postos em derrota; porque é inexacto que elles tivessem fundado povoação unica e que deveria ser immensa, se imaginaria não fosse: os quilombos erão multiplos, e em diversos sitios da serra da *Barriga*.

O certo é que em 1697 fôrão emfim destruidos os *Palmares*. Abreu Lima e ainda outros informão que o Governador de Pernambuco Caetano de Mello e Castro de acordo com o Governador-geral

D. João de Lancastre fez marchar nesse anno contra os *Palmares* uma columna de infantaria de *sete mil homens*, que os negros repellirão, sendo somente vencidos e esmagados depois que chegou a artilharia, a que não pudérão resistir.

Mas o Visconde de Porto Seguro, notabilissimo averiguador de factos, na sua *Historia Geral do Brazil*, além delle outros, escrevem e informão que foi Domingos Jorge Velho, que sob condições de contracto firmado pelo Governador, condições que naquella *Historia Geral do Brazil* se achão reproduzidas, quem tomou sobre si a empreza da destruição dos *Palmares* e levou-a ao cabo com a energia e com a audacia de seu animo indomavel de paulista-sertanejo.

Domingos Jorge Velho, legendario como outros sertanejos paulistas, chefes de bandeiras falleceu no seculo decimo oitavo.

DOMINGOS DA SILVA MONTEIRO

Nascido em S. Paulo no seculo decimo septimo, Domingos da Silva Monteiro de distincta familia paulistana, foi tradicional chefe sertanejo, famoso pela coragem,—pela bravura inescedivel, pela rudeza cruel, e pelo odio que votava aos portuguezes.

Elle dizia ás vezes : « eu posso mais do que o Santo Padre ; porque este leva annos a declarar entrada no Ceo a algum canonisado, e eu em um só dia tenho feito entrar no inferno muitos diabos. »

Em 1708 Domingos da Silva Monteiro era em Minas Geraes, o Chefe dos *paulistas* na guerra civil com os *Boabas* ou portuguezes.

(Para poupar explicações, e noticias repetidas relativas a essa guerra civil consultem-se os artigos biographicos de — *Amador Bueno*, e de *Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho*).

Domingos da Silva Monteiro foi nessa guerra civil o terror dos *Boabas* ; porque no conflito e nos

combates dos dous partidos não havia esforço que abatesse o impeto de sua bravura, nem submissão e preces de vencido que desarmassem sua vingança.

Nesse mesmo anno de 1708 consummou-se infame traição dos *Boabas*.

Domingos da Silva Monteiro explorado. mistificado em sua vaidade de Chefe paulista, satisfeito com fingida e aleivosa submissão dos *Boabas* ou portuguezes que lhe pedião paz e conciliação, reuniu-se com os seus todos desarmados e com generoso sentimento na *Caxoeira do Campo*, perto do rio que veio a chamar-se das *Mortes* para congregar-se com os portuguezes chamados porem *forasteiros*; estes porem de subito apparecerão armados, e lançando-se sobre os paulistas atraídozados fizeram nelles horrivel carnificina.

O nome de Domingos da Silva Monteiro, ao que nos consta, não foi lembrado em actividade depois desse dia de morticínio perverso.

Ou foi então morto no campo da traição, ou mal ferido, os paulistas que poderão escapar e fugir levarão o seu *leão*, que morreu em S. Paulo ou na viagem.

Esta supposição, este inserto juizo assentão-se em bom fundamento.

Em 1709 os paulistas voltarão a Minas Geraes a tirar vingança do horrível e aleivoso morticínio da *Cachoeira do Campo*, a vingárão-se até á saciedade; mas sob a direcção e commando de Amador Bueno.

Se o bravo, ultrajado e furente leão Domingos

da Silva Monteiro estivesse vivo, ou não estivesse invalido, ou muribundo, haveria alguém que lhe tomasse o posto de chefe da expedição da vingança paulistana ?.

Domingos da Silva Monteiro foi morto na *Cachoeira do Campo* em 1708, ou alli mal ferido foi morrer em S. Paulo, ou rugia ainda, mas em leito de moribundo em 1709.

DOMINGOS THEOTONIO JORGE

Nascido em Pernambuco no ultimo quartel do seculo decimo oitavo, e pertencente a familia illustre, Domingos Theotonio Jorge, recebeu toda a instrucção que em sua terra natal era possivel, adoptou a carreira das armas, e teve praça no regimento de artilharia.

Quando antes de 1815, Domingos José Martins (veja-se o artigo competente) veio da Inglaterra a Pernambuco, Domingos Theotonio a elle se ligou, e abrindo facil o animo ás idéas republicanas de Martins, acompanhou este á Bahia, onde se iniciou na maçonaria, e logo depois seguindo, elle só, para o Rio de Janeiro, onde havia de entender-se com os maçons desta cidade, que muito dissimulada tinham sua loja á rua do Regente na casa que depois pertenceu a Joaquim Gonçalves Ledo, e ainda ao Visconde do Rio Bonito.

Estabelecido o seu accôrdo com a loja maçônica do Rio de Janeiro, Domingos Theotonio voltou

á Bahia, e após curta demora, e combinados planos, foi chegar a Pernambuco em 1815 a tempo que já se achava ahí o seu amigo Martins.

Começou logo a conspiração republicana em lojas que se chamavão *academias*: em 1817 o Capitão-General Montenegro (depois Marquez da Praia Grande) recebeu denuncia da conjuração e tomou em conselho de Generaes medidas para evitar o pronunciamento revolucionario.

Na manhã de 6 de Março, o Capitão de artilharia Domingos Theotónio, foi preso e conduzido á fortaleza das *Cinco Pontas*; mas a revolução rompeu (veja-se o artigo de José de Barros Lima) quasi ao mesmo tempo, e elle posto logo em liberdade tornou-se della o chefe militar, e no dia seguinte aceitou a capitulação do Capitão-General Montenegro, e poucas horas depois foi nomeado membro do Governo provisorio e General das armas.

Não cabe aqui a historia da revolução de 1817, cujo ephemero dominio em Pernambuco durou apenas sessenta e poucos dias.

Falhou na Bahia o concurso promettido, e pelo contrario da Bahia marchou a primeira expedição militar contra Pernambuco.

Nas Alagôas pronunciou-se a reacção ante-republicana, desde que se aproximárão as tropas que da Bahia partirão.

Mas quanto a Domingos Theotónio, o que pareceu singular, foi que sendo elle o militar mais instruido e reconhecidamente bravo, o Governo interino nunca o deixou sahir do Recife para com-

mandar as forças da republica, sob o pretexto ou boa razão da necessidade de sua presença no Recife, considerada como indispensavel á segurança publica.

O *General das armas* da revolução submetteu-se a não commandar, e a não bater-se uma só vez.

A 18 de Maio o Almirante Rodrigo Lobo com sua Esquadra já em frente do Recife negou-se a aceitar os artigos de capitulação que o Governo interino mandou offerecer-lhe.

Domingos Theotonio foi a 19 de Maio nomeado Dictador, e no mesmo dia sahio em retirada com dous mil homens.

A 20 de Maio os dous mil homens achavão-se no Engenho da Paulista; mas recebendo a noticia da rendição do Recife a Rodrigo Lobo, debandaram-se.

Domingos Theotonio fugio disfarçado, mettendo-se pelos bosques, e no fim de poucos dias foi descoberto e preso.

A Commissão militar condemnou-o á morte por sentença de 8 de Julho de 1817.

A 10 de Julho foi enforcado no *Campo da Honra*.

Tendo subido os degrãos da forca, e recebido as ultimas consolações religiosas do seu confessor, o Capitão Domingos Theotonio Jorge, cuja coragem e desprezo da morte nem um só momento se mentira, fallou em alta voz, sem ostentação de orgulho; mas com serenidade admiravel, dizendo:

— Peço perdão aos meus patricios e a todos

os circumstantes dos escandalos e males que lhes tenho causado, e particularmente aos camaradas presentes de tudo quanto soffrem por minha culpa: tenho um filho por nome Domingos, a quem deixo a benção de Deus, e lhe rogo que de hoje em diante se chame Domingos da Providencia, a quem o entrego.

E acabando de fallar voltou-se para o algoz, que immediatamente *fez o seu officio*.

O Capitão Domingos Theotonio Jorge era soldado, e em face das leis militares a sua pena era a de morte.

Entretanto preciso é dizer, que durante o dominio da revolução republicana a sua autoridade, e a sua influencia pessoal poupárão Olinda e principalmente o Recife, e ainda muito particularmente os portuguezes, á perturbações da ordem, e aos maiores damnos ameaçadores da propriedade e da segurança pessoal.

O Capitão Domingos Theotonio Jorge foi soldado criminoso, revolucionario victima de suas idéas; mas antes] e durante a revolução homem generoso e de bem.

DUARTE DA PONTE RIBEIRO

BARÃO DA PONTE RIBEIRO

Filho legitimo do Cirurgião José da Costa Queiroga da Ponte Ribeiro e de D. Anna da Ponte Ribeiro nasceu Duarte da Ponte Ribeiro aos 2 de Março de 1795 na Freguezia de S. Pedro de Pavolide, Bispado de Vizeu, em Portugal.

Destinando-se á mesma carreira de seu pae, achava-se habilitado para matricular-se na Escola de Cirurgia, sob os auspicios do Lente e illustre Cirurgião Joaquim da Rocha Mazarem, quando em Novembro de 1807, transportando-se para o Rio de Janeiro a Familia Real Portugueza, acompanhou o mesmo Mazarem, que veio como 1.º Cirurgião da não *Principe Real*.

No Rio de Janeiro seguiu Ponte Ribeiro o curso da Escola Medico-Cirurgica que se fundou em 1808, e o fez com tanto proveito que no fim do terceiro anno foi nomeado Examinador de Anatomia.

Adoecendo o Cirurgião do brigue de guerra

S. *Boaventura* á velejar para Lisboa, recebeu Ponte Ribeiro o encargo de substituí-lo, regressando no mesmo brigue ao Rio de Janeiro com atestações que honrarão o seu merecimento.

Por ordem regia, e posto que tivesse chegado no fim do anno lectivo, foi admittido á matricula e a exame, sendo-lhe conferida a 14 de Setembro de 1811 a carta de Cirurgião, contando apenas então dezeseis annos e meio de idade.

De 1811 a 1819 exerceu a cirurgia na cidade do Rio de Janeiro, na villa Real da Praia Grande (depois cidade de Nictheroy) e em navios mercantes, fazendo diversas viagens á Europa, á Asia, e á Africa, correndo em algumas dellas os maiores perigos a sua vida.

Em 1819 fixou-se permanentemente na Praia Grande, e por serviços gratuitos prestados como Cirurgião e Vaccinador aos pobres, aos officiaes e praças aquarteladas, aos indios botocudos que tinham vindo da Capitania do Espirit Santo cumprimentar o Principe Regente D. João, foi unanimemente nomeado pela Camara daquella villa Cirurgião-Mór da mesma Camara, a 1 de Setembro de 1819, e obteve provisão de Thesoureiro do sello.

Por portaria de 11 de Março de 1820, o Governo o nomeou Thesoureiro de fazenda dos defuntos e ausentes, por tres annos, officio que lhe foi concedido vitaliciamente por Alvará de 1.º de Fevereiro de 1821.

Em 1822, Ponte Ribeiro adoptou a causa da Independencia do Brazil, sua patria adoptiva.

Com aquelles empregos e com a sua clinica tinha já adquirido alguma fortuna, quando em 1826 abandonou tudo isso e até animada aspiração de uma cadeira na Escola medico-cirurgica para servir o Imperio em myster muito differente.

Consul Geral do Brazil na Hespanha, por Decreto de 10 de Maio de 1826, Ponte Ribeiro levou a missão de promover alli o reconhecimento da Independencia do Imperio.

Em 1828 voltando da Hespanha teve ordem de demorar-se em Lisboa para observar o Governo de D. Miguel em relação aos direitos da Rainha D. Maria II á corôa portugueza.

Por Decreto de 10 de Fevereiro de 1829, nomeado Consul geral e Encarregado de negocios do Brazil no Perú, passou pelo de 12 de Julho de 1833 a Encarregado de negocios junto á republica dos Estados-Unidos Mexicanos, com o fim de observar o espirito e as disposições dos Plenipotenciarios do congresso americano que se suppunha hostil ao Imperio.

Terminada sua missão no Mexico, passou por Decreto de 6 de Julho de 1836, a Encarregado de negocios do Brazil no Perú, Bolivia e Chile, com ordem secreta de transitar por Montevidéo e de ir de passeio a Buenos-Ayres indagar se Oribe auxiliava os rebeldes do Rio-Grande do Sul, e se o Governo argentino lhes facilitava o commercio pelo Uruguay.

Com poderes de Plenipotenciario para negociar tratados com a Bolivia e Perú, na primeira dessas

republicas nada poude conseguir por antagonismo de interesses que não foi possível combinar: no Perú negociou um tratado (de 8 de Julho de 1841) que aliás o Governo Imperial não approvou. Nesse documento diplomatico coube a Ponte Ribeiro iniciar a idéa então repellida da abertura da navegação do Amazonas, hoje adoptada e applaudida.

Voltando da sua missão ao Perú, Bolivia e Chile, Ponte Ribeiro foi nomeado Official da Secretaria do Ministerio de Estrangeiros a 23 de Novembro de 1841, e chefe da 3.^a secção então creada, e pela qual devião correr os negocios relativos aos paizes limitrophes.

O Decreto de 12 de Abril de 1842 fez seguir Ponte Ribeiro para Buenos-Ayres, no character de Ministro residente.

Esta missão começou placida; mas em Abril de 1843, a apresentação de um tratado que o diplomata argentino o General Guido, negociára com o Governo Imperial e que desagradára ao dictador Rozas, questões sobre o bloqueio de Montevidéo, e trocas de notas diplomaticas irritantes determinarão a interrupção das relações do Governo argentino com o Ministro brasileiro, que se retirou para a Côrte do Imperio, onde voltou para o serviço da Secretaria de Estrangeiros.

Em 1851, quando o Governo do Imperio se preparava para fazer a guerra, que salvou a Independencia da Republica Oriental do Uruguay, e regenerou a Confederação Argentina, destruindo o poder despotico de Rozas, foi por Decreto de 24

de Fevereiro, Ponte Ribeiro nomeado Ministro Plenipotenciario para em missão especial ir á todas as republicas do Pacifico prevenir os seus Governos dos motivos da guerra, e estorvar qualquer idéa de alliança contra o Brazil.

A missão não só conseguiu esse fim principal; mas ainda negociou com a republica do Perú o tratado de 23 de Outubro de 1851, que fixou limites com o Imperio, e util accordo sobre a navegação do Amazonas.

Regressando á patria aos 31 de Dezembro de 1852, Ponte Ribeiro conservado no quadro diplomatico, conforme seus desejos consultados pelo Governo, foi posto em disponibilidade activa por Decreto de 3 de Janeiro de 1853, continuando a prestar serviços relevantes na Secretaria de Estrangeiros.

Terminou pois em Janeiro de 1853, a carreira diplomatica do illustre varão que na Europa, e principalmente na America, tanto fizera pela patria em quasi trinta annos (salvas breves interrupções) de laboriosas tarefas, entre as quaes nem forão lembradas missão secretas e de passagem por Lisboa em 1833, que se annullou pela força de acontecimentos politicos, e outra em 1852 e não menos secreta de passagem pelo Prata e toda de effeitos que devião ser dissimulados.

O encargo insistente de tão repetidas missões demonstra o reconhecimento da habilidade do diplomata, que se perde nas sombras dos segredos das negociações.

Mas fóra dos horisontes da diplomacia e ainda nos trabalhos, uns reservados, outros manifestos da Secretaria dos Negocios Estrangeiros, a capacidade activissima, o zelo e a dedicação de Ponte Ribeiro forão exemplares.

Não cabe neste artigo a menção de memorias elucidadoras de questões diplomaticas, da investigação e ordenado estudo de mappas numerosos, antigos e modernos, e de documentos illuminadores de assumptos relativos a limites, e a geographia e topographia do Brazil, que Ponte Ribeiro descobriu, regulou e esclareceu em proveito do Estado.

Alem de diplomata habil foi mineiro incansavel á escavar no passado thesouros para o presente e para o futuro.

A vida laboriosa e a robustez de Ponte Ribeiro erão como um milagre de força organica: em 1815 resistira a 155 dias de viagem maritima tempestuosa, á 60 de meia ração da agua, ao escorbuto e á morte que reduzira de 60 a 42 pessoas em geral enfermas a equipagem do navio: em 1817 affectado da *carneirada*, ou febres de Angola, *agonisara* tres dias, e á considerado morto, voltara a vida conservando graves soffrimentos de figado; em 1824 uma espingarda de dous canos rebentara em sua mão, causando-lhe a descarga despedaçamento da mão e braço esquerdos, perda de ossos, tetano consequente, gangrena, morte esperada a cada momento, e a reacção inverosimil que lhe restabelleceu a saude.

Em 1832 foi atacado em Valparaiso pelo cho-

lera-morbus que o levou as portas da morte, da qual escapou desmentindo o prognostico dos medico.

Essas molestias deixarão-lhe soffrimentos principalmente de figado.

Em 1857 pedio e obteve o sua aposentadoria e partio para a Europa á tratar de sua saude e voltando no anno seguinte continuou a trabalhar na secretaria de Estrangeiros com assiduidade, que se admirava.

Ainda duas vezes em 1863 e em 1873 tornou á Europa levado pelo mesmo empenho de melhorar dos seus graves padecimentos.

Na primeira o Marquez de Abrantes então Ministro, o encarregou de procurar em Lisboa documentos e mappas cuja aquisição fosse util ao Brazil, e elle dessa tarefa se occupou depois de afortunado tratamento na Allemanha.

A desastrada morte de um filho obrigou-o á regressar ao Rio de Janeiro em 1867.

Em 1873 antes de realisar sua ultima viagem, foi por Decreto de 3 de Março agraciado com o titulo de Barão da Ponte Ribeiro.

Demorou-se na Europa um anno e recolhendo-se á Capital do Imperio o velho Barão da Ponte Ribeiro quasi octogenario dedicou-se ainda ao serviço do Estado com todo o ardor do tempo da mocidade :

Em 1876 concorreu activa e fructuosamente para a organização da Carta Geral do Imperio e em seguida e com annuencia do Governo preparou

uma exposição ou relatório annotado e esclarecido de todos os mappas e documentos que tinham servido de base áquella carta.

Até Abril de 1878 o Barão da Ponte Ribeiro ainda escreveu memorias, respondeu á consultas do Governo e desempenhou o encargo de outros trabalhos.

Mas a 15 desse mez recebeu em Petropolis o Aviso datado de 11, em que o Ministro dos Negocios Estrangeiros lhe communicava que mandara cessar o abono da gratificação annual de 2:400\$000 que o Barão recebia em Londres por não consignar a lei do orçamento fundos para o seu pagamento, devendo o mesmo Barão restituir a quantia que tivesse recebido de mais correspondente ao tempo que faltava para completar-se o quartel então corrente.

A restituição ordenada foi feita ao Thesouro Nacional no fim de poucos dias, e logo que o Barão poudes descer de Petropolis.

O Aviso de 11 de Abril era perfeitamente legal; o Ministro cumprira dever sem duvida doloroso, e apenas deleixado por abusos de administração.

Mas o Barão da Ponte Ribeiro vio sobretudo no Aviso, o que este certamente não continha, ingrata dispensa dos seus serviços na Secretaria, o menoscabo da relevancia dos que prestara. Apaixonou-se vivamente, e aos 83 annos que já contava o desgosto profundo que experimentou e que menos o teria angustiado se procurasse entender-se com o Ministro, que em exigentes apuros de economia pela ruina das finanças do Estado, tinha sómente

cumprido triste, severo, mas imperioso dever, o venerando servidor da patria certamente não se consideraria menosprezado.

Mas o Barão da Ponte Ribeiro concentrou seu afflictivo desgosto: a paixão comprimente aggravou seus padecimentos, dos quaes descansou, morrendo em 1 de Setembro de 1878.

Este homem illustre e incansavel trabalhador teve do seu e de Governos estrangeiros os seguintes testemunhos de merecimento e dos serviços que o tornarão distincto.

A 5 de Fevereiro de 1829 teve a mercê de Cavalleiro professo da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo; em 1841 a de Commendador da mesma Ordem; em 1848 lhe foi conferida a carta de Conselho; e em 1853 a grande Dignitaria da Ordem da Rosa; em 1853 o foro de Fidalgo Cavalleiro da Casa Imperial, e em 1873 o titulo de Barão.

Da Confederação Perú-Boliviana teve o diploma de Commendador da Legião de Honra.

E além disso foi no Brazil socio da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, honorario do Instituto Historico e Geographico, e de outras sociedades litterarias.

E no estrangeiro foi membro titular do Instituto d'Africa, em Pariz; do Instituto Historico e Geographico do Rio da Prata, em Buenos-Ayres; socio extraordinario do Gremio Litterario, e correspondente da Real Academia de Sciencias, e da Sociedade de Geographia de Lisboa.

ELIAS ANTONIO LOPES

Nascido em Portugal no seculo decimo oitavo Elias Antonio Lopes veio ainda joven procurar fortuna no Brazil, e chegado ao Rio de Janeiro empregou-se no commercio.

Sabendo apenas ler, executar as quatro operações da arithmetica, e escrever muito rudemente, distinguio-se ,pela actividade no trabalho, pela diligencia e pela economia, e no fim de poucos annos passou de caixeiro a amo, ou a negociante por conta propria.

Enriqueceu, adquirio propriedades, e entre outras a *quinta* ou grande chacara da *Boa-Vista* em S. Christovão, talvez a melhor que havia no principio do seculo actual nos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro.

Em 1808 chegando a Familia Real portugueza á esta cidade declarada antão capital da monarchia lusitana, Elias Antonio Lopes, vendo que a Familia Real se achava mal e apertadamente hospedada na

casa dos vice-reis tornada palacio, e no adjunto antigo convento dos carmelitas, offereceu ao Principe regente D. João a sua *quinta* ou chacara de S. Christovão, e, aceito o offerecimento, fez della doação legal ao Principe.

Fora consideravel esse serviço ou patriotico donativo prestado por Elias, que era, como então se dizia, *pé de boi, portuguez velho* devoto da monarchia.

Organisada regularmente a *Junta do Commercio*, D. João, o Principe regente quiz fazer della membro o dedicado doador da *quinta*; Elias porém, aliaz negociante de honradissima reputação, era tão ignorante, tão rude, que não poude subir ás alturas da Junta do Commercio.

D. João nomeou-o Superintendente da *quinta* que elle lhe doara, e Elias tomou a peito servir bem ao Principe regente nesse cargo de *super-feitor* da chacara que fora sua.

Mas, pobre Elias! contrariado, e como offendido pelos criados do Principe regente, que devastavão a chacara, e que despejavão as arvores dos fructos que elle zelava para gozo das *pessoas reaes*, queixou-se disso a D. João, e não foi attendido.

Desgostou-se, retrahio-se, e *pé de boi portuguez velho* julgou-se desrespeitado, offendido pela criação do principe, e procurou o retiro de sua casa.

Era retiro sem consolações; porque Elias Antonio Lopes não tinha esposa, nem filhos: infeliz solteirão a sua casa era solidão sem amores.

Pouco tempo depois morreu.

De sua pobre ou pauperrima memoria deixou apenas a lembrança da doação da sua chacara de S. Christovão, que foi depois e é hoje o *Paço Imperial da Bôa Vista*.

EPIPHANIO JOSÉ PEDROSO.

Nascido em Portugal, e filho legitimo de Romão José Pedroso, Official da Secretaria do Reino, Epiphanio José Pedroso não tinha ainda 20 annos, quando veio para o Brazil com seu pae que acompanhara a Familia Real Portugueza, que de Lisbôa se passou para o Rio de Janeiro, onde se estabeleceu a capital da Monarchia em 1808.

Epiphanio em breve obteve e servio durante alguns annos um officio de justiça na Capitania do Maranhão; mas abandonou-o e voltou para o Rio de Janeiro afim de pleitear o emprego de seu pae que adiantado em idade queria aposentar-se.

A aposentadoria do pae, e a nomeação do filho realisárão-se.

Epiphanio era pensador sem que tivesse notavel talento, e instruido sem grande illustração: cultivava algumas humanidades, e consultava assiduo sua pequena livraria composta de obras de litteratura e em maxima parte dos philosophos e publi-

cistas do seculo XVIII, e de escriptos da época da revolução franceza.

Era democrata de convicções profundas.

Não consta que Epiphanio tomasse parte nos clubs que em 1821 preparárão a Independencia do Brazil; em 1822 porém foi nomeado Tenente do Corpo de Patriotas Voluntarios, de que o Ministro José Bonifacio se fez Commandante.

Adherio leal e decididamente á Independencia.

Depois da dissolução da Constituinte brazileira em 1823, durante a revolta da confederação do Equador em 1824 e nos annos seguintes até 1831 não houve associação liberal publica ou secreta no Rio de Janeiro, de que Epiphanio não fósse membro activo e influente, e ninguem trabalhou mais para preparar e agitar a opinião contra o Imperador.

Em 1824 preso o Padre José Antonio de Caldas (Vide o seu artigo biographico no 2.º volume) por causa de cartas que forão interceptadas, em que elle animava e excitava os revolucionarios de Provincias do Norte, e sendo por isso condemnado á morte, foi Epiphanio muito auxiliado pelo seu amigo Sabino Nazareth quem planejou e fez effectuar a sua evasão da fortaleza de Santa Cruz, e quem no fim de tres mezes, que o Padre Caldas viveu occulto na cidade, lhe facilitou em navio mercante a fuga para Buenos-Ayres.

Esmagada a Confederação do Equador, fuzilados alguns dos chefes em 1824, e enforcado no Rio de Janeiro o Rattcliff, os liberaes cederam ao terror e retrahirão-se; em 1826 porém, installada a pri-

meira legislatura do Imperio reanimárão-se, começando por cercar de consideração e de prestigio a Camara dos Deputados.

De 1829 a 1831, em que Evaristo com a *Aurora Fluminense* tornou-se o chefe principal e sua loja de livros o predilecto centro dos liberaes, as duas lojas de ourives de Sabino da Silva Nazareth, e de Antonio Rodrigues Martins, erão os quartéis generaes do mais adiantado liberalismo na cidade do Rio de Janeiro, e onde os correligionarios seencontravão á referir ou saber noticias, á cotisar-seem subscripções a favor de revolucionarios occultos, e das familias dos que estavão foragidos ou presos.

Sabino Nazareth e Antonio Rodrigues, erão homens generosos, honradissimos — liberaes adiantadissimos até sua morte — ; sem instrucção porém, e inspirados e dirigidos por Epiphanio José Pedroso, o ultra-liberal de sua confiança.

Em 1828 procedeu-se á eleição geral de eleitores ; os secretarios e escrutadores das mesas eleitoraes erão então nomeados por acclamação do povo : na freguezia do Sacramento (na Côte) foi fervorosa a lucta para organização da mesa : ganhárão os liberaes os secretarios um dos quaes foi Epiphanio, e este, vendo muito mais inflammada a disputa dos partidos na escolha dos escrutadores, exclamou :

— Para acabar com estas desintelligencias proponho para escrutadores o senhor... (um liberal) *aquelle moço* que traz farda de marinha, pois observo que o povo está gostando muito d'elle.

O povo applaudo : os propostos forão levados em triumpho para a mesa.

O *moço de farda de marinha* era Theophylo Ottoni, cujo direito de voto na eleição, e por tanto de ser escrutador podia aliaz ter sido disputado.

Começarão desde então as relações, que se tornárão intimas, de Epiphanio com Theophilo Ottoni, e depois com o Sr. Conselheiro Christiano Ottoni, de quem merecemos as informações que servem de base a este artigo, e ainda a seguinte, que não deixa de ser curiosa.

Disse-nos o muito illustrado Sr. Conselheiro Christiano Ottoni.

— « Devo assignalar aqui o facto da influencia decisiva que o encontro desse homem (Epiphanio) teve sobre o curso de minhas idéas politicas n'õ resto da vida : Então (em 1828) era eu ignorántissimo ; alem dos classicos da minha aula de latim, e do *Diabo coxo* em que aprendera a traduzir o francez, em poucos livros tinha posto as mãos; os primeiros que me fizerão alargar o circulo de meus pensamentos forão os de doutrinas democratas, os revolucionarios, os de livres pensadores, os encyclopedistas da livraria de Epiphanio. Vinha elle quasi todas as tardes á nossa casa e a visita se preenchia ou com palestras anedocticas, ou com a apreciação das leituras que nos fornecia. »

Evidentemente Epiphanio José Pedroso era habil e temivel propagandista revolucionario.

Elle foi desde 1828 ou 1829 o membro mais influente da *Loja dos Amigos Livres*, club politico

de character maçonico, que laborava secreto na cidade do Rio de Janeiro, e a que pertencião Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, Joaquim José da Silva, José Augusto Cezar de Menezes, João Mendes Vianna, Antonio Rodrigues, Sabino Nazareth, Antonio José do Amaral, João Pedro Maynard, Theophilo Ottoni e outros.

Em meados de 1830, retirando-se Theophilo Ottoni para Minas Geraes, tomou o seu lugar no club o Sr. Christiano Ottoni.

A *Loja dos Amigos Livres* era de conspiradores que tramavão e preparavão revolução politica ultra-liberal: todos os seus membros aspiravão a republica, e de todos os mais activo foi sempre Epiphanio José Pedroso.

O club dos *Amigos Livres* era filiado a outro menos numeroso, e dissimulado em muito mais mysterio. Aquelle agitava a opinião e propagava principios democratas por todos os meios legaes e nem sempre legaes. O centro ia até á compra e distribuição de armamento entre o povo liberal.

Um dia em Dezembro de 1830, ou em Janeiro seguinte Epiphanio levou cauteloso e apresentou ao Sr. Christiano Ottoni uma porção de polvora, uma baleira de metal para fundir balas, papel e modelo para cartuchos, e dice-lhe:

—Distribuindo *as tarefas*, tocou-lhe encartuchar esta arroba.

O Sr. Conselheiro Christiano Ottoni (que deu conta de sua *tarefa*). informa que não se lembra de

quem partião as ordens para esses preparativos bellicosos.

Havia evidentemente *Loja* ou *Club* superior, donde partião as mais graves resoluções tendentes, a preparar a revolução que ao perto já rugia.

D. Pedro I voltara de sua viagem politica á Provincia de Minas-Geraes desgostoso e propenso á abdicar a corôa.

Subreviérão na Capital as delirantes provocações dos portuguezes, as noites das garrafadas, as tumultuosas occurrencias de Março de 1831, e emfim o pronunciamento do povo e da tropa na noite de 6 e a abdição do Imperador D. Pedro I na madrugada de 7 de Abril.

Epiphanio foi de todo alheio á esses acontecimentos. Molestia que ameaçou sua vida o prostrara no leito, e fraco e abatido convalescia em um *sítio* ou chacara da Praia Grande, cidade de Nictheroy depois, quando a 7 de Abril o seu amigo e correigionario o Sr. Christiano Ottoni lhe levou a noticia da abdição.

Restituído á saude Epiphanio fez ainda sentir sua influencia na eleição da Regencia permanente em 1831.

Foi elle quem com o apoio abnegado de Odo-rico Mendes indicou o nome de João Braulio Muniz para membro da Regencia, e conseguiu sem grande difficuldade fazel-o aceitar. (Vede o artigo biographico de João Braulio no volume 2.º).

Logo depois do 7 de Abril os liberaes se dividirão, formando os partidos exaltado, e moderado,

que, tendo por chefe Evaristo resolvera consolidar a Monarchia.

Epiphanio descontente ligou-se aos exaltados; mas empenhou-se em conter seus excessos e mais de uma vez impedio explosões imprudentes, sendo por isso muito considerado pelos chefes do partido opposto e dominante.

Foi Presidente da Sociedade *Federal* e luctou ardente contra a *Sociedade Defensora da Independencia e Liberdade Nacional*, representante do partido moderado, e quasi directora do Governo; quando porém se pronunciou mais forte e ameaçador o partido *caramurú*, ou retrogrado, que conspirava para effectuar a restauração do Imperador D. Pedro I, Epiphanio deu á Sociedade *Federal* a voz de união com os moderados contra o inimigo commum.

Em 1834 ainda elle influio na organização e na discussão do projecto do *Acto Adicional*, embora não fosse Deputado: muito ouvido nos clubs nem por isso fôrão aceitas todas as suas idéas; republicano na Monarchia Epiphanio queria, por exemplo, Senado temporario, Camara renovada biennialmente, Presidentes de Provincias eleitos pelas Assembléas Provinciaes, emfim systema de Governo aproximado da fórma republicano-federativa.

A acção politica deste homem de potente influencia, e sem ambição alguma pessoal manteve-se tal qual fôra até 1837, em que o novo partido conservador subio ao poder a 19 de Setembro, hasteando bandeira de regresso. e de reacção contra o *Acto Adicional*.

Epiphanio ficou inabalavel no seu posto de liberal democrata ; mas logo em 1837 começou para elle o ultimo periodo da vida em fortuna adversa á que aliás resistio com altivez nobilissima.

Consequencia de grave molestia, elle estava paralytico da mão direita e não podia trabalhar como dantes na sua repartição ; mas por ajuste tradicional entre os empregados da Secretaria do Imperio os emolumentos erão repartidos sem exclusão daquelles que se achavão doentes. Graças a esse favor de verdadeira fraternidade Epiphanio vivia farto, e o thesouro não carregava com o onus de um novo empregado que o substituisse.

Em 1837 o Ministro Vasconcellos aposentou Epiphanio com o pequeno vencimento de seiscentos mil réis por anno, ainda reduzido a quinhentos e vinte mil réis pela sua contribuição para o Montepio dos Servidores do Estado.

Sob o ponto de vista legal o acto do Ministro não póde ser censurado : o Official da Secretaria paralytico da mão direita, estava incapaz de trabalhar, e portanto dava-se o caso da aposentadoria. A conservação desse empregado em actividade apenas supposta fôra até então tolerancia de Ministros amigos, e consideração ao incontestavel merecimento, e aos serviços de partido, que elle prestara desinteressada e notavelmente.

Mas Vasconcellos que fraternisara com Epiphanio em aspirações republicanas durante os ultimos annos do primeiro reinado, que o ouvira, quando elaborava o projecto do Acto Adicional, e

que com elle se actuava, como amigo intimo, subindo ao Poder com idéas já muito oppostas ás da escola liberal, mandou chamar o antigo chefe popular democrata, e em conferencia particular pedio-lhe que apoiasse com a sua ainda consideravel influencia o Ministerio conservador e de regresso.

Epiphanio recusou-se franca e decididamente a submeter-se a semelhante exigencia.

Dias depois foi aposentado.

O acto do Ministro Vasconcellos não pôde portanto ser condemnado em face da Lei; mas não escapa á condemnação moral; porque Epiphanio não teria sido aposentado e reduzido a privações, se subserviente se dobrasse á vontade do Ministro dominante, e chefe da politica de reacção anti-liberal.

Epiphanio José Pedroso, a grande influencia do partido democrata, que no Rio de Janeiro com João Mendes Vianna fizera Deputados na segunda legislatura, que em 1831 tivera a força precisa para indicar um dos membros da Regencia permanente, que em 1834 entrára e fôra ouvido nos conselhos preparadores do Acto Addicional, e que não explorando nunca vantagens, que a sua poderosa acção politica poderia facilitar-lhe, que teria sido e não quiz ser Deputado, que 1831 achou-o Official da Secretaria do Imperio, e que simples Official da Secretaria do Imperio se manteve sem adiantamento algum, e sem o menor favor do Governo dos seus amigos politicos, e particularmente

intimos, aposentado pelo Ministro Vasconcellos em 1837, achou-se reduzido a quinhentos e vinte mil réis por anno e a quatro escravos de sua propriedade!.

Os escravos elle os vendeu chorando, vendeu-os um depois do outro até o ultimo dos quatro, obrigado á fazel-o para manter a familia!..

Depois de vender os escravos, e de esgotar o producto da venda, teve de manter-se e de sustentar os filhos com o extremo recurso de quarenta e tres mil réis por mez

Epiphanio tinha amigos dedicados; a nenhum porém, recorreu: exagerando a dignidade, soffria e via soffrer a familia, aliás habituada a viver na abastança.

O seguinte incidente dá idéa da penuria e do character desse homem.

Um dia o Sr. Balbino França, actual Escrivão da Relação, e amigo intimo de Epiphanio, encontrando-o triste e abatido, disse-lhe:

— Passeemos um pouco, e depois irás jantar commigo.

— Não; respondeu o infeliz; sei que me darias bom jantar, e eu hoje só tenho em casa algumas sardinhas; mas por isso mesmo não devo ir regalar-me, deixando meus pobres filhos com essa magra refeição. Jantarei sardinhas com elles.

O desgosto profundo que lhe causava a familia em miseria levou-o cedo á sepultura.

Epiphanio José Pedroso morreu em 1841: foi o seu amigo o Sr. Conselheiro Christiano Ottoni,

que teve a triste consolação de cerrar-lhe as palpebras.

Longo saio este artigo; mas cumpria não resumil-o, como outros; porque elle não é simples menção biographica de um homem, contém em muitos pontos revelações importantes sobre a attitude e os planos do partido democrata e revolucionario durante o primeiro reinado.

Epiphanio José Pedroso, republicano ardente, foi, pelo menos durante sete annos, infatigavel conspirador a agitar a opinião, á concitar o povo, e a preparar a revolução; mas em politica suas idéas erão firmadas em convicção tão profunda, que por dedicação á ellas cahio na miseria em que morreu.

Condemnal-o por ter sido republicano seria condemnar o direito de pensar, o direito de opinião que tão livre e tão respeitado deve ser no monarchista como no republicano.

Quanto ao conspirador o caso é differente: Epiphanio José Pedroso conspirador contra o Governo do Imperador, que era o legal, commettia crime em face das Leis, como todos os conspiradores de revolução; mas carregava com a responsabilidade da conspiração, e não se poderia queixar se a espada da Lei cahisse sobre sua cabeça.

Mas, facto notabilissimo! Epiphanio, Official da Secretaria do Imperio, era conhecido como democrata, opposicionista franco e vehemente, suspeito de influente em sociedades secretas e revolucionarias, e não foi demittido por algum dos Ministros de D. Pedro I: foi porém aposentado e reduzido á

miseria em 1837 pelo Ministro Bernardo de Vasconcellos, que fôra seu companheiro de idéas republicanas e um dos excitadores da revolução !...

É direito de cada um julgar em sua consciencia Epiphanio José Pedroso como homem politico ; mas é dever de todos render cultos á sua probidade immaculada, á sua abnegação pessoal, que excluia absolutamente a mais leve suspeita de ambição, a sua lealdade exemplar, e a nobre altivez de seu caractor ao molde dos heróes da Grecia em seu tempo de gloria.

Uma ultima informação vem realçar sua dignidade na penuria.

Lançado e vivendo em penuria desde 1837 até 1841, nunca foi pesado a seus amigos, nem de qualquer delles aceitou auxilio algum pecuniario : viveu restrictamente dos proprios e minguidissimos recursos, e quando morreu, não deixou *divida alguma*.

ERNESTO FERREIRA FRANÇA.

Filho l eg ıtimo do illustre, sabio, e um pouco original Dr. Antonio Ferreira França (Veja-se o *Anno Biographico Brasileiro*) Ernesto Ferreira França nasceu na cidade de S. Salvador da Bahia.

Estudou humanidades na Bahia, e foi completar sua educao litteraria e scientifica em Portugal, onde na Universidade de Coimbra tomou o gr ao de doutor em Direito.

Voltando   patria, já nao independente, seguiu a carreira da magistratura, da qual chegou ao apice, sendo membro do Supremo Tribunal de Justiça.

Como Magistrado fulgurou pela intelligencia illustradissima, e pela probidade sem j a.

Conselheiro membro do Supremo Tribunal de Justiça todos virão Ernesto na cidade do Rio de Janeiro, luctando com a pobreza, pois que seus vencimentos mal chegav o-lhe para manter a familia, trajando  s vezes vestidos demasiado gastos, quasi

triste, dissimulando o vexame, e integerrimo, consciencioso e puro juiz á dar e votar sentenças, que a Magistrado corruptivel darião facil fortuna.

A pobreza, o desconsolado retiro da familia torturavão-lhe o coração; mas não podião alterar, e nem de leve enfraquecer a fortaleza da sua honra.

Tal foi Ernesto como Magistrado.

Esse varão illustre figurou tambem na politica.

A Provincia da Bahia elegeu Ernesto Ferreira França Deputado a Assembléa Geral na segunda e terceira Legislaturas, isto é, de 1830 a 1837.

Ernesto sentava-se na Camara ao lado de seu venerando pae: em 1830 distinguio-se como orador da opposição liberal; era frequente na tribuna, e ainda joven ás vezes se deixava arrebatado no fervor opposicionista.

Então quando mais ardente se transportava, o velho Dr. França, seu pae, puchava-lhe pela aba da casaca, e dizia-lhe em voz baixa:

— Prudencia. Sr. Ernesto, prudencia!..

E Ernesto se comedia, sorrindo.

Mas é de notar que o velho Dr. França era republicano franco, republicano sem dissimulação, nem reservas que dizia com simplicidade; mas sem rebuço, nem ceremonias o que pensava e queria.

Até o fim da segunda legislatura Ernesto França soube manter o seu credito de orador illustado, muitas vezes eloquente, e sempre de discutidor esclarecido e logico.

Na quarta legislatura o illustre bahiano não

foi reeleito Deputado ; reapareceu porém na scena politica, entrando em 1844 com a pasta dos Negocios Estrangeiros para o Gabinete do Visconde de Macahé, e voltou pela ultima vez á Camara na legislatura de 1845 a 1847.

Em 1845 deixou o Ministerio, e como Deputado frequentou muito menos a tribuna, parecendo ter perdido todo o antigo fervor politico.

De 1847 em diante dedicou-se exclusivamente ao exercicio da magistratura.

Mais do que a honrosissima pobreza, molestias de pessoas de sua familia desconsoarão-lhe a vida ; porque Ernesto França era marido extremoso, e pae tão estremecido, que não é possivel sel-o mais.

Homem de grandes estudos, tendo chaves da sciencia no conhecimento de diversas linguas, possuia illustração vasta e variada.

Foi no seu paiz menos do que merecia ser.

Ernesto Ferreira França, falleceu na cidade do Rio de Janeiro depois de dolorosa e longa enfermidade ; mas rodeado de sua esposa e filhos em 1872.

ESTEVÃO ALVES DE MAGALHÃES.

Natural da Provincia de Minas Geraes, onde nasceu no fim do seculo oitavo.

Na terra de seu berço recebeu a instrucção primaria e pouco tempo depois entrou para uma botica (pharmacia), na qual como aprendiz e caixeiro praticou durante alguns annos.

Não havia no Brazil naquelle tempo estudo de pharmacia regular ; não se exigia, o que hoje se chama preparatorios, e nem ao menos conhecimentos scientificos de botanica e de chymica : todo o ensino se limitava a pratica com aquelles que já a tinham.

Estevão Alves de Magalhães obteve emfim a sua carta de boticario approvedo, e passou-se de Minas para o Rio de Janeiro.

Estabeleceu-se com uma pharmacia á rua de S. Pedro.

Ou porque já trouxesse de sua Provincia idéas liberaes que erão nella as de quasi todos os pen-

sadores, ou porque as adoptasse no Rio de Janeiro na fervorosa época que começou em 1821, Estevão Alves de Magalhães manifestou-se logo exaltado liberal, e depois de ardente e dedicado entusiasta da causa da Independencia, aceitou sincero em 1822 a Monarchia Constitucional cheio de esperanças no Imperador D. Pedro I; mas desde a dissolução da Constituinte brasileira a 12 de Novembro de 1823 foi, como tantos outros, liberal de intransigente opposição ao Imperador.

Durante os nove annos do primeiro reinado os *boticarios* ou pharmaceuticos da cidade do Rio de Janeiro gozárão fama de liberaes exaltados, e as pharmacias dos mais notaveis erão centros ou pontos de palestra politica, e fócios de opposição.

Ezequiel, Juvencio, e Estevão de Magalhães passavão por decididos republicanos.

Estevão Alves de Magalhães era homem de costumes simples, de probidade reconhecida, amigo leal e prestimoso, e de honrado e firme character; como politico, porem, sendo baldo de instrucção, e homem de pouca leitura, teve no seu partido apenas a gloria de dedicado sem ambições, de influido sem influencia, e só notavel pelos sacrificios pessoais ás idéas politicas que abrançára, e pelas quaes chegou a excesso que pudera ter compromettido sua liberdade, talvez sua vida, e que a moral condemna, e que somente a paixão delirante lhe serviria de desculpa.

Estevão de Magalhães era economico; mas a sua bolsa abrio-se sempre para acudir aos perso-

guidos politicos, ás familias dos liberaes presos e condemnados ou foragidos por crime de revolução liberal, como a da *Confederação do Equador* em Provincias do Norte do Imperio ; tambem não poupou auxilios pecuniarios para acender a luz da imprensa e mantel-a na prégação das doutrinas liberaes mais adiantadas.

Em 1824 entrou com a sua pequena contribuição pecuniaria (porque fraca foi a despeza necessaria) e com o seu compromettimento pessoal, aliás tão grave naquelle tempo, na trama de feliz resultado para a fuga do padre José Antonio de Caldas (veja-se o respectivo artigo biographico) preso na fortaleza de Santa Cruz, e condemnado á morte.

Estevão de Magalhães recebeu o padre Caldas evadido no caes do largo do Paço, e o asylo em sua casa na primeira noute.

Não houve occasião de sacrificios em que Estevão de Magalhães procurasse poupar-se : foi até 1831 conspirador entre os chefes conspiradores ; não tenho porém informações fidedignas que fação crer que elle pertencesse ás sociedades secretas mais importantes, que tramavão a revolução.

Mas o nome de Estevão Alves de Magalhães, impõe-se á historia na revelação do segredo de um facto, que até hoje guardado em mysterio que não tem mais razão de ser deve entrar no conhecimento de todos.

Logo depois da dissolução da Constituinte brasileira alguns liberaes republicanos tentárão promover subita revolução.

O plano adoptado foi o seguinte: o incendio de edificio notavel faria, como sempre, acudir o povo em multidão ao lugar do sinistro pelo annuncio repetido dos sinos das igrejas, e então se aproveitaria o numeroso ajuntamento popular para o rompimento da revolução.

Os agentes dos revolucionarios laboravão, excitando o povo contra o Governo do Imperador.

Foi escolhido para ser incendiado o *Palacete do Campo de Sant'Anna*, que condemnado pelos conspiradores em 1824 á ser destruido *pelo fogo*, como por fatal destino o *fogo* o destruiu completamente em 1841 por funesto acaso.

Mas quasi ao mesmo tempo o Imperador D. Pedro I recebeu denuncia do plano incendiario; e os conspiradores abandonárão a escolha do *palacete* ou por ser edificio pequeno ou por qualquer outra razão.

Era o mez de Março de 1824: a Constituição do Imperio offerecida pelo Imperador ao exame das Camaras Municipaes ia a pedido de grande numero destas ser jurada: o dia do juramento seria de apparatusa festa e com espetaculo de gala no theatro de *S. Pedro de Alcantara*, o unico que a esse tempo a cidade do Rio de Janeiro possuia.

O theatro de S. Pedro foi por isso preferido pelos infantis conspiradores para ser victima do incendio na noite de 25 de Março em que se daria o espetaculo festivo em honra do juramento da Constituição marcado para esse dia.

Como porém atear o incendio? quem tomaria

sobre si o desempenho desse commettimento criminoso e arriscadissimo ?

Estevão Alves de Magalhães resolveu o problema tremendo, dizendo simplesmente :

— Eu.

Esse homem de optimo coração, bem estabelecido, chefe de familia, ousou em impulsos violentos de paixão politica tomar dissimulado o archote do incendiario, expondo-se á todas as consequencias do crime !.

Alguns dias antes do 25 de Março, 8 ou 10 sem duvida, Estevão Alves de Magalhães disfarçado em pobre maltrapilho infeliz recém-chegado de não sei qual, das Provincias do Norte conseguiu á muito chorar sua penuria, ser admittido no theatro de *S. Pedro de Alcantara*, como *pucha-vistas* ou *pucha-bastidores*, ganhando duas patacas por noute de espectáculo.

Logo depois um seu protegido, e homem de confiança, fingindo-se em situação afflictiva, qual faminto, igual a de Estevão, reunio-se a elle como *pucha-vistas* nas noutes de espectáculo.

O boticario de tratamento modesto, mas decentissimo, foi ganhando suas duas patacas em character de *pucha-vistas* durante meia duzia de noutes de espectaculos que então havia trez vezes por semana.

E chegou a noite de 25 de Março do 1824.

Representou-se uma *Oratoria* (era tempo da quaresma ;) havia enchente real no theatro : D. Pedro I, e sua virtuosa esposa, a primeira Imperatriz

do Brazil, mostravam-se radiantes no camarote imperial,

Estevão Alves de Magalhães contava com a acção revolucionaria dos seus amigos conspiradores na platea e nos arredores do theatro: mas durante o correr da *Oratoria* obrigado a *puchar vistas*, e sempre fiscalizado e urgido pelos *contra-regras*, não poudé atear o incendio, o que sómente effectuou ao terminar o espectáculo, e no meio da desordem dos actores em retirada.

O Imperador e a Imperatriz já tinham sahido do theatro, quando o incendio se manifestou.

Parte do povo estava fóra, tendo corrido a observar curioso a sahida do Imperador e da sua corte: o resto dos espectadores e as familias precipitárão-se desordenadamente, e em ancias de medo para fóra do theatro aos primeiros e aterradores annuncios e gritos de *fogo!* . *fogo!*

Todos fugião, correndo, apertando-se, e quasi esmagando-se no despero da fuga precipite e desesperada.

Se no meio dessa immensa perturbação dos animos de todos, desse medo geral, dessa angustiosa retirada de familias, levantárão-se brados, pro- vocações revolucionarias, ou ninguem os ouviu, ou não houve quem lhes prestasse attenção.

O Imperador D. Pedro I, já em seu carro passava além do *Largo do Rocio da Cidade Nova*, hoje Praça 11 de Junho, quando ao clarão sinistro do rompimento do incendio, prevenido e enganado pela

denuncia, que semanas antes recebera, exclamou de dentro do carro :

— Lá se foi o meu palacete!

Esta exclamação foi ouvida por quem ainda hoje vive, o Sr. Balbino França, que pertencia ao esplendido e magestoso corpo chamado *Guarda de Honra* e que nessa noite levava seu cavallo á galope proximo da portinhola do carro do Imperador.

Ateado o incendio, Estevão Alves de Magalhães fugio do theatro á tempo de escapar ás suspeitas de incendiario, e no dia seguinte observando as ruinas do grande e utilissimo edificio, sentio acerbo arrependimento do mal que fizera, e que não aproveitara aos planos insensatos da revolução de improviso.

Continuando sempre e até o fim de sua vida a ser liberal das idéas mais adiantadas, Estevão de Magalhães arrefeceu não pouco seus ardores politicos depois de 1831 e mais tarde retirando-se para Minas Geraes lá morreu ignorado.

EUZEBIO DIAS LOPES.

Com estes nomes que serão os seus proprios, ou tomados falsamente por calculada velhacaria fez-se conhecido e celebre de 1732 a 1733 na comarca das Alagoas então pertencente á capitania de Pernambuco personagem damninha, embusteiro criminoso ; mas evidentemente sagaz.

Onde nascera ? . em Portugal ou no Brazil ? . . donde viera para as Alagoas ? onde, quando morreu ? . tudo se ignora.

Em fins do primeiro e pelo correr do segundo annos ácima indicados apparecêrão vagando pela comarca das Alagoas dous impostores, um que se intitulava *Principe do Brazil* e outro *Euzebio Dias Lopes*, que se dizia *padre*, vestia-se como se o fosse, e que acompanhava em character de secretario ou de ministro o tal Principe do Brazil.

Em nome e por ordem e com Decretos do Principe, que se mostrava só quando era preciso, e fallava pouco, e era muito menos accessivel, o pa-

dre Euzebio, ministro de *Sua Alteza* ia agraciando com Habitos, e Commendas, e com titulos de Barões, Condes e Marquezes aos alagoenses mais ou menos ricos de ouro, e muito pobres de espirito para pagar por bom preço aquellas honrarias.

A gente rude, credula, e endinheirada enchia o thesouro principesco ou as bolsas do Principe do Brazil, e do seu ministro o padre Euzebio.

Chegou a noticia de semelhante abuso velhaco da *innocencia*, e da estulta vaidade, dos alagoenses ao então Vice-Rei do Brazil o Conde de Sabugosa, que ordenou ao Governador de Pernambuco que fizesse prender e processar os dous embusteiros.

E' aqui, ou desde então que se revela evidente a sagacidade do padre ou não padre Euzebio.

O *Principe do Brazil* cahio nas mãos da Justiça em Setembro de 1733, foi processado e a 2 de Abril de 1735 remetido com a devassa para Lisboa, onde teve de pagar suas culpas.

Mas outro tanto não aconteceu ao padre ou não padre Euzebio que *sumio-se mysteriosamente.*

Não houve meio de descobrir Euzebio Dias Lopes, que escapou a todas as diligencias da autoridade empenhada em prendel-o.

Era então difficilimo, quasi impossivel escapar á justiça, fugindo por mar das Alagoas: pelo interior o embusteiro teria contra si mais do que a perseguição da autoridade, o recentimento, e a vingança do ridiculo, em que tinham cahido os *Ca-*

valleiros e Commendadores de diversas Ordens, e os *Barões, Condes e Marquezes* de illusorios, e velhacos despachos.

Todavia Euzebio Dias Lopes desapareceu como se nunca tivesse existido!..

Onde se metteu?.. para onde fugio, como zombou das diligencias da autoridade?... ninguem jámais o soube.

Naturalmente mudara de nome; certo é porém que violenta, e policialmente demittido do seu lucrativo cargo de Ministro e Secretario de Estado do Principe do Brazil com toda a sua alteza af-ferrolhada na cadeia, abandonou *desgostoso* a carreira politica com tanta abnegação, e habilidade que não houve quem desse noticia d'elle, e ainda menos soubesse de seu destino.

Euzebio Dias Lopes, embusteiro, debochado, cahido no resentimento, e até no odio de suas victimas *desappareceu, sumio-se*, e ninguem soube, e ninguem sabe como.

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

Filho legitimo de Francisco Luiz Saturnino da Veiga e de D. Francisca Xavier de Barras da Veiga.

Evaristo Ferreira da Veiga nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 8 de Outubro de 1799.

Recebeu a instrucção primaria de seu proprio pae que então tinha aula de primeiras letras na rua do Ouvidor, e aos doze annos de idade passou a estudar latim e rhetorica, e como alumno externo do Seminario de S. José seguiu ahi com distincção as aulas de philosophia racional e moral e as das linguas franceza e ingleza, aprendendo mais tarde comsigo mesmo a lingua italiana.

A par desses estudos que illuminárão o seu espirito, aprimorava-se em Evaristo a educação mais desvelada e exigente. Francisco Luiz Saturnino era profundamente catholico, de rigidos costumes e educava os filhos com severidade como que carrancuda que muitas vezes levava á exage-

ração ; mas sempre no empenho do culto zeloso do dever.

Concluindo o seu curso aliás incompleto de instrucção secundaria em 1818, Evaristo foi aos 18 annos servir de ajudante ou caixeiro á seu pae, que deixara a aula de primeiras letras para abrir loja de mercador de livros á rua da Alfandega.

Preso ao balcão da loja e sob os olhos severos de seu pae, viveu elle encerrado quasi constantemente durante cinco annos, isto é, até 1823, tendo por feliz e proveitoso entretenimento a leitura reflectida de obras de philosophia, de escolhidos poetas, e sobre todas as dos encyclopedistas então ainda muito cultivadas.

Evaristo não foi indifferente aos acontecimentos de 1821 e 1822 ; não pôde porém tomar parte activa nelles. Tolheu-o o respeito profundo que elle tinha e teve sempre ao pae : tolheu-o o nobilissimo receio de desgostal-o.

Francisco Luiz Saturnino era portuguez de nascimento, e portuguez aferrado ás velhas doutrinas, para quem a autoridade absoluta do Rei não admittia contestação. Vassallo fiel de D. João VI elle o foi até que a proclamação do Imperador D. Pedro I veio-lhe em soccorro, satisfazendo sua lealdade á Monarchia.

Evaristo sentia abrasar-lhe o coração o fogo do patriotismo, e não podendo resistir ao generoso impeto ; mas sempre zelando sua obediencia filial, escreveu em 1822 um ou outro artigo ; mas não os fez publicar, embora sob assignatura dissimu-

lada, sem que primeiro os mostrasse temeroso ao pae, que, lendo-os, e restituindo-os ao filho, deu-lhe a maior animação com a sua tolerancia.

Ao grito do Ypiranga a 7 de Setembro de 1822 o joven Evaristo enthusiasvou-se e do balcão da loja de livros da rua da Alfandega sahirão as letras do hymno da Independência do Brazil, e das balladas, e dos cantos patrioticos da época.

Cabe aqui dizer que nesse tempo cultivando um pouco a poesia, Evaristo compoz, além daquelle hymno e balladas alguns cantos e lyras recommendaveis pelo sentimento e pela brandura; mas nem por isso de merecimento assignalado para dar-lhe primor como poeta.

Em 1823, tendo perdido sua mãe, estabeleceu elle de sociedade com seu irmão João Pedro da Veiga (e com approvação do pae) uma livraria á rua da Quitranda esquina da de S. Pedro; mas em breve abriu por conta propria loja de livros na mesma rua da Quitanda esquina da dos Pescadores agora chamada do Visconde de Inhaúma.

Já então Evaristo se achava casado com D. Edeltrudes Maria da Ascenção, senhora de exemplares virtudes á quem amou sempre fiel e extremadamente.

Até esse tempo e ainda até 1827 elle era sómente conhecido e estimado na cidade do Rio de Janeiro pela fama do seu talento provado nas aulas, pelo conhecimento do seu estudo perseverante nas tres livrarias, e pelos excellentes dotes do seu coração.

Era exemplarmente religioso sem ostentação, de costumes e de viver simples, caridoso e benéfico, de escrupulosa probidade, typo de chefe de familia e de modestia sem artificio, modestia que ainda realce maior dava ás suas bellas qualidades.

Em relação á politica do Estado pouco ou mal conhecido era então: de 1823 em diante publicara diversos artigos e pequenos folhetos com reserva do nome do autor e nelles quebrara suas primeiras lanças muito mais em favor e defesa da nacionalidade brasileira e da honra da patria, do que em lides de politica interna.

Dissolvida em Novembro de 1823 a Constituinte, os liberaes resentidos distanciárão-se do Imperador D. Pedro I e até 1828 só se conhecêrão no Brazil dous partidos, republicano — e absolutista. Isso não era de todo verdade; havia entre os sustentadores da causa monarchica estadistas notaveis que tomavão á peito o systema monharchico-constitucional, e na opposição liberal parlamentares distinctos que estavam longe de aspirar a republica; mas o antagonismo politico o mais intolerante de parte á parte impunha a denominação e a suspeita de republicano, a todo aquelle que não apoiava em tudo e por tudo o Governo do Imperador, e de absolutista á quem quer que não maldizia desse Governo.

Mas, preciso é dizel-o, de 1823 a 1828 os liberaes em opposição éráo em sua maxima parte todos republicanos, e em face do partido (quasi sem organização) que sustentava o Governo do Imperador, só havia um partido organizado, activo,

e em latente conspiração, o partido republicano. Portanto até 1828 só havia no Brazil admittidas pelo consenso geral—partido absolutista e partido republicano.

No Parlamento, ou antes nas Camaras Legislativas a lucta começara temerosa, hesitante em 1826, em que se estreava a primeira legislatura; mas em 1827 já se travara franca e em crescente energia.

A imprensa politica, isto é, a das gazetas periodicas do Governo e da opposição, ou absolutista, e republicana, como se dizia, tinha adoptado por logica a injuria, por argumento o insulto, e de um e outro lado a vida privada dos adversarios éra indigna e revoltantemente açoutada pela calumnia atroz, ou ainda mesmo pela verdade malvada.

Em Dezembro de 1827 o Dr. Sigaud promoveu a fundação da *Aurora Fluminense* periodico liberal de opposição tendo diversos redactores: mas Evaristo de simples collaborador que fôra, tornou-se desde Abril de 1828 o unico redactor dessa gazeta.

A *Aurora Fluminense* de Evaristo foi grande acontecimento politico O seu menor serviço elevou-se a transcendente beneficio: ella deu o bello exemplo do estudo grave, e lucido das questões, e da polemica sem azedume, e absolutamente isenta da injuria e do aleive: nem assim escapava aos insultos e ás calumnias dos escriptores adversarios o seu generoso e habil redactor, que, todavia, ainda quando mais indignamente ultrajado, sómente se des-

ferrava, manejando com atticismo a ironia fina e penetrante, de que possuia dom natural aguçado pela instrucção,

A *Aurora Fluminense* elevou-se porém a grande acontecimento politico pela immensa influencia que exerceu no futuro do paiz.

Escrevendo em franca opposição ao Governo, Evaristo hasteou uma bandeira nova na lucta dos partidos, foi o propagandista de doutrina; que éra tão contraria aos republicanos, como aos absolutistas: a sua bandeira foi «monarchia constitucional representativa»; a sua propaganda «a execução fiel e pura da Constituição do Imperio» e sem que jamais hesitasse, nem fizesse concessões ás chamadas conveniencias politicas, sustentou sempre uma, e alimentou a outra com a imperturbavel coragem da consciencia do dever, e com a perseverança da mais profunda convicção.

Evaristo fez escola creou em 1828 o partido monarchista-constitucional no Brazil.

A loja de livros de Evaristo foi desde 1828 ponto de reunião diaria dos mais distinctos chefes liberaes: o Senador Vergueiro, os Deputados Vasconcellos, Paula e Souza, Padré José Custodio, Padre Feijó, Padre José Bento, uns reconhecidos, outros dissimulados republicanos, alguns que não o erão, e muitos outros notaveis liberaes ião sentar-se e discorrer sobre assumptos politicos em torno da modesta meza, donde sahião escriptos os artigos do redactor da *Aurora*.

Admira realmente, como aquelle ainda tão

novo publicista sem apoio em algum dos partidos militantes, sem ter sahido do seio de alguma sociedade organizada, ao menos de algum grupo de pensadores, ou de amigos •colligados pela mesma idéa, como Evaristo tão só a principio; mas tão herculeo com a clava da sua logica, escapasse sereno, e inabalavel á influencia então muito prestigiosa dos notaveis, populares e entusiastas republicanos que assiduos o frequentavão.

Ainda mais: nesse tempo e até 1831 os liberaes, quasi todos republicanos, tinham na Côrte e por tanto nas principaes Provincias sociedades secretas em activo labor de conspiração. Evaristo, que á nenhuma dellas podia pertencer, nem pertenceu, naturalmente não estava no caso de merecer suas sympathias, e menos ainda sua confiança.

E entretanto em fins de 1828 Evaristo, ou, melhor, o redactor da *Aurora Fluminense*, o preconizador da *monarchia constitucional* foi eleito Deputado á segunda legislatura pela Provincia de Minas Geraes, então a mais suspeita de aspirações republicanas!

E convém não esquecer naquelles tempos de santo noviciado do systema representativo, não havia em eleição chapas officiaes de Governo, nem de directorios de partidos, havia ampla liberdade de voto e independencia nem de leve disputada aos eleitores.

E Evaristo, o ostentoso *monarchista constitucional* foi eleito Deputado pela Provincia de Mina-

Geraes, a de Bernardo de Vasconcellos e dos Padres José Custodio e José Bento, ultra-liberaes de fama.

A *Aurora Fluminense* ante-republicana fez Evaristo Deputado !

Que conquista gloriosa tinha elle já realisado !...

A explicação não é difficil.

O talento não é dom de poucos, a illustração é fructo do estudo : Evaristo talentoso e illustrado por certo, o era todavia menos, do que não poucos dos já conhecidos, distinctos liberaes ; a *Aurora Fluminense* porém tinha revelado nelle, as conferencias da loja tinhamo nelle provado um dom, que nem o talento, nem a illustração, nem a sabedoria pôdem criar, ou supprir, um dom raro, o *bom senso*, que Evaristo possuio em superior e maxima proporção sobre todos os seus contemporaneos politicos.

De 1828 em diante, e até sua morte Evaristo foi — o *bom senso rei* no Brazil.

Na segunda ligislatura avultou o numero dos Deputados liberaes e a nova Camara estreou-se em 1830 ardente, agitada, e forte.

Evaristo levou para a Camara o seu bom senso e a sua logica inflexivel : Deputado novo elle tornou-se quasi de improviso conselheiro influente de numerozo circulo de Deputados liberaes e mais de uma vez concorreu para moderar nas votações as tendencias exaltadas da opposição.

Frequentou a tribuna ; mas nunca se distinguio por arrebatamentos de eloquencia : a sua eloquencia era a logica, e nos seus discursos a mais

perfeita cortezia adoçava as censuras e as replicas: tinha palavra mais que facil, fluentissima; monotoná porém; porque era sempre a mesma um rio a correr por leito sempre igual; voz sonora; mas affautada, que de principio a fim se fazia ouvir indefectivamente no mesmo tom: sua admiravel fluencia, e o seu fallar, que era como musica sem accidentes acabavão ás vezes por fatigar o auditorio; porque elle orava durante uma hora sem jámais fazer leve pausa, sem hesitar á procura de uma palavra, sem dar um momento de descanso a attenção da Assembléa, e sempre com a mesma entonação até concluir o discurso.

Orador parlamentar estimado e sympathico, Evaristo nunca explorou as paixões do dia: discutio-as raciocinando vigorosamente, esclarecia as questões com simplicidade e lucidez, fallava com a suavidade do seu character e com inspirações de verdadeiro patriotismo.

Na imprensa elle continuava sempre fiel á sua bandeira e ao seu programma.

No correr de 1830 os liberaes mais adiantados (que continuavão a conspirar) começárão a agitar o paiz com a nova propaganda da — *federação das Provincias*—; organisárão-se sociedades federalistas; a idéa teve echo nas Provincias abatidas por exagerada centralisação, e queixosas de perseguições politicas: a maioria dos liberaes adoptou com ardor o programma que se resumio no mote — *Federação já e já*.

Evaristo não cedeu, resistio á onda violenta:

a federação das Provincias foi por elle combatida na sua *Aurora Fluminense* com todo o esforço do seu illustrado talento.

O estadista do bom senso manteve-se firme, sereno, bello na defesa de sua doutrina politica, não lhe importando o sacrificio da immensa popularidade que conquistara mesmo entre os proprios republicanos.

Em Dezembro de 1830 D. Pedro I partio para Minas-Geraes, recolhendo-se á Capital do Imperio depois de dous mezes de passeio politico cheio de desillusões.

Festejando a chegada do Imperador com luminarias e fogueiras os portuguezes de algumas ruas do commercio da cidade logo na primeira noute maltratárão e insultárão grupos de brazileiros que não quizerão prestar-se a dar vivas ao Imperador do modo; porque elles o entenderão: na segunda noute houve graves conflictos, e os portuguezes com audacia revoltante apedrejárão casas de brazileiros que não se achavão illuminadas, e entre essas a de Evaristo, redactor da *Aurora*, e Deputado, que foi injuriado e ameaçado em grita selvagem.

Forão taes as *noutes das garrafadas*, nome que a historia conservou; porque entre os instrumentos de aggressão e de combate eram numerosas as *garrafas* que os portuguezes atiravão sobre os brazileiros.

O sangue tinha já còrrido, affrontas se repetirão provocadoramente á nacionalidade brazileira; de dia na rua da Quitanda caixeiros portuguezes ar-

rancárão o laço nacional ao Deputado de Minas-Geraes Baptista Caetano de Almeida, e o calcárão aos pés.

A consequencia foi o mais vivo exaltamento dos brios nacionaes, e a pronunciada revolta dos animos de todos os brazileiros. O perigo era extraordinario, e os republicanos (em conspiração) ganhavão cada dia mais terreno e força.

Evaristo, o insultado no apedrejamento de sua casa, o ameaçado em sua vida pelos gritos sinistros da multidão estrangeira em phrenesi, fulgurou ainda então e depois com a grandiosa perseverança na doutrina da escola politica creada por elle.

A *Aurora Fluminense* fulminou com a energia mais vehemente; mas sempre decorosa a revoltante intervenção estrangeira nos negocios politicos do Estado, exigio com ardor patriotico o castigo dos portuguezes que tinhão insultado a honra nacional, chamou no tom mais severo o Governo ao cumprimento do seu dever; mas recommendou ao povo firmeza, moderação, ordem, e esperanza na acção da autoridade.

A 17 de Março o Imperador fez sua entrada solemne na cidade no meio das aclamações ferventes dos seus mais dedicados cortezãos, a de centenas de portuguezes; mas com frieza glacial dos brazileiros.

Ao mesmo tempo um Senador (Vergueiro) e Deputados que então se achavão na Capital, reunidos na chacara da Floresta (á rua d'Ajuda) casa do Deputado (republicano) padre José Custodio Dias, deliberarão dirigir ao Governo Imperial energica re-

apresentação, expondo as affrontas soffridas pela nacionalidade brasileira, e reclamando com vigor o castigo dos estrangeiros, dos portuguezes criminosos. Evaristo foi felizmente escolhido para redigir a representação, que lhe sahio do seu *bom senso*, forte, energica, radiante de patriotismo; mas preceituosamente constitucional.

No dia seguinte o Deputado Honorio Hermeto (depois Visconde e Marquez do Paraná) recebeu das mãos de Evaristo a historica representação e foi de casa em casa fazel-a assignar pelo Senador e pelos Deputados da reunião da Floresta, fazendo-a logo depois chegar ao conhecimento do Governo.

A representação datada de 18 de Março foi de extraordinaria influencia sobre os acontecimentos immediatamente seguintes: por ella o Senador Vergueiro (immensamente popular) e os Deputados signatarios assumirão a responsabilidade e a direcção do pronunciamento nacional: o povo sentio á sua frente o seu Senador e os seus Deputados liberaes: os chefes populares republicanos ficárão no segundo plano, embora continuassem a ser ouvidos.

Evaristo, redactor escolhido da representação, assumio certa autoridade moral na reunião da Floresta, tornou-se interprete e órgão dos sentimentos dos seus collegas parlamentares signatarios do transcendente documento politico.

A 20 de Março o Imperador organisou novo Ministerio muito fraco para a situação critica e extraordinaria em que se achava a capital do Imperio; ao menos porém isento de suspeições anti-

liberacs e ostentoso de pronunciado espirito nacional.

Evaristo prestou na *Aurora Fluminense* todo o apoio ao Ministerio de 20 de Março, continuou a aconselhar a ordem, o respeito ás Leis, a confiança no Governo, e á condemnar todas as idéas de revolução até que na noite de 5 de Abril o Imperador demittio subitamente o Ministerio, organisando outro, cujos membros trazião o character de reacção anti-liberal.

Seguiu-se no dia e noite de 6 de Abril o pronunciamento do povo e de quasi todos os corpos militares, reclamando e exigindo a demissão dos novos Ministros, e a reconducção do Ministerio de 20 de Março, e na madrugada de 7 de Abril a abdicção do Imperador D. Pedro I.

Evaristo foi alheio ao pronunciamento de 6 de Abril, e só appareceu no Campo de Sant'Anna ao romper do dia 7, accudindo á noticia de abdicção, que o General das armas Francisco de Lima e Silva immediatamente fez chegar ao seu conhecimento.

Francisco de Lima tivera a mais patriotica inspiração.

As circumstancias não podião ser mais arriscadas: o povo estava em armas, a tropa fraternizava com elle: durante a noite de 6 para 7 de Abril chefes populares tinhão em ardentes discursos pregado idéas subversivas, profundamente revolucionarias.

O annuncio da abdicção do Imperador D. Pe-

dro I soou de boca em boca absolutamente inesperado, e pela propria surpresa que produziu, extinguio de subito as imprecações e os furores e acendeu em todos a exultação.

Evaristo recebido em sala do Quartel do Campo de Sant'Anna pelo General das armas Francisco de Lima não perdeu tempo: cumpria aproveitar as primeiras horas dos transportes de alegria, em que os republicanos e revolucionarios deixarão passar a melhor occasião para arrebatat o povo e a tropa em favor de sua causa.

Não havia Governo, e a necessidade instante era tel-o, e immediatamente depois trazer o Imperador menor para receber a aclamação do povo.

Evaristo foi a ninfa Egeria.

Os Deputados e Senadores que se achavão na capital, embora em numero insufficiente para deliberar em Assembléa Geral, forão para logo e logo convocados, e reunidos no paço do Senado no mesmo campo de Sant'Anna, elegerão uma Regencia provisoria, e escolherão Evaristo para redigir uma proclamação ao povo e á tropa em nome daquella Assembléa de representantes da nação.

Começava o reinado moral do bom senso de Evaristo: foi d'elle o conselho dos tres membros da Regencia provisoria, *Francisco de Lima e Silva*, o mais prestigioso representante do elemento, militar e estimado pelos liberaes; o *Senador Vergueiro*, objecto das sympathias, e da plena confiança do povo, e de todos os liberaes e dos republicanos; e o *Marquez de Caravellas*, varão muito illustre, que fôra

ministro de D. Pedro I, que era Conselheiro de Estado, e que nem por issó incorrera na reprobção aliás intransigente da opposição liberal, e que entrando na Regencia, parecia como uma promessa de moderação dos vencedores aos vencidos.

A proclamação redigida por Evaristo foi digna delle e da Assembléa, obra suave da sabedoria, do patriotismo e da occasião.

O Senhor D. Pedro II unguido pela sua innocencia de menino de cinco annos, quatro mezes e poucos dias, e pela providencial condição do seu nascimento no Brazil foi acclamado, victoriado pelo povo, pela tropa com enthusiasmo unânime e tão fervente, que seu augusto pae consolado e commovido derramou as mais doces lagrimas, que em sua vida lhe sáhirão dos olhos.

A monarchia constitucional estava salva da primeira e tremenda ameaça de tempestade rasgada.

A ordem e a tranquillidade publica estavam á mercê dos odios recentes da nacionalidade offendida pelos portuguezes, á mercê do povo que se achava armado, e que em seus improvisados batalhões continha elementos de turbulencia, e da tropa emfim, cuja disciplina forçosamente se affrouxara desde o momento em que a levárão á pronunciar-se sediciosa contra o Governo.

Evaristo pronunciou no campo de Sant'Anna as palavras historicas e de grande e generosa influencia: «Moderação! moderação! haja moderação!» E auxiliado pelo seu amigo Manoel Odorico Mendes

Deputado aliás conhecido como republicano suffocou as primeiras vozes que sinistras lembravão as noutes das garrafadas e os insultos á nacionalidade, dizendo e repetindo as não menos memoraveis e generosas palavras: « Perdão para os illudidos !. » em defesa dos portuguezes, muitos dos quaes tinham-lhe apedrejado a casa, e em voseria fervente ameaçado a vida.

Conselheiro patriota e verdadeiro ; mas modesto director da nova situação politica que começara no dia 7 de Abril de 1831, o esplendido e henemerito cidadão dedicou-se todo ao glorioso empenho de manter a monarchia constitucional, a ordem e a integridade do Imperio, e sem a menor duvida Evaristo foi até 1835 o estadista mais influente na marcha do Governo do Brazil.

Antes de dous mezes os vencedores de 7 de Abril já se achavão em desintelligencia profunda e formando dous partidos oppostos : um, o dominante, o dos liberaes que adoptarão a politica de Evaristo denominou-se *moderado*, nome que lhe veio das palavras historicas que no mesmo dia 7 de Abril o seu illustre chefe pronunciara no campo de Sant'Anna : outro o dos liberaes insistentes em suas aspirações federalistas e republicanas, a quem acompanhavão muitos outros ainda animados de espirito resentido e hostile aos portuguezes tomou a denominação de *exaltado*.

Vasconcellos, os Padres José Custodio, e Alencar, Odorico Mendes, José Maria do Amaral e alguns outros como elles principaes Deputados republicanos,

e com elles Vergueiro, Feijó, Paula e Souza forão no partido *moderado* poderosos auxiliares da politica iniciada e dirigida por Evaristo.

Na eleição da Regencia permanente em 1831, na escolha do candidato á regente do Acto Adicional em 1834, na organização de todos os Ministerios até 1835, na escolha de muitos Presidentes de Provincias, e em todos os actos de alguma ou de muita importancia politica tomados pelo Governo, o conselho e a influencia do redactor da *Aurora* forão sempre imprescindiveis e decisivos.

Em 1831 faltava absolutamente ao Governo força material, e as sociedades federalistas, e os aticadores do odio internacional muito perigoso : porque avivava sempre as lembranças recentes das noutes das garrafadas, ameaçavão o Governo com a perda da força moral sobre o povo.

Evaristo fundou a *Sociedade Defensora da Liberdade e da Independencia Nacional*, fel-a presidir muitas vezes pelo sabio franciscano Fr. Francisco Montalverne que era então o rei da tribuna sagrada, e quasi o idolo da mocidade estudiosa e intelligente, chamou para a sociedade os jovens, alguns ainda estudantes, de mais afamado talento, como o finado Visconde de Jerumirim, os actuaes Srs. Barão de S. Felix, Conselheiro José Maria do Amaral e muitos outros, de modo que em breve toda a juventude fluminense esperançosa pela intelligência distincta, e já brilhante pela eloquencia da palavra cercou com o enthusiasmo proprio de sua idade e com a estima

e a confiança mais justamente merecidas o inclyto patriota, chefe do partido moderado.

De 1832 a 1834 a organização, o pronunciamiento revoltoso, e a conspiração teimosa do partido restaurador, fazendo avultar as apprehensões e os perigos da situação, augmentarão a força do partido moderado pela necessidade de sua estreita união, e pelo apoio que lhe trouxerão muitos liberaes exaltados, a quem o temor da restauração de D. Pedro I alvoroçava.

Mas durante esse periodo de arduos trabalhos, de conspirações e de revoltas, de estremecimentos, de anciedades e de abnegação quanto soffreu o magnanimo patriota! não houve injuria, nem calumnia atroz que sobre elle não fosse lançada por adversarios tornados em inimigos rancorosos, que nem assim abalarão a perseverança heroica, e a serenidade admiravel do estadista providencial.

A sanha phrenetica de algum ou de alguns chegou a armar perverso assassino.

Na noute de 8 de Novembro de 1832 um tiro de pistola foi desfechado sobre o benemerito redactor da *Aurora Fluminense* que em sua loja conversava cercado de amigos: tres destes forão feridos, e Evaristo que tambem o foi bem que levemente, correu á porta da loja; e exclamou á gente que acudira ao tiro: « não me farão calar com estes argumentos! . »

No outro dia e nos seguintes movêrão-se em numero extraordinario não só os amigos particula-

res e politicos, mas ainda muitos adversarios distinctos a visitar o illustre ferido.

Evaristo não desanimou: aquella tentativa de morte exaltou, se é possível, o seu prestigio e a sua coragem. Elle preseguio impavido, fallando ao povo e doutrinando-o na sua *Aurora*, dirigindo o seu partido e com seus conselhos o Governo.

Perfeitamente fiel ao seu programma de 1828, vacillara, cedera emfim uma vez!

Os federalistas em opposição tinham grande força nas Provincias, estas se abalavão, exigindo urgentemente reformas, os republicanos do partido moderado reclamavão tambem reformas da Constituição no sentido democrata; a integridade do Imperio achava-se por isso mesmo ameaçada, e o partido restaurador viera ainda mais aggravar a situação. No Rio de Janeiro, em Pernambuco, no Ceará, no Maranhão, no Pará revoltas já tinham feito ou estavam fazendo correr sangue.

Os chefes do partido moderado resolvêrão acudir de prompto e com providencia violenta e dictatorial ao perigo do Estado. Conforme o preceito da Constituição as reformas della dependião de poderes dados para isso pelos eleitores aos Deputados, e só no fim de dous annos se poderião realizar.

Uma nova Constituição foi secreta e previamente redigida. Na historica chacara da *Floresta* do padre José Custodio Dias, os chefes moderados da Camara temporaria, de acôrdo com o Governo, assentaram em que a Regencia permanente communicaria á Camara que o Ministerio dera sua demissão, dando-

se ella igualmente por demittida, ao que se seguiria o golpe de Estado, convertendo-se a Camara em *Assembléa nacional*, o que importava a exclusão do Senado.

A 30 de Julho de 1832 Ministerio e Regencia se demittirão, e a Camara recebendo o officio, que isso communicava, remetteu-o á uma commissão especial que nomeou, declarou-se em sessão permanente, e horas depois ouviu o parecer da sua commissão, propondo o que na Floresta se planejara, que a Camara dos Deputados, se convertesse em *Assembléa nacional*.

O golpe de Estado felizmente falhou.

Não é sabido como nas reuniões da Floresta se pronunciou Evaristo: deve-se suppôr que foi contrario ao plano desse golpe de Estado; pois que na sessão de 1.º de Agosto (na sessão permanente) elle disse em um seu discurso; « Pela minha parte estava persuadido, que convinha investir o poder de força para resistir ás facções, não com os meios lembrados pela commissão; mas com os que cabem no quadro da Lei fundamental. »

Todavia é certo que a 30 de Julho, Evaristo com o padre José Bento, Costa Ferreira e Paula Araujo, sustentarão o parecer da commissão.

O golpe de Estado de 30 de Julho, se vingasse, teria sido exemplo malefico, porta aberta para outros semelhantes golpes de Estado, fundamento lamentavel da instabilidade constitucional, e a Camara dos Deputados arvorada em Constituinte tantas vezes

quantas conviesse ao partido politico dominante nella :

Mas deve-se crer em honra da mais nobre e pura vida politica pautada escrupulosamente pelo culto da Constituição do Imperio, que Evaristo chefe do partido moderado, em temerosas anciedades patrioticas á prever o desmembramento deste, e com a immensa responsabilidade de sua influencia, se submettesse embora de má vontade á profanação da Lei fundamental por amor da propria monarchia constitucional, e da integridade do Imperio.

Foi um erro ; mas que esse erro não fosse descupavel pelas augustiasas circumstancias da situação politica que não passasse a historia sinão como lembrança de tentativa imprudente e verdadeiramente revolucionaria que falhou, que fosse grande esse erro, á que Evaristo foi arrastado pela maioria dos outros chefes do partido moderado á seu despeito, como o prova o protesto que deixou ouvir no seu discurso de 1 de Agosto, que pezo póde ter esse erro em vida toda cheia de relevantissimos serviços e de abnegação sem igual?.

A tentativa do golpe do Estado de 30 de Julho custou ao partido moderado o periodo de quarenta dias em penitencia politica com um Ministerio não seu. Evaristo historiou os factos na sua *Aurora Fluminense* com habilissima simplicidade, e sem offensa da nova organização ministerial.

No fim de quarenta dias um voto da maioria da Camara fez cahir o Ministerio, e os moderados voltarão ao Poder.

Em 1834 a Camara da terceira legislatura constituiu-se, trazendo os Deputados os necessarios poderes para reformar a Constituição. Após longa e serena discussão foi votado, e em seguida promulgado o *Acto Addicional*.

Estava consummada a grande obra do partido liberal.

Nesse mesmo anno aos 24 de Setembro falleceu em Lisboa D. Pedro, Duque de Bragança, o ex-Imperador do Brazil.

A morte de D. Pedro determinou no Imperio, duas consideraveis consequencias politicas: o partido restaurador não teve mais razão de ser, e dissolveu-se: sua dissolução, fazendo desaparecer a aspiração, de que mais se temião os liberaes, affroxou os laços de estreita união do partido moderado.

Evaristo ainda fez sentir sua influencia na escolha do candidato para Regente (o primeiro) do Acto Addicional, que foi o padre Diogo Antonio Feijó, eleito no dia 7 de Abril de 1835.

Mas nesse mesmo anno o estadista patriota e pelo seu bom senso estadista vidente, preanunciou na *Aurora Fluminense* a decadencia do partido moderado gasto por quatro annos e mezes de Governo em circumstancias anormaes, e tempestuosas.

Tambem elle o principal chefe, a alma desse partido estava exausto de forças, embora não abatido de animo; mas já com a saude visivelmente alterada.

A 31 de Dezembro de 1835 terminou Evaristo

a publicação da *Aurora Fluminense*, o periodico politico que desde 1828 até 1835 mais influio nos destinos do Brazil.

Em 1836, Bernardo de Vasconcellos em breve ou quasi logo secundado por Honorio Hermeto e alguns outros antigos moderados quebrarão franca-mente na Camara sua aliança com os liberaes e em opposição ao Governo do Regente Feijó, crea-rão o partido conservador, ou antes fizeram-no sa-hir do limbo, em que elles proprios tinham aju-dado a lançal-o desde 7 de Abril de 1831.

Evaristo permaneceu firme sob a sua querida bandeira politica: em toda a sessão legislativa de 1836 votou com o seu partido, sustentando o Governo do Regente; não dirigio porém como chefe a maioria: pouco faltou para que fosse Achilles recolhido á sua tenda. Não deixou transpirar desgosto; mas tudo faz acreditar que não lhe sor-ria a direcção dos negocios publicos. Pelo menos era certo que elle se abstinha de aconselhar ao Governo, ou este attendia muito menos á sabedo-ria dos seus conselhos.

A 22 de Novembro de 1836 Evaristo partio para Minas Geraes um pouco por cuidado de sua saude, e muito mais por visita de gratidão á pro-nuncia que em tres legislaturas successivas expon-taneamente o elegera Deputado. Sua viagem foi como que triumphal, multiplicando-se as festas e os banquetes civicos.

Aditado pelas manifestações populares; mas pa-decendo ainda de chronica affecção hepatica, che-

gou de volta á côrte em fins de Abril de 1837, e tão forte abalo lhe causou o estado, ou talvez a direcção das cousas politicas, que sua molestia aggravou-se de subito, e embalde todos os recursos medicos, falleceu á 12 de Maio, tendo pedido e recebido piedosa e docemente os soccorros da religião santa, cujos preceitos sempre e indefectivelmente cumprira.

A virtuosissima esposa, e ás tenras filhas que o cercavão já moribundo, pertencêrão as ultimas palavras, que proferio: elle lhes dice placido, suave; mas já com voz difficil: «Vivei no santo temor de Deus... e nelle confiai. e em meu irmão.»

O irmão de que fallava éra João Pedro da Veiga,

Evaristo não fallou mais, e pouco depois pareceu adormecer docemente.

Estava morto.

A morte de Evaristo foi como uma calamidade nacional. Todas as Provincias do Imperio acompanharão a côrte e a Provincia do Rio de Janeiro, berço do inclito patriota na dôr e no luto.

Evaristo Ferreira da Veiga, o simples livreiro, redactor da *Aurora Fluminense*, e depois Deputado, que de 7 de Abril de 1831 até 1835 com a sua influencia politica sem rival governara o Imperio, fizera Regentes, organisara Ministerios, indicara Presidentes para as Provincias, dictara providencias transcendentas, dominára emfim como chefe e alma do partido, e como Conselheiro e Director do Go-

verno, não foi Regente, nem Ministro, nem Presidente de Provincia, não teve jamais commissão nem emprego lucrativo, nunca pedio nem vio empregado parente seu algum em repartições publicas, e, quasi dictador de 1831 á 1835 morreu simples livreiro, e tão honradissimamente pobre, que nem deixou á familia o bastante para honras funebres condignas de sua posição official, e de sua magnificente gloria nacional!

Nunca houve pobreza de finado com tanta opulencia de legados em exemplos preclarissimos!

Em sua vida particular ou privada Evaristo Ferreira da Veiga foi como filho, como irmão como esposo e como pae, typo de virtude, de amor, e de fidelidade enexcediveis.

Em sua vida politica foi o symbolo do patriotismo, do desinteresse e da dedicação: de merecimento superior, e de modestia exemplar nunca sentio o turvo sentimento da inveja: o talento e a instrucção dos outros era objecto dos seus applausos e da sua admiração: a mocidade intelligente e estudiosa teve sempre nelle o animador mais entusiasta.

No seu tempo houve muitos varões que o excedião em illustração, e em profundeza de conhecimentos; nenhum porém o igualou em *bom senso* Nunca quiz subir e foi o maior homem da sua época.

De 1828 á 1831 no primeiro reinado foi o mais sincero monarchista constitucional, e teve o poder de criar o partido dessa denominação no meio

do proprio campo republicano : de 1831 á 1835 foi o vitorioso propagador e firme columna da Monarchia constitucional, e a fortaleza enexpugnavel que se oppoz a anarchia.

Evaristo Ferreira da Veiga será na historia de sua patria a legenda heroica do patriotismo, da honra, e da virtude.

EZEQUIEL CORREA DOS SANTOS.

Filho legitimo de Antonio dos Santos e de D. Maria Roza de Oliveira, nasceu Ezequiel Corrêa dos Santos a 10 de Abril de 1801 na freguezia do Pilar, Provincia do Rio de Janeiro.

Tendo concluido os seus estudos preliminares, e sentindo inclinação para o ramo das sciencias medicas, em que depois primou, seguiu o curso de chimica pratica, além das manipulações pharmaceuticas dirigido no tempo do reinado de D. João VI pelo habil pharmaceutico José Caetano de Barros.

A 2 de Junho de 1819 Ezequiel tendo feito com approvação plena todos os seus exames foi por carta regia nomeado pharmaceutico.

No exercicio de sua profissão distinguio-se sempre pelo saber, pelo zelo, pela escrupulosa intelligencia, e ainda pelo empenho constante em honorificar a pharmacia.

Applicando o Dr. Joaquim José da Silva com vantagem no tratamento das febres intermittentes

a casca do páo Pereira, teve Ezequiel a gloria de ter sido o primeiro que obteve isolado o principio activo daquella casca, alcaloide, á que deu o nome de *Pereirina*.

Fundada em 1835 a *Imperial Academia de Medicina*, que em 1829 começara por simples reunião de medicos e cirurgiões sob o titulo de Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, da qual Ezequiel fez logo parte, foi elle naquella eleito presidente da secção de pharmacia.

Entre os seus serviços prestados na Academia devem ser lembrados—a proposta e apresentação de bases para um curso de pharmacia com o bacharelado previo das sciencias naturaes:—o esforço para que fosse estabelecido o exame das substancias alimenticias expostas a venda:—o discurso ou memoria, demonstrando a necessidade de um Codigo Pharmaceutico Brasileiro, que encerrasse os ricos productos vegetaes do paiz:—a memoria em que estudou as causas do atrazo da pharmacia no Brazil, e a historia desta que elle dividio em tres épocas desde 1818 até 1835.

A 30 de Março de 1850 Ezequiel installou no Rio de Janeiro a Sociedade Pharmaceutica Brasileira, que honrará sempre sua memoria.

Em 1855 a Faculdade de Medicina escolheu por unanimidade de votos dos seus membros o estabelecimento de Ezequiel para servir de escola pratica de pharmacia aos alumnos da mesma faculdade, e então comprehendendo e desejando corresponder a tão grande prova de consideração, con-

seguio com extraordinarios esforços, e sacrificios enormes dotar o paiz com a sua pharmacia modelo.

Em 26 de Julho de 1850 já elle tinha sido nomeado por Decreto Imperial pharmaceutico de Sua Magestade o Imperador distincta honra bem merecida.

A 20 de Dezembro de 1861 os alumnos de pharmacia e do sexto anno medico em eloquente discurso inspirado pela gratidão, declararão que vião em Ezequiel *como homem respeitavel ancião, como brasileiro um distincto cidadão, e como pharmaceutico o venerando decano da corporação.*

Nas épocas tristíssimas das mais graves epidemias Ezequiel deu gratuitamente medicamentos aos pobres, annunciando-lhes pela imprensa esse soccorro, e ainda em 1855, durante o cholera morbus offerceu tambem gratuitamente ao Governo Imperial ambulancias com os medicamentos proprios para combater o flagello, supprindo constantemente os hospitaes de artifices e do 4.º batalhão de artilharia, e seis postos medicos, entre esses o da freguezia do Pilar, á qual, a terra de seu berço prestou mais uma consignação pecuniaria mensal, emquanto durou a epidemia.

Até aqui a vida do notabilissimo pharmaceutico que o Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira expoz a Imperial Academia de Medicina no eloquente elogio biographico, do qual sahirão mal colhidas estas noticias.

Mas Ezequiel Corrêa dos Santos foi tambem politico e extremado no seu partido.

No primeiro reinado depois da dissolução da Constituinte, pronunciou-se em opposição, e até 7 de Abril de 1831 laborou activo na sociedade secreta dos *Amigos Livres*; escreveu o periodico—*Nova Luz Brasileira*, ou foi um dos seus principaes redactores em 1830 foi um dos ardentos propugnadores da *Fideração já e já*, e um dos fundadores da *Sociedade Federalista*; e achou-se no campo de Sant'Anna desde o principio da noute de 6 de Abril de 1831.

Depois da abdicacão de D. Pedro I manteve-se nas suas idéas, pertenceu ao partido exaltado que se declarou em opposição: em consequencia do motim e indisciplina da soldadesca á 14 de Julho de 1831 foi prezo com outros exaltados, alias alheios como elle ao perigosissimo e desordenado acontecimento; mas no fim de poucos dias que forão de banquetes e de *folgança* na *cadeira do Aljube*, foi reconhecida a innocencia de todos, e a todos restituida a liberdade.

Ezequiel entrou na conspiração da revolta dos exaltados que rompeu a 3 de Abril de 1832 com fraquissimas forças por ter sido adiado o rompimento, não chegando a todos os avisos dos chefes; elle porém a tempo prevenido não se comprometteu.

Falhando o golpe de Estado a 30 de Julho, Ezequiel ficou no seu posto: o Acto Adicional em 1834 não o contentou bastante, e desde então começou a arrefecer o seu ardor politico.

Dessa época em diante elle sempre firme libe-

raí até o ultimo dia, levou em todas as eleições o seu voto ás urnas em favor deste partido, prestou por vezes em reuniões publicas de empenho eleitoral o auxilio animador de sua palavra; deixou porém de ser chefe popular, que fôra tão estimado, como influente.

Em dous quatriennios o povo o elegeu membro da sua edilidade e elle servio na Camara Municipal com intelligencia, zelo, e honra.

Intelligencia, zelo, e honra esse illustre cidadão o primeiro Pharmaceutico brasileiro mostrou brilhantemente em todas as circumstancias, em todas as condições de sua vida profissional, publica e privada.

Ezequiel Corrêa dos Santos falleceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 28 de Dezembro de 1864.

A Imperial Academia de Medicina fez collocar o busto de Ezequiel na sala de suas sessões.

D. FELICIANO JOSÉ RODRIGUES PRATES.

1.º BISPO DO RIO GRANDE DO SUL.

Nascido em 1788 na actual villa da Encruzilhada, Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Feliciano José Rodrigues Prates depois de fazer alli seus estudos primarios, sentindo verdadeira vocação para o sacerdocio, passou-se para a cidade do Rio de Janeiro, em cujo seminario episcopal seguiu todo o curso de latim, francez, philosophia racional e moral, theologia, e outras materias de instrucção ecclesiastica, e tomando ordens de presbytero, retirou-se para sua Provincia.

Foi nomeado capellão alferes do exercito, e na guerra da Cisplatina prestou como tal serviços refulgentes de religião e de caridade ainda no meio dos combates, e expondo-se á morte.

Acabada a guerra, obteve a sua reforma, e retirando-se para uma chacara que possuia na Encruzilhada viveu longos annos, suppondo-se igno-

rado, e não tendo pretensão alguma de nomeada ; mas, sem o pensar, espalhando em torno e ainda longe de seu retiro a merecida fama de suas virtudes.

O padre Feliciano era sufficientemente instruido; mas não primava por grande illustração ; poucos padres porém o igualarião, e nenhum o excederia no cumprimento zeloso dos deveres do sacerdocio, no viver austero, na bondade do coração e no amor do proximo.

Soccorrer os pobres, consolar os afflictos, fortalecer com a fé os moribundos erão a sua principal occupação.

Dizião delle :— « é um homem santo ».

Por bulla do Papa Pio IX e em virtude do Decreto de 27 de Agosto de 1847 foi creado o bispado do Rio Grande do Sul, desmembrando-o do do Rio de Janeiro, sendo eleito e confirmado Bispo para essa nova diocese o simples mas illustrado padre Capellão Alferes reformado Felicissimo José Rodrigues Prates.

Fundador daquelle bispado elle teve tudo a crear, prestou grandes serviços.

O seu primeiro empenho foi moralisar e instruir o clero : prover as parochias de vigarios encommendados, não poucos dos quaes forão e são exemplares, tão acertadamente os soube escolher.

Visitou em grande parte a sua diocese. recebendo em todas as parochias os mais vivos testemunhos de veneração dos povos, que desse modo honravão suas virtudes,

Estabeleceu em seu proprio palacio o Seminario Episcopal, sustentando-o á sua custa, e com um fraco auxilio prestado pelo Governo da Provincia.

Começou as obras do edificio que deve servir para o Seminario.

Com os limitados rendimentos da mitra, e com as despezas relativamente avultadas que fazia em beneficio do bispado, ainda achava em seu bolsinho recursos para exercer a caridade, sendo em extremo esmoler.

Era comsigo que dispendia menos: de costumes exemplarissimos, frugal, modesto, pouco lhe bastava para viver.

D. Felicissimo José Rodrigues Prates falleceu em seu Palacio Episcopal no dia 27 de Maio de 1858, tendo de idade 77 annos.

Quando morreu deixou por toda sua riqueza — *tres onças de ouro.*

A noticia do passamento deste virtuoso Bispo levou o luto a todas as parochias da diocese, e a todos os corações dos seus diocesanos.

FELIPPE ALBERTO PATRONI MACIEL PARENTE.

Filho do Alferes Manoel Joaquim da Silva Martins, e afillhado de baptismo do Chefe de Divisão Felipe Alberto Patroni, de quem tomou o nome, nasceu Felipe Alberto Patroni Maciel Parente na cidade de Belém, Provincia da Pará em 1799 ou 1798.

Donde lhe vierão os sobrenomes *Maciel Parente*, que ajuntou aos do padrinho? Provinha elle do tronco Bento Maciel Parente do segundo seculo do Brazil?. ignoramol-o,

Patroni revelou desde a primeira joventude talento extraordinario, comprehensão facil e admiravel, imaginação vivissima, e ardente amor do estudo.

Estudou o que podia estudar na cidade de Belém e partindo para Portugal, matriculou-se em 1816 na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Não o contentava o curso da Faculdade que

seguiu : um pouco desordenado em sua ambição de luzes, estudava tudo, mathematicas, philosophia, religião, historia e geographia aprofundadas, linguas mortas e de modo, que avantajando-se em quasi tudo, prejudicava a regularidade do seu adiantamento annual na Faculdade em que se matriculara.

Liberal entusiasta saudou fervente em Coimbra a revolução constitucional de 1820, e ainda estudante foi embarcar para o Pará, e alli chegado tanto moveu-se, recommendou-se e fallou que a 1 de Janeiro de 1821 coube-lhe a gloria de ser um dos principaes directores do pronunciamento da tropa e do povo no sentido da revolução de Portugal.

Voltou á Portugal, e á Coimbra, tomou na universidade o gráo de Bacharel em direito, e regressou enfim ao Brazil já *Imperio* em 1823.

Estreou-se na carreira da magistratura, que no fim de pouco tempo abandonou : abriu banca de advogado, que tambem não manteve activa senão em brevissimo periodo : subio o Amazonas e explorou ligeiramente o rio Negro ; pôz-se a escrever obras, e veio para a capital do Imperio, onde publicou algumas.

Era homem de vasta illustração em desordem : de memoria assombrosa, repetia de principio á fim livros inteiros do Velho e do Novo Testamento, cujo estudo quizera demasiadamente aprofundar.

Escrevia de improviso em latim, como se escrevesse na lingua que fallava.

Atacando depois de 1831 no Rio de Janeiro ao padre Feijó, e ao Ministro Bernardo de Vasconcellos, publicou uma óde em latim macarrónico, que começava pelo verso

Pater patrutus grandis moravita

em allusão a Feijó, e acabava com as palavras um pouco obscenas; mas formando o nome do grande estadista brasileiro:

Et vas cum cellis

Ode saphica-macarronica que provocou a mais viva irritação de animo a *Vasconcellos*, e tanto mais que o publico a applaudio, e muitos a repetição.

Mas á força de muito estudar e talvez pela accumulção de muito saber, Patroni não endoudecera; tocava porem em seus escriptos a taes labyrinthos, e excentricos apuros de metaphysica, e de estravagante originalidade dê idéas, que todos sentirão nelle maravilhosa intelligencia illustrada perdida em molestos desvios de exaltadissimo espirito.

Uma após outra publicou obras de pequeno volume e que elle as presumia de sabia e opulentissima substancia; mas que só servirão para firmar no animo do publico a convicção do estado anormal, da perturbação de algumas de suas faculdades mentaes, excepto sobre tudo sua maravilhosa memoria.

Ainda assim foi eleito Deputado pela Provincia do Grão Pará, a do seu berço, para a legislatura que devia começar em 1842.

Reunidos os Deputados em sessões preparatorias,

logo na primeira e depois em mais uma ou duas Patroni mostrou-se na tribuna.

Tinha dotes de orador, voz sonôra ; extraordinaria facilidade e fluidez de palavra, e mais outros teria, si não fossem os seus discursos labyrinthos de idéas, e tal a sua originalidade, que cahia em aberrações do senso commum.

A Camara dos Deputados foi dissolvida em 1842 antes de ser installada.

Patroni não foi reeleito Deputado.

Em 1851 passou-se para Portugal, e em Lisboa empreheendeu e realisou em parte uma edição geral de suas obras, que não ultimou, porque desencantou-o a indiferença publica.

Filippe Alberto Patroni Maciel Parente morreu em Lisboa alguns annos depois de 1860.

Forão numerosas as obras ,que escreveu e longe nos levaria a sua menção que aliás facil se encontra no artigo respectivo do *Dicc. Bibliog. Portuguez* de Innocencio Francisco da Silva.

FELIX PEIXOTO DE BRITO E MELLO.

Felix Peixoto de Brito e Mello nasceu em Pernambuco em anno do primeiro descennio deste seculo ; depois de adiantar-se em alguns estudos de humanidades preferio a carreira das armas, assentou praça como voluntario, e logo em 1822 partio para a Provincia da Bahia na columna de infantaria e artilharia, commandada pelo bravo José de Barros Falcão Lacerda, e foi receber seu baptismo de sangue nos campos de Pirajá, pela causa gloriosa da Independencia do Brazil.

Coroado tambem pela victoria, cuja lembrança ainda hoje com tanta razão accende o enthusiasmo dos bahianos no dia 2 de Julho, faustoso aniversario da entrada triumphal do exercito restaurador da cidade de S. Salvador, Peixoto de Brito voltou para a sua provincia, com seus valentes camaradas da expedição; mas passados breves annos reformou-se com a sua patente de alferes, completou os estudos de disciplinas preparatorias, e, seguindo o curso juridico de Olinda tomou o gráo de Bacharel em direito no anno de 1833 ou de 1834.

Seguiu a magistratura com intelligencia e probidade ; mas a politica militante, que muito o absorveu, veio em dias de sinistra fortuna cortar-lhe em seu revez a carreira, quando elle ainda era Juiz de Direito.

De 1845 a 1848 pertenceu na Camara temporaria á pleiade ardente da Deputação pernambucana, de que faziam parte Urbano, a logica ; Nunes Machado, o enthusiasmo: e outros igualmente illustres ; na tribuna parlamentar, que aliás não frequentou assiduo, mostrou-se orador vigoroso, e exaltado na sustentação da politica de seu partido.

A 29 de Setembro de 1848 subio ao Poder a politica conservadora, e a Camara dos Deputados cuja grande maioria era liberal e pronunciou-se logo em opposição, foi adiada no principio de Outubro.

Os Deputados de Pernambuco, todos liberaes ou como se chamavão na Provincia — *praieiros* —, retirarão-se para ella ; antes porém de o fazer assentarão em reunião secreta do partido, que se empenharião em manter a ordem, e impedir pronunciamentos illegaes.

Os Deputados das outras Provincias tomarão na reunião o mesmo empenho.

Mas em Pernambuco, onde os animos já se achavão em ardentissima agitação, e a muito difficil conter os impetos da revolta.

Chegando alli os Deputados *praieiros* esforçarão-se durante mais de um mez no desempenho do accôrdo tomado no Rio de Janeiro ; de um lado porém as intrigas dos adversarios a fazerem passar

por menos leaes ao partido praieiro e de intelligencia com o Presidente da Provincia, e de outra parte urgidos pelos correligionarios politicos mais exaltados já victimas da apaixonada reacção, e já em alguns bandos declaradamente levantados, tomarão a direcção do movimento illegal, e em Dezembro de 1848, ostentosamente assignados em manifesto dado á luz da imprensa assumirão a responsabilidade da *revolta praieira* que tomou grandes proporções.

Assevera-se (mas embora pareça certo, não está provado) que Peixoto de Brito fôra dos Deputados praieiros o mais exigente, e notavel excitador do pronunciamento e do manifesto de Dezembro.

A *revolta praieira* foi erro gravissimo e pago muito caro por todo o partido liberal do Imperio. A revolução de 1824 teve em seu favor fundamentos politicos, e grande aspiração — a chamada *Confederação do Equador* — que boa ou má, conveniente ou não, como cada qual póde julgar, era ao menos uma *ideia séria* e de possivel transcendencia futura.

A *revolta praieira* não tem desculpa em causas que legitimassem tão extraordinario recurso, foi simples revolta do partido liberal de uma Provincia, compromettendo nas consequencias do seu erro, e do seu desastre o partido liberal de todas as outras Provincias. Faltou-lhe aspiração politica á explicital-a, e dissimulou a falta, arvorando a bandeira de uma *Constituente*, programma novo, filho da necessidade de uma *idéa*, que foi então improvisada.

Mas a revolta rompeu.

Peixoto de Brito foi como antigo official do exercito, Deputado e homem esclarecido, o principal chefe das forças revoltosas, que aliás contavão entre os seus capitães Pedro Ivo Velloso da Silveira, inexcédível em bravura e capitão no exercito de linha.

Após diversos combates no interior, os revoltosos praieiros, illudirão o general em chefe das forças leaes, e deixando-o atras de si, atravessarão as mattas e vierão atacar a capital da Provincia, a cidade do Recife, a 2 de Fevereiro de 1849

Investindo por pontos diversos, tres columnas de rebeldes devião entrar na cidade, onde serião apoiadas por grande numero de populares de ante-mão armados.

Uma das columnas recuou e debandou-se consternada, vendo já ás portas do Recife cahir morto o heroe de sua quasi idolatria, o tribuno entusiasta e querido do povo, o Desembargador Joaquim Nunes Machado.

Outra commandada por Pedro Ivo, penetrou na cidade e com o apoio dos populares ella só ferio a verdadeira batalha desse dia de sangue, de horrores, e de heroicidades que merecião mais justificada causa.

A columna principal de que era chefe Peixoto de Brito não pode penetrar no Recife, que deveu a victoria da legalidade a falta do concurso das duas columnas.

A 2 de Fevereiro de 1849 a *revolto praieira* não morreu, somente porque ainda ficou agonisando.

Forão presos logo depois alguns dos Deputados chefes da revolta; Peixoto de Brito, porem conseguiu escapar ás deligencias da autoridade, e fugir embarcando para a Europa.

Sua vida politica terminou em 1849.

Asylando-se em Portugal, alli se casou com estimavel e digna senhora, e muito occupado da familia, como que de todo esqueceu as ideas as aspirações e o futuro do partido liberal no Brazil.

Amnistia concedida pelo Imperador o Senhor D. Pedro II abriu-lhe as portas do Imperio; elle porem não voltou á patria, e um pouco mais tarde passou-se para a Hespanha á exercer alli o emprego de Consul geral do Brazil, cuja nomeação obtivera.

Depois veio duas vezes matar saudades da terra mãe, visitando o Rio de Janeiro, e saudando a sua querida Provincia.

Emfim Felix Peixoto de Brito e Mello morreu em 1877 em Pernambuco.

Apoz longo, laborioso, e ardente periodo de ardor politico, a vida de Felix Peixoto de Brito e Mello foi toda de eclipse nas lutas dos partidos, e toda de concentração nos gozos do amor da familia e no desempenho do facil, util e honroso serviço de que o Governo Imperial o incumbira na Hespanha.

FELIX XAVIER DA CUNHA

Natural da Provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul Felix Xavier da Cunha nasceu aos 16 de Sembro de 1833.

Formou-se em sciencias [sociaes e juridicas na Escola de direito de S. Paulo em 1854.

Talento notavel e esclarecida intelligencia Felix da Cunha cultivou por gosto a litteratura, exerceu no Rio Grande do Sul a advocacia, e distinguio-se alli na imprensa politica, na Assembléa Provincial, e como escriptor distinctissimo, e como orado. eloquente, sustentando com ardor as idéas liberaes mais adiantadas.

Gozou sempre reputação de homem probo, foi muito popular na sua Provincia, muito estimado dos liberaes de todas as outras do Imperio, e seus proprios adversarios politicos devão sempre testemunho da honestidade do seu caracter e da elevação de sua intelligencia.

Pronunciou-se, viveu, e morreu inabalavel em suas idéas politicas democratas.

Aos trinta e um annos e cinco mezes de idade falleceu na sua Provincia a 21 de Fevereiro de 1865.

Deixou em legado literario á patria um drama intitulado—*Victor*, e um volume de poesias de 201 paginas, publicação posthuma dada á luz em Porto Alegre no anno de 1874 por seu digno irmão o Sr. Francisco Cunha tambem escriptor de merecimento já reconhecido.

Assegura-se que ha do illustre Felix da Cunha obras ineditas necessariamente de valor litterario ou litterario e politico. Se esta informação é segura, por segura temos que o nobre e digno irmão do illustre finado ainda fará sacrificios para dár á patria esses ultimos thesouros, productos da intelligencia brilhante e illustrada de Felix' Xavier da Cunha.

FERNANDO CARNEIRO LEÃO.

Filho legitimo de Braz Carneiro Leão e D. Anna Roza Maciel da Costa ulteriormente baroneza de S. Salvador de Campos dos Goitacazes Fernando Carneiro Leão nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 30 de Maio de 1782.

Em 1801 já éra Capitão do regimento de milicias da freguezia da Candelaria, de que seu pae éra Coronel; destinado porém á vida de commercio seguiu para Lisbôa nesse anno afim de praticar na importante casa commercial *Pedra*, com a qual se correspondia Braz Carneiro Leão. (*Ver o artigo deste nome*).

Em 1802 Fernando Carneiro casou-se em Lisbôa com D. Gertrudes Angelica *Pedra*, filha legitima do chefe da casa desse nome, senhora de fina educação e de grandes virtudes.

No mesmo anno de 1802 foi agraciado com o habito da Ordem de Christo e com o fôro de Fidalgo cavalleiro.

Regressando com sua familia para o Rio de Janeiro deu-lhe seu pae sociedade na casa commercial de que éra chefe, e por morte deste em Junho de 1808 Fernando Carneiro passou a dirigir a casa sob a firma de *Carneiro, Viuva e Filhos*.

No mesmo anno de 1808 foi promovido a Tenente Coronel do regimento de que éra Capitão e armado moedeiro da caza da mocda do Rio de Janeiro.

Tendo nessa época prestado serviços pecunia-rios ao Estado o então Principe Regente depois Rei D. João VI o agraciou com a commenda da Ordem de Christo.

Em 1816 foi promovido ao posto de Coronel aggregado ao 1.^o regimento de cavallaria de milicias que comprehendia os actuaes municipios da provincia do Rio de Janeiro — Nitheroy, Maricá, Itaborahy, Magé, Sant'Anna de Macacú, Rio Bonito, Saquarema e Capivary.

Em Janeiro desse anno de 1816 foi Fernando Carneiro o presidente ou orador da commissão do corpo do commercio do Rio de Janeiro que se apresentou á offerer ao Principe Regente para ser applicada á instituição que o mesmo Principe determinasse avultada subscrição voluntaria em applauso da Carta de Lei de 15 de Dezembro de 1815 que elevava o Brazil á gradação de reino.

Assentára bem em Fernando Carneiro o posto de Coronel, a que fôra elevado : achando-se impedido de serviço o respectivo chefe, tomou elle e conservou durante alguns annos o commando do 1.^o regimento de cavallaria de milicias, despen-

idendo de seu bolso sommas consideraveis em compra de cavallo em equipamento e em banda de musica para que o regimento se apresentasse garbosamente.

A 8 de Outubro de 1820 Fernando Carneiro enviuvou de modo sinistro.

Sua esposa virtuosissima foi assassinada por tiro de bacamarte que recebeu ao apear-se da carroagem á porta de sua casa á Ponte do Cattete (na cidade do Rio de Janeiro) ao voltar com suas duas filhas de uma funcção religiosa. O assassino, tendo perpetrado o horrivel crime á hora adiantada da noite, poudo escapar sem ser visto, e nem mesmo foi descoberto pela devassa á que procedeu juiz especial e de elevada categoria.

Fernando Carneiro abateu-se á profundeza de tão grande golpe.

Em Janeiro de 1822 Fernando Carneiro pronunciou-se como tantos outros patriotas pela causa da Independencia do Brazil.

A 9 de Janeiro o — Fico no Brazil —, com que o Principe Regente depois Imperador D. Pedro I electrizou os patriotas, excitou as iras das tropas luzitanas que tomárão as armas sob o commando do General Jorge de Avilez.

Sabe-se como Avilez teve de retirar-se da cidade, indo accupar a Praia Grande (cidade de Nictheroy).

Os corpos de milicias do interior fôrão chamados a coadjuvar as forças que sob o commando do General Curado e por ordem do Principe D. Pedro

tomarão posição no Campo do Brandão perto das avançadas de Avilez.

Fernando Carneiro não se fez esperar e tão prestes como era possível apresentou-se com o seu regimento, e o sustentou á sua custa durante alguns dias até que Avilez, obedecendo emfim ao Principe D. Pedro, embarcou com as suas tropas e seguiu para Portugal.

Proclamada a Independencia e fundado o Imperio, Fernando Carneiro foi por esses serviços condecorado com a Dignitaria da Ordem Imperial do Cruzeiro e nomeado Guarda Roupa da Camara do Imperador D. Pedro I a de Dezembro de 1822, passando á Gentil-homem da mesma Camara a 12 de Outubro de 1823.

A 12 de Outubro de 1825 foi agraciado com o titulo de Barão de Villa Nova de S. José com honras de grandeza e em igual dia do anno seguinte passou a Conde do mesmo titulo e teve a carta de conselho.

Em 1828 foi transferido no posto de Coronel para a primeira linha do Exercito afim de servir no Estado Maior da Imperial guarda de honra com a graduação de Brigadeiro.

Em 1829 o Imperador o agraciou com a Dignitaria da Imperial Ordem da Roza.

Em 1830 o Conde de Villa Nova foi promovido á effectividade do posto de Brigadeiro e nomeado 1.º Commandante da guarda de honra.

Depois da abdicção do Imperador D. Pedro

I, o Conde de Villa Nova como que pareceu tornar-se esquecido.

Falleceu em Nictheroy aos 4 de Setembro de 1832.

De sua união conjugal teve Fernando Carneiro Leão mais tarde Conde de Villa Nova, duas filhas:

D. Guilhermina Adelaide Carneiro Leão (Marqueza de Maceió e Dama honoraria da primeira Imperatriz do Brazil) que em 1824 casou-se com Dom Francisco Mauricio de Souza Coutinho, filho de D. Rodrigo de Souza Coutinho, 1.º Conde de Linhares.

D. Eliza Leopoldina Carneiro Leão que em 1829 casou-se com seu tio José Alexandre Carneiro Leão, ulteriormente Visconde de S. Salvador de Campos, Dama honoraria da segunda e da actual Imperatriz do Brazil.

Fernando Carneiro Leão deixou no Rio de Janeiro nomeada celebre.

Sem instrucção litteraria mencionavel, foi homem de intelligencia clara e vivissima, de educação esmerada para assegurar-lhe perfeito apreço na sociedade aristocratica a mais exigente.

Riquissimo amou o luxo e o fausto, e a côrte: a estima do Rei D. João VI, a amizade e quasi privança do Imperador D. Pedro I excitárão-lhe a já natural vaidade, e no serviço de um e de outro, em dispendios a favor do Estado, nas ostentações do esplendor do seu regimento, e na guarda de honra corrêrão-lhe das mãos rios de dinheiro.

Não foi politico militante de partido algum ;
foi gentil-homem dedicado ao Imperador D. Pedro
I, e nunca teve ambições de figurar na scena, e
nos pleitos dos partidos politicos.

FERNANDO JOSÉ DE ALMEIDA.

Não podemos averiguar se era de nascimento em Portugal ou no Brazil, ou na cidade do Rio de Janeiro, como o suppõe muitos, Fernando José de Almeida; conhecido porem no Rio de Janeiro pelo diminutivo de seu nome o — *Fernandinho* — é muito provavel que nesta cidade tivesse nascido, e assim designado desde sua infancia.

Certo é que negociante e capitalista de recursos que lhe sobravão, tomou sobre si depois da chegada da Familia Real portugueza em 1808, e do estabelecimento da capital da monarchia lusitana no Rio de Janeiro, fundar nesta cidade theatro condigno do novo e elevadissimo gráo, a que ella fora elevada.

Fernando José de Almeida, ou o Fernandinho obteve para a construcção do seu theatro o terreno necessario, que era ponto alagado, quasi um charco no campo da *Lampadosa*, ou mais restrictamente dos *Ciganos* chamado logo depois *Largo do Rocio*, e no fim de breves annos *Praça da Constituição*.

Alli aterrado o sitio alagadiço o Fernandinho fez lançar os alicerces do seu theatro, e levantar paredes tão fortes, e monumentaes, que incolumes já tem resistido a tres incendios devoradores do theatro.

Calumniosamente sem duvida propalarão contemporaneos, que o Fernandinho applicára ás obras da construcção do seu theatro muita pedra abusivamente desviada dos depositos que devião servir para as obras da Igreja da Sé, que aliás nunca se ultimou na Praça de S. Francisco de Paula, e aquelles maldizentes previão por isso em conta de malfadado o theatro de Fernandinho.

Como quer que fosse o theatro com a denominação de *Real Theatro de S. João* em obsequio ao nome do então Principe-Regente depois Rei D. João VI foi inaugurado no dia 12 de Outubro de 1813, anniversario natalicio do Principe da Beira, D. Pedro de Alcantara, nove annos depois Imperador do Brazil, assistindo o Principe regente, a familia real, e sua corte á primeira representação dramatica.

O Coronel Fernando José de Almeida director do Real Theatro no empenho de festejar o casamento do Principe Real D. Pedro em 1817 deu gratuitamente ao publico notavel representação da opera *Merope*, musica de Marcos Portugal, e do baile *Azur* ou o *Roubo de Aspazia*.

D. FERNANDO JOSÉ DE PORTUGAL E CASTRO.

MARQUEZ DE AGUIAR.

Nascido em Portugal a 5 de Dezembro de 1752 D. Fernando José de Portugal descendente dos Marquezes de Valença, seguiu seus estudos e formou-se em direito na Universidade de Coimbra.

Tendo lido de *juri aperto* no Dezembargo do Paço e occupado os lugares de Agravista da Relação do Porto e na Supplicação de Lisboa foi nomeado em 1788 Governador Capitão-general da capitania da Bahia, e alli chegando tomou posse do seu cargo a 18 de Abril.

Governou a Bahia sem gloria para o seu nome e sem proveito da capitania até 1801.

Em 1798 em consequencia de denuncia que recebeu de tramas para se proclamar a republica; mandou abrir devassa, da qual resultou á final serem enforcados a 8 de Novembro de 1799 quatro infelizes, e obscuros homens do povo condemnados á morte pela Relação.

Foi este o unico facto que deixou lembrado o seu esteril governo na Bahia, donde em 1801 se passou para o Rio de Janeiro á succeder ao Conde de Rezende no vice-reinado do Sul.

O Conde de Rezende tinha sido verdadeiro flagelo do povo, pelo que foi D. Fernando recebido com jubilo.

Vice-rei desde 14 de Outubro de 1801 até 21 de Agosto de 1806, em que teve por successor o Conde dos Arcos, D. Fernando foi exacto no cumprimento dos seus deveres, e embora muito longe ficasse da habilidade administrativa e da benemerencia do Marquez de Lavradio, e de Luiz de Vasconcellos, ganhou com tudo a estima publica.

Em 1805 sendo incendiada por malfeytores a *Casa dos Contos*, onde tinha o seu assento a Real Junta da Fazenda, elle salvou os cofres e reedificou o edificio arruinado.

Recolhendo-se a Portugal, teve em 1807 a presidencia do conselho ultramarino, e a nomeação de Conselheiro de Estado.

No fim do mesmo anno, e em consequencia da invasão franceza, voltou para o Rio de Janeiro acompanhando a Familia Real portugueza.

Estabelecida a capital da monarchia luzitana na cidade do Rio de Janeiro, D. Fernando que gozava da confiança do Principe regente depois Rei D. João VI foi em 1808 nomeado Ministro e Secretario dos Negocios do Reino, assistente ao despacho, Presidente do Real Erario, do Conselho da Fazenda, e da Junta Real do Commercio e prestou

verdadeiros e importantes serviços á organização do systema administrativo financial daquella época um pouco ou muito anomala.

Em 1812 depois da morte do benemerito Ministro Conde de Linhares, recebeu o encargo dos negocios estrangeiros e da guerra.

A 17 de Dezembro de 1808 foi agraciado com o titulo da 1.^a Conde de Aguiar, e por despacho tambem de 17 de Dezembro de 1813 com o de 1.^o Marquez do mesmo titulo.

Teve além disso a Gran-Cruz das ordens de S. Bento de Avis, da Torre e Espada, da de Izabel Catholica da Hespanha, e a nomeação de Gentil-homem da Camara real.

Foi o Marquez de Aguiar que assignou como Ministro o Decreto de 16 de Dezembro de 1815, que elevou o Brazil a Reino.

O nome desse Ministro portuguez pertence desde 1788 e principalmente desde 1808 á historia do Brazil, que deve gratidão á sua memoria.

D. Fernando José de Portugal e Castro, Marquez de Aguiar falleceu no Rio de Janeiro a 24 de Janeiro de 1817 e foi sepultado na Igreja de S. Francisco de Paula.

FRANCISCO ALVARES MACHADO DE VASCONCELLOS.

Filho legitimo do Cirurgião-mór Joaquim Theobaldo Machado de Vasconcellos e de D. Maria Alvares de Siqueira Bueno descendente de Amador Bueno da Ribeira, nasceu Francisco Alvares Machado de Vasconcellos na cidade de S. Paulo a 21 de Dezembro de 1792.

Como seus paes fossem pobres e não pudessem dar-lhe educação litteraria, que exigia longas e avultadas despezas, resolveram applical-o ao estudo da pintura; mas tão feliz intelligencia revelou Alvares Machado, que foi ainda muito joven entregue aos cuidados do Physico-mór Mariano José do Amaral para aprender anatomia e conseguir a carta de Cirurgião.

Aos doze annos começou pois o *menino* Alvares Machado a estudar anatomia com aquelle physico-mór, e quasi logo a cirurgia com o Cirurgião-mór João Leite do Amaral.

Sob o ponto de vista da sciencia não era por

certo brilhante a perspectiva do futuro que se offercia a Alvares Machado, quando no Brazil em falta de escolas medicas se improvisavão Cirurgiões, que apenas tinham rudes noções de anatomia e a simples leitura de alguns livros de cirurgia em portuguez.

Mas Alvares Machado contava com a sua vocação: na França, ou na Allemanha, teria sido contado entre os mais celebres operadores dispondo dos recursos que alli offercia a sciencia medica.

No Brazil em principios do seculo passado elle só teve por si o seu *genio*.

Na primeira juventude e praticando em pobres hospitaes de S. Paulo, chegou a executar operações cirurgicas, supprindo a falta de instrumentos apropriados com outros que sua admiravel destreza tornou aptos, e as vezes com alguns que á custo, com suas explicações e sob sua immediata direcção fez preparar por *ferreiros*; porque não tinha meios pecuniários para mandar vir instrumentos da Europa.

Tinha elle quinze annos de idade, e estava em Santos, quando aconteceu cahir das enxarcias de uma baleeira ingleza um marinheiro que na queda fracturou o craneo: indicarão Alvares Machado ao capitão inglez que procurava afficto soccorros cirurgicos; este porém vendo diante de si uma *creança*, um jovensinho de quinze annos, hesitou muito antes de confiar-lhe o ferido; mas o caso urgia, o *cirurgião-creança*, sorrindo ao desanimo do inglez, fallou-lhe tão insinuante e eloquente, que venceu-lhe a falta de confiança, e tomando conta do marinheiro, praticou nelle a operação do trepano, e salvou-o.

O capitão inglez maravilhado da habilidade cirurgica do menino de quinze annos propoz a este leval-o para a Inglaterra, e fazel-o estudar á sua custa, o que não se realisou ; porque (assim o diz e informa o Dr. Pinto, autor de excellente memoria biographica do illustre paulista) o Capitão-general da capitania, tendo noticia do offercimento do inglez, mandou immediatamente recolher Alvares Machado á cidade de S. Paulo,

Salvo o respeito que merece o illustrado Sr. Dr. Pinto, é tão insolita e tão *cruel* a medida tomada pelo Capitão-general, que chega a afigurar-se inverosimil, embora tenha á firmar sua veracidade o testemunho de quem, áfora outros predicados do mais subido valor, foi amigo particular e intimo de Alvares Machado ; mas em todo caso basta o facto da feliz operação do trepano para glorificar o operador de quinze annos de idade.

Aos vinte e um annos Alvares Machado já celebre como Cirurgião *operador*, e esta distincção é necessaria, porque então os Cirurgiões erão praticos autorisados para o exercicio da medicina em geral, e o illustre paulista sem desdenhar a *licença*, se dedicava de preferencia á verdadeira cirurgia, aos vinte e um annos, pois, elle foi residir na villa, hoje cidade de Itú.

Alvares Machado não esbanjara o seu tempo : aprendera a lingua franceza, tendo tomado professor que apenas lhe servio de guia, depois sem mestre estudou comsigo mesmo sciencia medica, philosophia, geographia e historia, litteratura, di-

reito publico e mais tarde direito constitucional do Brazil, illustrando-se em leituras dos melhores livros, que o producto de vastissima clinica já lhe dava recursos para enriquecer com elles sua bibliotheca.

Sem eximir-se do exercicio geral da medicina, em que foi habil, fulgurou principalmeute como Cirurgião, operador de delicadeza e de mestria afeadadas, e sobretudo como habilissimo e sorprendente em operações de cataractas.

Da villa de *Itú* passou-se para *Porto Feliz*, aceitando ahi vantajosissimo partido. Era chamado, attrahido, exigido já por toda a parte.

Mas o estado, os acontecimentos do tempo, as aspirações politicas dos brazileiros, a consciencia e o patriotismo levárão Alvares Machado a adoptar com ardor as idéas liberaes, com as quaes viveu e morreu fiel, inabalavel, fulguroso, e immaculado.

Por infundadas e injustas suspeitas de exaltado espirito liberal foi Alvares Machado coagido a ansentar-se da Provincia de S. Paulo, a passar para a capital do Rio de Janeiro, donde melhor julgado voltou em 1824 para Porto Feliz, cuja população o recebeu triumphalmente.

Em 1829 a Provincia de S. Paulo elegeu Alvares Machado membro do seu Conselho Provincial e em 1834 membro da primeira legislatura da sua Assembléa Provincial, na qual se distinguio como orador entre os grandes paulistas Paula e Souza, Feijó, Vergueiro, e Andradas, que com todo o seu esplendor não o obscurecêrão.

De Porto Feliz Alvares Machado fôra quasi

obrigado a ir estabelecer-se na então villa de S. Carlos, hoje cidade de Campinas, onde tinha parentes e numerosos amigos a exigir sua presença, e seus soccorros medicos, e onde vieram procural-o doentes sahidos de diversas Provincias.

Mas a politica disputou Alvares Machado á clinica medica e principalmente de operações cirurgicas.

Na terceira legislatura que correu de 1834 a 1837, e nas duas seguintes, das quaes na ultima a Camara dos Deputados foi dissolvida antes de installada, Alvares Machado mereceu de sua Provincia ser eleito Deputado.

Na tribuna parlamentar revelou o illustre paulista preciosas dotes de orador : elle tinha agradavel presença, voz clara, palavra facil, fluente, e não precipitada; mas um pouco sentida do vicio de pronuncia *apaulistada*, que aliás ás vezes lhe dava graça, argumentação forte, opportuns arroubos de eloquencia, espirito subtil, attico, epigrammatico a obrigar sempre a hilaridade da Assembléa, conservando sempre o orador seriedade imperturbavel, e como estranho ao riso que provocava; placidez no meio das discussões tempestuosas, e coragem civica inabalavel em dias de agitação, e de crise politica.

De 1838 a 1840 em opposição aos Gabinetes conservadores Alvares Machado foi na Camara, onde pujantes, prestigiosos e eloquentes dirigiam a co-horte liberal opposicionista Antonio Carlos, Limpo de Abreu (Visconde de Abaeté mais tarde), Mar-

tim Francisco, Montezuma (depois Visconde de Jequinhonha), todos Alcides na tribuna, Alcides como elles, e tendo o privilegiado condão de atormentar, pôr em torturas crueis com o ridiculo magistralmente manejado Ministros, chefe da maioria e Senadores famosos, como Bernardo de Vasconcellos, Maciel Monteiro (Barão de Itamaracá depois) Honorio (Marquez de Paraná ultimamente) Paulino de Souza (Visconde do Uruguay mais tarde) e outros grandes e adestradissimos parlamentares.

Alvares Machado flagellou quasi tres annos a todos elles com a sua inesgotavel fonte de ironias ricas de atticicismo, de epigrammas pungentes, que para maior irritação das victimas, fazião desatar á rir aos proprios conservadores, e que ainda para maior confissão dos ridicularisados, nunca á elles deixava fundamento de queixa de injuria pessoal.

Orador iminentemente popular. inspirado nos improvisos, admiravel pela argumentação incisiva, ainda mais admiravel pela seriedade quasi grave, que mantinha, quando em diluvios de ridiculo á todos obrigava á rir, Alvares Machado em 1840 por occasião dos borrascosos debates parlamentares que precederão ao 23 de Julho, elevou-se a orador de eloquencia muito notavel, de dedicação, e de actividade sorprendentes em sustentação da causa da maioridade do Imperador o Senhor D. Pedro II, quando por desgostos e afflicções estranhos á politica, passara nas vesperas do 23 de Julho, quasi tres dias, cerca de sessenta horas sem alimentar-se e sem dormir!

Só os intimos amigos de Alvares Machado puderam então avaliar o quilate da sua virtude, e da sua intelligencia assombrosa, lamentando-o em seus crueis tormentos alheios á politica e fóra da Camara, e maravilhados applaudindo immediatamente depois na Camara a eloquencia arrebatadora do quasi inverosimil orador inspirado.

A causa da maioridade triumphou, e o Ministerio liberal de 23 de Julho, appellando para o patriotismo de Alvares Machado, confiou ao benemerito Deputado paulista a difficilima tarefa da Presidencia da Provincia do Rio Grande do Sul no generoso empenho de desarmar a rebellião, que alli desde annos alçára o collo.

Alvares Machado empregou todos os meios persuasivos e todo o seu prestigio de campeão do partido liberal do Parlamento para conseguir desarmar os rebeldes e pacificar a provincia do Rio Grande do Sul com o encanto da amnistia concedida pelo Imperador; sendo porém baldado o seu empenho patriotico, pôz de lado o ramo de oliveira, e o general João Paulo dos Santos Barreto abriu a importantissima campanha, que a opposição conservadora chamou *passeio militar*, e que tanto contribuiu para abater a rebellião, cujos chefes sempre e por toda a parte em retirada, não ousaram disputar a marcha do exercito legal.

Em Março de 1841, a politica conservadora subio do novo ao Poder, e ainda esse anno Alvares Machado fez viva e brilhante opposição na Camara.

Em 1842, companheiro fiel de Feijó, de Raphael

Tobias, dos Andradas e outros tomou parte na revolta liberal da Provincia de S. Paulo; houve-se porem de modo nesse movimento armado de ephemera duração, que foi geralmente respeitado, bem que não deixasse a mais leve suspeita de quebra em sua lealdade politica.

No anno de 1844 o Ministerio conservador de Honorio Hermeto, Paulino de Souza, Rodrigues Torres e outros dimittio-se, e esses chefes proeminentes do seu partido e com elles o sen oraculo o Senador Bernardo de Vasconcellos levarão seus amigos a declarar-se em fervida opposição. A Camara foi dissolvida,

Em 1845, Alvares Machado reeleito Deputado reapareceu na Camara já abatido e doente; mas ainda fulgurozo na tribuna. Na sessão de 1846 ainda veio occupar sua cadeira no Parlamento; logo em Maio porem aggravárão-se os seus soffrimentos e á 4 de Junho pelas 10 horas da noute fallecia na cidade do Rio Janeiro.

Simples lembrança que atesta o pouco que valem os sentimentos dos homens, vem opportuna aqui.

Em 1845 Antonio Carlos de Andrade Machado e Silva, o Mirabeau brasileiro, teve, o unico dos taes velhos e sabios Andradas, assento no Senado, e ali disse no seu primeiro discurso, que *acabava de passar do Indostão* (a Camara temporaria, donde sahira) para a *Siberia* (a Camara vitalicia) e logo depois em discussão materia, que interessava ou aos principios, ou ao interesse do partido liberal, pronunciou-

se com a eloquencia, de que tinha sempre infallivel condão ; mas sustentando idéas, que não servirão aos liberaes.

Alvares Machado proferindo notavel discurso na Camara, combateu com ardor no que pronunciara no Senado o eloquentissimo Andrada, e derramou sobre elle as enchentes de seus sempre felizes epigrammas.

Antonio Carlos era leão, que sentindo-se ferido, reagia violento, e no Senado respondeu a Alvares Machado com exaltada energia, pagando-lhe o ridiculo com desabridos sarcasmos, e concluindo com as seguintes palavras : « *um muro de bronze me separa para sempre desse homem !....* »

E Antonio Carlos morreu poucos mezes depois de Alvares Machado, e teve sepultura immediata á delle !....

O muro de bronze que separou quasi logo os cadaveres dos dous varões tão illustres, foi a simples e estreitissima parede de tijollos levemente construida entre as duas sepulturas irmãs !....

Francisco Alvares Machado de Vasconcellos, genio em cirurgia, em politica liberal toda a sua illustre vida, na Assembléa Provincial de S. Paulo, e na Camara dos Deputados, orador inspirado, e rico de recursos, foi como homem particular de honradez, de lealdade, de desinteresse, e de amor do proximo inescediveis.

Amenissimo no trato, espirituosissimo na conversação. leal aos amigos até o sacrificio, incapaz de odio, morreu, deixando memoria abençoada pelos

propios adversarios politicos, á quem tanto hostilísára no Parlamento.

FRANCISCO ANTONIO DE OLIVEIRA.

BARÃO DE BEBERIBE

Filho legítimo de Francisco de Oliveira Guimarães e de D. Maria Joaquina da Conceição e Oliveira, Francisco Antonio de Oliveira nasceu na cidade da Recife, provincia de Pernambuco, aos 21 de Setembro de 1788.

Com instrucção pouco desenvolvida, mas intelligente e laborioso Francisco Antonio de Oliveira fez avultar muito a fortuna que herdará de seus paes, tornou-se consideravel proprietario e capitalista na praça do Recife, e no correr de sua vida prestou tantos serviços civicos e humanitarios que mereceu ser agraciado por Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II com a commenda da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo e com título de Barão de Beberibe.

Desde a revolução de 1817 elle nos movimentos revoltosos de Pernambuco mostrou-se elemento de

ordem com a sua influencia pessoal, e com recursos pecuniarios de que dispunha ; não foi porém perseguidor, nem politico apaixonado.

Membro da Camara Municipal do Recife durante vinte annos, e Presidente della por vezes, trabalhou assiduo, promovendo melhoramentos e progresso daquella cidade, e sobre tudo concorreu para as obras do cemiterio publico que é grandioso, e que á elle principalmente foi devido.

O Barão de Beberibe deixou seu nome gravado nos fundamentos de instituição importantissimos em Pernambuco: foi fervoroso collaborador da Associação Commercial, da Companhia do Beberibe, do Theatro Publico, do Banco Commercial, etc.

Foi cidadão benemerito, e resplendeu pela abnegação.

O Barão de Beberibe falleceu na cidade do Recife aos 24 de Setembro de 1855.

FRANCISCO BENTO MARIA TARGINI.

VISCONDE DE S. LOURENÇO.

Natural do reino de Portugal, onde nasceu em fins do terceiro quartel do ultimo seculo, e lá se educou, Francisco Bento Maria Targini veio para o Brazil em data que não nos é possível determinar, sendo certo, que em principios do seculo actual era importante empregado da Junta de Fazenda do Ceará.

Achando-se em divergencia e desarmonia com superior funcionario, ou chefe da Junta de Fazenda, Targini retirou-se para Portugal, onde sem duvida tinha na côrte valiosa protecção ; mas quasi logo voltou para o Brazil, acompanhando a Familia Real portugueza em Novembro de 1807.

Creado em 28 de Junho de 1808 o *Erario Regio e Conselho de Fazenda* no Rio Janeiro, foi Targini nomeado Thesoureiro do Erario, tendo desde então importancia manifesta, e favor privado na côrte,

Durante o periodo de treze annos e dous mezes menos dias em que se manteve na cidade do Rio de Janeiro a capital da Monarchia portugueza correrão abusivamente exageradas as despezas do Erario Regio, e diziam alguns que por isso muitas vezes faltava á elle o dinheiro.

Outros, assegurvão que Targini (á quem sobráão desafectos e invejosos do favor que elle tinha na corte) adiava longa e excessivamente pagamentos no Erario, tendo agentes que se empregavão em descontal-os,

Aleive, ou verdade, pois que a suspeita é gravissima, e não temos provas para consideral-a fundamentada, propalava-se como se fosse certa, e conta-se até curiosa anedocta ou real, ou immaginaria e neste caso ervada de insinuação maligna.

Diz-se que um D. Fernando, fidalgo portuguez de tradicional excentricidade, fazia grande ruido e maltratava com acres palavras, e epigrammas ferinos, á Targini, quando ia ao Erario receber honorarios ou pensão, e lhe adiavão o pagamento por faltar dinheiro, e que Targini queixando-se disso ao principe-regente D. João, este um dia de recepção no Paço dissera a D. Fernando depois de censurar-lhe o procedimento: « prohibo-lhe pronunciar palavra alguma que desaire ou injurie o Targini.

Cumpre lembrar que Targini tinha de menos uma vista, era cego de um dos olhos.

E a tradicção assegura que o original D. Fernando ao retirar-se do Paço, encontrando-se com

o Targini, indicara-lhe mudo ; mas empregando mimica muito expressiva, que se não lhe pagasse a pensão, lhe furaria o unico olho com que via.

Targini voltara sobre seus passos á denunciar a D. João o novo insulto recebido, D. Fernando que o seguira, respondera ao principe-regente, que resentido o interrogára :

— Senhor, Vossa Alteza Real prohibio-me pronunciar a palavra, e eu não fallei : apenas empreguei a mimica que é muda para ver se este homem me dá o dinheiro *sem desconto*.

E a traducção verdadeira ou falsa acaba, informando, que o principe-regente á rir, dissera :

— Targini, livra-te de D. Fernando, pagando-lhe á boca do cofre.

Como quer que fossem as suspeitas e accusações, Francisco Bento Maria Targini foi por occasião do anniversario natalicio da Rainha D. Maria I, e do baptisado de seu neto, o infante D. Sebastião em 1811 agraciado o titulo de Barão de S. Lourenço, e tão estimado e vallido continuou a ser na côrte, que D. João já Rei em 1819 o elevou de Barão de S. Lourenço á Visconde do mesmo titulo, quando distribuio graças e titulos em honra do nascimento e baptismo de sua neta a principal D. Maria da Gloria, mais tarde Rainha de Portugal.

FRANCISCO CALDEIRA CASTELLO BRANCO.

Nascido no seculo decimo sexto em Portugal de nobre familia e tendo seguido a carreira das armas Francisco Caldeira Castello Branco servio no Brazil e era Capitão-mór, quando os francezes occupavão com indicação manifesta de conquista a ilha do Maranhão.

Em 1614 commandando um contingente de reforço sahido da Bahia e de Pernambuco chegou elle aquêlla ilha em auxilio do bravo Jeronymo de Albuquerque, que depois que este derrotava os francezes em Guarenduba, e obrigava Rivardiere ao armisticio que o desmoralisou.

Pouco versado em direitos de guerra e em deveres de respeito á ajustes firmados, Jeronymo de Albuquerque deixou-se levar pelos conselhos de Francisco Caldeira, e posto que tivesse a epidemia de sarampos grassando entre a sua gente, autorisou o recémchegado Capitão-mór a ir impor ao chefe dos francezes novas condições.

Francisco Caldeira dirigio-se a Rivardiere e declarou-lhe que Jeronymo de Albuquerque recebera de seu Rei avisos de que aquellas terras do Maranhão erão da corôa de Portugal, e que portanto intimava os francezes a retirarem-se. Apesar de seus protestos fundados no ajuste de Guaratuba, Rivardiere submeteu-se, pedindo o obtendo cinco mezes para a sua retirada.

Rivardiere calculava com o tempo e Francisco Caldeira e Jeronymo de Albuquerque condescenderão, lembrando a epidemia, que estava disimulando a não poucos, e tornando incapazes de combater á muitos dos seus soldados.

Em 1815 chegou Alexandre de Moura com a sua expedição e os francezes já vencidos forão expulsos sem que oppuzessem resistencia.

Por ordem de Alexandre de Moura partio Francisco Caldeira Castello Branco, do Maranhão com a patente de Capitão-mór para descobrir o Grão-Pará e o Amazonas e alli funda nova capitania.

Em Novembro de 1815, sahio do Maranhão Francisco Caldeira, com duzentos soldados, e a 3 de Dezembro do mesmo anno desembarcou no sitio que de melhor escolha lhe pareceu, e começon logo a construcção de uma fortaleza, que foi a primeira pedra da capital da capitania, muito mais tarde Provincia do Grão-Pará, a cidade de Nossa Senhora de Belem.

O primeiro homem da expedição que poz pé em terra, chamava-se *Antonio de Deus*.

Os indios dominadores do sitio e de suas

circumvisinhanças receberão os portuguezes sem opposição, e até os servirão nos primeiros trabalhos e procederão como se já fossem amigos.

Governou o Capitão-mór Francisco Caldeira Castello Branco a nova capitania do Pará com a melhor fortuna até Setembro de 1618, em que provou os golpes da adversidade.

Tinha elle na cidade de Belem um seu sobrinho de nome Antonio Cabral, este sendo inimigo do Capitão Alvaro Neto, soldado intrepido e geralmente estimado, com o mesmo Capitão se fez encontradiço um dia no lugar mais publico da povoação e o matou á punhaladas.

Acudirão os Capitães Paulo da Rocha e Thadeo dos Passos, amigos do assassinado, e vendo no meio da gente já reunida Francisco Caldeira, exigirão d'elle o prompto castigo do assassino, fallando-lhe até menos respeitosa, mas logo depois receiosos do resentimento do Capitão-mór a quem tinham offendido, recolherão-se ao pequeno convento dos religiosos de Santo Antonio.

Francisco Caldeira fingio desprezar os homisiados, fez prender Antonio Cabral na fortaleza da cidade, no fim porém de poucos dias de devação, não somente suspendeu esta como tambem a pretexto de ser-lhe necessario o sobrinho para a guerra dos indios, o mandou por em liberdade.

A esse procedimento reprehensivel accrescentou o gravissimo erro de ordenar que os dous capitães homisiados ficassem presos na mesma clausura dos capuchos.

Os soldados e colonos da cidade dirigidos por seus chefes levantarão-se em revolta, depuzerão e prenderão o Capitão-mór Francisco Caldeira Castello Branco, o qual no mesmo anno de 1618 foi remettido preso para Portugal por ordem do Governador geral do Brazil D. Luiz de Souza.

Quaesquer que fossem os erros do ultimo mez do seu governo, Francisco Caldeira Castello Branco tem o seu lugar de honra na historia do Brazil, como fundador da capitania do Grão-Pará e da cidade de Nossa Senhora de Belem.

FRANCISCO DAS CHAGAS SANTOS.

Não nos foi possível obter informações sobre o afortunado berço e a filiação deste benemerito: se era portuguez de nascimento, adherio com dedicação a causa da independencia do Brazil, e Francisco das Chagas Santos foi portanto brasileiro.

Seguiu a carreira das armas e nas guerras e campanhas do Rio Grande do Sul, e da Cisplatina acendeu a gloria do seu nome.

Nas gloriosas campanhas de 1816 e annos seguintes Francisco das Chagas Santos militou com distincção no posto de Brigadeiro e provou sua bravura, combatendo o famoso Artigas.

Em 1823 substituiu por algumas semanas na constituinte brasileira, como Deputado supplente pela Provincia do Rio Grande do Sul ao Deputado effectivo Fernandes Pinheiro, depois Visconde de S. Leopoldo.

Mais homem de guerra, do que de tribuna parlamentar, não se fez distinguir na Constituinte.

De 1825 a 1828 prestou novos e relevantes serviços nas campanhas da Cisplatina e guerra com a confederação Argentina, que apoiava a revolta oriental de Uruguay no empenho de absorver aquella banda do Prata, que o Imperio do Brazil perdeu, como Provincia; mas conseguiu que se firmasse Estado independente.

Em 1835 rompeu a 20 de Setembro no Rio Grande do Sul a tremenda rebelião que só em 1844 havia de acabar depois de inglorio correr de rios de sangue irmão.

Francisco das Chagas Santos já desde annos marechal de campo desembainhou a espada em defesa da causa legal. Em 1837 e nas peiores e mais afflictivas circumstancias daquella Provincia do Imperio, foi por pouco tempo Presidente della, e fortaleza que se impoz aos rebeldes então seriamente ameaçadores no maior auge de sua força.

Envelhecido, alquebrado de forças e doente recolheu-se depois de cumprir á risca o seu dever de valente e brioso militar á cidade do Rio de Janeiro, onde falleceu á 12 de Outubro de 1840.

Poucos guardarão e guardão a lembrança do nome e dos serviços do Marechal de campo Francisco das Chagas Santos, que nas sombras de admiravel modestia deixou menos radiantes sua benemerencia, sua bravura de soldado, e seu patriotismo de cidadão.

FRANCISCO DE CASTRO DE MORAES.

Fidalgo portuguez e em Portugal nascido Francisco de Castro de Moraes apparece na historia do Brazil, sendo Governador e Capitão general de Pernambuco de 1703 a 1707.

Para grande infortunio da Capitania do Rio de Janeiro, veio elle tomar posse do seu Governo á 30 de Abril de 1710 com a patente de simples Governador; porque Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho era desde 1709 Governador e Capitão-general de toda a repartição do Sul, e em Minas-Geraes se achava.

O Governo de Francisco de Castro no Rio de Janeiro durou até fins de 1711.

Em 1710 o Capitão Carlos Duclerc, official de marinha franceza, desembarcou em Guaratiba, e á frente de mil soldados avançou sobre a cidade e nella penetrou.

Francisco de Castro que dispunha de dous regimentos de linha (o velho e o novo) de duas

companhias de artilharia, e de milicias que chamara ás armas, não soube disputar o campo ao inimigo, portou-se cobardemente, e se Duclerc foi vencido e com todos os seus ficou prisioneiro, a outros, que não á elle, positivamente se deveu a victoria.

Mas Francisco de Castro era sobrinho do padre José de Castro, Reitor do Collegio de Santo Antão em Portugal, e muito valido do Rei D. João V e deveu ao tio não só a mais falsa apreciação do seu vil procedimento; mas ainda uma commenda em premio dos grandes serviços que prestara!

Em 1811 o celebre Dugnay-Trouin com dezesseis navios de guerra e quatro mil e quinhentos soldados de desembarque, entrou á barra do Rio de Janeiro á 12 de Setembro, operou desembarque, tomou posições sem resistencia, e no fim de alguns dias intimou a rendição da cidade:

Francisco de Castro muito á tempo prevenido reunira mais de seis mil combatentes, que nem puderam combater!. deu, é certo, á intimação de Dugnay-Trouin resposta que terminou de modo corajoso e digno; mas immediata e subitamente depois, e sem que tivesse uma só vez levado á peleja os seus soldados, effectuou de noute e precipite a retirada das tropas e o abandono da cidade.

Esta resolução inesperada, deshonorosa, só applicavel pela maior cobardia ou por infame traição levou todas as familias á fugir da cidade na

mesma noite com fatal precipitação, de sorte que algumas mulheres e crianças, e alguns velhos foram achados mortos de fadiga e de fome pelos matos, por onde se mettiam tomados de terror.

E Francisco de Castro foi além : dias depois, e quando já se contava com a proxima chegada de Antonio de Albuquerque, trazendo de Minas, como trouxe, numerosa força de soccorro, assignou com Dugnay-Trouin o mais vergonhoso ajuste do *resgate da cidade*.

Realizado esse contracto desbrioso. e chegado já tarde para obviar-o o intrepido e benemerito Antonio de Albuquerque, a camara do Rio de Janeiro requereu á este que assumisse o Governo da capitania, conforme o disposto na Carta Régia de 26 de Novembro de 1709, que mandava que, se por qualquer motivo, viesse ao Rio de Janeiro Antonio de Albuquerque, fosse commettida a autoridade.

Querião mais o povo e os officiaes da Camara á fallar em seu nome ; querião e pedirão a prisão de Francisco de Castro ; Antonio de Albuquerque porém limitou-se á tomar o governo.

Dessa vez o tio padre jezuita não pôde salvar Francisco de Castro de Moraes, que julgado por alçada de sete Ministros presidida pelo Chanceller da Relação da Bahia mandado para esse fim ao Rio de Janeiro por Alvará de 22 de Junho de 1712. foi condemnado a degredo, depois de sequestrado, e prisão perpetua em uma das fortalezas da India.

O Governador do Rio de Janeiro Francisco de

Castro de Moraes foi tão infeliz, tão compromettedor de sua propria honra principalmente em 1711 em face de Dugnay-Trouin, que a unica e misera defesa que pòde oppôr á suspeitas, ou conjecturas de traição é a desculpa da sua cobardia, desculpa inaccitavel em quem toma a responsabilidade, e os serios deveres do Governo, e ainda mais a responsabilidade e os serios deveres do commando militar em tempo e actividade de guerra.

FRANCISCO FERREIRA BARRETO.

Filho legitimo de Vicente Ferreira Barreto, e de D. Adriana Messias Barbosa, Francisco Ferreira Barreto nasceu aos 5 de Abril de 1770 na cidade do Recife, Provincia de Pernambuco, onde fez os seus estudos, dedicando-se ao sacerdocio.

No Seminario Episcopal de Olinda passou por estudante de natural intelligencia, e de feliz engenho poetico: era ainda menorista, e já merecia louvores por seus discursos no pulpito.

Ordenou-se presbytero no anno de 1813.

Foi alheio a revolução de 1817; mas depois da de 1820 de Portugal, empossada a Junta governativa em Pernambuco no anno de 1821, escreveu o periodico *Relator verdadeiro* que aliás durou pouco tempo.

Sustentou a causa da Independencia do Brazil, e sem o menor empenho seu foi eleito Deputado supplente da Constituinte brasileira e nella teve assento; mas não se distinguio como politico activo.

Dissolvida essa Assembléa, retirou-se para Pernambuco, sendo despachado Vigario da Freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves, na qual se collou, Cavalleiro da Ordem do Cruzeiro, e prégador da Imperial Capella.

Estas graças o tornárão suspeito aos liberaes que não o pópárão na imprensa, o que deu causa á grandes desgostos do Vigario Ferreira Barreto.

Mas parece que não faltavão fundamentos ás suspeitas dos liberaes; porque fundando-se em 1829 na cidade do Recife a sociedade politica e secreta denominada — *Columna do Throno* foi o Vigario Ferreira Barreto um dos seus principaes membros, e tal sociedade foi na Camara dos Deputados e na imprensa accusada de conspirar para a proclamação do Governo absoluto.

As cousas chegarão a tal ponto que o Governo Imperial mandou abrir conhecimentos judiciaes sobre a sociedade *Columna do Throno*, e no caso de se ter *desgraçadamente realisado o detestavel projecto*, suspendeu algumas das garantias constitucionaes para immediata punição dos culpados.

Dissolvida a Sociedade *Columna do Throno*, o vigario Francisco Ferreira Barreto embarcou para Portugal, e na verdade tão entusiasta do Governo absoluto parecia, que em Lisboa compoz dous bonitas sonetôs a *D. Miguel!*. e em que época!...

Restituído á patria, entregou-se exclusivamente aos deveres do seu ministerio parochial e no fim de alguns annos adoeceu de tísica pulmonar, e

depois de soffrimentos longos fallecen a 25 de Fevereiro de 1851.

Como fica exposto o padre Francisco Ferreira Barreto foi como politico homem da autoridade, ou do Governo monarchico, preferindo ao constitucional o absoluto. Condemnal-o; porque era essa a sua opinião, seria intolerancia *absolutista*. Elle estava no seu direito: a liberdade do pensamento é igual para todos.

Fóra da politica o padre Francisco Ferreira Barreto honrou muito o clero pernambucano, gozou reputação de illustrado e eloquente orador da tribuna sagrada, e como vigario distinguio-se tanto pelo desinteresse e pela caridade, que por vezes os seus parochianos tiverão de acudir-o com donativos expontaneos de dinheiro, e morreu tão pobre que os mesmos seus parochianos lhe fizerão as ultimas honras funebres e o enterro.

Como poeta escreveu muito, compondo sonetos cantatas, lyras, etc. que se recommendão pela suavidade, pela veia facil, e ás vezes por arrebatamentos de imaginação; mas infelizmente reputando *Bocage* o primeiro dos poetas, foi puro e exclusivo seguidor da escola Bocagiana, e muito longe de igualar o mestre, sacrificou a originalidade que poderia ter, e limitou-se a imitador de merecimento: mas sem a gloria que o seu incontestavel talento poetico lhe daria.

O Padre vigario Francisco Ferreira Barreto foi ainda commendador da Ordem de Christo, examinador synodal do bispado de Pernambuco, adjunto

da Associação da Fé, director do Lyceu Pernambucano, e emfim membro da Assembléa Provincial do Pernambuco em uma legislatura.

As obras deste illustre varão forão depois de sua morte recolhidas, coordenadas e impressas em Pernambuco.

Honra a quem prestou esse generoso serviço á memoria do padre Barreto, e ás letras patrias.

FRANCISCO JOSÉ PINHEIRO GUIMARÃES.

Francisco José Pinheiro Guimarães nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 2 de Junho de 1809, e nella fez todos os seus estudos até completar os preparatorios exigidos para a matricula nas escolas de sciencias sociaes e juridicas, e na de S. Paulo seguiu o respectivo curso, e recebeu o gráo de Bacharel.

Desde a escola de instrucção primaria revelou grande facilidade de comprehensão e logo na de latim, talento poetico, especialmente manifestado em epigrammas felizes, e ás vezes mordazes, que os collegas nem sempre lhe perdoavão.

Ainda no Rio de Janeiro e dêpois em S. Paulo (sem sacrificio sensivel das materias do curso juridico), cultivou com ardor e gosto o estudo da litteratura, tornando-se muito versado tanto na antiga como na moderna, e principalmente na portugueza, franceza e ingleza.

Chegando ao Rio de Janeiro com o seu diploma de Bacharel em Direito, embora nos mais bellos annos da mocidade ; já porém sobcarregado de familia, e não tondo nem o condão da riqueza ; nem a alavanca da protecção de parentes com influencia social, Pinheiro Guimarães achou-se abandonado ás forças do proprio merecimento,

O emprego da Secretaria dos Negocios Estrangeiros foi evidentemente, não caminho tomado por impulso de coração ; mas simples recurso economico que assegurava modestissimo viver a sua familia.

Homem de imaginação tão viva e radiante, ave altaneira que em arroubos procurava o sol, Pinheiro Guimarães só pela escassez de sua fortuna pecuniaria poderia sujeitar-se ao mister sem duvida importante e honroso de Official de Secretaria, que é tão positivo, pratico, e ainda em casos de trabalhos exigentes de intelligencia esclarecida, e de serios estudos tão encerrados nos horisontes da razão fria, do raciocinio severo ; não poderia sem violentar suas disposições naturaes fechar-se naquelle claustro administrativo, onde os mais laboriosos, difficeis, e ás vezes illustrados desempenhos de tarifas officiaes deixão na sombra os nomes dos seus autores, mostrando-se ao sol da luz publica apenas o nome do Ministro signatario.

Pinheiro Guimarães tomou ao serio sem tomar em amor apaixonado o seu lugar de Official e de Chefe de Secção da Secretaria do Ministerio dos Negocios Estrangeiros: empenhou-se em cumprir o seu dever, e soube cumpril-o ; mas o seu coração,

os seus amores, o seu culto ficarão sempre dedicados ás letras.

Com as suas fulgurosa e vasta intelligencia, imaginação flammejante, ás vezes como que febril, memoria admiravel, facilidade de escrever com apurado gosto, e com atticismo nem sempre comedido, extraordinario, inspiração prompta e como escrava obediente ao privilegiado, e emfim illustração litteraria opulenta Pinheiro Guimarães reunia elementos para brilhar como astro lucifero no céu da litteratura brazileira.

E não o foi todavia!

Prejudicou-o não pouco certa ligeireza e inconstancia da natureza especialissima de sua imaginação incapaz de ser contida por demorado prazo no mesmo objectivo; prejudicou-o o genio um pouco voluvel na escolha e na dedicação de aturado assumpto de labores litterarios; prejudicou-o o gosto exagerado do epygramma, das satyras, e das luctas de imprensa em questões theatraes em que elle não soube encerrar-se em seu gabinete de escriptor litterato dramatico, negando-se aos combates de scena, de proscenio e de platéa.

Pinheiro Guimarães esbanjou thesouros intellectuaes de alto valor em pequenas vaidades / de triumphos brilhantes; mas ephemeros.

Na litteratura da patria podia ter sido e não foi astro; foi perillampo de luz esplendida; mas de fulgor passageiro.

Esta apreciação é toda relativa ás grandes proporções de sua capacidade intellectual; porque elle

deixou obras de incontestavel merecimento, como a — *Ciumenta* — comedia em cinco atos representada em 1843, e o *Brazileiro em Lisboa* outra comedia em cinco actos representada em 1844 no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Elle traduzio do inglez — *O roubo da madeira* — poema heroi-comico de Alexandre Pope. O Child Harold e o Sardanapalo de Byron, com feliz interpretação e mestria.

Depois de uma viagem a Europa e de alguma demora em Paris traduzio e fez representar por João Caetano, o Rossi brasileiro, o *Hernani*, drama de Victor Hugo: empregou na traducção, á que indicou dar importancia notavel, versificação em rima variada, conforme o sentimento que predominava nas scenas do drama: era quasi uma innovação, aliás estranha á obra traduzida! Incontestavelmente ha no *Hernani* de Pinheiro Guimarães doçura e enlevo de sentimentos; mas o publico não comprehendeu ou não aceitou a traducção.

Deixou concluida; mas não publicada a traducção da *Pucelle d'Orleans* de Voltaire.

Os epygrammas de Pinheiro Guimarães felizes e mordazes como os de Bocage corrêrão em manuscrito, e sendo numerosos apenas um ou outro chegou á imprensa:

Além de suas traducções, de muitas poesias principalmente eroticas que não publicou e nem ao menos deixou reunidas, elle escreveu muito na imprensa periodica, e foi o mais activo auxiliar ou

companheiro do Sr. José de Assis Alves Branco na famosa *Pacotilha* do *Mercantil*.

Em politica militou nas fileiras do partido liberal; nunca porém influio bastante nelle; porque seu genio independente era incompativel com a disciplina de partido, e não menos inconstante nos assumptos do seu labor litterario deixava-o repetidas vezes parecer indifferente ás lides constitucionaes.

Francisco José Pinheiro Guimarães falleceu na Cidade do Rio de Janeiro a 17 de Novembro de 1877.

D. FREI FRANCISCO DE S. JERONYMO.

BISPO DO RIO DE JANEIRO.

Natural da cidade de Lisboa e filho legitimo de Francisco de Andrade e Mello, e de D. Isabel da Silva, Francisco que mais tarde se chamou de S. Jeronymo entrou ainda joven para a Congregação dos Conegos regulares de S. João Evangelista.

Distinguio-se muito pelas suas virtudes e grande saber, e como orador sagrado, e escriptor notavel.

Foi nomeado Bispo do Rio de Janeiro a 10 de Dezembro de 1700, e confirmado pelo Santo Padre Clemente XI a 6 de Agosto de 1701.

Chegou ao Rio de Janeiro a 8 de Junho de 1702, e a 11 tomou posse do bispado.

Creou em Minas Geraes quarenta freguezias. Obrigou o clero a estudos severos. Fez construir no monte da Conceição a casa, onde residem os Bispos.

Foi de D. Frei Francisco de S. Jeronymo a Provisão de 19 de Fevereiro de 1705 dando faculdade para a fundação do Convento de Nossa Se-

nhora da Conceição d'Ajuda, e coube-lhe a dita de lançar a primeira pedra da igreja de Santa Rita de Cassia (depois freguezia da cidade) levantada por Manoel Nascentes Pinto.

Era D. Frei Francisco de S. Jeronymo muito esmoler e caridoso.

Inflammado do amor do proximo muitas vezes intercedeu pelos presos e condemnados. Tinha em horror a pena de morte. Um dia com ardentes rogos conseguiu do Governador D. Fernando Martins Mascarenhas o perdão de um soldado que ia ser fuzilado. Deus abençoou a intervenção do Bispo. O soldado fez-se religioso e de costumes exemplares.

Por tres vezes, em 1704, 1708 e 1709 fez parte de Governos interinos da capitania, durante a ausencia dos Governadores, e foi sempre feliz nessas tarefas alheias ao seu santo ministerio.

Sabendo de seus padecimentos e enfermidades, o Rei (D. João V) mandou-lhe permissão para ir tratar-se em Portugal; mas o Bispo não a aceitou para não desamparar o redil da sua Igreja.

E suas molestias aggravárão-se, atormentando-o por muito tempo.

D. Frei Francisco de S. Jeronymo falleceu na Cidade do Rio de Janeiro á 7 de Março de 1721, e foi sepultado no presbitero da Capella de Nossa Senhora da Conceição da casa ou palacio dos Bispos, como em testamento pedira.

Na pedra que cobrio o seu jazigo se gravou este simples epithaphio — *Sub tuum presidium.*

DR. FRANCISCO JULIO XAVIER.

Natural da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu no primeiro decennio do seculo actual, Francisco Julio Xavier, filho do Cirurgião-mór de igual nome, estudou algumas humanidades, e cursou a escola ou academia cirurgica na cidade patria, e mandado por seu pae para França formou-se em medicina com os melhores credits de intelligencia e applicação na Universidade de Pariz.

De volta a patria soube aproveitar o ensejo dos concursos ás cadeiras da nova ou reformada Academia de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, e conquistou realmente na primeira a cadeira de lente de *Partos*.

Insigne como eloquentissimo expositor da sua materia na Academia, notabilizou-se como parteiro na clinica pratica.

Fóra da Academia de Medicina e de sua profissão de medico habilissimo, e especialmente parteiro, o Dr. Francisco Julio Xavier foi membro da

Assembléa Provincial do Rio de Janeiro em duas ou tres legislaturas, e nella primou como orador inspirado, de palavra facilima, e de suave eloquencia que enlevava o auditorio.

Na politica militante foi sempre liberal; era porém muito mais medico do que politico, e por isso não foi esquecido, fez-se esquecer.

Generoso e desinteressado nunca poude sahir de honesta pobreza, embora ganhasse bastante para fazer fortuna.

Atacado na rua por apoplexia fulminante morreu em 1851 deixando a Academia de Medicina saudades de sua eloquencia brilhante, e de seu saber profundo, e aos estudantes e aos amigos a suave lembrança do mais doce coração.

FRANCISCO DE MENEZES DIAS DA CRUZ.

Filho legitimo de Francisco de Menezes Dias da Cruz, o illustre Varão que teve o mesmo nome e sobrenomes de seu pae, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em modestissima casa á rua da Carioca, aos 10 de Fevereiro de 1826.

Seu pae era relojoeiro, e sua mãe tinha sido *exposta* e *recolhida* da Santa Casa da Misericordia, donde sahira para ser esposa e mãe abençoada: aquelle gozava bem merecida estima de quantos o conhecião, como homem de probidade, de optimos costumes, e do mais doce coração; esta foi senhora de exemplares virtudes, de profunda fé catholica, e de honestidade e recato, a tornárão venerada em suas pouco extensas relações amigas, e em seu muito mais extenso horisonte de caridade nem sempre contida nas proporções limitadas dos recursos do casal.

Quiz a natureza que as virtudes do pae e da

mãe se passassem todas para a alma e para o coração do seu filho chamado Francisco de Menezes Dias da Cruz.

Entre todos os seus irmãos o mais intelligente, o mais suave nos sentimentos, e já *sensato* desde a segunda infancia, o menino Dias da Cruz distinguio-se logo por talento e applicação nos estudos primarios, e em seguida nas disciplinas de instrucção secundaria, apurando-se sobre todas as linguas latina, e ainda mais em philosophia, que cultivou sempre com predilecto amor.

Cursou a Escola de Medicina do Rio de Janeiro, conquistando louros de triumpho no fim de cada um dos seis annos de obrigaçãõ de estudo. Em 1847 tomou o grão de Doutor em medicina; em 1853 concorreu para o lugar de lente substituto da Escola, que não obteve, embora sahisse do concurso com o reconhecimento das provas brilhantes que de sua capacidade incontestavelmente exhibio.

Em 1854, sendo reorganizada a Escola de Medicina pelo então Ministro do Imperio o Sr. Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, depois Barão e Visconde do Bom Retiro, o Dr. Dias da Cruz sem pedido proprio, nem empenho de amigo algum (esta informação é positiva e quasi autorisada) foi nomeado lente substituto, e dez annos depois em 1864 subio a lente de pathologia geral,

A nomeaçãõ de 1854 honra tanto ao Dr. Dias da Cruz, que não solicitou-a, como ao Ministro que a fez sem sollicitaçãõ; porquanto a esse tempo o Dr. Dias da Cruz já era militante franco e activo

do partido liberal, e aquelle Ministro pertencia á Gabinete do partido conservador, e hostilizado na imprensa, e nos comiços eleitoraes pelos liberaes, e entre elles pelo proprio Dr. Dias da Cruz, que nunca, nem um dia, nem um instante em sua vida dissimulou seus principios politicos.

Desde 1848 medico clinico; desde 1854 substituto e depois lente da Escola de Medicina, de que era filho; e desde que no gozo dos direitos de cidadão lidador activo e firme do partido liberal, o Dr. Dias da Cruz ornou sua bella fronte com tres brilhantes corôas.

Na sua cadeira de lente fulgurou por grande saber, pela palavra eloquente e pela amabilidade e fina cortezia com que soube merecer o respeito e a amizade de todos os seus discipulos.

Na clinica medica igualou aos seus collegas mais illustres na sciencia, na pericia e no zelo, e resplendor pela extensão de sua caridade evangelica; em cada cem doentes não forão nunca talvez menos de cincoenta os gratuitos, e em cada cincoenta gratuitos não erraria quem calculasse na metade aquelles que á cuja cabeceira deixava auxilio pecuniario para o tratamento e diétas,

Na politica militante avultava pela esclarecida intelligencia, pela actividade, pela energia temperada com a moderação, e pela popularidade legitimamente adquirida. Primeiro e invencivel chefe liberal em sua parochia, foi nella em successivas eleições, e ainda em opposição, sempre primeiro Juiz de Paz e eleitor. Sua influencia estendeu-se

por todo municipio da côrte, eleito Vereador da Camara em dous quatriennios, e não foi mais reeleito, porque não conveio em sel-o.

Em 1867 o eleitorado do então districto da Côrte o elegeu Deputado: em 1875 tendo-se de proceder a eleição de um Deputado para preencher uma vaga dos tres Deputados do mesmo districto, os eleitores liberaes votárão em escrutino previo afim de ficar determinado entre os seus candidatos a escolha daquelle em quem se concentrasse toda a votação liberal venceu por pequena maioria a candidatura do Dr. Francisco Pinheiro Guimarães; mas os numerosos eleitores da parochia do Santissimo Sacramento e outras dedicadas todas ao Dr. Dias da Cruz insistirão em sustentar a candidatura deste a todo transe, e embora com evidente quebra da disciplina do partido.

No dia da eleição o Dr. Dias da Cruz dando clara lição, e esplendido exemplo de lealdade e de virtude politica, foi no collegio eleitoral o mais diligente e fervoroso campeão da candidatura do Dr. Pinheiro Guimarães, seu emulo vencedor no escrutinio previo, e com a sua irresistivel e generosa influencia conseguiu que os eleitores de sua parochia e os outros amigos seus votassem todos no Dr. Pinheiro Guimaraes que assim em maxima parte lhe deveu a victoria que alcançou.

Quantos procederiam como o Dr. Dias da Cruz em tempo de tanto egoismo e de tanta corrupção de costumes, e de exclusivo da propria individualidade, á que, salvas as excepções, ca la qual

sacrifica todas as noções do dever, e o interesse geral do partido politico, a que diz pertencer.

Deputado da Assembléa Geral desde 1867 até 1868, em que a Camara foi desolvida, o Dr. Dias da Cruz distinguio-se da tribuna parlamentar, como orador eloquente, de porte dialectico, e de esmerada cortezia, embora em opposição energica, sendo um dos mantenedores da bandeira, que hastearão os liberaes divergentes. que separando-se dos progressistas então se chamavão *historicos*.

Brando, moderado, tolerante, verdadeiramente *ordeiro* o Dr. Dias da Cruz tinha em alto gráo a coragem civica.

Na eleição de 1867 elle presidia a mesa eleitoral de sua parochia, o resultado da lucta com o partido conservador affigurava-se duvidoso aos seus companheiros sub-chefes, alguns dos quaes mandão propôr-lhe, ou pedir-lhe licença para fazer um *rolo*, isto é, para improvisar desordem, grita, e como conflieto material que espantasse os adversarios: quem escreve este artigo biographico dá testemunho, de que ouviu, e louvou a resposta do Dr. Dias da Cruz: « asseguro-lhes, que a victoria eleitoral é nossa, e que ainda que o não seja, se fizerem o *rolo* e promoverem desordens, abandonarei a presidencia da mesa. »

Não houve *rolo*, e os liberaes ganhárão a eleição por grande maioria.

Em 1867 pronunciou-se grave motim, que se chamou então — *questão Figueiredo* —: o Dr. Dias da Cruz sahio de sua casa, e no meio da gente

amotinada, exposto á verdadeiro perigo, prestou grande serviço á ordem, coadjuvando com a sua prestigiosa palavra a acção da autoridade publica.

Na eleição de 1872 ainda presidindo a mesa eleitoral, e então chefe liberal em opposição, houve grave conflicto, ou *rolo* (mantenha-se a tecnologia), que a gente conservadora aceitou, interveio a força publica, e o Dr. Dias da Cruz foi ferido pela bayoneta do um soldado, que lhe dirigio o golpe.

Suspendeu-se a eleição, e o Dr. Dias da Cruz ferido e obrigado a cuidadoso tratamento, tornou-se objecto, durante alguns dias, do mais vivo e commovido interesse e estremecimento não só dos amigos e correligionarios, como de adversarios politicos. Sua Magestade o Imperador mandou por mais de uma vez visitar o benemerito cidadão ferido, e informar-se do seu estado com obsequioso cuidado.

Fóra das lides politicas o Dr. Dias da Cruz nunca se poupou ao serviço da patria. Sem pagagem premio prestou-se muitas vezes a ser examinador de philosophia em longos dias de trabalho; nesse labor gratuito, porém, elle achava grave dôçura ou enlevo; porque a philosophia era o seu estudo de predilecção.

Quando o cholera-morbus, e depois a febre amarella invadirão a cidade do Rio de Janeiro, o Dr. Dias da Cruz, o medico de profunda sciencia, e ao mesmo tempo — o inspirado de caridade evangelica — taes serviços prestou que o Governo Im-

perial sem solicitação, nem empenhos agraciou-o com o habito de Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa, com o habito da Ordem de Christo, e ainda com a Commenda daquella primeira ordem.

Roubando horas necessarias ao descanso o illustrado medico e lente compoz e deu ao prelo importante compendio de pathologia geral, que foi admittido na Escola de Medicina.

Até aqui o homem publico, o medico em sua clinica, e mestre abalisado em sua cadeira na Escola, o politico de sãos principios, e chefe de partido de lealdade e de perseverança exemplares.

Agora o homem particular e chefe de familia :

O Dr. Dias da Cruz foi na terra a Providencia de seus irmãos, pelos quaes fez sacrificios, que sua virtude dissimulou : casado com uma senhora muito digna e honesta, deu-lhe vida placida e feliz pelo seu amor; pela sua fidelidade conjugal, que a todos admirava, e como pae ninguem o excedeu em ternura e em cuidados de educação.

Elle adoptou o filho mais velho do seu antigo mestre o Dr. Francisco Julió Xavier, finado em pobreza, fel-o seguir os estudos até vel-o formado em medicina.

Poderia incontestavelmente ter enriquecido ; mas a sua caridade não o deixava augmentar a fortuna ; pelo contrario morreu, deixando-a muito menor do que a tivera, quando se casou, e entretanto em sua vida foi sempre simples, sem luxo, sem ostentação, e sem um só dos vicios que devorão capitaes.

Profundamente catholico, e fiel observador de todos os preccitos da religião o Dr. Dias da Cruz com esse sentimento ainda mais apurou suas virtudes.

Quando rompeu no Brazil a chamada questão religiosa, ou antes o conflicto do poder da Igreja e do poder do Estado, todos os liberaes, com raras excepções, se pronunciaram contra o que se denominou e continua a chamar-se *ultramontanismo*; o Dr. Dias da Cruz porém, ficou no seu posto de *catholico romano* inabalavel.

Todavia o seu merecimento, a pureza de sua consciencia, e a confiança de que gozava erão taes, que o Dr. Dias da Cruz manteve sua influencia, nos ultimos annos foi um dos principaes directores do *Club da Reforma*, e desde Janeiro de 1873 assumio reconhecida e aceita preponderancia nos conselhos e na direcção activa de todo o partido liberal do municipio da Corte.

Foi nesta situação que veio atacal-o a molestia que o levou a sepultura.

O Dr. Dias da Cruz era de alta estatura, magro, e de má conformação da caixa thoraxica: muitas vezes ameaçada de desenvolvimento de grave affecção pulmonar, talvez que a esta escapasse pela regularidade de sua vida, e pela excellencia de seus costumes.

De subito começou a sentir dores que se estendiam do peito á columna vertebral e que lhe embarçavam a respiração: á principio consideradas rheumaticas resistiram ao tratamento, e no fim de

poucos dias os habillissimos medicos, que forão seus dedicadissimos assistentes reconhecerão uma *dilatação da aorta*, e debalde procurarão dissimular o seu *diagnostico* ao illustre e abalisado medico-clinico doente.

O Dr. Dias da Cruz conheceu quasi ao mesmo tempo que os optimos collegas o seu *mal* irremediavel. A' um amigo disse então : « *tudo neste mundo tem fim.* »

Pedio, recebeu todos os soccorros da religião, com licença merecidamente obtida, assistio ao santo sacrificio da missa celebrada em sua casa, e nesse dia mostrou-se mais do que consolado, alegre ; mas d'ahi em diante grave, ás vezes melancolico, e sempre de imperturbavel resignação.

Recebia frequente, e com a maior consolação o religioso capuchinho, seu confessor.

A 25 de Maio pouco antes da noite pronunciárão-se suffocações tormentosas annunciadoras da morte : mas ainda com intermittencias. Desde a madrugada de 26 de Maio a agonia longa afflictissima, cruel sem intermittente linitivo pôz em sublime prova a paciencia e a resignação do moribundo.

O Dr. Dias da Cruz teve o privilegio de *assistir a sua morte* com a mais plena consciencia da *agonia*, que foi o triumpho mais brilhante da fé catholica.

Sentado em cadeira de braços estufada, no meio da sala principal de sua casa, tendo em frente e um pouco para o lado direito alto crucifixo no meio de duas velas azezas, e do mesmo lado e junto delle o religioso capuchinho, o Dr. Dias da Cruz soffreu

tranquillo, sem contorcer-se, sem gemer seu tormentoso padecimento. A sala estava generosa, mas cruelmente cheia de amigos, que sem o pensar lhe tomavam em parte ou viciavão o ar, e elle todo com a alma voltada exclusivamente para Deus, conservava a cabeça inclinada para o chão, e quando a erguia, era só para embeber os olhos na cruz do Redemptor.

Por fim as oito horas da noite o Dr. Dias da Cruz perdeu a consciencia e a acção de suas faculdades mentaes até esse momento perfectas, graças ao pronunciamento de congestão cerebral.

Levarão seu corpo da cadeira de braços para o leito, onde meia hora depois o Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz exhalou o ultimo suspiro.

A 27 de Maio o illustre finado recebeu da população no sahimento do cadaver' manifestações de dôr, acompanhamento tão numeroso, sequito de homens e de senhoras pobres, lagrimas, tanta gente a chorar, que depois da morte do celebre e caridosissimo cirurgião Dr. João Alvares Carneiro, nunca igual sentimento do povo se manifestou na cidade do Rio de Janeiro.

O Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz forçosamente resentio-se de defeitos incorreu necessariamente em erros; porque era homem; mas entre os homens de seu tempo deixa memoria tão bella e transparente, tão rica de virtudes, em sua vida publica e particular, foi tão igual e admiravel em ambas, que os elogios do biographo amigo, ainda, embora a amisade, ficão muito abaixo do seu grande merecimento.

FRANCISCO PAES BARRETO

MARQUEZ DO RECIFE.

Natural de Pernambuco e ahí nascido em anno posterior a 1780 Francisco Paes Barreto foi rico morgado e Capitão-mór da villa do Cabo de Santo Agostinho.

Membro activo das *academias* ou sociedades secretas e fundador de uma que se intitulou *Paraizo*, as quaes urdirão a revolução republicana de 1817 em Pernambuco, Francisco Paes Barreto foi um dos principaes chefes desse movimento revolucionario.

Na noute de 6 de Março reunio as suas ordenanças e com ellas incorporado ao batalhão auxiliar dos Suassunas entrou no Recife ao romper do dia 7, e influio muito na capitulação da fortaleza do Brum.

Contra a expectativa geral não foi elcito membro do Governo interino e desgostoso se retirou para o Cabo ; mas d'ali continuou á prestar ser-

viços á causa da revolução principalmente quando entrarão na Provincia as forças que por ordem do Conde dos Arcos marcharão da Bahia sob o commando do Marechal Cogominho.

Tendo noticia da derrota dos revolucionarios no combate *Pandobas*, Francisco Paes Barreto immediatamente aconselhou que se offercesse capitulação; não sendo porém attendido, recolheu-se ao Recife, onde esperou resignado o já para elle não duvidoso desfecho da lucta desesperada.

Quando as tropas da esquadra bloqueadora desembarcando entrárão no Recife, Francisco Paes Barreto foi dos primeiros presos, e mettido no navio *Carrasco* entrou no numero dos *setenta*, que se remettêrão para a Bahia, onde ficou na cadeia da Relação atormentado por terriveis apprehensões da sorte que o esperava, até que a revolução de 1820 em Portugal, enthusiasmicamente adoptada em Fevereiro do anno seguinte pelo pronunciamento da tropa e do povo na Cidade de S. Salvador restituiu a liberdade aos presos de 1817.

No mesmo anno de 1821, tendo voltado para Pernambuco, achava-se no Recife ao tempo em que (á 20 de Julho) algum exaltado politico tornando-se criminoso assassino disparou um tiro de bacamarte sobre o Capitão-general de Pernambuco Luiz do Rego Barreto, o detestado oppressor desde 1817, que ficou ferido.

Attribuirão essa tentativa de assassinato aos republicanos sahidos da cadeia da Bahia: espalharão-se noticias ou boatos de conspiração e Francisco

Paes Barreto e mais 41 suspeitos forão arbitraria e violentamente presos e remetidos á 21 de Agosto no bergantim *Intriga* para Lisboa.

Depois do *Carrasco* a *Intriga*.

Recolhido a cadeia do *Castello* em Lisboa, Francisco Paes Barreto achou na Constituinte portugueza defensores pronunciados, e entre elles particularmente os Deputados seus patricios Muniz Tavares e João Ferreira da Silva, que conseguirão fazel-o absolver, e a todos os co-réos por *Acordão* da Snplicação de 27 de Outubro de 1821.

Voltando para Pernambuco, Francisco Paes Barreto alli se pronunciou quasi logo pela causa da Independencia da patria, e em Agosto de 1822 foⁱ eleito membro da nova Junta Provisoria que substituiu a de Gervasio Pires Ferreira derribada por menos decidida no empenho da separação de Portugal e da união geral brazileira sob o Governo do Principe-Regente D. Pedro, logo depois Imperador do Brazil.

Em Fevereiro de 1823 rompêrão graves dissensões entre a Junta Provisoria, e o Commandante das armas Pedro da Silva Pedrozo: a Junta retirou-se para o Cabo, onde forão apresentar-se fiéis á ella os corpos militares, e principalmente aos esforços de Francisco Paes Barreto organisárão-se forças imponentes, que com elle e seus companheiros membros do Governo da Provincia voltárão a Olinda, depuzerão e prendêrão o Commandante das armas Pedrozo, restabelecêrão a ordem e a tranquillidade publica, e puzerão os portuguezes a coberto da perseguição cruel que estavam soffrendo.

Em Novembro de 1823 foi dissolvida a Constituinte brasileira. A 13 de Dezembro foi eleito Presidente de novo Governo da Provincia de Pernambuco por grande conselho do clero, nobreza, e povo e chefes militares Manoel de Carvalho Paes de Andrade

Em 1824 o Imperador nomeou Presidente de Pernambuco a Francisco Paes Barreto, já então menos popular; mas os liberaes resentidos da dissolução da Constituinte, e desconfiados dos sentimentos constitucionaes de D. Pedro I declarárão-se em desobeciencia á nomeação do Presidente Paes Barreto, e em conselho e assembléa popular decidirão não reconhecer outra autoridade presidencial de Pernambuco que não fosse a de Manoel de Carvalho.

E rompeu a revolução que se chamou da *Confederação do Equador*

Os Majores de linha Seara e Lamenha levárão com os seus corpos militares o Presidente legal Francisco Paes Barreto para a Barra Grande, onde firmárão o primeiro ponto de apoio ante-revolucionario.

O Brigadeiro Francisco de Lima e Silva (depois Regente do Imperio) partio da capital do Imperio, commandando forças que facilmente esmagárão a revolução pernambucana de 1824.

Francisco Paes Barreto, o morgado do Cabo felizmente para sua memoria obscureceu-se então em eclipse politico em face da autoridade do General Francisco de Lima, e das sentenças mortiferas da commissão militar.

A popularidade, a reputação de ardente liberal gozada por tanto tempo, e á custa de tantos sacrificios e tormentos por Francisco Paes Barreto decahirão muito de 1824 em diante, e os liberaes de Pernambuco não lhe perdoarão as graças e títulos com que o Imperador D. Pedro I galardoou os seus relevantes serviços.

Francisco Paes Barreto recebeu em 1826 o titulo de Visconde e depois o de Marquez do Recife, gráo elevado na ordem do Cruzeiro, e a nomeação de Estribeiro-mór do Imperador.

E depois de 1831 morreu em Pernambuco em anno que não podemos determinar.

FRANCISCO DE PAULA GOMES DOS SANTOS.

Natural de Pernambuco, onde nascera no ultimo quartel do seculo decimo oitavo, Francisco de Paula Gomes dos Santos, cuja filiação não conseguimos saber, era em todo caso de nobre família pernambucana.

Conhecido por suas idéas liberaes, por estreitar relações de familia com algumas das perseguidas victimas da revolução de 1817, e por seus hereditarios resentimentos da influencia portugueza em Pernambuco, rico proprietario e capaz de audazes commettimentos Francisco de Paula Gomes dos Santos foi o chefe popular pernambucano que em 1821 primeiro se pronunciou contra o odiado Luiz do Rego, Capitão general de Pernambuco, e que o obrigou por capitulação negociada a retirar-se para Portugal.

O governo oppressor de Luiz do Rego pesava sobre Pernambuco desde 1817; mas em 1821 chegando alli a noticia da revolução de Portugal em

1820, esse Governador poz-se logo á frente do movimento liberal, colligando-se secretamente com os chefes militares portuguezes, e sem consulta nem apreço dos naturaes do paiz, de modo que a 11 de Julho proclamou e fez jurar as bases da futura Constituição portugueza, e em obediencia ás ordens da Regencia revolucionaria de Lisboa mandou proceder á eleição dos sete Deputados que a mesma Regencia determinara para representar Pernambuco na Constituinte.

Os pernambucanos considerárão o procedimento de Luiz do Rego, como calculado manejo para conservar o Poder, e muitos delles forão reunir-se em Goyana, para onde marchou logo grande parte da tropa do paiz, e alli creárão a 29 de Agosto um Governo provisorio, do qual foi Presidente Francisco de Paula Gomes dos Santos.

A dedicação e o patriotismo de Francisco de Paula provárão-se nesse glorioso pronunciamento em Goyana, que após alguns combates foi contar victoria no Recife com a capitulação chamada do Beberibe a 21 de Setembro, offerecida por Luiz do Rego; e o seu desinteresse não menos se patentea, concorrendo a 26 de Outubro para a eleição da primeira Junta Provisoria do Governo do Pernambuco, da qual não fez parte.

Em 1822 as tropas e povo de Olinda e do Recife revoltárão-se contra a Junta Provisoria, e a depuzerão a 16 de Setembro, querendo governo mais decidida e activamente declarado pela causa da Independencia da patria. No dia seguinte 17 de Se-

tembro creou-se um Governo temporario, do qual foi ainda Presidente Francisco de Paula Gomes dos Santos, que era como o cidadão da geral confiança, a quem se recorria nos dias de maior perigo.

Francisco de Paula assumio aquelle cargo e o exerceu até que no dia 23 do mesmo mez os eleitores do Recife e de Olinda reunidos nomearão nova Junta Provisoria, sendo desta Presidente Affonso de Albuquerque Maranhão, e simples vogal o ex-Presidente do Governo temporario, que nem por isso se recusou á servir na Junta.

Patriota sem ambições, modesto e nobre, Francisco de Paula Gomes dos Santos, depois de prestar esses notaveis serviços á Independencia do Brazil, e á união do Imperio, desapareceu da scena politica, e morreu em socegado retiro, faltando-nos até a data do seu fallecimento.

DR. FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES.

Filho de Francisco José Pinheiro Guimarães, de que se trata ão artigo precedente, Francisco Pinheiro Guimarães nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 23 de Dezembro de 1832, e nella fez todos os seus estudos até tomar o grão de doutor na Escola de Medicina.

Como seu pae cultivou com empenho a litteratura, o que não o impedio de conquistar notavel e merecida reputação de estudante distincto e de primeira ordem no curso da Escola de Medicina.

Sem que tivesse nem mais intelligencia, nem mais illustração do que seu pae, superou-o por qualidades que a elle faltavão : foi mais constante, mais methodico, e mais grave nos estudos e trabalhos que tomava a peito, e não tendo nem a graça natural, nem o espirito faceto e epygrammatico daquelle, porisso mesmo não extraviou suas bellas faculdades em composições ephemeras, estereis que ficarão per-

didas sem ter passado dos circulos dos amigos do autor.

O Dr. Pinheiro Guimarães sahindo da escola encetou a sua clinica medica na cidade do Rio de Janeiro a principio com proveito limitado o que se explica bem, e todos os medicos n'ovos experimentão em capital onde florescem os clinicos mais sabios e prestigiosos.

Em largo tempo de sobra, o Dr. Guimarães deu ao publico boas provas do seu cultivo no campo das lettras.

Estreara-se no romance escrevendo *O Comendador* que publicou em 1856 no *Jornal do Commercio* que não teve grande voga; mas que fora para os bons e competentes criticos aurora promissora de luminoso dia.

O joven litterato voltou-se para o theatro e em 1861 fez representar no Gymnazio Dramatico o seu drama em cinco actos — *Historia de Uma Moça Rica* — que firmou de uma vez a sua reputação de escriptor dramatico.

O drama filho ou representante legitimo da escola realista; e desenvolvendo ousadamente a these da regeneração da mulher perdida, transviada pelo abuso prepotente de marido algoz, e tornada á sociedade pelo arrependimento, excitou criticas, sensuras, combates na imprensa relativamente á lição moral da obra; mas o merecimento artistico. litterario della foi por todos reconhecido, e o drama em muito numerosas representações rendeu ao autor applausos e louros.

Em 1864 fez ainda levar á scena o seu drama a *Punição* em tres actos e um prologo.

O Dr. Guimarães preparava-se para illuminar sua carreira litteraria com outras obras dramaticas cuja execução era morosa ou apenas adiada por estudos severos, com que elle se armava a fim de entrar em concurso a alguma cadeira de lente da Escola de Medicina; pois que nella já era *oppositor*, quando rebentou a guerra de desaffronta nacional provocada brutalmente pelo dictador do Paraguay, e o Gabinete brasileiro presidido pelo benemerito e glorioso Conselheiro Francisco José Furtado, honrando o civismo do povo, em Janeiro de 1865 publicou o hombridoso e esplendido Decreto, chamando para a guerra os — *Voluntarios da Patria*.

Electrica flamma levantou de improviso milhares de bravos.

Um delles foi o Dr. Guimarães, que esquecendo gloria litteraria, e bem fundadas esperanças de engrandecida posição scientifica na Escola de Medicina, apresentou-se—*voluntario da patria*.

Sua graduação na sciencia, seus elevados dotes intellectuaes, sua capacidade, seu merecimento e sua abnegada e heroica apresentação influirão tanto no animo do Governo, que o levárão a conferir ao Dr. Pinheiro Guimarães o posto de Tenente-coronel commandante de um batalhão de *voluntarios da patria* do Rio de Janeiro.

Não faltárão reparos e censuras ao acto que entregou o commando e a sorte de um batalhão de

populares á Tenente-coronel paisano, e que nunca se occupara do mister militar.

Os factos responderão ás censuras.

Em poucas semanas o Dr. Guimarães Tenente-coronel paisano trasformara-se em militar disciplinado, disciplinador e instruido.

Partio para a guerra a frente do seu batalhão, logo no mesmo anno assistio com seus bravos á rendição de Uruguayana, e a 24 de Maio do anno seguinte fulgio na maior batalha de que a America Meridional foi terrivel theatro, vio dezimado em grande parte o seu heroico batalhão, e não saudou nesse dia a estupenda victoria das armas do Brazil sómente porque ferido grave e quasi mortalmente foi levado do campo da peleja para o hospital dos feridos e moribundos.

Na batalha de 24 de Maio o Dr. Guimarães glorificou-se, sendo o seu nome honradamente mencionado entre os dos heroes da jornada.

O seu grave ferimento o conteve por alguns mezes fóra das pelejas ; mas restabelecido voltou á ellas.

Sob o commando do Sr. Marquez depois Duque de Caxias o Dr. Guimarães commandando o seu batalhão refeito fulgurou em rispidos combates, e tomou gloriosa parte na conquista das fortalezas do *Estabelecimento*, quando ao mesmo tempo a esquadra brasileira forçava magnificamente a *passagem de Humaitá* considerada impossivel.

Apartado do campo da guerra por grave molestia—infecção paludosa—veio com licença tratar-se

na cidade do Rio de Janeiro, onde depois de prolongados soffrimentos conseguiu não completo restabelecimento; mas sufficientes melhoras em sua saude para que voltasse ao Paraguay, acompanhando em 1869 o Sr. Marechal de exercito Conde d'Eu, o General em chefe no ultimo periodo dessa terrivel guerra gloriosamente acabada em 1870.

Sob o commando do bravo e habil descendente do grande Condé fez o Coronel Dr. Pinheiro Guimarães a campanha das cordilheiras e dos desertos com o mesmo ardor, valentia, e capacidade militar que mostrara desde 1865 e 1866.

Terminada emfim a guerra o illustre voluntario da patria que partira com o posto de Tenente-Coronel recolheu-se a Capital do Imperio, trazendo as divisas e honras de brigadeiro, e a fama do seu brilhante comportamento militar nas batalhas e nos acampamentos, sendo além Cavalheiro e Official da Ordem do Cruzeiro, e Dignitario da Imperial Ordem da Rosa.

Tornado ao exercicio da medicina realisou em breve o seu bello sonho do passado, entrando em concurso para a cadeira de physiologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e sendo nomeado Lente Cathedratico no fim de 1871.

Do zeloso cumprimento do magisterio nunca se descuidou, e nem mesmo quando em 1872 tomou activa parte em campanha eleitoral.

Desde muito joven adoptara e seguira as idéas politicas da escola liberal.

Em 1872 entrou vigorosamente na lucta da

eleição primaria do Municipio da Côrte que ainda formava um districto eleitoral, e dirigindo o pleito constitucional na sua parochia, a de S. José, ganhou-o á despeito de todos os esforços dos agentes do Governo.

Illustrado, patriota e benemerito radiante de prestigio e de gloria, com que voltara da guerra do Paraguay o Brigadeiro honorario Dr. Pinheiro Guimarães foi um dos tres candidatos do partido liberal para Deputados pelo Municipio da Côrte, e com os seus dous companheiros de chapa soffreu sem surpresa e sem dezar já esperada derrota no Collegio eleitoral, cuja maioria era incontestavelmente do partido conservador.

Mas em 1873 um dos tres Deputados conservadores passou á Senador, e o collegio eleitoral foi convocado para proceder ao preenchimento do lugar que vagara na deputação do Municipio da Côrte.

Os eleitores liberaes em escrutinio previo e leal para a escolha do seu candidato, derão maioria ao Dr. Pinheiro Guimarães, e no collegio votárão sem discrepancias. Os conservadores muito mais numerosos dividirão-se em favor de dous candidatos: o escrutinio correu e o Dr. Pinheiro Guimarães foi eleito Deputado, e o povo o victoriou jubiloso no meio do vexame e da confusão dos eleitores do partido conservador, que em consideravel maioria tinham por indisciplinados perdido a batalha eleitoral.

Mas curto foi o gozo patriotico da victoria para o Deputado liberal.

O Dr. Pinheiro Guimarães nem chegou ao termo da legislatura.

Em 1874 tomou assento na Camara, occupando uma das cadeiras da opposição liberal, mostrou-se na tribuna como orador luminoso e proficiente em assumptos relativos ao Ministerio da Guerra e administração militar, e como esculpulo mantenedor dos principios liberaes ; não revelou porém a fluidez da palavra, o enthusiasmo e os arroubos de oratoria que as galerias exigem do lidador parlamentar principalmente em opposição.

Aquelles que assim severamente o julgárão baldo de dotes de orador do parlamento não lembrarão que o Dr. Pinheiro Guimarães apenas se estreava na tribuna da Camara, não reflectirão em que se póde ser notavel, utilissimo Deputado sem apuros de rhetorica, e sem discursos de copo d'agua, e nem sequer virão na face macillenta, no corpo emagrecido, e em certo desanimo daquelle homem de tanta illustração e de patriotismo os annuncios de profundos soffrimentos denunciadores de saude perdida e de organismo em completa ruina.

A infecção paludosa contrahida no Paraguay deixára o seu veneno no corpo do bravo e esplendido voluntario da patria. Ora em um, ora em outro orgão determinava alterações que ameaçavão a victima.

Debalde em climas suaves e benignos, e em apuradissimos tratamentos aquelle heróe da guerra da desafrona nacional procurava destruir, annullar a vingança assassina dos pantanos do Paraguay!

o veneno minava a organização physica do heróe, e preparava tormentosa agonia.

Moço ainda, e por ultimo affectado de molestia invencivel e cruel o Dr. Francisco Pinheiro (Guimarães exhalou seu ultimo suspiro depois de alguns dias de tormento, em que a sua consciencia de medico abalisado reconheceu a inevitavel e immediata chegada da morte, que em vão se empenhava em dissimular á esposa, e á familia em angustias.

Morreu a 5 de Outubro de 1876 e foi conduzido para o cemiterio, tendo o peito de sua farda de Brigadeiro honorario coberto de condecorações e de medalhas de campanhas indicadoras de sua benemerencia, de relevantes serviços, e do seu merito e bravura.

O Dr. Francisco Pinheiro Guimarães tem pelo menos dous lugares de honra na galeria, ou antes no Pantheon dos brazileiros illustres.

Um como litterato.

Outro como *Voluntario da Patria* que se fez benemerito e heróe na guerra do Paraguay.

FRANCISCO DE PAULA ARAUJO.

Natural da Provincia da Bahia ; onde nasceu no fim do seculo passado ou logo ao romper do actual, Francisco de Paula Araujo depois de estudar preparatorios na Cidade de S. Salvador, seguiu para a Europa e ou na universidade de Coimbra, ou na de Paris estudou medicina e tomou o gráo de doutor nessa sciencia.

Faltarão-nos informações circumstanciadas sobre este distincto brasileiro.

Sabemos que de volta á Bahia foi muito apreciado pela sua illustração e pela bondade de seu character e creada a nova Escola de Medecina conquistou por concurso uma cadeira de lente cathedratico.

Eleito Deputado da Assembléa Geral Legislativa na segunda e terceira legislatura firmou quasi de improviso reputação de orador de merecimento. Era de agradável presença na tribuna, fluente no discurso, suave na forma, e vigoroso na dialectica.

A melhor prova da consideração que merecia dá o facto da inclusão do seu nome na comissão especial que á 30 de Julho de 1832 teve de dar parecer sobre a mensagem em que a Regencia permanente dava sua demissão e não menos em 1834 sendo eleito um dos membros da comissão encarregada de apresentar o projecto das reformas constitucionaes ou do Acto Addicional.

Sabem todos que o autor desse projecto foi o illustre estadista Bernardo Pereira de Vasconcellos; na longa e porfiada discussão, porque passou a grande obra exigida pelas aspirações nacionaes, Paula Araujo; porém, não igualou a profundeza dos discursos de Vasconcellos; mas fez á este boa companhia.

Correu naquelle anno e ainda depois noticia verdadeira ou falsa; mas de importancia politica, e se fosse real de tal qual abuzo, em que incorrera Paula Araujo.

Forão em avultado numero as emendas offercidas aos artigos do projecto, e diz-se e é provavel, que na vespera da sessão em que se havia de votar o projecto em ultima discussão, reuniu-se a maioria liberal da Camara na *Floresta* (casa do padre José Custodio Dias á rua d'Ajuda) e ahi, apreciadas todas as emendas, determinou quaes d'entre ellas devião ser aceitas.

Assevera-se que duas emendas fortemente apoiadas por Paula Araujo não forão adoptadas na reunião.

Mas erão tantas as emendas a approvar, e

tantas ainda mais á regeitar, que duvidou-se da memoria, e da attenção escrupulosa de todos os membros da maioria, e resolveu-se tomar um dos membros da commissão por guia e director da votação.

Vasconcellos, bem que á esse tempo ainda fallasse em pé, já custava á levantar-se pela progressiva aggravação da paralyisia, e por isso foi Paula Araujo designado para director da votação.

Ora pretenderão então alguns que ao votarem-se as duas emendas que por exaggeração supposta ou real de descentralisação politica tinhão sido condemnadas por Vasconcellos e pela maioria e que erão vivamente apoiadas por Paula Araujo, este se levantou, dando o signal de approvação e a maioria o acompanhou com o maior desgosto de Vasconcellos.

E' mais que duvidoso semelhante facto, que não honraria, sendo verdadeiro, o zeloso patriotismo e a consciencia dos Deputados na importantissima votação de reformas contitucionaes, e que abriria triste jaça no character leal da Paula Araujo por esse abuso de confiança politica de partido.

E' muito mais aceitavel a explicação do voto da Camara á favor das duas emendas á despeito da opposição e da influencia de Vasconcellos, que por ventura nesse caso se resentio do modo porque votou o seu collega da commissão Paula Araujo.

O certo é que se propalou em 1834 a noticia dessa supposta mystificação de Vasconcellos,

que realmente não ficou plenamente satisfeito da votação da camara.

O Dr. Francisco de Paula Araujo desapareceu pouco depois da scena politica e do mundo, fallecendo na cidade de S. Salvador, quando mais lisongeiros lhe sorriam os horisontes do futuro.

D. FRANCISCO ROLIM DE MOURA

Natural de Pernambuco, onde nasceu no seculo decimo sexto, D. Francisco Rolim de Moura procedente das mais nobres familias daquella capitania, educou-se em Portugal e foi senhor da ilha Graciosa por serviços particulares prestados em Flandres e na India.

Como fosse muito experimentado na guerra, tendo em 1624 os hollandezes atacado e conseguido conquistar a cidade de S. Salvador da Bahia (capital do Brazil), e havendo-se organizado contra elles no reconcavo algumas forças, foi D. Francisco Rolim de Moura mandado pelos Governadores do reino de Portugal para assumir na Bahia a direcção da guerra, trazendo o titulo de *Capitão-mór do Reconcavo*.

Desembarcando primeiro em Pernambuco, D. Francisco de Moura seguiu logo para o seu destino com algum soccorro levado em seis caravellões.

Tomou pé na terra de Garcia de Avilla, e dahi

se passou para o rio Vermelho, onde recebeu o Governo e o commando das tropas das mãos de Francisco Nunes Marinho d'Eça, e reforçando-as com o pequeno contingente que trazia, e com os auxiliares vindos de Pernambuco, Rio de Janeiro e Espirito-Santo, desde o mez de Dezembro de 1624 (chegára á Bahia a 30 de Novembro) dirigio a guerra com o mesmo systema até então seguido, incomodando os hollandezes com sorpresas, e estreitando o cerco da cidade.

Em 1625 (29 de Março) entrárão na bahia de Todos os Santos as esquadras hespanhola e portuguesa sob o commando em chefe do Almirante hespanhol D. Fradique do Toledo Ozorio, e até 28 de Abril foi quasi continuada a serie de encontros e combates, nos quaes D. Francisco de Moura se distinguio.

A 30 de Abril os hollandezes capitulárão, entregando a cidade.

D. Francisco Rolim de Moura ficou na Bahia exercendo o cargo de Govenador-geral até 1627 em que foi rendido por Diogo Luiz de Oliveira, conde de Miranda.

Ignoramos onde e quando morreu D. Francisco Rolim de Moura, a quem tambem chamavão D. Francisco de Moura Rolim.

FRANCISCO DE SALLES TORRES HOMEM

VISCONDE DE INHOMIRIM.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1811. Francisco de Salles Torres Homem fez na mesma cidade os seus estudos primarios e os de latim, francez, philosophia moral e racional, rhetorica e mathematicas elementares, seguindo depois o curso da antiga Academia medico-cirurgica, e manifestando sempre comprehensão facilima, memoria prodigiosa e imaginação viva e brilhante.

Acabava de formar-se naquella Academia, quando em 1832 tendo o Ministro José Lino Coutinho feito decretar a reforma, de que sahirão as Escolas de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, determinou Salles entrar em concurso para uma das novas cadeiras creadas, e entregou-se ao estudo da materia respectiva com o ardor vehemente que em toda sua vida mostrou, desde que adoptava alguma resolução.

Desde a abdição do Imperador D. Pedro I á 7 de Abril de 1831 a politica absorvia todos os espiritos, e raros se contavão os homens (principalmente na capital do Imperio) que não militassem mais ou menos activa ou apaixonadamente nas fileiras dos diversos partidos: revoltas e desordens se succedião e excitavão os animos com sentimentos oppostos.

De todo alheio ás lutas, e (disse-o muitas vezes o proprio Salles Torres Homem) com a mais decidida repugnancia á politica, Salles vivia á ler de dia e de noute, preparando-se para o concurso, quando a sua *vaidade* (dizia-o elle) o arrebatou, impondo-lhe a propria carreira, para que sentia negação.

O illustre patriota o estadista Evaristo Ferreira da Veiga Deputado, redactor da *Aurora Fluminense* , e chefe do partido liberal dominante (o *moderado*), empenhando-se em cercar-se da mocidade mais intelligente e illustrada, e tendo noticia do bello talento de Salles, fêl-o, sem prévia consulta por habil calculo, admittir membro da Sociedade *Defensora da Liberdade e Independencia Nacional* , e immediatamente elegeo para o Conselho director e para um dos redactores da gazeta da mesma Sociedade.

A communicação desses actos da *Sociedade Defensora* apanhou de surpresa no fervor dos seus estudos para o concurso a Salles Torres Homem, que na primeira hora revoltado contra o que lhe pareceu tentativa de violencia contra o seu animo refractario da politica, resolveu responder com formal negativa amenisada pelo agradecimento.

Mas durante a noute, que passou em claro, Salles, reflectindo, chegou a. conceber a suspeita de que alguém, quem quer que fosse, talvez algum invejoso da sua reputação de talento brilhante, contando com a sua negação para a politica, quizesse pôr em compromettedora prova a sua incapacidade de escrever artigos politicos.

Atiçada assim a vaidade, o vaidoso rendeu-se e determinou demonstrar em dous ou tres artigos de doutrina politica liberal o poder esforçado de sua intelligencia, e depois demittir-se de redactor e de membro da *Sociedade Defensora*, e concentrar-se absoluta e exclusivamente nos estudos de que se occupava para o concurso.

E Salles que então era tão ignorante em assumptos politicos, que nem soube indicar, e deixou ao seu livreiro-freguez a escolha de algumas obras que devia lêr, devorou em poucos dias as de Benjamim Constant, e a Historia da Revolução Franceza de Thiers, e por ellas doutrinado escreveu e mandou para a imprensa o seu *primeiro artigo politico*, e apprehensivo, duvidoso, medroso do effeito, deixou-se tres dias encerrado, escondido no seu antigo e muito pobre quarto de estudante.

O artigo fôra publicado logo, e no terceiro dia bom amigo entrou enthusiasmado no quarto, no solitario retiro de Salles, trazendo a este o annuncio do seu triumpho.

Era a sancção da victoria ! Evaristo Ferreira da Veiga, recommendando na sua *Aurora Fluminense* o artigo escripto por Salles, annunciava-o, como ful-

gente revelação de intelligencia superior illustrada por estudos sérios, arrebatado pela eloquencia e pela belleza do estylo.

Essa apreciação de Evaristo, que era o rei da imprensa. e quasi o idolo da mocidade academica, intelligente, e cultivadora das sciencias e das letras, lisonjeou tão fortemente a vaidade de Salles, que elle de subito abandonou a idéa do concurso e da pratica da medicina.

Ficou longo este episodio da vida de Salles; porque era assim que elle explicava a sua involuntaria entrada no campo da politica, do qual nunca mais sahio; mas, preciso é dizel-o, Salles teria por certo resplandecido, como lente da escola: para a clinica medica porém é que mostrava verdadeira negação; pois que, todos o sabem, ainda depois de formado na academia medico-cirurgica em tempos do predominio do systema de Broussais, jámais elle praticou uma sangria, nem consta que tivesse doentes, e procurasse clinica.

Em 1832 Salles ligou-se a Evaristo, foi desse estadista o amigo mais entusiasta, e escreveu activamente, sustentando as doutrinas liberaes, e a causa do partido moderado.

O credito que merecidamente ganhou na imprensa como intelligencia de primeira ordem, e como escriptor de elegancia já então notavel, facilitou-lhe com o concurso de Evaristo e de outros viagem á Europa em 1833.

Em Pariz Salles estudou com applicação sufficiente em quem dispunha de extraordinario talento

direito constitucional, litteratura, as linguas ingleza e italiana, aprofundou os seus conhecimentos em philosophia, e em historia, observou attento, e como se seguisse um curso de sciencia politica as praticas dos mais celebres oradores parlamentares da França e da Inglaterra, e a escola da melhor imprensa dos diversos partidos politicos, e emfim com predilecção que manteve até seus ultimos dias cultivou séria e preceituosamente a economia politica e os systemas financeiros dos Estados.

Em 1836 chegou de volta da Europa ao Rio de Janeiro, trazendo o projecto de fundar uma gazeta politica tanto quanto pudesse ao molde da que mais lhe agradara em Pariz; mas não encontrando na capital do Imperio o estadista de sua confiança, o seu amigo Evaristo (então em Minas Geraes) adiou o seu empenho, esperando a chegada do illustre patriota, e teve infelizmente de adial-o ainda por mezes; porque Evaristo apenas de poucos dias voltado á cidade do Rio de Janeiro cahio no leito que lhe foi de agonia e falleceu em Maio do mesmo anno.

Salles abateu-se ao golpe dessa calamidade nacional—a morte do admiravel estadista do bom senso, e do patriotismo e da honra sem macula, que tão moço e tão cedo se finara; mas por fim, dadas as expansões á dôr e ao lucto do coração amigo, e do espirito politico, elle sem consulta nem apoio de qualquer outra influencia fundou o *Jornal dos Debates* no qual fez opposição ao governo do Regente Feijó sem que aliás mentisse ás doutrinas da escola liberal.

Apezar da excellencia de sua redacção o *Jornal dos Debates* não resistio por mais de um anno ás folhas de recursos pecuniarios.

Salles escreveu depois no *Jornal do Commercio*, e em seguida tomou parte na redacção do *Despertador*, folha diaria de grande formato que tambem não durou muito.

A 19 de Setembro de 1837 o partido conservador organizado com zelosa disciplina pelos antigos chefes liberaes Bernardo de Vasconcellos e Honorio Hermeto (depois Visconde e Marquez de Paraná) falseava ou annullava as conquistas democraticas de 1831 a 1834, e Salles fiel á sua escola politica pronunciou-se na imprensa principalmente de 1839 por diante em viva opposição.

Em 1840 foi o principal redactor do *Maiorista*, prestou serviços notaveis ao partido liberal que reclamava e fez declarar a maioridade do imperador o Sr. D Pedro II, á 23 de Julho; sustentou vigoroso e dedicado o Ministerio chamado da maioridade, e em Março de 1841 voltando de novo no fim de oito mezes o partido conservador ao Governo, manteve-se na imprensa, escrevendo com energia em opposição até que em 1842 romperão as revoltas liberacs das provincias de S. Paulo e de Minas Geraes, e tendo sido por isso suspensas as garantias constitucionaes, foi elle prezo na cidade do Rio de Janeiro e com outros distinctos liberaes deportado para a Europa.

Em 1844 o partido conservador cahio do Poder. Os deportados já estão de volta á patria.

Salles Torres Homem foi eleito deputado pela Província de Minas Geraes.

Na seguinte legislatura que começou em 1848 foi a provincia do Rio de Janeiro, que elegeu Deputado o illustre fluminense; mas á 29 de Setembro do mesmo anno o partido conservador subio ao Poder, as Camaras foram adiadas, rompeu em Pernambuco a revolta praieira, que a 2 de Fevereiro de 1848 afogou-se em sangue nas ruas do Recife, e nesse mesmo mez o Governo dissolveu a Camara dos Deputados.

Salles Torres Homem, que na tribuna parlamentar fulgurara como orador eloquente, de estylo primoroso e de esmerada cortezia, resentido do golpe que recebera o seu partido a 29 de Setembro, e generosamente arrebatado em favor da revolta dos liberaes de Pernambuco, escreveu em Dezembro de 1848 o celebre *Libello do Povo por Timandro*, e entregou o manuscrito a alguns amigos seus que o fizeram publicar em folheto.

O *Timandro* foi uma erupção volcanica estudou em ondas de fogo a situação politica, demonstrando com exaltamento como febril a improficuidade dos meios normaes para a salvação das instituições liberaes, e no empenho de ferir de frente o Chefe do Estado, abriu e estendeu o processo, e lavrou a sentença da casa de Bragança sem que ao menos em suas lavas volcanicas poupasse o sexo que obriga o respeito, e concluiu hasteando a bandeira da revolta pernambucana, proclamando a necessidade indeclinavel de uma — *Constituinte*.

O *Timandro* foi inspirado pela mais embravecida colera; d'ahi todas as suas inconveniencias, todos os seus abusos do direito de juiz do passado e do presente: nelle o valor de algumas grandes verdades perdeu muito pela violencia da aggressão, e pelo descomedimento de apreciações individuaes; mas é inegavel que o *Timandro* conseguiu produzir impressão, e exaltar muitos espiritos pela eloquencia jámais cansada, e as vezes como phrenetica, pelos incendiamentos de enthusiasmo, e pelos artificios ou pela arte de habilissima fórma litteraria.

Além do *Timandro*, que lhe custou algumas graves, outras violentas, e muitas injuriosas publicações em resposta, Salles Torres Homem que era membro da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro foi nella nova ou outra erupção volcanica em discursos ardentissimos pelas idéas, e arrebatadores pela eloquencia de exaltadissimo tribuno.

— Deixem-me; dizia elle aos seus amigos Deputados liberacs da Assembléa Provincial; deixem-me livre!... na guerra, quando os exercitos inimigos estão proximos, destacão *sentinellas* que se chamão *perdidas*; eu quero ser e sou *sentinella perdida* do partido liberal.

Fóra do parlamento, e sem actividade na imprensa, depois de 1849, Salles ainda em 1851 collaborou um pouco preguiçosamente na *Reforma*, periodico de que foi chefe central de redacção o Doutor depois Conselheiro Thomaz Gomes dos Santos.

O Alcides da imprensa dormio, descansando até 1854: nesse anno, aproveitando as expansões mo-

deradas do programma do Gabinete conservador organizado pelo Marquez de Paraná, Salles tomou outra vez a penna, e em série de artigos que publicou no *Mercantil* fez-se propugnador da *conciliação* dos partidos politicos.

O exaltadissimo e furente tribuno do *Timandro* se arrefecera em alguns annos de retiro e de meditação em sua barraca de Achilles, e sahio della não para bater; mas para animar, e desenvolver em maiores proporções a politica não de verdadeira conciliação, mas de favoneadora tolerancia do Hector, que estava á frente do Governo.

Salles deu na imprensa consideravel força moral ao Gabinete Paraná, que cedendo ao pronunciamento da opinião publica, arrancou quasi á força da maioria conservadora da Camara temporaria e do Senado a reforma eleitoral, que creou a eleição dos Deputados, por districtos, em que se subdividirão as Provincias, e que na seguinte legislatura trouxe á Camara dos Deputados liberaes em minoria relativamente numerosa.

Essa reforma, fructo de ardentissima e muito laboriosa campanha parlamentar esgotou as forças do vencedor. Ao annuncio da victoria o Marquez de Paraná retirou-se do campo da batalha para cahir no leito, e poucos dias depois passar do leito á sepultura.

E já antes a politica mal chamada da conciliação dos partidos aliás sómente desfavoravel aos conservadores tinha feito outra victima.

O Marquez de Paraná explorando habilmente

e quasi logo a propaganda da concillação dos partidos que Salles desenvolvera na imprensa, attrahio, chamou, lisonjeou o eloquente publicista, e fel-o aceitar a nomeação de Chefe de uma das Directorias do Thesouro Nacional.

Os liberaes exaltados não perdoárão ao seu ardentissimo tribuno a aceitação daquelle emprego e menos ainda o ter elle ido ao paço de S. Christovão beijar agradecido a mão do Imperador, e o perseguirão com acres censuras e doestos.

Coincidio com esses factos o pronunciamento de profunda divergencia em materia de finanças entre elle e Souza Franco (depois Visconde) um dos primeiros chefes do partido liberal, ostentando-se Salles decidido propugnador de escola restrictiva, cujo representante no Brazil já era o Visconde de Itaboraahy, influencia predominante no partido conservador.

Esse antagonismo, a violencia dos ataques dos antigos correligionarios politicos, e os afagos dos chefes conservadores lançárão o ardente tribuno liberal nas fileiras do partido contrario, que o elegeu Deputado pelo 4. districto eleitoral da Provincia do Rio de Janeiro para a legislatura de 1857 a 1860.

Nessa legislatura Salles Torres Homem mostrou-se consummado orador, e incontestavelmente fulgurou entre os primeiros e mais distinctos parlamentares. Nas questões bancarias elevou-se esplendido quer no Governo, quer na opposição,

Em 1858 entrára para o Gabinete do Visconde de Abaeté, tomando a pasta da Fazenda, e defendendo os principios da escola restrictiva, ba-

teu-se na tribuna da Camara temporaria e do Senado até cair não vencido, mas derribado pela impetuosa força das idéas economico-liberaes que então se pronunciarão.

De 1857 a 1858 fez opposição esforçada e vehementemente ao Gabinete do Marquez de Olinda, e particularmente ao Ministro da Fazenda Souza Franco que levava para o Governo e nelle punha em acção as doutrinas da escola liberal.

Os dous campeões dignos um do outro encontrarão-se na liça, e em elevadissimos discursos deixarão nos annaes do Parlamento gravada memoria do combate, que lembra o de Achilles e de Hector cantado por Homero.

Reeleito Deputado para a seguinte legislatura Salles manteve a sua reputação de orador tão illustrado como eloquente, e sendo a Camara dissolvida em 1863, partio para a Europa, lavrando na imprensa em vespéras de sua viagem caloroso protesto contra a nossa situação politica, que pela dissolução evidentemente se iniciava, e que elle chamou *abismo sem luz e sem fundo*.

Já de volta á patria, fóra do Parlamento, e apartado da imprensa; mas sempre ligado aos conservadores, foi todavia nomeado Conselheiro de Estado em 1867 com a referenda do Gabinete progressista de que era Presidente o illustre Zacharias de Góes e Vasconcellos, e no anno seguinte deu causa á retirada do mesmo Gabinete, que negou-se á referendar a sua escolha para Senador feita pelo Im-

perador em lista triplice apresentada pela Provincia do Rio Grande do Norte.

O partido conservador subio então ao Poder, a escolha imperial se realisou ; em 1869 o Senado, conforme estava previsto annullou essa eleição ; mas na que se procedeu de novo, Salles outra vez a apresentado foi ainda escolhido, e tomou assento no Senado.

Já pouco diligente e trabalhador elle não se distinguio no Conselho de Estado pela actividade no serviço ordinario e muito numeroso na secção a que pertenceu ; mas no Senado honrou a tribuna com a sua luminosa palavra, e que alli não tivesse fallado senão uma vez, fora de sobra para sua gloria o discurso que proferio em defeza do projecto, que declarou livre todos os nascidos no Brazil, e que dias depois se tornou Lei do Imperio pelo Decreto de 28 de Setembro de 1871.

Esse discurso, triumpho immenso de logica irresistivel, de eloquencia arrebatadora, de inspiração sublime basta para perpetuar o nome de Salles Torres Homem, e foi e devia ser e seu canto de Cysne.

Em 1875 voltou ainda a Europa em viagem mais de gozos de espirito, do que em cuidados da saude ; mas a asthma que desde sua infancia o atormentava, aos poucos se foi aggravando, e a 3 de Junho de 1876 abriu-lhe as portas da eternidade.

Francisco de Salles Torres Homem, Visconde de Inhomirim foi mal julgado em sua vida, como politico. e tem direito á plena justiça ao menos depois de sua morte.

Elle teve em maximo gráo talento, memoria, imaginação que com a sua grande erudição o torná-
rão sempre distincto, e lhe terião dado muito maior
importancia e influencia politica, se uma flamma,
e uma fraqueza não viessem por vezes prejudical-o.

A flamma foi o enthusiasmo, a fraqueza foi a
 vaidade.

Dominava-o muito o cuidado ornamentoso de
si e de suas producções: prestava uma especie de
culto á *fórma*.

O avançamento da idade nunca lhe arrefeceu
o gosto pelos apuros da elegancia no trajar.

Escrevendo para a imprensa não era o *fundo*,
a substancia e a logica dos seus artigos, que mais
custavão á sua intelligencia; mas impunhão-lhe
longo estudo e trabalho a belleza do estylo, a
abundancia e escolha de imagens, e as combinações
de effeitos de rhetorica, e de agudezas de atticismo
do seu espirito fascinador.

No Parlamento ainda mais o preocupava esse
zelo da *forma*. Capaz certamente de fallas impro-
visadas, evitou sempre o improviso: parece que se
arreceiava da duvida de um triumpho oratorio. Cada
discurso era fructo de meditação severa; elle o
preparava com preceituosa arte, e com todos os
atavios e primores da eloquencia.

Poder-se-hia dizer que o Visconde de Inho-
mirim obrigava seus escriptos para a imprensa, e
os seus discursos de orador parlamentar á certa e
muito esmerada *toilette* elegante, antes de produzil-os
em publico.

Sob este ponto de vista sua vaidade deu ao Brazil um escriptor primoroso, e um orador parlamentar de fulgurosa eloquencia.

Mas no correr da vida politica sua vaidade incensada levou-o á commetter erros, de que se arrependeu.

O enthusiasmo ajudado pela vaidade arrebatou-o ás vezes com excesso e inconveniencia politica.

Evaristo Ferreira da Veiga foi o objecto da maior confiança, admiração e quasi culto do Visconde de Inhomirim, que o considerava superior á todos os estadistas do seu tempo; mas, observação curiosa, o proprio Visconde exaltava com razão Evaristo pela sua enlevadora *modestia*, e pelo seu extraordinario *bom senso*, que nas mais alvoroçantes crises, o mantinha sereno, sem medo, nem *enthusiasmo*, e em plena e placida acção de seu espirito reflectido.

O enthusiasmo do Visconde de Inhomirim produziu o manuscripto do *Timandro*; a sua vaidade thuribulada permittio a publicação do mesmo *Timandro*.

Em 1855 não foi o antagonismo de escolas economico-politicas com o chefe liberal Souza Franco que fez passar o Visconde de Inhomirim para os arraiaes conservadores. Foi a vaidade ferida pelas injurias dos liberaes exaltados, e foi a mesma vaidade habilmente explorada por chefes conservadores, que arrebatárão o famoso tribuno liberal para o de que fora energico e eloquentemente inspirado adversario batalhador.

Depois o Visconde de Inhomirim cedeu, deixou-se levar pela flamma da sua natureza, o enthusiasmo.

Foi aleive *ingrato* e cruel attribuir essa mudança quasi subita de partido politico ao calculo de lucro pecuniario proveniente dos vencimentos de Director que o depois Visconde de Inhomirim aceitou.

Desde 1836 muito pobre e luctando com adversa fortuna Salles Torres Homem nunca procurou favores do Governo.

Em 1844 alcançou por concurso a cadeira publica de philosophia da cidade do Rio de Janeiro; mas dirigio-a pouco assiduo, e acabou por deixal-a.

Em 1846 contrahio casamento com distincta senhora filha de rico fazendeiro e capitalista do municipio da Estrella, e a noiva lhe trouxe além de seu amor e de suas virtudes elevado dote, que firmou a fortuna mais do que abastada de Salles Torres Homem, ulteriormente Visconde de Inhomirim.

O homem que na pobreza, e até em dias de privações effectivas resistira ás seducções do Poder, e mantivera magnanimo sua lealdade, e a independencia do seu character, não podia abaixar-se até á vilania do sacrificio dos seus principios politicos a ambição de ganho, que já lhe era absolutamente desnecessario.

E a melhor demonstração desta verdade se manifestou logo em 1855, em que por despeito e assanho de dignidade pessoal em seu emprego, Salles Torres Homem provocou com animo altivo e nobre a demissão que lhe foi dada.

Imminente pela sua brilhante intelligencia e pelos seus notaveis dotes de escriptor e de orador,

Salles Torres Homem foi alavanca de qualquer dos dous partidos em cujas fileiras militou com esplendor; nunca porém foi, nem podia ser chefe de partido. A vaidade e o enthusiasmo só lhe permittirão ostentar-se, como individualidade dedicada, vehemente; mas zelosa de condições de independencia.

No partido liberal foi fiel, ardente, exagerado. quasi martyr, e de abnegação esplendida.

No partido conservador, excepção feita de seus principios restrictivos em materia de finanças, o Visconde de Inhomirim por vezes mostrou-se estrangeiro em seu novo campo, fóra do seu lugar, conservador apenas em nome, e liberal em idéas.

Na lucta mais calorosa e quasi enraivada da questão que se chamou dos *ventres-livres*, e de que sahio a Lei historica de 28 de Setembro de, 1871 o Visconde de Inhomirim foi no Senado o mais eloquente e glorioso fulminador da resistencia e da opposição desabrida dos principaes chefes do partido conservador.

FRANCISCO DE SOUZA FUNDÃO.

Francisco de Souza Fundão, cuja naturalidade, filiação e datas de nascimento e morte ignoramos, servia na capitania do Pará em fim do seculo decimo setimo como militar.

Em 1697 (no mez de Maio) o Marquez de Ferral Governador da Guyana Franceza mandou occupar aleivosamente a fortaleza de Santo Antonio de Macapá, e graças ao animo fraco do commandante della, os francezes a tomárão sem ouvir ao menos o echo de um tiro.

O Governador do Pará Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho estava em Gurupá, quando recebeu a noticia de tão triste caso, e dá offensa do estrangeiro ousado: immediatamente organisou com a sua admiravel actividade uma força de 160 soldados e 50 frecheiros e ordenou a Francisco de Souza Fundão que fosse com elles expulsar os francezes da fortaleza, dando para esse fim todas as instrucções necessarias.

Francisco de Souza Fundão partio, e chegado ao ponto do seu destino atacou a fortaleza; seus soldados porém recuárão em face da resistencia dos francezes. A voz do Chefe já era mal ouvida e elle proprio exasperado; perdendo porém a confiança nos soldados mandava tocar a retirada, quando João Muniz de Mendonça, fallando do rei e da patria electrizou os fracos e desanimados combatentes.

Então Francisco de Souza Fundão aproveitando o ardor inesperadamente renascido apressou-se á dar a voz do ataque, avançando de espada na mão á frente dos seus, e applaudindo João Muniz de Mendonça, que bradava—viva El-Rei! e dava o exemplo de bravura.

A fortaleza foi tomada: os francezes que escaparão a morte no combate, ficarão prisioneiros, sendo respeitadas suas vidas,

A gloria deste feito exaltou no Pará o nome de Francisco de Souza Fundão; mas incontestavelmente João Muniz de Mendonça foi o principal elemento da victoria.

Mas este facto da tomada e perda daquella fortaleza pelos francezes, que póde afigurar-se de pequena importancia, deixa perceber as antigas tendencias, e os empenhos da França a estender os limites da sua Guyana por territorios reconhecidamente do Brazil.

FRANCISCO DE SOUZA MARTINS.

Filho legitimo do coronel Joaquim de Souza Martins nasceu Francisco de Souza Martins aos 6 de Janeiro de 1805 no municipio de Oeiras, provincia do Piauhy.

Concluidos os seus estudos primarios em Oeiras, veio Francisco de Souza Martins para a cidade do Rio de Janeiro, onde se matriculou na Academia Militar; antes, porém, de completar o curso dessa Academia, passou-se para Portugal, e na Universidade de Coimbra seguiu as aulas da faculdade de canones.

Sobrevindo as perseguições politicas do Governo de D. Miguel, teve elle como tantos outros estudantes brasileiros de abandonar a Universidade e de recolher-se á patria.

Felizmente em 1828 inaugurárão-se as duas Academias de sciencias juridicas e sociaes do Brazil, e na de Olinda matriculou-se, um dos primeiros, Franciscos de Souza Martins e tomou nella o gráo de Bacharel em 1832.

Estreou-se na magistratura, sendo Juiz de Direito da comarca de Oeiras, capital então do Piauhy.

Mais tarde foi Juiz dos Feitos da Fazenda na capital do Imperio, onde tambem exerceu por pouco tempo o cargo de Chefe de Policia.

Geralmente reconhecido como magistrado integerrimo, zeloso, e de muita illustração Souza Martins gozou sempre a maior estima e confiança.

Mas a politica interrompeu frequentemente suas funcções de Juiz.

Elle foi Deputado pela provincia do Piauhy desde a terceira legislatura que começou em 1834, e até que não pode sel-o mais.

Francisco de Souza Martins era sobrinho do Barão e depois Visconde da Parnahyba, homem sem instrucção; mas muito rico proprietario no Piauhy, influencia poderosissima, que em nome da *ordem e da tranquillidade* publica perpetuava-se na Presidencia dessa Provincia, mantendo-a fóra da Lei, governando-a despoticamente sem respeito á Constituição do Imperio, e talvez nem della tendo idéa.

Era o Capitão-mór, o Dictador do Piauhy, e foi o protector do sobrinho, fel-o Deputado em 1834 e sempre nas seguintes legislaturas.

Felizmente deu-se o caso de aproveitar o patronato mais importante ao merecimento mais incontestavel.

Souza Martins recommendava-se por illibada probidade, por costumes severos, e por intelligencia illustrada de primeira ordem.

Tomando assento na Camara dos Deputados em

1834, distinguio-se logo tanto como orador grave e substancioso, e como estudioso cultivador de assumptos administrativos e financeiros, que terminada a sessão legislativa foi nomeado Presidente da Provincia da Bahia.

Nessa Presidencia firmou Souza Martins a sua reputação de justo, energico administrador, e por pouco que não naufragou nos cachopos gloriosos de imparcial e nobilissima severidade fiscal, que lhe creava inimigos.

A habilidade e energia, com que salvou a Provincia de tremendo perigo pol-o á cima dos resentimentos individuaes e inconfessaveis.

Descobrimdo medonho trama de insurreição de negros africanos, principalmente *minas* que em numero de cerca de quarenta mil ameaçavão a sociedade bahiana, o Presidente Souza Martins atalhou a conjuração, precipitando-a a 5 de Janeiro de 1835 antes do prazo combinado, e transtornando-lhe os planos calculados e prescriptos secretamente, de modo que pôde esmagal-a e salvar a Bahia sem os horrores e os sacrificios, que ella teria de custar á Provincia e ao Imperio.

Pouco antes de 1840, em fins de 1838, e em principios de 1839 Souza Martins então Presidente do Ceará, communicou confidencialmente á Pedro de Araujo Lima (depois Visconde e Marquez de Olinda) Regente do Imperio, que em clubs secretos politicos o Senador Alencar preparava no Ceará o partido liberal para abraçar a idéa da decretação da maioridade do Imperador o Sr. D. Pedro II, assegurando

ao Regente que os clubs liberaes do Ceará tinham relação e laços com outro e principal que sem duvida laborava no empenho da maioridade do Imperador na capital do Imperio.

Parece que Araujo Lima deu pouca importancia ás communicações e avisos confidenciaes de Souza Martins que aliás sem surpresa vio em 1840 cahir aquelle Regente, e decretar-se a maioridade do Imperador.

Notavel em administração de Provincias, Souza Martins muito mais o foi no Parlamento.

Em toda sua vida politica dedicado e decidido membro do partido conservador elle nunca se ostentou na Camara em hostilidade exaltada aos liberaes.

Nas grandes questões de partido era certo o seu voto no sentido das doutrinas, e dos interesses da opinião conservadora, e se era preciso dava-lhe na tribuna o apoio de sua palavra fidelissima, sempre indubitavel; mas tambem sempre moderada, e tolerante.

Onde porém trabalhava admirado e applaudido o seu arado de valente e illustrado discutidor parlamentar era na seára financeira.

Membro das principaes commissões de orçamentos financiaes Souza Martins trazia sempre á tribuna da Camara estudos sérios, e nella fazia ouvir discursos magistraes que eram como o annuncio da votação decisiva da maioria dos Deputados.

A provas de sua capacidade superior em materia de finanças fizeram que por vezes desde 1837 elle fosse convidado á aceitar a pasta de Ministro

da Fazenda em diversas combinações ministeriaes; Souza Martins porém ou por modestia exaggerada; ou por qualquer outro motivo particular recusou-se á subir ao Governo.

Na quarta legislatura o Deputado Souza Martins teve um dia de forte e dolorosa manifestação da independencia de seu character, e do seu culto á verdade.

Eloquente Piauhyense publicou na imprensa da Córte artigos notaveis, em que denunciou fundando-se em graves factos o Governo dictatorial do Visconde de Parnahyba que tão duramente pesava sobre a sua Provincia.

As accusações tiveram echo na Camara dos Deputados, e Souza Martins foi interpellado solememente sobre o assumpto.

Tratava-se de seu tio, e protector; mas coagido á subir a tribuna Souza Martins, violentando os seus sentimentos de amizade e de gratidão declarou que em verdade a Provincia do Piauhy não era governada conforme a Constituição.

Nem por isso naufragou no Piauhy a candidatura de Souza Martins nas seguintes eleições; mas a sua saude foi-se alterando até o ponto de obrigar-o á partir para a Europa em 1847.

A viagem pouco ou nada lhe aproveitou e Francisco de Souza Martins voltando para o Brazil não appareceu mais na Camara, retirára-se para o Piauhy, e na Fazenda da *Canna Branca*, onde tinha nascido falleceu no anno de 1851.

Intelligencia illustrada por sérios e profundos

estudos, character nobre e severo, e probidade experimentada, Francisco de Souza Martins foi muito menos do que devia e podia ter sido.

FRANCISCO XAVIER CALMON DA SILVA CABRAL

BARÃO DE ITAPAGIPE.

Filho legitimo do Desembargador Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral, e de D. Anna Romana de Aragão Calmon, natural da Provincia da Bahia um e outra de distinctas familias, Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral nasceu em Portugal aos 25 de Janeiro de 1806.

Seus paes o trouxerão comsigo para a cidade d^o Rio de Janeiro em 1807, quando a familia Real portugueza imigrou para o Brazil.

Em 1813, aos 11 de Setembro, assentou praça no exercito, e bem que apenas contasse oito annos de idade, foi logo promovido ao posto de tenente de cavallaria, o que dá testemunho irrecusavel do valimento de seus paes na Côrte do Principe Regente, valimento que ainda se manifesta no facto de ter sido sua virtuosa mãe, depois de viuva agraciada com os titulos de Baroneza o Viscondessa de Ita-

pagipe, e mais tarde Dama de Sua Magestade a Imperatriz no primeiro reinado.

O tenente Calmon da Silva Cabral muito menino ainda não tomou parte nas campanhas da Banda Oriental que precederão a união desta ao Reino e logo depois Imperio do Brazil.

Por Decreto de 26 de Março de 1820 foi nomeado commendador da Ordem de Christo em attenção aos serviços prestados por seu pae.

Em 1822 adoptou a causa da Independencia do Brazil, unica patria que elle conhecia e que sempre amou.

Entrou cedo para a Côrte do Imperador D. Pedro I, de quem foi creado e amigo leal em todo o seu reinado, tendo sido por Decreto de 3 de Julho de 1823 nomeado Moço Fidalgo da Imperial Camara com exercicio.

Além de outros serviços militares, sendo desde annos capitão, seguiu em 1826 para o Rio Grande do Sul, onde em S. José do Norté se reunio ao seu regimento, foi promovido a major por Decreto de 12 de Setembro do mesmo anno e a 20 de Fevereiro de 1827 distinguindo-se na batalha de Ituzaingo, merecendo ser elogiado na *Ordem do Dia* do general em chefe e promovido por distincção á tenente-coronel.

Com a dissolução de quasi todos os corpos de l. linha depois da abdicção de D. Pedro I e em consequencia da indisciplina dos soldados em 1831 a carreira militar de Calmon da Silva Cabral, como a do todos os outros officiaes generaes, ficou sus-

pensa até a declaração da maioria do Imperador o Sr. D. Pedro II.

A abdição em 1831 o tinha deixado na Imperial Camara Veador, e no exercito Coronel effectivo. Em 1837 por Decreto de 16 de Setembro foi nomeado Brigadeiro graduado e marchou para o Rio Grande do Sul, onde tomou o commando da Divisào da Esquerda e no anno seguinte prestou serviços de guerra contra a rebelliào, pelos quaes foi elogiado pelo Presidente e Commandante das armas daquella Provincia.

Calmon da Silva Cabral tinha continuado, durante a menoridade, á prestar seus serviços na cõrte do Imperador.

Em 1836 casou-se com D. Guineza enteada do velho D. Guinez (veja-se este nome), senhora de educaçào piedosa e de exemplares virtudes, que fez a sua mais completa felicidade, infelizmente de muito curta duraçào; pois morreu logo em 1839, deixando-lhe um filho, que foi o idolo adorado por Calmon da Silva Cabral em toda a sua vida.

De 1840, o da declaraçào da maioria até 1877 elle dedicou-se ao desempenho de altas funcções como militar, e ao serviço do Imperador de quem foi camarista.

Seria muito longo enumerar as datas de promoções e de condecorações de Calmon da Silva Cabral e ainda mais as numerosas e elevadas commissões que lhe coube desempenhar na administraçào militar.

Em 1865, ao romper a guerra com o Paraguay,

tendo sido invadida a Provincia do Rio Grande do Sul por exercito paraguayoy, que occupou Uruguayana, o General e Ajudante de Campo do Imperador Calmon da Silva Cabral, acompanhou Sua Magestade Imperial o Sr. D. Pedro II, que patrioticamente partio do Rio de Janeiro para aquella Provincia, e de Porto Alegre seguiu á marchas forçadas á pôr-se a frente do exercito brasileiro em face do inimigo, e lá coube-lhe a dita e a gloria de assistir a rendição da columna do exercito paraguayoy, que sahio de *Uruguayana*, entregando-se prisioneira.

De volta a capital do Imperio na brilhante committiva do Imperador, da qual tambem fez parte o então Marquez e actual Duque de Caxias, Calmon da Silva Cabral continuou á prestar importantes serviços em altas commissões militares, e á Imperial Camara da qual em 1855 fora elevado Gentil-Homem.

Por Decreto de 28 de Agosto de 1866 Sua Magestade Imperial agraciou Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral com o titulo de Barão de Itapagipe com grandeza.

Em 1865 em diante a vida do Barão de Itapagipe continuou a correr serena. igual até que em 1877, estando Suas Magestades Imperiaes fóra do Brazil, e em viagem pelo velho mundo, foi elle que aliás então era poupado ao seu assiduo serviço na côrte, atacado de forte congestão cerebral com deramamento muito pronunciado, que o condemnou a paralyisia; inuteis, estereis forão os recursos dos medicos, e os extremosos cuidados do filho. Após se-

manas de soffrimento e de illusorias esperanças o Barão de Itapagipe morreu aos 7 de Junho de 1877, tendo setenta e quatro annos de idade.

Seu filho querido, generoso e nobre cavalleiro é o actual Barão de Itapagipe.

O velho e finado Barão não foi, nem jamais pretendeu ser entidade e menos influencia politica. Não pertencia a partido algum dos que pleiteão, sobre supremacia na gerencia dos negocios do Estado. As denominações de *liberal* e de *conservador* não tinham para elle nem importancia, e nem mesmo distincção aceitavel: a de—*republicano* causava-lhe horror. Não queria saber de partidos politicos: não tinha partido, dominava-o exclusivamente um sentimento—o do amor profundo, e da dedicação extrema e sem limites ao Imperador e á Familia Imperial.

Nesse amor, nessa dedicação havia ardores de culto.

O Barão de Itapagipe muito estimado do Imperador não procurou abusar nem do valimento, nem da confiança que soube merecer.

Bom, de agradavel accessibilidade, Grande do Imperio e Gentil homem da côrte sem orgulho, affavel e benefico nunca passou, nem quiz jámais passar por poderoso patrono; nunca ostentou, nem fez sentir influencia; mas não ha, não poderá apresentar-se um só homem, uma só familia que se queixe de injustiça, de mal ou de prejuizos devido á intervenção, ou ao empenho do Barão de Itapagipe,

que morreu sem que lhe pezasse na consciencia o ter sido nocivo á pessoa alguma.

Foi homem verdadeiramente bom, modesto em suas grandezas e isento de ambições.

E todavia elle morreu, sendo Grande do Imperio, Conselheiro de guerra, Marechal do exercito graduado, Ajudante de Campo do Imperador, Gentil Homem da Imperial Camara, Gran-Cruz da ordem de S. Bento de Aviz, Commendador da de Christo, Cavalheiro das do Cruzeiro e da Rosa, e condecorado com a medalha de ouro da rendição de Uru-guayana.

Por culto de idéas, por convicções firmadas na intelligencia e na consciencia cada homem póde glorificar-se pelo ardor dos seus puros sentimentos; mas entre os mais dedicados e leaes tem direito a fulgurar a memoria do Barão do velho Itapagipe pela sua dedicação pessoal ao Imperador e á Familia Imperial, e ao systema monarchico constitucional.

FREDERICO CARNEIRO DE CAMPOS.

Natural da cidade da Bahia, Frederico Carneiro de Campos seguiu na cidade do Rio de Janeiro o curso da Escola Militar, distinguindo-se por sua intelligencia e applicação, tendo muito cedo assentado praça no Corpo de Engenheiros.

Como official de engenheiros prestou durante trinta annos serviço de sua profissão.

Pouco influio na politica do Estado ; mas pertenceu sempre ao partido liberal.

Foi membro da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro na primeira legislatura, e servio de secretario com actividade e zelo.

Em 1863 o terceiro districto eleitoral do Rio de Janeiro o contemplou no numero dos seus tres Deputados : sua elcção foi disputada na Camara ; esta, porém, reconheceu a sua validade e o declarou Deputado.

A nova legislatura começara em 1864 : Frederico Carneiro de Campos mostrou-se uma ou duas vezes na tribuna, fallando sobre assumptos de sua profissão nos debates relativos ao Ministerio da Guerra, merecendo attenção e applausos.

Nesses annos os roubos, assassinatos, e graves offensas accumuladas e sempre sem reparação nem castigo, soffridos por subditos do Imperio no Estado Oriental do Uruguay, obrigaram o Governo Imperial após solemne manifestação da Camara dos Deputados a enviar o Conselheiro José Antonio Saraiva (actualmente Senador do Imperio) em missão diplomatica moderada e pacifica a reclamar as providencias, que erão devidas aos subditos do Imperio, e aos direitos e brios deste.

O Governo Oriental tergiversou, illudio todos os empenhos generosos de negociação amigavel, e acabou negando-se a todas as proposições a todas as exigencias subsequentes.

O illustre diplomata brasileiro retirou-se, determinando em nome do seu Governo o recurso ás represalias.

Rompeu o conflicto entre o Imperio do Brazil e o Governo de Montevidéo.

Tornavão-se pelo menos muito serias as circumstancias da região do Prata.

O Governo Imperial quiz ter homem habil, de capacidade militar, de prudente animo e de acção activa na administração do Matto Grosso, Provincia limitrophe do Brazil, e nomeou Presidente della ao Coronel Frederico Carneiro de Campos, que partio

para Matto Grosso no vapor *Olinda* no mez de Outubro.

A 11 de Novembro o *Olinda* aportou á cidade da Assumpção, capital da Republica do Paraguay, que se achava em paz com o Brazil.

No dia seguinte, o *Olinda* seguia viagem, subindo o Paraguay. quando de subito vio-se seguido, e aprezado affrontosamente por navios paraguayos.

O *Olinda* não era navio de guerra, e não podia resistir: foi levado para a *Assumpção*.

O dictador do Paraguay, Francisco Solano Lopes, chefe brutal e barbaro mandou encarcerar Frederico Carneiro de Campos, e os seus compatriotas infelizes empregados do *Olinda*.

A' essa affronta selvagem o Brazil respondeu com a guerra para elle gloriosissima, e que pertence á historia.

Mas Frederico Carneiro de Campos ficara em poder de Lopes, o barbaro mais atroz, e sua vida de Outubro de 1864 até 1869 foi martyrio incessante, e de assassinato frio, e sceleratamente gozado aos poucos, diariamente pelo algoz perverso.

Atormentado na prisão, soffrendo privações e fome, depois levado para a campanha atraz do exercito paraguay, espancado, coagido á preparar cartuchos para as armas inimigas de sua patria. doente privado de tratamento, cada manhã na *di-zima normal* de prizioneiros esperando ser degollado, tendo em muitos dias, *em muitos*. por unico alimento um pedaço de couro á mastigar e á de-

vorar pelas ancias da fome, á cair de extenuado e quasi moribundo nas marchas e retiradas, e obrigado á andar á golpes de espaldeiradas e de páo, Frederico Carneiro de Campos victima de indiziveis torturas descançou emfim morrendo em abandono, sem o menor soccorro, sem a mais leve consolação em 1869.

Em sua victoriosa marcha na campanha brilhantemente estreada pelo combate de Peribebuy, o General em chefe o Sr. Marechal do exercito Gaston d'Orleans, Principe Conde d'Eu, tomando ou salvando immensos prisioneiros, victimas do barbaro Lopes, deu-nos entre elles ainda viva amostra do que soffrera Frederico Carneiro de Campos em um rarissimo sobrevivente dos captivos de *Olinda*.

Vimo!-o: chegava ao Rio de Janeiro já alimentado, respirando o ar vivificante da liberdade, animado, relativamente feliz, e era ainda a imagem imaginavel de magrissimo corpo de um resuscitado!

Frederico Carneiro de Campos foi martyr da patria. E' dever dos brazileiros honrar e guardar sua memoria.

GABRIEL MENDES DOS SANTOS.

Filho legitimo de Gabriel Mendes dos Santos, nascido na provincia de Minas Geraes no ultimo decennio do seculo decimo oitavo, lá em Minas estudou com o magistral e esmerado ensino daquelle tempo o latim e outras materias preparatorias, e mandado para Portugal, em Coimbra completou seus estudos de instrucção secundaria, e na Universidade formou-se em direito.

Voltando para o Brazil, seguiu a carreira da magistratura, na qual radiou pela sua esclarecida intelligencia, e pela mais bella reputação de justiça recta e illustrada, e de probidade nunca desmentida.

A politica o desviou da magistratura.

Na terceira legislatura de 1834 a 1837 teve assento na Camara temporaria, como Deputado suplente, e depois por mais de uma legislatura, como Deputado eleito.

Ganhou na tribuna parlamentar fóros de ora-

dor estimado pela pureza e elegancia da palavra e pela valentia da argumentação. Logo em 1834 distinguio-se nas discussões importantissimas das reformas da Constituição, ou do Acto *adicional*.

Em honra ao seu merecimento, e á sua moderação e prudencia coube-lhe a distincção de ser eleito e por vezes reeleito Presidente da Camara, cargo importantissimo que habil e dignamente soube desempenhar.

Começara no Parlamento, pronunciando-se liberal; mas logo depois acompanhou Vasconcellos, e Honorio Hermeto, ulteriormente Marquez de Paraná, para o renovado ou novo campo da escola conservadora, e foi conservador até os ultimos dos seus dias.

Em 1851 apresentado em lista triplice pelos eleitores da sua Provincia, foi pela Corôa escolhido Senador.

Na camara vitalicia evitou a tribuna que aliás lhe offerencia louros seguros; perdendo por isso influencia que poderia ter consideravel na politica e no Governo do Estado.

E enfim morreu com antigo, mas já amortecido renome.

Gabriel Mendes dos Santos era latinista notavel e profundo, cultivador sapiente da litteratura, e na lingua portugueza purista, que sabia de cór os classicos, e dava lições, dissimulando-as em modestia recatada.

Tão grande, tão consummado que era no conhecimento da grammatica, do estyllo, e da pureza

da lingua portugueza, tão amador esclarecido da litteratura, pudera ter legado á patria pelo menos monumentos de critica litteraria, em que era adestrado e que farião escola, e morreu sem deixar fundamentos para a pépetuidade do seu nome!

GARCIA RODRIGUES PAES.

Paulista de familia distincta; e chefe sertadejo audaz, Garcia Rodrigues Paes floresceu no seculo decimo setimo.

Desde fins do seculo anterior começaram os primeiros indicios de minas de esmeraldas no Brazil; nada porém ao certo se sabia, e de minas de ouro e de outras riquezas não se fallava.

Fernando Dias Paes, chefe da bandeira, foi o primeiro sertanejo que passou alem do Serro Frio, e, dizem que alli fizera descoberta de ouro, e de esmeraldas em 1664.

Se esta noticia tem fundamento, sem duvida Garcia Rodrigues Paes, irmão de Fernando e talvez seu companheiro de *entradas* pelo sertão, continuou e estendeu os descobrimentos de 1664, sendo positivo que teve a patente de Capitão-mór da entrada e descobrimento das minas de esmeraldas datada de 23 de Novembro de 1683,

Portanto Garcia Rodrigues Paes foi um dos

descobridores, ou o descobridor das minas de esmeraldas.

Na patente de Garcia não se fallava de ouro, nem do descobrimento deste mineral; mas não ha duvida sobre o conhecimento que já havia da existencia de minas de ouro, embora ainda não fossem ellas exploradas.

Garcia Rodrigues Paes não só merece ficar lembrado na historia da patria por esse serviço, como pelos que prestou á civilisação, sendo um dos descobridores e conquistadores de vastos sertões.

As minas descobertas desde o ultimo quartel do seculo decimo setimo influirão ainda e muito consideravelmente para que os sertanejos paulistas, e entre elles Garcia Rodrigues Paes, arrefecessem o seu cruel ardor de perseguição dos indios, contra os quaes até então fazião exclusivamente as suas entradas com o fim de os prender e reduzir á escravidão.

GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA.

Filho legitimo do Capitão Antonio Joaquim Gomes Braga e de D. Maria Affra de Almeida Braga nasceu Gentil Homem de Almeida Braga aos 25 de Março de 1835 na cidade de S. Luiz do Maranhão.

No Lycêu dessa mesma cidade e capital da Provincia, Gentil Braga estudou todos os seus preparatorios, e tendo-os concluido em 1850, partio no anno seguinte para o Rio de Janeiro, e apenas chegado matriculou-se na Escola Central; pois que desejava estudar engenharia; adoecendo porém de febre amarella alguns mezes depois, embora vencida a molestia, teve por conselhos dos medicos de voltar para o Maranhão.

Em fins de 1852 foi para Pernambuco, e em 1854 matriculou-se na Academia de Olinda e nella tomou o gráu de Bacharel em sciencias sociaes e juridicas em 1857 aos vinte e tres annos de idade incompletos, tendo aliás perdido dous annos em consequencia da molestia que soffrera.

Tão feliz e esperançosa intelligencia mostrava em seus estudos, de tanta applicação dera provas, e de tão suave e bello character era dotado, que muito cedo seu nome foi conhecido e começou a gozar bem firmada estima. Em 1857, sendo ainda estudante em Olinda, mereceu ser eleito membro da Assembléa Provincial do Maranhão pelo districto eleitoral de Guimarães, sendo depois reeleito em mais duas legislaturas.

Até 1862 seguiu com distincção a magistratura, sendo promotor publico na villa do Codó, e na cidade de Caxias, e Juiz Municipal na villa de Guimarães. Em 1862 deixou a carreira de magistrado, e exerceu na Capital do Maranhão a advocacia na qual se fez notavel pelos seus conhecimentos juridicos, pela consciencia e pela caridade, com que defendia gratuitamente as causas justas de pobres.

Por algum tempo foi secretario do Governo da Provincia do Rio Grande do Norte.

Em 1863 um dos districtos eleitoraes da Provincia do Maranhão o elegeu Deputado da Assembléa Geral Legislativa para a legislatura de 1864 a 1866.

Gentil Braga liberal desde os bancos da Academia até sua morte não mentio, antes honrou seus principios politicos na Camara dos Deputados ; nunca porém quiz mostrar-se na tribuna : tomou-se de acanhamento inconcebivel ; pois que na Assembléa Provincial, e no Jury do Maranhão por vezes usara da palavra com applauso.

Recolhido á sua Provincia, continuou a dedicar-se á advocacia, e tambem ao magisterio, em que já

antes primava leccionando philosophia no acreditado internato *Instituto de Humanidades*, de que era director o Dr. Pedro Nunes Leal, e depois sendo lente de instituições canonicas no Seminario Episcopal de S. Antonio, e regendo gratuitamente as cadeiras de francez e de geographia no recolhimento de Nossa Senhora da Annunciação e Remedios.

Tão atarefado sempre, tão fortemente exigido por deveres que sabia cumprir zeloso, Gentil Braga ainda teve tempo para fulgurar nas letras como prosador e poeta.

Escriptor politico collaborou desde 1860 nos periodicos *Ordem* e *Progresso*, e depois, em 1863, na *Coalição* que substituiu aquelle. Seus artigos recomendavão-se pela belleza do estylo, pelo vigor do raciocinio. e pela moderação e cortezia na polemica. Deixou em sua vida politica a lembrança de convicções profundas, da lealdade mais pura, e do mais louvavel desinteresse.

No periodico litterario — *O Semanario Maranhense* publicou artigos e folhetins primorosos sob o pseudonymo *Flavio Reymar* e outros, dando-os reunidos á luz em um livro, que intitidou « *Entre o Céu e a Terra* » ramalhete mimoso das mais lindas flôres á exhalar perfumes de estylo, espirito e suavidade.

Foi um dos autores da — *Casa da Canelleira* — e um dos tres autores do precioso livro — *Tres Lyras*.

Escreveu ainda folhetins com o titulo de *Ca-vaquinhos* no periodico *Paiz*.

Na poesia além da parte que lhe cabe nos

merecidos louros das — *Tres Lyras* — publicou o livro que intitulou — *Sonidos* — rico de inspirados cantos que fazem boa companhia ao poemeto — *Clara Verbena*.

Traduzio a — *Séphora e Eloá* — de Alfredo de Vigny — *O Oriente* de Byron — *Vesper* de Musset e outras celebradas composições.

Traduzio ainda a — *Evangelina* de Langfellow; sabendo porém que um amigo, o illustrado Sr. Dr. Doria, o tinha precedido em igual trabalho, que deu ao prélo, aliás sem noticia nem idéa do seu, negou publicidade á sua traducção, que até hoje não se encontrou entre os numerosos manuscriptos, que á sua familia ficárão.

Nas poesias originaes e traduzidas de Gentil Braga predominão o encanto da fórma, e o enlevo do sentimento: se naturalmentê procurou inspirar-se, estudando grandes mestres cedendo e servindo ás proprias inclinações do seu espirito preferio os suaves murmurantes arroyos de Lamartine — o bello ás estrondosas Niagaras de Victor Hugo — o sublime. Preferio Raphael á Miguel Angelo.

Gentil Braga foi digno filho da Provincia que deu ao Brazil, e ao mundo Gonçalves Dias.

E o magistrado esclarecido e integerrimo o advogado illustre e consciencioso, o mestre sabio, o politico abnegado e inabalavel em suas idéas, o prosador laureado, e o poeta de enlevadoras inspirações era ainda filho extremoso, marido e pae estremecido, amigo de lealdade sem quebra, homem de bem e de caridade.

Gentil Braga sempre liberal de sãos principios ; mas por ultimo desgostoso e arredado da politica militante, que lhe parecêra mais pessoal do que idealista e patriótica, vivia na capital do Maranhão, occupando-se com a educação e com o magisterio, e com o cultivo das letras, que surrião ao seu amor e lhe davão consolação, quando a 25 de Julho de 1876, victima de violento ataque de variola, falleceu, contândo apenas quarenta e um annos e quatro mezes de idade.

Era a idade em que devia começar a grande e robusta fructificação daquella arvore já ricamente productora e muito mais promissora de fructos preciosissimos, que se chamava Gentil Homem de Almeida Braga.

O raio da morte cahio fulminante.

A grande arvore foi abatida.

Mas o nome de Gentil Braga ficou registrado no livro fulgurante das glorias da patria.

GERALDO LEITE BASTOS.

CONEGO.

Natural da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu aos 11 de Março de 1793, filho de D. Benta Maria da Conceição Torres, Geraldo Leite Bastos, recebeu de sua mãe esmerada educação apesar dos fracos recursos de que ella dispunha.

Depois de completar seus estudos primarios e de começar os de latim, reconhecendo os sacrificios que custava a sua mãe, no empenho de lhe ser menos pesado, e de satisfazer os votos que lhe ouvia muitas vezes, Geraldo afim de estudar as materias necessarias para o estado sacerdotal, foi durante annos sachristão na matriz de Santa Rita; dando provas de força de vontade, de muita applicação nas aulas e de costumes honestos.

Achando-se preparado para tomar ordens sacras e não o podendo fazer no Rio de Janeiro por falta do respectivo diocesano, partio para S. Paulo

com as competentes demissorias, e do Bispo dessa diocese recebeu as ordens de subdiacono, diacono, e presbitero em 1816.

De volta logo para a cidade do Rio de Janeiro entrou no exercicio do seu ministerio, vivendo sempre em companhia de sua extremosa mãe.

Pela sua grande bondade, illustração, honradez, e independencia de character o ex-sachristão da igreja de Santa Rita mereceu o respeito geral, e as mais preciosas relações de amizade.

Brazileiro, homem de instrucção, generoso e patriota, o padre Geraldo abraçou com verdadeiro amor em 1822 a causa da Independencia do Brazil, e as idéas liberaes.

Em todo o primeiro reinado, durante a menoridade do actual Imperador o Sr. D. Pedro II, e depois ainda por muitos annos o padre Geraldo foi politico ; mas sem ambição; decidido e venerado liberal; mas sem exaggeração de idéas; ouvido muitas vezes em reuniões e conselhos de liberaes seus amigos ; mas sem que jamais tivesse tido, nem desejada posição official. Se o quizesse, teria sido Deputado da Assembléa Geral.

Sua casa, á rua das Violas, hoje de Theophilo Ottoni pouco além da rua dos Ourives, era frequentissimo ponto de reunião dos politicos liberaes mais proeminentes, Paula e Souza, Vergueiro, Feijó, padre Alencar, padre José Bento, Bernardo de Vasconcellos, o Sr. Limpo de Abreu (actual Visconde de Abaeté), Honorio depois Marquez de Paraná, um pouco mais tarde Theophilo Ottoni, o actual Sr.

Senador e Conselheiro de Estado Dias de Carvalho e outros erão seus intimos amigos, e assiduos frequentadores.

Mas entre as suas virtudes não faltou a da tolerancia politica ao padre Geraldo. A par daquelles illustres liberaes do primeiro reinado erão tambem estimadissimos amigos seus, e festejados frequentadores de sua casa o Marquez de S. João da Palma, o Marquez de Inhambupe, e ainda outros elevados personagens politicos, que no primeiro reinado os liberaes tinham em conta de absolutistas.

Com todas essas relações de maxima influencia, e com a propria que podia ser consideravel o padre Geraldo foi em *posição* ou em character publico de acção politica apenas e sómente *eleitor da sua parochia* sem empenho seu.

Nomeado para uma commissão do Governo no extincto primeiro Banco do Brazil, recusou-a.

Annos depois em 1835 exclusivamente por instancias de seus amigos entrou para a Secretaria do Senado como official supra-numerario, e passou a effectivo a 11 de Junho de 1838.

Vagando o lugar de Official-maior da mesma Secretaria por morte de quem o exercia foi o padre Geraldo (já então conego) nesse lugar provido a 4 de Junho de 1846

O merecimento reconhecido, a estima de que o illustre Fluminense gozava receberão então eloquentes provas. A maioria do Senado era do partido conservador, e estava em periodo de ardente lucta, o Conego Geraldo moderado; mas firme não mentia

ás suas antigas idéas liberaes, e o Senador Bernardo de Vasconcellos desde 1836 chefe do partido conservador, chefe da maioria do Senado, e ex-amigo do Conego Geraldo, fez viva e empenhada opposição em 1846 á nomeação d'elle para Official maior da Secretaria do Senado; á seu despeito porém não só todos os Senadores liberaes, mas grande numero dos conservadores derão victoria ao candidato sympathico e querido, ao homem de bem, ao Official da Secretaria zeloso, illustrado e honestissimo.

Durante 17 annos occupou elle o emprego de Official maior da Secretaria do Senado, e desempenhou os importantes deveres desse emprego com exemplar zelo e esclarecida intelligencia.

Liberal pronunciado, mas tão prudente, como de doutrinas moderadas o Conego Geraldo em 1831 foi contrario aos planos de revolução, seguindo de preferencia a escola de Evaristo Ferreira da Veiga decidido sustentador da monarchia representativa.

Depois da ablicação de D. Pedro I pertenceu ao partido liberal moderado.

De 19 de Setembro de 1837 em diante acompanhou seus velhos e fieis amigos em opposição á politica conservadora.

Em 1842 os chefes liberaes, protestando contra as Leis da reforma do Codigo criminal e do novo Conselho de Estado, promoverão as revoltas das Provincias de S. Paulo e de Minas Geraes, que nesse anno romperão.

O principal fóco da conspiração laborou sem a menor duvida na Capital do Imperio, e os mais notaveis conspiradores erão tão amigos do Conego Geraldo e tanto o frequentãvao, que ou por isso ou porque realmente não fosse estranho aos planos revolucionarios, incorreu nas graves suspeitas do Governo que resolvera tomar medidas extraordinarias e violentas.

Sua casa foi cercada *á meia noute* pela policia, que varejou-a e procedeu ao mais rigoroso exame de todos os papeis e cartas que encontrou, e não obstante falta absoluta de provas ou indicios escriptos que o compromettessem, foi o Conego Geraldo preso e logo depois deportado com o Sr. Conselheiro Limpo de Abreu (mais tarde Visconde de Abaeté) e com os Drs. Meirelles, Sales Torres Homem (Visconde de Inhomerim ulteriormente) França Leite e José Francisco Guimarães.

A deportação affligio profundamente o Conego Geraldo; mas só pelo facto de separar-se de sua boa e velha mãe, que então contava já 80 annos de idade; consolou-se porém com a certeza de que ella ficava entregue aos cuidados da familia de Bernardo José de Figueiredo, um dos seus mais dedicados amigos que em taes circumstancias ainda provou sel-o, estremando-se em apuros de delicadeza, e de estremecido affecto, que lhe mereceu a estimada senhora,

Em 1843 o Conego Geraldo restituído á patria, vio julgada improcedente a pronuncia vibrada contra

elle e seus amigos, e voltou á exercer o seu emprego na Secretaria do Senado.

Á 30 de Agosto de 1851 soffreu doloroso golpe perdendo sua velha mãe, a quem amava extremamente.

E aos 70 annos de idade, a 16 de Julho de 1863 falleceu o Conego Geraldo Leite Bastos na mesma casa onde nascera na cidade do Rio de Janeiro.

Conego honorario da Capella Imperial com assento nas respectivas cadeiras Geraldo Leite Bastos teve o habito da Ordem de Christo, depois a Comenda da mesma Ordem, e enfim a carta do Conselho poucos annos antes de sua morte.

Typo de amor filial, inescedivel na lealdade e na dedicação aos amigos, caridoso, honradissimo, simples, sem ambições o Conego Geraldo Leite Bastos deixou a lembrança de uma vida suave, generosa patriotica, e honesta.

GERVASIO PIRES FERREIRA.

Natural da Provincia de Pernambuco e oriundo de uma das mais ricas e illustres familias pernambucanas, Gervasio Pires Ferreira nasceu no penultimo decennio do seculo dezoito, e mandado ainda muito joven para Lisboa, alli se educou com destino ao commercio, que effectivamente seguiu.

Casou-se em Lisboa, onde estabeleceu logo depois consideravel casa commercial.

Não esmoreceu com a invasão dos francezes em Portugal, e antes passou por certo que durante ella lucrára muito como negociante em 1808; a continuação da guerra, porém, e o receio de sinistros acontecimentos o fizeram retirar-se em 1809 de Lisboa com toda a sua familia e grande riqueza para Pernambuco, e ahi continuou a negociar em alta escala e gozando do maior credito.

Desde 1815 urdia-se em Pernambuco conspiração liberal.

Gervazio Pires Ferreira muito prudente, cau-

teloso, e sem expansões em politica era geralmente considerado realista ápezar de sua intimidade com o Ouvidor de Olinda o celebre Antonio Carlos de Andrada Machado.

Rompeu a revolução de 1817, e ainda, a 6 de Março, dia da erupção, Pires Ferreira se conservou alheio aos acontecimentos; mas dous irmãos seus erão notaveis revolucionarios, Antonio Carlos influira talvez no seu espirito, e a *Republica* proclamada reclamava seus serviços, tendo elle sido eleito membro do Conselho do Governo.

Gervasio Pires Ferreira deixou-se enfim arrebatado: accitou o cargo de Conselheiro, offereceu gratuitamente o seu navio — *Espada de Ferro*, e fez o donativo de vinte e cinco contos de réis para comprarem-se armas e munições nos Estados-Unidos, e foi Inspector de Fazenda do Governo republicano.

Dous mezes e alguns dias depois a revolução agonisava: as tropas republicanas retirárão-se abattidas do Recife, e Gervasio Pires Ferreira que com os seus collegas fizera baldados esforços para obter do almirante Rodrigo algumas condições favoraveis de capitulação, recolheu-se ao seio da familia, esperando resignado a sua sorte.

Foi preso, e entrou no numero dos *setenta e um* enviados no navio *Carrasco* para a Bahia e alli ficou encarcerado até 1821, em que por effeito da revolução de Portugal em 1820, elle e seus companheiros saudarão felizes a liberdade.

Durante os qnatro annos de prisão e de sinistros annuncios de morte na forca, Gervazio Pires

Ferreira espalhou constantemente soccorros pecunia-
rios entre os prezos pobres, seus companheiros de in-
fortunio.

Logo que se vio livre, voltou para Pernam-
buco; mas reservado, e silencioso se manteve isento
de qualquer intervenção nas dissidencias e desordens
políticas de 1821 até que em fins de Outubro foi
eleito Presidente da Junta Provisional da Pro-
vincia ;

No desempenho desse cargo mereceu a prin-
cipio confiança e gabos geraes ; em breve porem, os
partidos se pronunciárão contra elle, que obrigado
á refugiar-se no paquete inglez foi ter a Bahia,
onde o General Madeira, chefe portuguez exigio e
conseguiu que lh'o entregassem, e o remetteu preso
para Lisboa

Recollido ao *Limociro* adiantava-se o seu pro-
cesso, quando salvou-o a contra-revolução de 5 de
Junho de 1823. O rei D. João VI mandou res-
tituir a liberdade á Gervasio Pires Ferreira, que se
apressou a embarcar para o Rio de Janeiro.

Depois de tantas vicissitudes, e tormentosa for-
tuna o distincto pernambucano passou tranquillo
e dedicado sempre ao serviço da patria o ultimo
quartel de sua vida ;

A Provincia de Pernambuco o elegeu Deputado
da Assembléa Geral nas duas primeiras legislaturas.

Na Camara elle mostrou-se em todas as circum-
stancias liberal moderado, e na tribuna foi orador
sem pretenção de eloquencia ; mas discutidor intel-
ligente, conciso e claro,

Gervasio Pires Ferreira falleceu em Pernambuco já adiantado em annos.

GREGORIO DE CASTRO DE MORAES.

Natural de Portugal, e de nobre e antiga familia, Gregorio de Castro de Moraes seguiu a carreira das armas, e veio servir no Brazil em anno que não podemos determinar.

Em 1703 Gregorio de Castro era Mestre de campo de um dos dous Terços ou regimentos da Praça do Rio de Janeiro, e no anno seguinte, por ausencia ou retirada do Governador D. Alvaro da Silveira de Albuquerque, entrou no Governo interino da Capitania com o Bispo D. Francisco de S. Jeronymo, e Martin Corrêa Vasques.

Diz Monsenhor Pizarro (*Mem. Hist.* Tom. 4.º pag. 123, nota 3.ª) que Gregorio de Castro foi o primeiro que governou as *Minas Geraes* como incumbido pelo Governador e Capitão-general D. Fernando Martins Mascarenhas de impedir com duas companhias do Terço as desordens e hostilidades entre os paulistas e os forasteiros : devia isso passar-se em fins de 1707 ou principio de 1708 ; mas essa

força de duas companhias era insufficientissima para conter bandos numerosos, violentos e armados. E' de suppôr que o Mestre de campo se retirasse de Minas em 1808, quando aquelle Governador tendo lá ido e chegado á Congonhas, recuou, regressando para o Rio de Janeiro. (Vide o artigo biographico de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho).

Em 1709 Gregorio de Castro de Moraes prestou bons serviços sob as ordens do Governador general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

Em 1710 veio governar a capitania do Rio de Janeiro Francisco de Castro de Moraes (vide o artigo respectivo que poupa repetições aqui) irmão de Gregorio de Castro, e no mez de Setembro do mesmo anno Carlos Duclerc, official da marinha franceza, desembarcou á frente de mil soldados na Guaratiba, avançou sobre a cidade do Rio de Janeiro, penetrou nella vindo pelo caminho de *Mata Cavallos* (Rua do Riachuelo hoje) e avançando pelo bairro d'Ajuda, ruas desse nome, de S. José, foi até a casa do Governador (Rua de 1.^o de Março casa que servio até 1878 para o Correio e para a Caixa da Amortisação) e pretendeu tomal-a.

Emquanto populares e estudantes disputavam debalde o passo á Duclerc, o Governador Francisco de Castro cobardemente se conservava immovel no campo do Rosario com dous terços ou regimentos de linha, com artilharia e forças de milicias!

Gregorio de Castro mal continha a indignação e se abismava em vergonha; mas ao annuncio do

ataque da casa dos Governadores, fallou energico ao irmão, e ao menos conseguiu, que o seu terço fosse mandado á combater.

A' frente desse regimento o bravo vingador da honra de seu nome de tão nobre familia, marchou accelerado e chegou a tempo.

Estudantes e populares batião-se dentro da casa; pouco porém lhes seria dado resistir.

Gregorio de Castro nem fez alto para respirar chegando, atacou ferventemente os francezes, e após as primeiras descargas a peleja travou-se corpo a corpo.

O bravo irmão do cobarde batia-se de espada na mão á frente de seus soldados, quando uma bala inimiga o derribou morto á porta da casa disputada.

Ao vel-o cair sem vida os soldados bradarão —vingança!—e pouco tempo bastou para que Duclerc e os seus fugissem, evacuando a casa, e fossem encerrar-se no trapiche da cidade, onde horas depois se renderão.

Mais tarde, o ex-Governador Francisco de Castro deveria invejar muito a morte gloriosa de Gregorio de Castro de Moraes, seu irmão.

D. GUINEZ GARCIA ARAUJO.

No anno de 1775 nasceu na provincia de Andaluzia em Hespanha D. Guinez Garcia Araujo

Emigrando para Montevidéo, alli se estabeleceu, e muito laborioso hia com honra e consciencia avultando em fortuna, quando sobreveio a guerra da Independencia, sendo os seus bens confiscados por ser hespanhol, e elle obrigado a retirar-se. Veio então para o Rio de Janeiro em 1815, e acolheu-se com sua familia na cidade de Nictheroy nesse tempo ainda villa da Praia Grande.

D. Guinez era casado com D. Gertrudes Alves, senhora de preclarissimas virtudes, e em estado de viuvez, quando elle a desposou, e que do seu primeiro marido tivera uma filha, a qual falleceu em Nictheroy, dando a luz á duas meninas gêmeas.

O bom velho creou e educou esmeradamente as duas meninas, a quem amava como pae estremecido: vio aditado casar-se uma dellas com o

então Tenente-coronel Francisco Calmon da Silva Cabral(depois Tenente-general e Visconde do Itapagipe), e que ainda bem moça falleceu em 1838; e a outra, D. Francisca com Antonio Joaquim de Oliveira em primeiras nupcias e depois em segundas com James *Norris* chefe da relojoaria tão antiga como acreditada na cidade do Rio de Janeiro.

D. Francisca não tornou a casar, e viveu sempre com os seus filhos no casa dos seus avós, onde continuou a ser tratada como filha querida por D. Guinez que a deixou herdeira de sua meiação.

Esta menção de toda a familia de D. Guinez é tributo devido á exemplar virtude.

O excellente velho fundara uma fabrica de cigarros que tiveram grande fama no seu tempo, e derão-lhe modesta fortuna no fim de muitos annos de trabalho.

E admira como D. Guinez pôde viver e morrer pelo menos na abastança

Foi obra de benção de Deus.

A vida desse veneravel ancião foi lição constante de praticas evangelicas: austero no cumprimento dos deveres catholicos, era suave e jovial com os seus e com os estranhos. Possuidor de vinte e tantos escravos que trabalhavão na sua fabrica, tratava-os como a filhos, e alimentava-os, vestia-os e cuidava delles nas molestias com solitudine paternal: lia-lhes e explicava-lhes o catecismo tres vezes por dia, e os levava á missa aos domingos e dias santificados, que erão imprescin-

divelmente de descanso. Se a disciplina acaso impunha a necessidade de castigar algum escravo, D. Guinez tinha o cuidado de preparar a intervenção da esposa ou de D. Francisca, que apparecião logo e opportunamente pedindo o perdão que era sempre concedido. E os escravos adoravão os senhores, e trabalhavão com amor.

Até ahí a vida santa no lar domestico, á cuja porta nunca batia debalde um pobre á pedir pão, e em cujo seio familias desvalidas e afflictas achavão tecto abrigador, mesa farta, e consolações confortadoras.

Fóra de casa D. Guinez era caridoso e beneficente com todos quanto sóffrião por pobreza e molestias tanto quanto podia sel-o; mas as preferencias do seu coração erão para os orphãos e para as viuvvas honestas em penuria, e ainda mais em miseria. Apezar de todo o seu zelo evangelico em esconder a esmola, a sua caridade era tão extensa, que se denunciava, como as violetas pelo perfume; mas ainda assim só depois da sua morte a familia poude reconhecer todas as proporções da seara caridosa daquelle angelico velho.

Annualmente D. Guinez visitava por vezes periodicas a cadeia da villa da Praia Grande depois cidade de Nicheroy: para todos os presos levava sempre esmolas e consolações; mais cuidadoso informava-se das accusações, da natureza das circumstancias dos crimes, dos processos, das provas, das conjecturas, e de tudo, e desde que lhe parecia encontrar na cadeia uma victima, um pobre

injustamente perseguido, o caridoso velho animava o infeliz, protegia-o, pagava-lhe um defensor, era emfim o zeloso patrono do innocente desvalido.

Bocca que nunca mentia, consciencia escrupulosa, juizo são e rectissimo D. Guinez foi por vezes convidado á decidir sobre contendas de visinhos, e as suas sentenças respeitadas sempre, conciliavão os litigantes, e quasi que obrigavão a harmonia perfeita. Houve occasiões em que sentindo perturbação lamentavel na convivencia intima da familia de seu conhecimento, ainda mesmo não chamado, o velho D. Guinez batia á porta, entrava, e venerado, e com a sua immensa força moral de bom e justo, dispedia-se, sahindo feliz por deixar em calma completa a tempestade, e em abraço amigo os brigados.

Houve no viver e proceder evangelico desse homem raro actos que quasi resumem o elogio da sua caridade inexcedivel.

Uma noute um chefe de familia, politico proscripto, foragido após revolta liberal, e azilado em pobre casa em Nictheroy, reduzido á penuria; porque tivera de abandonar quanto possuia, olhando a esposa e os filhos ameaçados de privações, no impeto da dôr soltou exclamação afflictiva e indicadora das angustias de sua situação economica.

E pouco depois sem procedencia conhecida o nobre, honrado, mas empobrecido e triste esposo e pae recebia modesta, e nas suas circumstancias avultada quantia sufficiente para auxilio e consolação da familia.

D. Guinez tinha ouvido a exclamação, passando diante da casa, e applaudio-se do que fizera, reconhecendo depois em relações de amigo o character digno e o merecimento daquelle esposo, e pae de quatro filhos, que herdarão delle virtudes civicas e privadas que podem servir de modelos.

Algun tempo depois essa victima de exaltação politica, esse homem respeitavel, esposo e pae em adversa fortuna economica, descansou morrendo; mas deixando a familia em extrema pobreza.

Ao pé do triste finado appareceu logo o anjo da caridade a encarregar-se do enterro, e a consolar beneficente a viuva honestissima, os filhos ainda menores que sem amparo ficavão; mas cuja imperiscivel e augusta gratidão elevão os beneficiados de então á altura grandiosa do bemfeitor.

Como estes abundarão outros exemplos da admiravel caridade de D. Guinez.

E ainda bem que o modesto; mas venerando D. Guinez já na terra desfructava o melhor premio das suas virtudes.

Elle tinha céo aberto no seio da familia: em todos os tempos a esposa, e a enteada e as netas, e nos ultimos a esposa e D. Francisca, como depois as filhas desta erão, o que era D. Guinez, uma familia de anjos de caridade á felicitar-lhe e á encantar-lhe pela caridade e por singulares virtudes a vida correndo em hymno suavissimo de actos de beneficencia e de modestia evangelicas:

D. Gertrudes Alves em tudo e por tudo digna de seu segundo marido, D. Guinez, sobreviveu-lhe

ainda 24 annos, fallecendo aos 94 de idade em 1874, e chorada por quantos a conhecerão, e que conhecendo-a a admiravão e a tiverão como em adoração.

Para não soffrer tanto em saudades como ella, D. Guinez morreu antes, á 19 de Abril de 1850 aos 75 annos de idade.

Mas que morte a de D. Guinez?. O passamento de um santo.

Aos annuncios de proxima agonia do velho catholico já preparado religiosamente para deixar o mundo, tres sacerdotes vierão acompanhar seus ultimos momentos.

D. Guinez, como predestinado, fallando ainda; mas com voz que se hia extinguindo, indicou que estava ouvindo musica enlevadora, canto celeste que o enchia de prazer suavissimo, extraordinario, como nunca ouvira, e foi cerrando os olhos, e expirou sem cortorsões, como adormecendo embalado pelos anjos.

Os tres sacerdotes curvaram-se commovidos e humildes, beijarão os pés do velho que acabava de expirar, e declararão que nunca tinham testemunhado morte tão doce, tão sem dôr, e tão santa.

Pouco antes de morrer D. Guinez chamou a esposa, a D. Francisca e aos tres filhos desta, deu-lhes optimos conselhos, despedio-se, e abençoou um por um a todos: recommendou que em seu cnterro se observasse decencia: mas sem ostentação, e pedio que o seu caixão mortuario fosse levado e carregado pelos seus escravos, á alguns dos quaes deixou livres.

Este ultimo pedido de D. Quinez não foi satis-

feito pela familia, que se arreceiou de censuras proprias do tempo, em que ainda predominavam idéas escravagistas, e obstinada resistencia á todo empenho de cessação do trafico de escravos, e ainda mais de emancipação.

Mas a noticia promptamente espalhada do fallecimento D. Guinez poz em commoção todos os habitantes de Nictheroy

A dôr foi geral pelo passamento daquelle homem caridoso e justo.

A casa do finado encheu-se de familias e de pessoas de todas as condições sociaes: grande numero de protegidos, de pobres e de infelizes de quem elle fôra pae, beijavão as mãos que tinham sido tão dadivosas e os pés tão diligentes de D. Guinez então cadaver.

Os restos mortaes desse varão exemplarissimo foram levados com immenso acompanhamento de amigos, e de pobres em lagrimas para a capella de Nossa Senhora da Conceição e ahi enterrados.

Deu-se depois facto que a sciencia explica; mas que causou profunda impressão no animo de muitos. Passado um anno abriu-se a catacumba de D. Guinez e achou-se o seu corpo intacto: no fim de outro anno a catacumba foi pela segunda vez aberta, e de novo se encontrou o cadaver, como se de pouco e tivesse sido sepultado, ainda sem signaes de corrupção e de todo livre de vermes, e igualmente em perfeito estado o habito de S. Francisco de Paula, com que D. Guinez foi enterrado.

Então ainda mais fortemente se impressionarão

muitas pessoas, que cortarão e tomarão para si pedaços do habito, e os guardarão, como reliquias.

Vendo que o corpo de D. Guinez não se consumia na catacumba o vigario deu ordem para que o sepultassem em cova feita no solo, onde ficou tres annos, no fim dos quaes D. Francisca a virtuosa e querida neta e filha adoptiva de D. Ignez fez piedosa e com reverentes mãos a exumação, sendo os ossos encerrados em urna que ainda se vê zelosamente guardada no cemiterio da capella de Nossa Senhora da Conceição.

Com tal vida, tal morte, e com o facto do cadaver ter durante dous annos resistido intacto á acção do tempo, da humidade, etc., e isento tambem da acção dos vermes D. Guinez deixou e firmou no animo de muitos e principalmente da familia certo prestigio, e a crença em manifestações de divino premio.

O cordão do habito de S. Francisco que D. Guinez amortalhado levára, foi depois da segunda abertura da catacumba recolhido e guardado com a maior veneração pela familia até o fallecimento de D. Francisca Norris que por instante pedido seu, levou-o em sua mortalha para a sepultura, que recebeu seu cadáver — de senhora modêlo de todas as virtudes.

O premio eterno desse homem de maravilhoso amor do proximo por inexcedivel caridade nas proporções e ainda á cima das desproporções de sua fortuna, é mysterioso segredo que pertence á Deus.

Mas considerado nos horizontes da razão e do

sentimento humano D. Guinez foi na terra a exemplificação do perfeito homem bom e justo.

Não era catholico de publicas expansões palavras: era puro christão do Evangelho, puro catholico em severa pratica religiosa.

Nunca lhe terião podido ouvir dizer: « fação o que eu digo, e não o que eu faço. »

Não pretendia ser lição; era-a porém na pureza sublime do seu viver,

Não teve filhos, e fez-se pae e avô estremecido das filhas e das netas da piedosa, benefica e honestissima senhora viuva, com quem se casara.

Ensinou com o seu exemplo a fidelidade e o amor conjugal sem quebra suspeitada nunca.

Ensinou á aducar filhos, educando santamente a filha e as netas e ainda as bisnetas da esposa, que forão e as ultimas são sob todos os pontos de vista dignas de sua veneranda memoria.

Ensinou com dissimulo evangelico a pratica da caridade, levando-a á todos os infelizes, a que podia chegar.

Ensinou a observação da lei divina do trabalho e a sciencia do conseguimento da riqueza pelo constante labor, pela diligencia, e pela economia sem avareza, em que só falhou pelas santas expansões da caridade, que era como flamma innata acendida pelos anjos em seu coração.

Até ensinou á poder accumular notavel riqueza, e á deixar por sua morte apenas modesta fortuna; mas com a gloria, verdadeira gloria de sem ostentação nem vaidade ter despendido e empregado quasi

sempre muito merecidamente boa parte, grandissima parte dos productos do seu trabalho em soccorro de viúvas honestas em pobreza, de orphãos desvalidos em dasamparo, de familias honradas em afflictiva adversidade, e de presos desgraçados, dos quaes, quando se convencia de sua innocencia. chegava á facilitar onerosos meios de defesa.

Ensinou ainda muito, e por fim ensinou o gozo da maior e mais completa felicidade na terra, tendo a suprema dita, talvez favor de Deus, de offerecer a admiração e ao louvor de todos o quadro de uma familia sem excepção toda, absolutamente toda resplandecendo modesta, mas radiosa por condigna das virtudes do angelico D. Guinez.

Só Deus sabe se D. Guinez pertence ao numero dos seus beatificados : mas a biographia de D. Guinez é e deve ficar sendo na terra, como a lenda de um santo.

Nascera hespanhol. começára a florescer e foi obrigado á fugir pauperrimo de Montevidéo, onde abusiva e violentamente confiscarão os bens que já possuia; veio para o Brazil e no Brazil achou patria que amou e que o amou durante trinta e cinco annos.

Foi na villa Real da Praia Grande depois cidade de Nictheroy anjo exemplificador do amor do proximo.

Seu nome pertence ao Brazil, e particularmente á Nictheroy agradecida e testemunhadora de suas virtudes singulares, admiraveis e sem jaça de fraqueza humana.

GUSTAVO ADOLPHO DE AGUILAR PANTOJA.

Filho legitimo de Hermogenes de Aguilar Pantoja, e natural da Provincia da Bahia, onde nasceu na cidade de S. Salvador em fins do ultimo seculo, Gustavo Adolpho de Aguilar Pantoja dotado de muito feliz intelligencia, fez com applausos alguns dos seus estudos preparatorios naquella cidade, e depois foi completal-os e matricular-se na Faculdade de direito da Universidade de Coimbra, na qual tomou o gráo de doutor.

De volta para o Brazil entrou na carreira da magistratura, e nella primou por seus cada dia mais aprofundados conhecimentos de jurisprudencia, e de pratica judicial.

Como magistrado e Desembargador floresceu notavelmente em Pernambuco: em fins do primeiro reinado tornou-se suspeito de idéas retrogadas aos liberaes em opposição ao Governo do Imperador D. Pedro I.

A' pezar de nossos empenhos em obter esclarecci-

mentos pedidos repetidamente a alguns parentes do illustre finado, não sabemos que motivos determinarão curta, mas positiva interrupção na sua carreira de magistrado; certo é porém que, promulgado o Código do Processo Criminal, Gustavo foi durante breve periodo, o fulguroso planeta do jury da cidade do Rio de Janeiro, e não houve, quem o igualasse em sciencia juridica, e em eloquentissimas defesas de réos no grande e ainda mal apreciado Tribunal do povo.

Em 1833 passou por Caramurú ou restaurador na cidade do Rio de Janeiro; mas, creio que já então de novo florescente na alta magistratura da Relação do Rio de Janeiro, Gustavo Adolpho de Aguilar Pantoja foi em 1837 Ministro da Justiça de Gabinete, organizado pelo Regente padre Diogo Antonio Feijó, representante da escola liberal.

O Ministro da Justiça Gustavo Adolpho soffreu então a mais desapiadada e furente opposição do partido conservador, cuja imprensa até lhe tomou contas de sua vida particular, e fe-lo pagar caro fraquezas de homem e de pae de familia menos sevêro em seus costumes.

A sua retirada do Governo serenou esse horror de insultos á vida particular do varão, que no Ministerio se impunha pela grandeza collossal de sua esclarecidissima intelligencia.

Fóra do Governo e para sempre desde 1837 apartado da politica Gustavo Adolpho de Aguilar Pantoja subio da Relação do Rio do Janeiro ao Supremo Tribunal de Justiça, e elevou-se no fim

de breves annos ao gráo inescedivel de Presidente do mesmo Tribunal.

Não houve quem puzesse em duvida a profundez de seus conhecimentos juridicos e consummada habilidade no exame nos autos que devia julgar; mas ainda assim o Conselheiro Gustavo Adolpho de Aguilar Pantoja, Presidente do Supremo Tribunal de Justiça foi sem o pedir aposentado em Dezembro de 1863 pelo então Ministro da Justiça o Sr. Conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú.

Gustavo Adolpho voltou ainda á banca de advogado; mas desgostoso e abatido pela aposentadoria forçada que soffrera; viveu desde 1864 como em retiro da sociedade, e apenas frequentando o seu escriptorio de advocacia.

Aos 8 de Março de 1871 emfim o Conselheiro Gustavo Affonso de Aguilar Pantoja falleceu na cidade do Rio de Janeiro após curta enfermidade.

IGNACIO ACCIOLI DE CERQUEIRA E SILVA

Filho legitimo do Desembargador Miguel Joaquim de Cerqueira e Silva, Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva nasceu em Coimbra em 1808, e em idade ainda muito tenra acompanhou seu pae para o Brazil.

Ignacio Accioli educou-se e estudou humanidades na cidade de S. Salvador da Bahia e foi brasileiro pela infancia, pela educaçãõ, pelos costumes, pelo amor ainda antes de sel-o pela nacionalidade independente.

Seguiu a carreira das armas e reformou-se no posto de Coronel do exercito.

De 1822 a 2 de Julho de 1828 partilhou a gloria da guerra da Independencia da Bahia.

Todavia não foi pelas armas, foi pelas letras que Ignacio de Accioli perpetuou seu nome.

Muito applicado aos estudos historicos e geographicos do Brazil elle examinou archivos officiaes, chronicas antigas, reunio documentos, esclareceu-se

com o proprio conhecimento pessoal das localidades, e escreveu obras e trabalhos, alguns dos quaes são de indispensavel consulta em relação á historia patria.

Em 1833 deu ao prelo na Bahia a *Geographia Paraense ou descripção physisa, historica e politica da Provincia do Grão-Pará*, obra de grande merecimento considerado o tempo em que elle a escreveu, e o horisonte acanhado dos conhecimentos que então havia do Grão-Pará que comprehendia a Provincia do Amazonas.

De 1835 a 1852 forão publicadas as suas *Memorias historicas e politicas da Provincia da Bahia* em seis volumes, trabalho de longuissimo folego e de valor historico, que não se póde exagerar. Faltavão ao benemerito autor meios pecuniarios para levar ao cabo a publicação dessas *Memorias*; em seu auxilio, porém, acudio sabia e patrioticamente a Assembléa Provincial que zelosa da historia, e das glórias da provincia, mandou fazer por conta do Thesouro desta a impressão dos ultimos volumes desse monumento bahiano.

Ignacio Accioli escreveu ainda :

« *Informação ou descripção topographica e politica do Rio de S. Francisco, escripta em virtude de ordem especial*; publicada na Bahia em 1847.

« *Restauração da Cidade de S. Salvador da Bahia de todos os Santos, escripta em 1628 por D. Thomaz Tamoyo de Vargas traduzida e a addicionada com notas e uma Carta topographica, etc.*, publicada na Bahia em 1847.

« *Dissertação historica, ethnographica e politica, sobre as tribus aborigenes qae habitavão a Provincia da Bahia, ao tempo que o Brazil foi descoberto, etc.*, Bahia 1848.

Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva muito justamente apreciado já era pelos seus serviços á causa da independencia do Brazil, e por seus trabalhos historicos foi Cavalleiro das ordens do Cruzeiro e de Christo, Commendador da Imperial Ordem da Rosa, e Chronista do Imperio.

Mas o pão ?.

O antigo pobre soldo de Coronel á esforços de privações apenas o livrava da mendicidade.

As obras publicadas o enchião de gloria; não lhe davão porém dinheiro.

A velhice chegava, e o animo do escriptor quasi velho se abatia.

Mas Ignacio Accioli trabalhou ainda.

De parceria collaboradora com o seu particular amigo o Sr. Dr. Mello Moraes escreveu :

« *Ensaio chorographico do Imperio do Brazil consagrado á Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II*, publicado no Rio de Janeiro em 1851.

« *Memorias diarias da guerra do Brazil por espaço de nove annos começando em 1630 — Deduzidas das que escreveu o Marquez de Basto, Conde e Senhor de Pernambuco*: Rio de Janeiro de 1855.

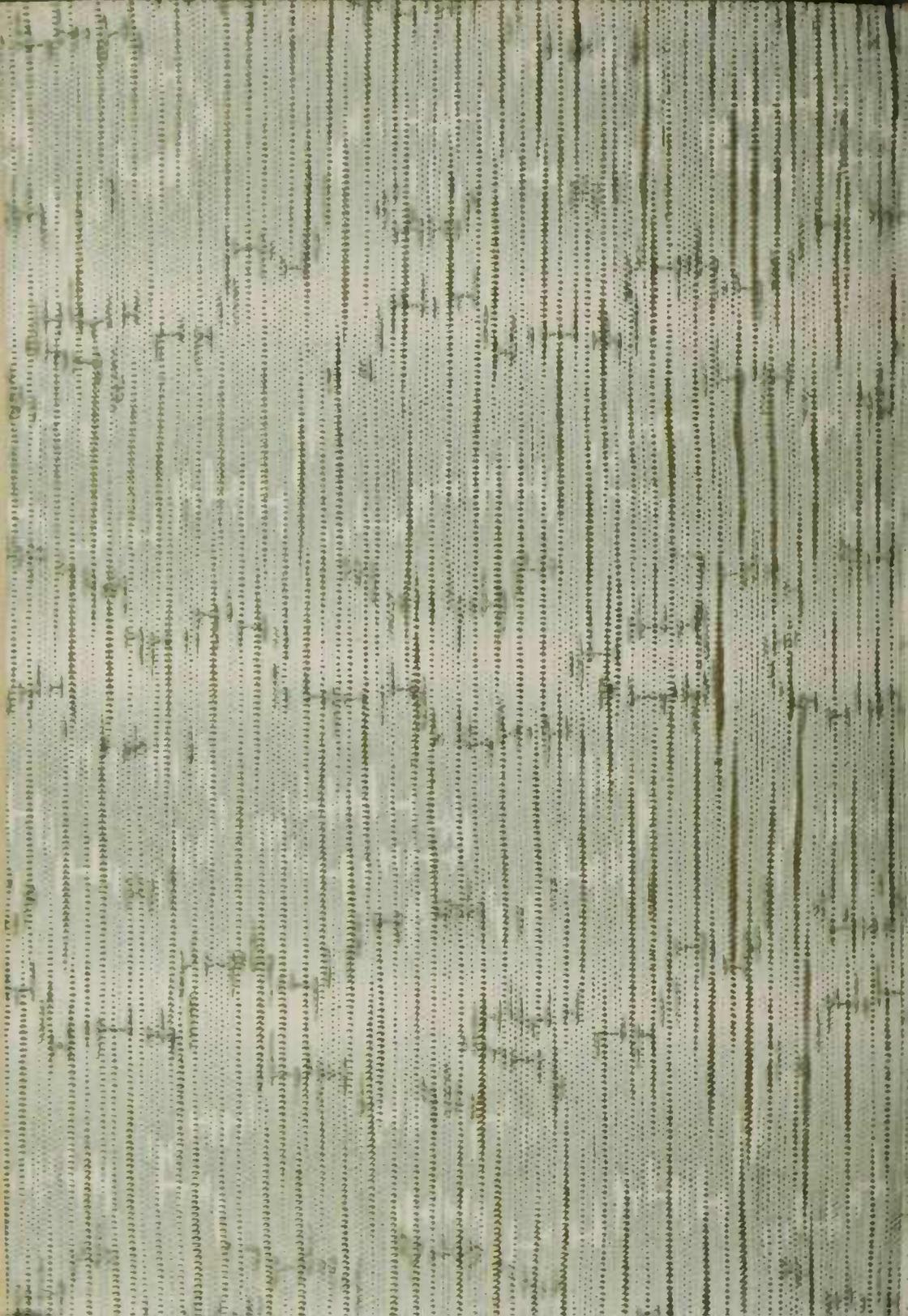
Mas essas obras (a ultima interessantissima, e rica fonte de luz, salvos alguns reparos que a deducção obriga) destinadas á circulo limitado de leitores erão sem duvida serviços; não podião

porém facilitar nem mesmo minguados recursos ao Chronista do Imperio.

Que valem titulos honorificos ao benemerito, á quem falta o pão ?.

Ignacio Accioli já nem tinha meios para comprar casaca, em cujo peito pudesse mostrar a Comenda da Rosa e os habitos das Ordens do Cruzeiro e de Christo.

O ultimo periodo de sua vida, o da sua velhice arrastou-se mais baixo do que pelos fundos soffrimentos da pobreza, escondeu-se em vexames de penuria e de privações, e acabou na miseria dissimulada e escondida pela amisade.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).